

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Tarina Unzer Macedo Lenk

**ANTONIETA DE ARAÚJO CUNHA E OS SIGNIFICADOS DE UMA VIDA COMO
DIRETORA DO GINÁSIO DE SÃO ROQUE (SP) 1958 A 1982.**

Sorocaba/SP
2020

Tarina Unzer Macedo Lenk

**ANTONIETA DE ARAÚJO CUNHA E OS SIGNIFICADOS DE UMA VIDA COMO
DIRETORA DO GINÁSIO DE SÃO ROQUE (SP) 1958 A 1982.**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Dr. Wilson Sandano

**Sorocaba/SP
2020**

Lenk, Tarina Unzer Macedo
L585a Antonieta de Araújo Cunha e os significados de uma vida como diretora do Ginásio de São Roque (SP) 1958 a 1982 / Tarina Unzer Macedo Lenk. -- 2020.

192 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Wilson Sandano
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2020.

1. Educação – São Roque (SP) – História. 2. Cunha, Antonieta de Araújo. 3. Ginásio de São Roque – São Roque (SP) – História. 4. Escolas – Organização e administração – São Roque (SP). I. Sandano, Wilson, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Tarina Unzer Macedo Lenk

**ANTONIETA DE ARAÚJO CUNHA E OS SIGNIFICADOS DE UMA VIDA COMO
DIRETORA DO GINÁSIO DE SÃO ROQUE (SP) 1958 A 1982.**

Tese aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor no Programa de
Pós-Graduação em Educação da Universidade
de Sorocaba.

Aprovado em: 20/02/2020

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Wilson Sandano
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Waldemar Marques
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Wenceslau Gonçalves Neto
Universidade de Uberaba

Profa. Dra. Eliete Jussara Nogueira
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Sebastião Pimentel Franco
Universidade Federal do Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, em especial o meu esposo Fábio e meus filhos Caio e Murilo, a paciência da espera pela minha atenção, o amor incondicional oferecido, e por acreditar em meu projeto de pesquisa.

Agradeço a minha mãe Mercedes e meu pai José Weber, o apoio aos meus estudos.

Aos professores de mestrado e doutorado da Universidade de Sorocaba que me proporcionaram conhecimentos, em especial o Professor Doutor Wilson Sandano, meu orientador, que acreditou e apoiou esta pesquisa.

A direção da Escola Estadual Horácio Manley Lane, a confiança e disponibilidade.

A minha Universidade Federal do Vale do São Francisco, o afastamento das atividades de ensino, e investimento nas atividades acadêmicas de pesquisa.

Aos colegas do Instituto Federal de São Paulo, campus São Roque, o apoio constante.

Aos meus amigos, o entendimento das minhas ausências em momentos diversos.

A todos o meu sincero obrigada.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar as ações sociais de Antonieta de Araújo Cunha, através de uma investigação dirigida para a compreensão dos significados atribuídos às ações conduzidas por ela, como diretora, durante o período de 1958 a 1982, que resultaram na constituição e desenvolvimento do ginásio de São Roque, no interior do Estado de São Paulo. Em uma pesquisa exploratória, as constantes menções da comunidade de São Roque sobre a imagem, a ética e a firme postura das ações de Antonieta, representaram os primeiros indícios para a construção do tema deste trabalho. Partiu-se da hipótese que ela singularizou ações racionais, norteadas em valores com base em convicções pela obrigação, pelo dever ou por sua própria ética e, compatibilizadas com os interesses de segmentos da classe média em formação na cidade de São Roque. Utilizou-se a fundamentação teórica baseada na sociologia compreensiva de Max Weber norteadada pela captação do sentido da conduta humana, que se revela em ações sociais. A metodologia utilizada foi a História Oral temática, que contribuiu para captar os elementos das ações sociais desempenhadas pela diretora. Foram entrevistados seis participantes, entre estes ex-diretores, professores e estudantes, que consentiram participar desta pesquisa oferecendo elementos significativos de suas vidas passadas e de convivência com a diretora Antonieta. Identificou-se que as ações da diretora estiveram relacionadas com categorias de ordem, controle, hierarquia, autoridade, obediência, padrões estéticos e higiênicos. Concluiu-se que as ações sociais desempenhadas por Antonieta, entre os anos de 1958 a 1982, são frutos de valores constituídos e construídos ao longo de sua vida pessoal e profissional, bem como pela percepção das circunstâncias da comunidade em que atuou. Constatou-se também que a importância das ações sociais dessa diretora ainda permanece, atualmente, no imaginário social na comunidade de São Roque.

Palavras-chave: Educação. História da Educação. Ginásio de São Roque. Antonieta de Araújo Cunha. Gestão escolar.

ABSTRACT

The objective of this research was to analyze Antonieta de Araújo Cunha social actions by understanding the attributed meanings to her actions as a director of São Roque high school, in the state of São Paulo, during the period from 1958 to 1982. In an exploratory research with a group of the local community, it was possible to establish the theme of this research based upon constant social mentions of her action relating to her strong image, ethics and firm posture. A hypothesis was established based on her rational actions guided by values of convictions by obligation, duty, or personal ethics, which were compatible with the interests of middle-class segments from São Roque community. The theoretical foundation used was based on Max Weber's comprehensive sociology with the inquiry of human sense conducted by the meanings of their social actions. The methodology used was Thematic Oral History, which allowed the comprehension of the director's social actions. Six participants were interviewed, among them former directors, teachers and students, who consented to participate by offering significant elements of their past interaction with Antonieta. It was identified that Antonieta director's actions were related to categories standards of order, control, hierarchy, authority, obedience, aesthetic and hygienic. The main conclusion of this research is that social actions performed by Antonieta, between the years 1958 to 1982, were based on values constituted and built throughout her personal and professional life, as well as, by values of the local community perspective. In addition, it is possible to conclude that her social actions remain currently in the social imagination of São Roque community.

Keywords: Education. History of Education. São Roque high school. Antonieta de Araújo Cunha. School management.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA	14
2.1	Sociologia compreensiva de Max Weber	14
2.2	A História Oral: uma metodologia qualitativa	20
2.2.1	Procedimento metodológico	24
3	A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA DA PRIMEIRA REPÚBLICA AO PERÍODO DA DITADURA CIVIL-MILITAR.....	27
3.1	A educação na Primeira República.....	28
3.1.1	O ensino no Estado de São Paulo: a vanguarda.....	31
3.2	A educação na era Vargas.....	34
3.3	A expansão da rede de ginásios no Estado de São Paulo	43
3.4	A educação no período militar.....	48
4	O CONTEXTO LOCAL.....	55
4.1	O contexto da cidade de São Roque	55
4.2	A trajetória do ginásio de São Roque	58
4.3	O início da vida escolar do ginásio de São Roque.....	64
5	ANTONIETA DE ARAÚJO CUNHA	67
5.1	A história de Antonieta de Araújo Cunha: família e trajetória formativa.	68
5.2	Trajetoária profissional na educação e no ginásio de São Roque	72
5.2.1	A consolidação do ginásio, Escola Normal e instituto de educação.....	76
5.3	A gestão de Dona Antonieta: elementos significativos	83
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	REFERÊNCIAS	102
	ANEXO A: DECRETO DE LEI Nº 16741/47	114
	ANEXO B: DECRETO DE LEI Nº 24.693/55	115
	APÊNDICE C: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE WLADEMIR NARDELLI.....	116

APÊNDICE D: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE MIRIAM MALUF DE OLIVEIRA	
133	
APÊNDICE E: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE NEIDE SCHUMACKER GOMIDE	
144	
APÊNDICE F: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE JOSÉ ROBERTO MILLER	151
APÊNDICE G: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE JUARES PEDROSO	162
APÊNDICE H: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE SILVIA MARIA LOPES DE MELLO	175
APÊNDICE I: QUESTIONÁRIO	190
APÊNDICE J: TERMO DE CONSENTIMENTO.	191

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa, sobre a temática "Antonieta de Araújo Cunha e os significados de uma vida como diretora do ginásio de São Roque", foi consequência de uma investigação desenvolvida no curso de doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO). As disciplinas cursadas, os sucessivos encontros de orientação, os encontros nos grupos de estudos, as participações em congressos e as diversas interpretações de leituras nas áreas de história, ciências humanas e sociais permitiram a base e os subsídios essenciais para esta tese.

O objetivo deste trabalho foi analisar as ações sociais da diretora de escola, Antonieta de Araújo Cunha, que se distinguiu¹ durante os anos de 1958 a 1982, mobilizando e marcando uma comunidade por suas ações na constituição e desenvolvimento do ginásio de São Roque, no interior do Estado de São Paulo.

A importância dos feitos dessa diretora na vivência passada e na permanência atual foi significativa para a comunidade de São Roque, e evidenciada em uma reunião para a definição desta pesquisa. Por iniciativa do senhor Zé do Nino², foi marcada uma reunião em sua residência e agrupou pessoas que viveram os momentos do ginásio de São Roque, durante um período estendido entre o final dos anos 1940 até os anos 1980. O propósito desta reunião foi coletar informações sobre a relação que se apresentava entre a formação da escola e o desenvolvimento da cidade, tendo como destaque que para os participantes desta reunião, os momentos do ginásio entre as décadas de 1960 a 1970 que foram considerados os melhores.

Entendia-se, então, que o reconhecimento social do ginásio para a cidade era relevante, pois não havia estudos ou trabalhos escritos que traduzissem a história daqueles que viveram este momento. As palavras proferidas, nesta reunião, tinham o peso das lembranças vivenciadas, e que representavam uma evidente recordação de um passado, que ainda marcava o presente. A reunião durou mais de duas horas, e no ir e vir de vários momentos relatados, houve resgates das memórias sobre um tema em comum: a história do ginásio de São Roque.

Os relatos voltaram-se para o contexto de vários assuntos que se relacionavam à melhoria das condições de vida das pessoas, o sentido de modernização da cidade, a necessidade da continuidade do ensino dos jovens, as condições de trabalho e as dificuldades

¹ Antonieta de Araújo Cunha foi uma pessoa com uma conduta diferenciada, que conseguiu gerar respeito e admiração na comunidade de São Roque.

² José Carlos Dias Bastos, conhecido por Zé do Nino, atua no setor de cultura religiosa da cidade de São Roque.

familiares de proporcionar um ambiente educativo para seus filhos. Em determinado momento da reunião, foi possível apreender que os participantes apresentaram a necessidade daquele ginásio para a ascensão social e profissional dos jovens da cidade, em especial dos seus filhos.

No entanto, a temática predominante na reunião foi a referência sobre a figura da diretora Antonieta de Araújo Cunha, conhecida por Dona Antonieta³. As constantes menções contribuíram para constatar a importância que ela representava nas vidas de todos. Os relatos relacionavam a escola com a imagem dela, pela ética e a firme postura na condução da escola. Tais relatos contribuíram para o entendimento de significados que expressavam a certeza de que ela tinha sido o elemento central daquela escola para a formação de inúmeras pessoas da cidade de São Roque. Foi possível perceber que as condutas desta diretora, desde sua chegada em 1958, constituíram um consistente imaginário social que marcou a história desta instituição escolar. Os relatos afirmavam a representação de uma pessoa inteiramente dedicada ao trabalho, por vinte e quatro anos, entre os anos de 1958 a 1982, e que a escola representou sua vida, sendo sua própria casa. Difícil foi achar alguma menção do ginásio de São Roque, sem a vinculação de atos atribuídos a ela. Percebeu-se que para entender a escola e a educação em São Roque neste momento histórico, era fundamental entender os significados das ações sociais provocados por esta diretora.

A reunião proporcionou informações para a estruturação da pesquisa servindo como fonte de informação inicial e exploratória. O encontro também proporcionou um melhor entendimento sobre os acontecimentos históricos da escola, e sobretudo, a concretização do objetivo da investigação dirigido para a compreensão dos significados atribuídos às ações conduzidas pela diretora Dona Antonieta no ginásio de São Roque.

Optou-se, então, por investigar o assunto da formação do Ginásio nestas épocas e sobre a diretora Antonieta, de forma exploratória, escutando pessoas em encontros sociais. De acordo com Gil (2010) a pesquisa exploratória visa construir hipóteses ou explicitar um problema, tornando-o mais familiar. Da mesma forma, segundo Santos (1991), a pesquisa exploratória tem a finalidade de prover os contatos iniciais com o tema a ser analisado, e serve para aumentar o grau de familiaridade sobre o assunto e com os sujeitos a serem investigados, assim como o pesquisador deve ter uma atitude receptiva quanto às informações dos assuntos, além de uma postura informal e flexível.

³ Dona Antonieta é um pronome atribuído à Antonieta de Araújo Cunha enquanto diretora da escola. Este pronome foi atribuído como reconhecimento da autoridade desta pessoa associada ao seu cargo.

Neste sentido, adotou-se nesta investigação exploratória uma postura de ouvinte permitindo que pessoas pudessem expressar suas opiniões. Após outros momentos de encontros exploratórios, constatou-se a importância real e histórica da diretora Antonieta como a figura central na formação desta instituição. Definia-se então a convicção que essa percepção pública, esse imaginário social constante sobre uma pessoa, remetia a necessidade de elucidação, através de um maior aprofundamento científico.

Logo após as investigações exploratórias dos relatos, mencionadas anteriormente, o objetivo da pesquisa foi fixado na análise da atuação da diretora Antonieta, entre o final de 1950 até o início dos anos de 1980, com a definição de entrevistas semiestruturadas com participantes selecionados, que pudessem expressar com liberdade suas opiniões sobre a formação do ginásio de São Roque, e as ações sociais desta diretora.

Destaca-se que a metodologia da investigação se evidenciou pelos relatos que apontaram para a importância desta diretora no imaginário social da comunidade, como uma figura central na formação do ginásio de São Roque. Baczko (1985) manifestou que as relações sociais demandam que o ser humano prolongue sua existência em imagens, o que pressupõe um trabalho permanente da imaginação, de interação com a razão e com as paixões e, em particular, com a reafirmação de conceitos abstratos e valores em imagens. É deste modo que

através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento de ordem em que cada elemento encontra o seu lugar, a sua identidade e a sua razão de ser. (BACZKO, 1985, p. 309)

Neste caso, reconheceu-se que quando grupos sociais reatualizavam em sua memória, expandindo em suas falas, a importância das ações de uma única figura pública passada, convertia-se em um imaginário social permanente e expressivo.

No entanto, a limitada disponibilidade de documentos sobre Antonieta de Araújo Cunha foi um obstáculo para a realização deste trabalho. Ao confrontar as fontes documentais disponíveis, foi possível utilizar documentos disponibilizados pela direção da escola Estadual Horácio Manley Lane. Estes forneceram elementos para o andamento da pesquisa e contribuíram com informações sobre a vida profissional, atividades e ações desenvolvidas pela diretora no período de sua gestão. As fontes documentais disponíveis foram livros de reuniões de funcionários, histórico do estabelecimento, e extrato de ocorrências. Outros

documentos também complementaram as informações tais como, prontuário e certidão emitida pela Secretaria de Estado dos Negócios da Educação do Departamento de Educação do Estado de São Paulo. Além destas, outras fontes de informação puderam proporcionar a ampliação dos estudos sobre o tema, tais como publicações científicas e reportagens do jornal local. Assim com este conjunto de fontes, foi possível complementar as informações relevantes. No entanto, faltavam informações sobre a realidade do dia a dia da escola, que foram então fornecidas pelas histórias orais, minimizando a limitação das informações disponíveis.

Definidas as fontes de pesquisa, afirmou-se o objetivo deste trabalho de buscar a compreensão das ações da diretora de escola. Assumiu-se como hipótese que Antonieta de Araújo Cunha não apenas empreendeu uma mera atividade administrativa, como diretora, mas singularizou a existência como portadora de ações racionais⁴, compatibilizadas com os interesses de concretizações de ascensão social da classe média hegemônica na cidade de São Roque, porém, norteadas em valores com base em convicções pela obrigação, pelo dever ou por sua própria ética, que possibilitaram e constituíram uma vida social na história, até mesmo em razão da permanência dessas condutas no imaginário social. O argumento da “ascensão social da classe média hegemônica de São Roque” foi tratado como elemento vinculado à História da Educação no Brasil, em São Paulo e na criação do ginásio, assim como na formação profissional da diretora. A questão da “permanência das ações de Dona Antonieta no imaginário social” foi abordada nas interpretações e na conclusão deste trabalho.

Foi possível constatar a vinculação das ações da diretora com categorias como ordem, controle, hierarquia, autoridade, obediência, padrões estéticos e higiênicos. Passados, mais de três décadas, estas categorias significativas estão presentes na memória de uma comunidade, sendo exteriorizadas e perpetuadas no tempo atual. Ao reconhecer o entendimento das ações ocorridas, daqueles que a vivenciaram entre 1958 a 1982, assumiu-se também a averiguação das diretrizes da educação secundária no Brasil e em São Roque, da trajetória da criação e organização do ginásio, os vínculos societários e históricos.

O resultado deste trabalho de pesquisa foi demarcado pelo desenvolvimento de cinco capítulos, descritos a seguir.

O primeiro capítulo, introdutório, apresentou a pesquisa, ressaltou o objetivo, as justificativas e a hipótese central, assim como a metodologia de pesquisa adotada.

⁴ Os conceitos das “ações racionais” fundamentadas por “valores pelo dever e pela ética”, foram apresentados no capítulo dois. Entende-se que a ação racional com relação a um valor, o indivíduo se apega a abandonar determinada atitude, onde o que se busca não é um resultado, mas a fidelidade a uma convicção.

O segundo capítulo, destacou a fundamentação teórico metodológica com a apresentação da sociologia compreensiva da obra de Max Weber, norteadada pela captação do sentido da conduta humana, que se revela em ações sociais configuradas. Este capítulo também apresentou a abordagem qualitativa metodológica da História Oral e os procedimentos de coleta de informações orais com seis participantes.

O terceiro capítulo desenvolveu um quadro histórico da educação brasileira, com ênfase na questão da educação secundária, desde o nascimento da primeira república com a proclamação, as transformações ocorridas com a revolução de 1930 e o período da ditadura civil-militar, principalmente as décadas históricas de 1960 e 1970. Um ponto fundamental deste capítulo foi a caracterização da classe média, como uma categoria sociológica, que serviu de sustentação das ações desenvolvidas por Dona Antonieta.

O quarto capítulo descreveu a realidade social e econômica da cidade de São Roque nas décadas de 1940, 1950 e 1960, períodos de transformações sociais e econômicas, que contribuíram para a constituição do ginásio. Abordou a história do ginásio de São Roque, desde sua criação até a construção da sede própria. Finalizou-se com a chegada da nova diretora, Dona Antonieta, que assumiu o protagonismo central dessa escola.

O quinto capítulo foi dedicado à vida de Antonieta de Araújo Cunha e foram descritas as escolhas tomadas em sua vida pessoal, a trajetória de formação (ensinos primário, secundário e superior). Ressaltou-se as ações realizadas na construção e estruturação do ginásio. Apresentou-se os principais elementos da conduta profissional da diretora, disponibilizados pelos relatos das memórias de seis pessoas selecionadas. Finalizou-se com a interpretação, apoiada pela perspectiva de Max Weber, que as condutas de Dona Antonieta imprimiram sentido às suas ações produzidas e apoiadas por uma coletividade, que marcaram, não só a própria escola, mas também a história da própria cidade.

Nas considerações finais foi elaborada uma síntese dos principais aspectos que demarcaram a trajetória de vida de Antonieta de Araújo Cunha, além da ênfase em suas ações na direção do Ginásio de São Roque, norteadas por referências configuradas em valores, que foram assimilados e refletidos pelo imaginário coletivo, até a atualidade, na cidade de São Roque.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA

A seguir serão apresentados conceitos teóricos sobre a compreensão sociológica das ações humanas como elemento significativo dos acontecimentos sociais, e a história oral como reconhecimento das expressões humanas (memórias e relatos). Estes conceitos nortearam o objetivo desta pesquisa, conduziram a busca pelas informações, auxiliaram as interpretações e contribuíram para as considerações finais.

2.1 Sociologia compreensiva de Max Weber

Max Weber (2018), em sua obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, analisou a força do pensamento religioso protestante no desenvolvimento econômico e social do Ocidente. Ele constatou a permanência do racionalismo econômico, em conformidade com os ideais ascéticos e puritanos, que condenam a ociosidade e o luxo, ao mesmo tempo que defendem e pregam que todo o lucro obtido por meio do trabalho deve ser reinvestido. Para Weber (1978; 2004) uma organização torna-se racional na mesma proporção de sua eficiência. Ele denominou o termo “burocracia” como uma forma de organização humana que utiliza seus recursos apropriadamente para atingir os fins desejados, numa “resolução sem considerações pessoais, segundo regras calculáveis” (WEBER, 2004, p.213), isto é, uma efetiva racionalidade para atingir a máxima eficiência e previsibilidade operacional. Weber (1978; 2004), compreendeu a burocracia como o exercício da autoridade racional-legal, isto é, a dominação realizada pelo quadro administrativo, como uma estrutura formal complexa com os seguintes elementos principais: hierarquia e autoridade técnica definida, divisão do trabalho, impessoalidade, normas e procedimentos operacionais padronizados. Ele argumentou que se uma organização apresenta essas características, ela terá uma maior probabilidade de concretizar ações racionais, tornando-se, assim, mais eficiente.

Max Weber, entretanto, não concordava com o advento dessa racionalidade calculada, até porque quanto “maior perfeição quanto mais se “desumaniza” (WEBER,2004, p. 213). É neste sentido, que para Weber (1994) o objeto da Sociologia é a interpretação da ação social, entendida como conduta humana dotada de sentido, isto é, uma ciência que procura compreender as ações e o próprio indivíduo como elemento primordial de uma investigação.

Ao longo da história, a compreensão da importância do papel desempenhado pelo sujeito ou pelos indivíduos, em suas ações sociais, nas respectivas trajetórias de vida, tem sido

uma tarefa de difícil entendimento. Não para Weber (1994), que analisou a realidade social a partir de suas dimensões subjetiva e objetiva.

Para Max Weber, o objeto da Sociologia é a interpretação da ação social; como uma ciência que procura compreender as ações e o próprio indivíduo como elemento primordial de uma investigação. Conforme define Weber (2008, p.11) “por ação se designará toda a conduta humana, cujos sujeitos vinculem a esta ação um sentido subjetivo”. Nesta perspectiva, a compreensão dá-se a partir da construção de significados, inseridos nas respectivas ações sociais concretas que o indivíduo confere à sua participação. Weber (1994) ainda destaca que quando há o compartilhamento de sentido das ações sociais com a criação de um comportamento reciprocamente referido, surge a relação social, também passível de análise.

Max Weber desafiou os atributos do paradigma positivista, não somente nas interpretações dominantes, mas também nos seus fundamentos epistemológicos, que estabeleciam pressupostos rígidos de pesquisa para o conhecimento e a investigação do mundo social. Como afirma Giddens (2018, p.11):

Apesar de podermos "explicar" ocorrências naturais em termos da aplicação de leis causais, a conduta humana é intrinsecamente dotada de significado e tem de ser "interpretada" ou "compreendida" de um modo sem equivalente na natureza. Esta ênfase está estreitamente associada ao destaque da centralidade histórica no estudo do comportamento humano, tanto na ação econômica como em outras áreas, porque os valores culturais que atribuem significados à vida humana – como se defendeu – são criados por processos específicos do desenvolvimento social.

A Sociologia alemã, tendo à frente Max Weber, na passagem para o século XX, questionou a confiança do Positivismo em formular leis sociais. As qualidades dos acontecimentos sociais e as dificuldades de se controlar e manipular os dados referentes à sociedade, que deixa de ser algo certo passaram a se constituir um desafio para os cientistas. Segundo o autor Gabriel Cohn (COHN, 1979, p. 83), para Weber "o domínio do trabalho científico não tem por base as conexões objetivas entre as coisas, mas as conexões conceituais entre os problemas".

O que deve ser reconhecido é que a questão do valor, como algo próprio da subjetividade humana que imprime sentido às ações, marca as especificidades na vida em sociedade. Assim este é um dos conceitos principais da base da concepção sociológica de Weber, que utiliza o termo Ciências da Cultura abrangendo o mundo social para enfatizar que os mesmos (valores) são inerentes a este universo. A cultura seria, deste modo, um campo de disputas, de luta entre os homens, para definir quais as qualidades das coisas, das condutas e

das ocorrências que possuem significação e podem servir como orientação para a ação humana. Neste caso, no campo da cultura desenrola-se um filtro que seleciona os processos significativos no confronto do cotidiano e histórico que estabelece o predomínio sobre os demais. Neste sentido Gonçalves (2015, p.16) manifesta que

Max Weber faz uma distinção radical entre Ciências da Natureza e Ciências da Cultura, as quais têm requisitos metodológicos próprios. Enquanto as primeiras tentam explicar os fatos, comportando leis específicas, as segundas se orientam pela probabilidade de compreender o sentido da ação e, portanto, não admitem leis enunciativas. Nas Ciências da Natureza as relações são de necessidade, nas Ciências da Cultura as relações são de probabilidade, uma vez que não há relações de causa e efeito, como naquelas manifestamente naturais. Este é o cerne da sociologia compreensiva.

Weber desenvolve seu trabalho sobre os critérios de validade dos fenômenos sociais e uma reflexão sobre a natureza das sociedades modernas. O advento e a integralidade em que os processos racionais são operacionalizados pelo capitalismo, confirma para Weber a indispensabilidade de uma metodologia própria na compreensão dos fenômenos sociais, de forma distinta dos métodos das ciências exatas, considerando principalmente que nas ciências sociais a pesquisa e a aferição dependerão de referências introduzidas pelo pesquisador (COHN, 2003).

No entanto, a valoração arbitrária deve ser negada, e o interesse deve se voltar para a compreensão do interior das relações sociais e das formas do agir humano. Apesar do universo de valores marcar vínculos fluentes com a esfera das interações e das práticas sociais, o condutor da prática sociológica deve examinar os padrões de regularidade nas ações subjetivas possibilitando o reconhecimento de encadeamentos causais no âmbito dos fenômenos da sociedade. Portanto, para Max Weber, a sociologia apenas visa repisar no plano conceitual as conexões e a significação cultural das diversas manifestações, e suas causas históricas, com as quais os homens se defrontam em suas vidas cotidianas (COHN, 1979).

Ainda segundo Cohn (1979), os valores na investigação científica influenciam a escolha do objeto a ser pesquisado, ordenam as escolhas conceituais e norteiam a direção da investigação. Produzem, por consequência, procedimentos de seletividade do objeto a ser desenvolvido. Ou seja, o pesquisador sofre a pressão de participante da vida social e do mesmo conjunto de valores existentes. O compromisso com a investigação científica não o desobriga de conviver e sofrer com a existência desses fenômenos. É a opção da pesquisa

social que lhe obriga a se afastar das crenças, e que lhe permite a inserção no universo da ciência. Ainda segundo Cohn (1979, p.92),

...o que para nós se reveste de significação naturalmente não poderá ser deduzido de um estudo "isento de pressupostos" do empiricamente dado; ao contrário, é a comprovação dessa significação que constitui a premissa para que algo se converta em objeto de análise.

Em outras palavras, a realidade é fluída, multifacetada. Os inúmeros elementos constitutivos demandam avaliações contínuas deste cenário, pois as ideias de valor conferem sentidos múltiplos. O pesquisador consegue assimilar somente componentes parciais, e em vista disso Cohn (1979, p.93-94) explica que para Max Weber

...aspiramos aos conhecimentos de um fenômeno histórico, isto é, significativo na sua especificidade. E o que existe de decisivo é o fato de só adquirir sentido lógico a ideia de um conhecimento dos fenômenos individuais mediante a premissa de que apenas uma parte finita da infinita diversidade de fenômenos é significativa.

Difícilmente um pesquisador poderá formular explicações a estas infinidades de fenômenos se não for capaz de compreender a intersubjetividade da ação social, e os significados que a norteiam. Ou como expressa Vila Nova (1995, p.88),

O conhecimento científico da sociedade requer a compreensão, isto é, a percepção dos significados das ações sociais, através da participação do pesquisador no universo intermental das situações sociais estudadas.

O que indica que participar, não significa necessariamente estar fisicamente presente nas situações pesquisadas,

mas ser capaz de compartilhar os significados norteadores das ações humanas, mesmo que em se tratando de situações sociais do passado, desde que existam registros por meio dos quais seja possível chegar à compreensão de tais significados. (VILA NOVA, 1995, p.88)

Em suma, a sociologia compreensiva de Max Weber procurou conceituar subjetivamente a ação social fundamentando-se na conduta, dotada de um sentido, que é socialmente compartilhada a partir da interação com outros. Ou seja, na ação social os

indivíduos procedem conforme a expectativa que eles têm a respeito do que os outros esperam. Conforme sintetizam Moraes, Maestro Filho e Dias (2003, p.62), para Max Weber:

A sociologia deve ser compreensiva, porque seu objeto de estudo é a ação humana. A ação humana, por sua vez, possui uma característica especial, que demanda procedimentos mais abrangentes se comparados àqueles comumente utilizados pelas ciências da natureza, isto é, a ação humana é dotada de sentido e cabe ao cientista social metodizar a compreensão por meio da elaboração e do estabelecimento de conexões causais (esquemas), que possibilitem a decifração do sentido imaginado e subjetivo do sujeito da ação.

Recorrendo ao próprio Weber (1994), que na abertura de seu livro intitulado "Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva", apresenta o significado da "sociologia compreensiva" e da diferença entre "ação" e "ação social":

Sociologia (no sentido aqui entendido desta palavra empregada com significados diversos) significa: uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos. Por "ação", entende-se, neste caso, um comportamento humano (tanto faz tratar-se de um fazer externo ou interno, de omitir ou permitir) sempre que é na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com o seu sentido subjetivo. Ação "social", por sua vez, significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso. (WEBER, 1994, p.3)

Para efeito da caracterização da ação social e para fins metodológicos, Max Weber formulou a noção de tipo ideal (COHN, 1979), o qual consiste no fato do pesquisador construir um modelo de análise para compreensão racional da realidade. Para Weber o "tipo ideal" estipula o norteamento de uma investigação como uma espécie de parâmetro. Neste sentido, para ele obtém-se,

Um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grandes quantidades de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se firmar um quadro homogêneo de pensamento. (COHN, 1979, p.106)

As condutas sociais, que se apresentam de maneira complexa, e as vezes infinita na sociedade, poderão ser aglutinadas como tipos ideais significativos, ou seja, modelos abstratos

de condução da vida social que fornecem a base tipológica da sociologia compreensiva. Ressalte-se que o tipo ideal é um modelo transitivo, pois as mudanças do seu objeto significativo podem alterar de uma época a outra. Os tipos ideais servem como referências, e a partir deles a complexidade e a infinidade do quadro social podem ser resumidas em quatro ações fundamentais, a saber:

1. Ação social com relação a fins, na qual a ação é estritamente racional. Toma-se um fim e este é, então, racionalmente buscado. Há a escolha dos melhores meios para se alcançar um fim.
2. Ação social com relação a valores, diferentemente da ação social estritamente racional o importante não é o fim ou o resultado em si, mas o meio que motiva ação. Tal meio é o valor inerente às crenças, convicções religiosas, políticas, éticas ou estéticas do sujeito.
3. Ação social afetiva, conduta orientada por sentimentos motivadores, sejam positivos ou negativos: devoção, paixão, vingança, ciúmes, esperança, inveja etc.
4. Ação social tradicional, que é reproduzida de geração para geração com forte apelo à tradição, hábitos e costumes.

Na explanação das características das ações sociais, Weber (2008, p. 42-43) enfatiza que as ações em relação a valores

estariam na ação de pessoas que, independentemente das consequências, conduzem-se de tal maneira a pôr em prática suas convicções e o que lhes parece ser exigido pelo dever, honra, beleza, religiosidade, piedade ou pela importância de uma causa, não importando qual o seu fim.

Assim a interpretação da ação social para Max Weber deve ser a conduta humana dotada de sentido. Como adverte Weber (1994, p.08) "ação como orientação compreensível pelo sentido do próprio comportamento sempre existe para nós unicamente na forma de um comportamento de um ou vários indivíduos". Evidencia-se, deste modo, conforme Lemos (2012, p.114), que,

...cabe destacar a figura do agente individual, enquanto entidade portadora de sentido, como responsável por levar suas motivações às ações sociais, as quais são (típico-idealmente falando) de cunho afetivo, tradicional, racional conforme fins ou racional conforme valores.

Os atores sociais são portanto os únicos portadores de sentido dos postulados, orientadores das condutas que constituem a vida social. Tais compreensões podem ser decorrentes da elaboração de um único indivíduo significativo, se o mesmo for portador de qualidades, que o caracterizem como um sujeito que se orienta por objetivos norteados pelo comportamento de outros, mas também podem ser procedentes de indivíduos em instituições, como igrejas, associações, escolas, e que geram sob forma dos costumes, da disciplina, dos hábitos, das convenções, os valores que dão sentido ao modo de vida das sociedades.

Para Weber, o modo de vida e a estratificação das classes sociais podem ser estabelecidos conforme a distribuição de determinados valores sociais, como por exemplo, o prestígio e o nível educacional. Weber (1974) separa os conceitos de ordem social e ordem econômica. O que se entende é que a estrutura social não seria organizada apenas ao nível econômico, mas também por outros componentes como a religiosidade, o prestígio, as honrarias e a posição social. Existem contextos, nos quais a honra, o prestígio, o desejo de ascensão social seriam os elementos que orientariam a base do poder político ou mesmo econômico.

Neste sentido Freund (1987, p.90) destaca que a relação social é "o comportamento de uma pluralidade de indivíduos que, pelo conteúdo significativo de suas atividades, regulam sua conduta reciprocamente uns pelos outros". É por isso que Weber (1994) evidencia que quando há o compartilhamento de sentido das ações sociais com a criação de um comportamento reciprocamente referido surgem as relações sociais.

Nesta perspectiva, os compartilhamentos das ações do passado permanecem na memória dos que viveram estes momentos, sendo deste modo a essência da história oral, a partir do qual os significados podem ser extraídos e preservados.

2.2 A História Oral: uma metodologia qualitativa

Os procedimentos investigativos, adotados nesta pesquisa, tiveram como base a abordagem qualitativa para evidenciar aspectos significativos das ações humanas e apreender a totalidade no contexto da dinâmica das relações sociais. De acordo com Goldenberg (2004), pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa se recusam a "legitimar seus conhecimentos por processos quantificáveis que venham a se transformar em leis e explicações gerais[...]. As ciências sociais, para esses pesquisadores, [...]têm sua especificidade, que pressupõe uma metodologia própria" (GOLDENBERG, 2004, p.17). Como expressa Tozini-Reis (2007) uma metodologia qualitativa estabelece que os fenômenos

mais complexos nas relações humanas e sociais só podem ser esclarecidos pela análise e interpretação dos significados dos fenômenos e processos sociais. Chizzotti (2000) expõe que a área de ciências humanas, quanto se refere à complexidade do comportamento humano, é única, pois o posicionamento metodológico deve reconhecer os vínculos das ações humanas com o contexto social em que estas se dão. Para o autor a abordagem qualitativa

parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZZOTTI, 2000, p.79)

De acordo com Flick (2009) a pesquisa qualitativa é essencial na era pós-moderna devido a um processo de fragmentação do indivíduo inserido na diversidade das esferas de sociabilidade. Como manifesta Nogueira e Soares (2014, p.155):

Nossos conceitos de espaço e tempo trouxeram outras formas de vivenciar a identidade de pertencimento já que nosso ponto de encontro não é mais a praça e sim o ciberespaço; além de dialogarmos com outros sujeitos, dialogamos também com máquinas; outras formas de interações e sensibilidades foram e ainda continuam a serem criadas, nossos modos de relacionar-se, circular pelas cidades, pelo mundo e ou pelos mundos, colocam em evidência a liquidez do tempo.

Em outras palavras, depreende-se que o pesquisador enfrenta cada vez mais situações novas, em contextos inesperados, o que demanda uma permanente análise dos significados subjetivos, em conjunturas atuais, que podem resignificar o passado, que não são passíveis de medição por padrões quantitativos e padronizados.

Flick, Kardorff e Steinke (2004) destacam quatro pressupostos teóricos básicos da relevância da pesquisa qualitativa, sendo eles: a realidade social como um produto compartilhado da atribuição de significados; a natureza processual e a reflexividade da realidade social; os significados subjetivos que dão relevância aos elementos objetivos da vida; e a reconstrução da realidade social através de sua natureza comunicativa como ponto de partida para a pesquisa. É nesta perspectiva que a pesquisa qualitativa ressalta a compreensão e a interpretação do mundo dos significados, da subjetividade e da intencionalidade, permitindo a discussão de um fenômeno do ponto de vista daqueles que vivenciam ou

vivenciaram dentro de um determinado contexto, como seria o caso objetivado por este trabalho investigativo.

De acordo com Weber (1994), não seria uma mera revivência emocional de acontecimentos históricos ou da vida psíquica de personalidades, mas a identificação das consequências de uma ação intencional. Ressalte-se, contudo, que no contexto da abordagem compreensiva, que visa explicitar as significações da atividade social individual. Bruyne, Herman e Schoutheete (1977, p.140), afirmam que "embora o fundamento da compreensão resida na "pessoa" que é o lugar privilegiado das significações da ação, esta pode ser atribuída a um "ator" "não pessoal" um "sujeito histórico".

Deste modo, no nível metodológico, o campo investigativo foi conduzido por dois elementos essenciais: um a história, o outro, a memória de protagonistas ainda vivos. A memória, o tempo e a história trilham juntos. A lembrança do indivíduo através do tempo, traz a chancela da historicidade. Os homens constroem suas representações numa relação tensa de reconstrução das diferentes temporalidades e eventos que marcaram sua própria história. Como afirma Delgado (2003, p.10) é um processo eterno, e em permanente devir, pois "o tempo, todavia, projeta utopias e desenha com as cores do presente, tonalizadas pelas cores do passado, as possibilidades do futuro almejado".

Para Bom Meihy (1996) na história oral encontram-se três modalidades expressivas: a de vida, a temática e a de tradição. Na história oral de vida as pessoas apresentam a sua experiência anterior transcorrida. Na história oral temática buscam-se os significados e os esclarecimentos das pessoas sobre questões ou eventos definidos ou compartilhados. Na tradicional o foco é o passado com os mitos e folclores transmitidos por gerações. Neste trabalho investigativo optou-se pela modalidade da história oral temática.

Na perspectiva temática, que explora as relações entre memória e história, rompe-se com uma visão determinista, e reanalisam-se as relações entre passado e presente ao reconhecer, de forma inequívoca, que o passado permanece e é reconstruído segundo a expressão dinâmica do presente, admitindo a subjetividade como uma fonte de pesquisa. Porém, o que ocorre é a combinação entre o particular e o geral, sendo que a narrativa do sujeito, enquanto participante, não deixa de ser uma expressão do momento histórico correspondente (SANTOS; ARAUJO, 2007).

A história oral temática é muito mais do que apenas meio de descobrir fatos sobre o passado. É uma via metodológica que proporciona a manifestação dos "protagonistas ou testemunhas de acontecimentos, e que possibilita a reconstrução da história por meio dos relatos individuais ou coletivos" (ARAGÃO; TIMM; KRETZ, 2013, p. 35). Como afirma

Freitas (2006, p.49) "essa metodologia abre novas perspectivas para o entendimento do passado recente, pois amplifica vozes que não se fariam ouvir".

A oralidade narrada do passado, a partir da manifestação do presente, revela-se quando se captam seus significados e conotações, no conteúdo das narrativas, que se desvelam numa pulsação diferenciada, pois isso representa que o "movimento" contido nas fontes orais permite contar mais com os significados do que a base da escrita normalmente objetiva e inerte (PORTELLI, 1997). Como manifesta Le Goff (2003), as pessoas narram acontecimentos já vividos, a partir de seu ponto de vista, com base no momento presente, ou seja, as situações que são motivo das lembranças estão ausentes.

É uma metodologia criativa e interativa que força a lidar com muitas camadas de significado e interpretação contidas nas memórias das pessoas. Neste sentido, a história oral é mais do que apenas outro meio de descobrir fatos sobre o passado, pois as complexidades que surgem do uso das pessoas como fontes dão origem a questões específicas de análise e interpretação.

Pollack (1992) expõe que uma das características da memória é sua força associada à noção de pertencimento a um grupo que lhe fornece um envolvimento. Para Pollack (1992, p.204), é um componente constituinte da identidade do indivíduo, como do coletivo, "um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si". Como ele mesmo afirma:

Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. (POLLACK, 1992, p.204).

Assim, a memória, apesar do caráter individual, tem uma base no grupo social, com o qual é compartilhada, sem realizar uma descontinuidade entre o passado e o presente, porque retêm do passado aquilo que permanece nos estratos imaginativos do grupo que a mantêm. É neste sentido, que a oralidade é uma metodologia criativa e interativa e proporciona lidar com muitas camadas de idealizações sobre acontecimentos, contidas nas memórias das pessoas, cujos registros escritos encontram-se, incompletos ou ausentes, pois como manifesta Freitas (2006, p.62) "o discurso oral, natural e espontâneo, é muito mais detalhado e expressivo, ao passo que o discurso escrito é mais formal, elaborado e estereotipado". Em outras palavras, a

história oral é uma metodologia de pesquisa que destaca a importância da elaboração e da trajetória da memória social como objeto de investigação que possibilita uma inteligibilidade do passado.

Portanto, a investigação qualitativa contribuiu para a essência do processo de investigação desta pesquisa voltado para a compreensão das ações sociais desempenhadas por uma personagem destacada na educação da cidade de São Roque.

2.2.1 Procedimento metodológico

Para Bom Meihy e Holanda (2007) a abordagem qualitativa da História Oral deve ser referenciada em procedimentos de coleta das informações, que foram adotados na realização desta pesquisa: o planejamento dos locais das entrevistas, o planejamento do tempo necessário para a duração e controle dos fatores ambientais que pudessem interferir e a execução das transcrições e a conferência do material escrito.

Além destas etapas foram também obedecidos cinco critérios apontados por Müller (2015):

1. Os entrevistados selecionados devem contribuir com a investigação pretendida;
2. O equipamento, no caso um gravador de qualidade, deve facilitar a transcrição posterior, e deve ser discreto para não desviar atenção;
3. O contato deve ser adequado com os entrevistados e estabelecer uma relação amigável e descontraída, antes do início da formulação de perguntas;
4. A assinatura voluntária de termo de consentimento (Apêndice J), deve ocorrer para que a entrevista seja utilizada como material de pesquisa;
5. As transcrições (Apêndices C - J) literais de todo material gravado devem ser anexadas à estrutura do trabalho, posteriormente;

Uma parte relevante desta pesquisa foi a escolha dos participantes que primeiramente teve como critério o conhecimento do assunto por razão da convivência de forma direta com a diretora, Dona Antonieta. Assim foram selecionados seis participantes que representaram um conjunto de experiências vividas como estudantes, professores e diretores.

No final da investigação exploratória, caracterizado por encontros, entrevistas e conversas informais com diversas pessoas sobre o tema da pesquisa, foram escolhidos os participantes. Um encontro em específico na casa do Senhor Zé do Nino, anteriormente mencionado na introdução deste trabalho, foi a fonte de menção de alguns nomes de pessoas selecionadas. Estas pessoas foram mencionadas pois representaram uma forte ligação com a

escola e as ações da diretora Antonieta, e apresentavam sucessivos momentos que agregavam informações para a pesquisa. Entre estas encontram-se os professores Wladimir Nardelli, Miriam Maluf de Oliveira, Neide Schumacker Gomide e José Roberto Miller. Assim os mesmos foram considerados possíveis participantes para as futuras entrevistas. Já os outros dois participantes tiveram momentos de escolha definida diferentes. A escolha de Juares Pedroso se deu por indicação e a sua história de vida representou os momentos de vida de um estudante. A entrevistada Silvia Mello foi escolhida como participante após a utilização de suas publicações em revistas e jornais que apresentaram dados sobre a cidade e região de São Roque. Assim as informações sobre esta entrevistada aparecerão como autora de fontes de informação e também como entrevistada. Ambas experiências possibilitaram a verificação de elementos relevantes para a pesquisa.

O quadro 01, apresenta mais especificamente as experiências vividas nos momentos dos participantes selecionados, como estudante e posteriormente professor, ou como estudante, professor e posteriormente diretor. As descrições detalhadas dos contextos individuais de cada participante foram disponibilizadas, com consentimento dos mesmos, nas notas de roda pé e nas transcrições de cada entrevista.

QUADRO 01: Relação dos participantes da entrevista e suas experiências de vida.

Nome dos participantes	Momentos de vida
Wladimir Nardelli	Estudante, Professor e Vice-diretor.
Miriam Maluf de Oliveira	Estudante, Professora e Diretora.
Neide Schumacker Gomide	Professora
José Roberto Miller	Estudante e Professor
Juares Pedroso	Estudante
Silvia Maria Lopes de Mello	Estudante

O conjunto destes participantes representou uma "amostragem significativa, expressiva, pela qual, elementos essenciais do universo em análise" (SANTOS; ARAÚJO, 2007, p.195), estavam presentes, e possibilitou a identificação das ações da diretora. Na prática, o processo de entrevistas foi encerrado, nesta quantidade de pessoas, quando os conteúdos emitidos se revelavam semelhantes. Minayo (2014) aponta que o tamanho da amostra na pesquisa qualitativa passa a ser uma questão relativa quando ocorre o que é designado como a saturação da coleta de dados, ou seja, quando nas entrevistas nenhum dado novo é revelado, pois não acrescenta novas informações ao entendimento da situação em estudo.

As entrevistas foram conduzidas por meio de um questionário (Apêndice I) com questões abertas que propiciaram aos entrevistados a oportunidade de discorrer sobre o assunto sem se prender inteiramente à formulação colocada (MINAYO, 2014).

No levantamento das informações, foi possível constatar a vinculação das ações da diretora com categorias como ordem, controle, hierarquia, autoridade, obediência, e padrões estéticos e higiênicos.

Passados, mais de três décadas, esses elementos estão presentes na memória e no juízo de uma comunidade, sendo perpetuados no tempo atual. Ao reconhecer o entendimento das ações ocorridas, daqueles que a vivenciaram entre os anos de 1958 a 1982, assumiu-se também a averiguação das diretrizes da educação secundária no Brasil e em São Roque, da trajetória da criação e organização do ginásio, os vínculos societários e históricos, além do entendimento dos elementos relevantes que orientaram a própria pessoa, como das pessoas envolvidas.

3 A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA DA PRIMEIRA REPÚBLICA AO PERÍODO DA DITADURA CIVIL-MILITAR

A compreensão da trajetória da educação brasileira foi uma tarefa complexa, tendo em vista a dinâmica das práticas estabelecidas ao longo de várias décadas, fases e momentos históricos, bem como as consequências resultantes para a própria população e para os diversos agentes diretivos, professores e alunos nos espaços escolares. Nesta perspectiva, o propósito central deste capítulo foi a análise dos acontecimentos que ocorreram e se constituíram em componentes significativos para a formação dos valores de Antonieta de Araújo Cunha (nascida em 1911 e aposentada no serviço público estadual em 1982, com 71 anos), assim como o reflexo das suas ações sociais decisivas na organização e condução do ginásio de São Roque.

Iniciou-se este estudo a partir da Proclamação da República, em 1889, com a importância atribuída à educação por reformas que tinham a pretensão de resolução dos problemas brasileiros, como o analfabetismo. A crise oligárquica e a decepção quanto à viabilidade da República alcançar um ideal de uma sociedade nova provocaram o surgimento de novos atores com costumes e questionamentos, que cobravam direitos e uma maior participação social. Durante as décadas iniciais do século XX, o crescimento das cidades, o início da industrialização e da urbanização, o esvaziamento progressivo do campo, a imigração e a emergência do operariado urbano e, principalmente de uma nova classe média, contribuíram para os novos desafios da sociedade brasileira. São Paulo, enquanto Estado, apresentou-se como modelo do progresso e organização, principalmente pelo exemplo que passou a ter na remodelação escolar. A Era Vargas, nos anos de 1930, trouxe a expansão de novas camadas sociais oportunizando uma mobilidade social na estrutura de classes da sociedade brasileira, com a expansão das forças produtivas e a ampliação do mercado de trabalho. Nesse contexto, a educação foi considerada um instrumento fundamental de inserção social, tanto por educadores, como para uma parcela da classe média, que almejava a inserção nesse processo. Com a redemocratização⁵ do país, a partir de 1945, o país se transforma com uma política baseada no populismo⁶ e nacionalismo⁷, com a crescente urbanização das capitais de Estado e uma opção de desenvolvimento econômico nacional, associado ao capital

⁵ Redemocratização foi o processo de restauração da democracia e do estado de direito em países ou regiões que passaram por um período de autoritarismo ou ditadura.

⁶ O Populismo é entendido como um conjunto de práticas políticas que se justificam num apelo ao "povo" e mobilização das massas. O Nacionalismo tem medidas e ações que visam proteger a nação.

⁷ O Nacionalismo é entendido como medidas e ações que visam proteger a nação.

externo que produziu uma inversão do papel do ensino público, colocando a escola sob os desígnios do mercado de trabalho. Apesar da resistência de forças progressistas, pela preservação da escola pública, uma concepção produtivista passou a moldar o ensino brasileiro culminando com o golpe civil militar de 1964, que influenciou no sistema educacional brasileiro pelas próximas décadas.

3.1 A educação na Primeira República

A Constituição da República de 1891 oficializou a distância entre o ensino para a classe dominante com as escolas secundárias e superiores e, o ensino para o povo com as escolas primárias e profissionais (ROMANELLI, 1987). Com a proclamação da República em 1889, iniciou-se um período marcado por reformas educacionais, que na prática não provocaram "grandes mudanças na estrutura do ensino do país, pois o ensino superior continuou recebendo os principais cuidados, formando a elite e as demais lideranças do país" (FRANCISCO FILHO, 2013, p. 61). No final do século dezenove, como expresso por Fávero e Molina (2013, p.200) "apenas a elite tinha direito a ela (educação)", ou como exposto por Gouvêa (2007, p.126), a educação servia à elite, "sendo as crianças pobres ausentes daquele espaço".

Na Primeira República, portanto, o controle do sistema de educação pelo governo central tinha como compromisso a formação das elites com os cursos secundário e superior, deixando para os governos estaduais a responsabilidade pela instrução primária (PILETTI; PILETTI, 1988). O governo central estruturou o Colégio Dom Pedro II⁸, na cidade do Rio de Janeiro, sede da capital federal. Esta instituição representou um modelo de ensino secundário com apenas a frequência dos segmentos mais abastados, das oligarquias agrárias, dos comerciantes e políticos da época. Os alunos estudavam por sete anos, e no final recebiam o título de bacharel de letras (GASPARELLO, 2004).

Neste sentido, o caráter elitista do ensino secundário nas primeiras décadas do século XX no Brasil foi acentuado, uma vez que o governo mantinha o Colégio Dom Pedro II e o ginásio público nas capitais da maioria dos estados, cabendo às instituições privadas absorver o crescimento no número de matrículas. As escolas particulares eram caras com exames de ingresso seletivos.

⁸ O nome do Colégio foi modificado quatro vezes, primeiro Instituto Nacional de Instrução Secundária (1888); posteriormente, para Ginásio Nacional (1890); Externato Nacional Pedro II e Internato Nacional Bernardo Pereira de Vasconcelos (1909) e Colégio Pedro II (1911). (ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS DO COLÉGIO PEDRO II, 2019)

O novo governo republicano não se responsabilizou pela instrução pública, deixando aos Estados a implantação das escolas primárias (SAVIANI, 2006). O Estado de São Paulo se distinguiu com a organização dos grupos escolares, como Schueler e Magaldi (2009, p.43) manifestam:

O modelo formulado e disseminado era o do grupo escolar, em que assumiam grande relevo aspectos como a construção de prédios considerados apropriados para a finalidade educativa, o trabalho escolar apoiado no princípio da seriação e no destaque conferido aos métodos pedagógicos, entre os quais se situava, especialmente, o método intuitivo; a divisão e hierarquização da atuação dos profissionais envolvidos no cotidiano da escola; a racionalização dos tempos escolares; o controle mais efetivo das atividades escolares, entre outros.

Hansen (2007) afirma que durante a Primeira República o que se praticava, na escola primária, visava às “transformações nos modos de pensar e de agir, sintetizado no ideal de um novo homem⁹ contido em potencial na infância brasileira” (HANSEN, 2007, p.233). Para os segmentos da população, que conseguiam frequentar uma escola pública, o que se pretendia era a formação de um cidadão perfeito, que compatibilizasse um código de conduta que organizasse o cotidiano familiar. Hansen (2007) argumenta que o projeto desenvolvido por essas instituições se voltava essencialmente para a constituição do caráter e no desenvolvimento de atributos morais.

No imaginário erigido pela causa patriótica nacional, principalmente entre os governantes, a visão predominante era de pobres, e indolentes, que comprometiam o projeto de salvação nacional (CARVALHO,1989). Com um grande quadro de analfabetismo, o ensino básico passava a se constituir como um meio para os governantes limitarem as agitações e o inconformismo popular "na tentativa de disciplinarizar as massas operárias e enquadrá-las na legislação social" (GODOI, 2009, p.29).

Em termos políticos este período expressou um movimento dos ideais republicanos que visavam um Brasil mais moderno e desvinculado do Império, e principalmente que pudesse se beneficiar do progresso econômico para todos os brasileiros (PILETTI, 1995). O término da monarquia não encerrou a questão da exclusão social e o poder passou dos militares (responsáveis pela instauração da República em 1889) para as elites agroexportadoras. A população permaneceu alienada do processo, sob a justificativa de que a maioria era composta de analfabetos. Como observa Carvalho (1989, p.09), o que se pretendia era um projeto

⁹ O discurso nacionalista que perdurou ao longo da Primeira República entendia que o novo homem estava contido na infância brasileira precoce e viril (HANSEN, 2007).

...político autoritário: educar era obra de moldagem de um povo, matéria informe e plasmável, conforme os anseios de Ordem e Progresso de um grupo que se auto-investia como elite com autoridades para promovê-los.

Em suma, a instalação da República desenvolveu-se com a perspectiva da remodelação da ordem social e “da convicção de que a educação seria o mais forte instrumento para a consolidação do regime republicano e para a construção do país moderno” (FERREIRA; CARVALHO, 2011, p.03-04). Para Clark (2006) os liberais republicanos buscaram a solução do ordenamento social na ideologia positivista criada por Augusto Comte (1798-1857), que surgiu na França no começo do século XIX exaltando os avanços científicos como referência de um ideal de progresso contínuo da humanidade.

É neste sentido que este período marcou o início da transformação na sociedade brasileira. Os grandes proprietários rurais, detentores do poder político e econômico, tentavam manter o sistema de produção, a vida social e o poder pela família patriarcal, derivando daí uma estratificação social mais complexa do que a dominante no período colonial (ROMANELLI, 1987). O fim da escravidão e início do trabalho assalariado proporcionaram outros sinais de modernização e o surgimento da necessidade da escolarização, vista como um caminho de ascensão social e profissional. A República fortalecia projetos de um novo Brasil e o ensino passou a ser visto como frente prioritária (NAGLE, 1974). De acordo com Souza (1998), os grupos escolares incorporaram e restituíram à sociedade as representações de progresso, cientificidade e civilização presentes no projeto republicano. Neste sentido, a figura central deste processo seria a do diretor escolar, que passou a personificar o poder do Estado, constituindo-se como uma autoridade de ensino.

Os processos de mudanças ocorriam no campo junto com a industrialização e urbanização que avançava de maneira diversificada entre as regiões no Brasil. No Brasil rural pequenas propriedades surgiam decorrentes da chegada dos imigrantes. Emergia o operariado industrial e ampliava-se a classe média urbana que reivindicava espaço político na mudança da República oligárquica em República liberal (FAUSTO, 1994). Esta nova camada intermediária da população, principalmente na zona urbana, mantinha atividades no pequeno comércio e na burocracia, passando a demandar a escolarização como meio de ascensão social, realidade antes pertencente à classe oligárquico-rural (ROMANELLI, 1987).

Após o término da primeira guerra mundial, no final de 1918, o Brasil ampliou suas relações comerciais com os Estados Unidos, ocasionando mudanças culturais que influenciaram o campo educacional (GHIRALDELLI JUNIOR, 1990). O movimento da

Escola Nova, com a influência do educador norte-americano John Dewey, ganhou força no meio educacional, com a formação de “novas gerações para uma sociedade democrática, considerada por ele como a mais elevada forma de organização humana” (PEREIRA; MARTINS; ALVES; DELGADO, 2009, p.160). O ideário do movimento da Escola Nova manifestava que a educação seria o fator essencial de humanização possibilitando o desenvolvimento da capacidade de raciocínio e o espírito crítico do aluno.

A década de 1920 marcou o início das transformações nas estruturas políticas e sociais, principalmente marcadas pela força do capitalismo no Brasil e a transição entre o sistema econômico agrário-comercial e o urbano-industrial com o impacto no desenvolvimento das cidades. Este processo provocou o impulso pela educação e a confiança nas práticas pedagógicas, que asseguravam ao processo educacional a incumbência de incorporar as camadas da população ao progresso nacional e na formação de um novo homem brasileiro (NAGLE, 1974).

As justificativas eram que as desigualdades sociais poderiam ser vencidas com uma escolarização adequada que promovesse a mobilidade social. Na prática, entretanto, esta escola exprimia uma utopia e uma pedagogia liberal, intrinsecamente ligada aos interesses econômicos da nova burguesia (SANTOS; PRESTES; VALE, 2006), que exprimia um antagonismo entre os setores tradicionais (oligarquias e igreja) e os movimentos ligados aos setores urbanos e industriais, que aspiravam a modernização da sociedade brasileira. Para Fávero (2015), apesar das políticas conservadoras, as mudanças deste período redefinem a participação da população brasileira na educação, alterando os costumes e ritmos das famílias, pois o processo da industrialização, ainda que embrionário, junto com o princípio de formação de uma classe média urbana, favoreceu o papel importante da instrução escolar. Entretanto, o crescimento industrial e a urbanização beneficiaram, sobretudo, as novas elites urbanas emergentes na estruturação do ensino secundário e superior, tanto nos colégios públicos, como nos particulares (GHIRALDELLI JUNIOR, 1990).

3.1.1 O ensino no Estado de São Paulo: a vanguarda.

O Estado de São Paulo se apresentava na Primeira República como modelo do progresso e organização, na questão educacional, pelo exemplo que passou a ser na remodelação escolar ou, como afirma Carvalho (1989, p.21): São Paulo seria um marco que se "pretendia instituir entre um passado de trevas, obscurantismo e opressão, e um futuro luminoso em que o saber e a cidadania se entrelaçariam trazendo o Progresso". A Reforma

Caetano de Campos¹⁰ surgiu no ano de 1890 e conduziu a reforma da Escola Normal de São Paulo. Essa escola foi concebida como instituição símbolo da Reforma Caetano de Campos, com moderno material escolar e prédios adequados, sendo a base responsável pela formação do professorado e um padrão para as demais escolas da capital e do interior do Estado de São Paulo. Para Almeida (1995) a reforma Caetano de Campos alterou efetivamente o ideal da formação prática passando a atrair o contingente feminino, que viu no curso normal a oportunidade de ascensão profissional através dos estudos. Franco (2001), enfatiza que em função do grande atraso na educação que o país vivia, no final do século XIX e durante a Primeira República, as elites dominantes foram forçadas a utilizar as mulheres no magistério, provocando com isso a institucionalização do curso normal, garantindo-lhes o acesso à escolarização, ao mercado de trabalho e à profissionalização.

Em 1893, no Estado de São Paulo, tem-se a implantação dos Grupos Escolares com uma nova concepção pedagógica, arquitetônica e social da escola primária, que se tornou modelo para todo o país (REIS FILHO, 1995). Os grupos escolares foram organizados no cenário urbano, já que no meio rural ainda prevaleciam as escolas isoladas por um longo período. Sua localização era em lugares privilegiados próximos a outras instituições, como a Câmara Municipal, a coletoria e a igreja, demonstrando a relevância deste estabelecimento para a cidade. Como afirma Souza (1998), os grupos escolares através de seus prédios marcaram uma nova realidade no Brasil, ajudando a legitimar o regime republicano. A autora faz referência em sua obra, à cidade de São Roque e o grupo escolar Dr. Bernardino de Campos¹¹, que "funcionava em um prédio que se prestava bem aos seus fins, contando com excelentes salas, ar e luz atendendo aos preceitos pedagógicos" (SOUZA, 1998, p. 126). Ainda segundo a mesma autora, os grupos escolares tinham a função de, não somente de transmitir conhecimentos, mas também o dever de ensinar princípios morais e o desenvolvimento do caráter dos alunos, como a importância do trabalho, regras de convivência, procedimentos higiênicos e interesses coletivos. Em outras palavras, a obediência a normas e a organização da escola constituíam-se como elementos fundamentais no cotidiano dos grupos escolares. Ainda de acordo com Souza (1998), os grupos escolares incorporaram e restituíram à sociedade as representações de progresso, cientificidade e civilização presentes no projeto republicano. Neste sentido, a figura do diretor escolar, passou a personificar essas representações e o poder do Estado, constituindo-se como autoridade de

¹⁰ A Reforma Caetano de Campos teve como medidas mudanças: na forma de aprender centrado na visibilidade das práticas pedagógicas e; nos procedimentos de vigilância e uniformização do sistema de ensino.

¹¹ O Grupo Escolar Dr. Bernardino de Campos foi inaugurado em São Roque no dia 3 de novembro de 1893.

ensino a ser “respeitada e valorizada pela comunidade, tornando-se uma pessoa ilustre graças à relação política estabelecida na constituição desse cargo” (RODRIGUES; ARANDA, 2019, p. 830).

No aspecto político, o grupo escolar foi uma instituição eficaz para formação das elites da época, porém é importante ressaltar que desde o século XIX até a década de 1920 a inserção do Brasil no mercado internacional dependia fundamentalmente do café. No entanto, na década de 1920, o velho padrão primário exportador, marcado pelo predomínio cafeeiro se enfraquece pela retração do volume das exportações e do preço dos produtos primários (FURTADO, 1991). O enfraquecimento econômico permitiu às oligarquias regionais, não ligadas à produção de café para exportação, unidas aos setores médios urbanos, reivindicarem o fim do monopólio da política federal dos fazendeiros de café de São Paulo e Minas Gerais. Com o fim da Primeira Guerra Mundial e a crise das oligarquias cafeeiras, o país entrou em uma transformação política e cultural expressiva. Como afirma Accácio (2005, p. 111),

Os anos vinte do século XX inauguram a gênese do Brasil Moderno e introduzem procedimentos, hábitos, visões, questionamentos inéditos, que mobilizam várias gerações, trazem à tona novos atores e a problemática dos direitos e da participação social.

Nesta nova lógica, o analfabetismo foi alçado à posição de marca da inaptidão do país para o desenvolvimento. Erradicá-lo seria o objetivo da política educacional, pois o contexto social era caótico, com 75% da população brasileira analfabeta (GHIRALDELLI JUNIOR, 1990). Em 1920, no Estado de São Paulo, a reforma educacional foi conduzida por Sampaio Dória que consistiu na reorganização do ensino primário, com a formação que deveria ocorrer em dois anos. O método que auxiliaria essa formação era o da intuição, isto é, através da vivência e compreensão da própria atividade. A escola primária pública seria obrigatória para a população com o propósito de garantir a alfabetização de todas as crianças em idade escolar (CARVALHO, 2011). O ensino primário com curta duração, e o ideal de uma rápida superação do analfabetismo trouxe críticas e protestos, levando ao cancelamento e revogação deste programa.

Os anos finais de 1920 e a entrada dos anos 1930 foram momentos fundamentais no crescimento do país, na industrialização, e na concepção da vida moderna articulada à expectativa de que a educação seria uma das principais obrigações sociais.

3.2 A educação na era Vargas

O golpe liderado por Getúlio Vargas, encerra a Primeira República, iniciando um período de radicalização da história política brasileira, com o advento da política populista, mas também pelo fortalecimento do papel do Estado. Compreende um período histórico, entre os anos de 1930 a 1954, abrangendo acontecimentos importantes como a Segunda Guerra mundial, 1939 a 1945, com o envolvimento de nações do mundo, passando pelo Estado Novo de 1937 a 1945, e o suicídio de Getúlio Vargas em 1954.

Um tempo de efervescência ideológica, com projetos políticos, novas ideias, reformas administrativas e a reordenação do ensino em âmbito nacional que se estruturava, tendo em vista a inclusão de parte da população que se encontrava à margem do processo político republicano. A modernização do estado brasileiro começou se estabelecer, pois conforme expõe Francisco Filho (2013, p. 71):

A aristocracia rural sofre derrota diante dos avanços da industrialização. Parte da aristocracia rural passou a direcionar os investimentos na industrialização emergente, e se mudou para os centros urbanos, procurando se ajustar ao novo momento.

O Brasil, a partir do governo provisório de Getúlio Vargas, passou por transformações econômicas e sociais profundas com a industrialização e a urbanização, principalmente nos grandes centros urbanos, como o Rio de Janeiro e São Paulo.

De acordo com Andreotti (2006a), o ensino escolar passou a ser considerado um recurso fundamental de inclusão social para uma expressiva parte da população que se considerava afastada deste processo de reconstrução nacional. Como afirma GhiraldeLLi Junior (2015), em sua análise sobre a educação na década de 1930,

Sabemos que quanto mais urbano se torna um país mais crescem os setores de serviços, menos as pessoas querem se submeter ao trabalho braçal e, então mais os setores médios ou os aspirantes a tal exigem educação e escolas. Foi isso que ocorreu. Uma boa parte de nosso povo começou a sonhar com algo bem simples: ver se seus filhos poderiam, uma vez fora da zona rural, escapar do "serviço físico bruto". (GHIRALDELLI JUNIOR, 2015, p.48)

No plano do entendimento acadêmico, quanto às causas dos acontecimentos que ocorreram nesta época, foram apresentadas por Fausto (1986), sobre os fundamentos que

impulsionaram essas transformações. Uma enfatizava o papel renovador da burguesia industrial sobre as oligarquias agrárias que dominaram o poder político por décadas anteriores, e a outra que defendia que essa mudança drástica tinha ocorrido em nome dos interesses das classes médias.

Admite-se, entretanto, que as duas vertentes se constituíram como fundamentais na historiografia da revolução de 1930. Aceita-se que a interpretação que as bases rurais da Primeira República entraram em choque com uma burguesia urbana que tinha os seus próprios interesses. Porém, conforme defendido por Saes (1985) foi o inconformismo das classes médias que provocou um desequilíbrio na estrutura do poder vigente da época, principalmente dos jovens militares com os movimentos tenentistas¹², que se revoltaram na década de 1920, além de outros segmentos médios urbanos que buscavam formas e meios de maior participação econômica e social.

Na perspectiva desta pesquisa, considerou-se a interpretação que enfatizou a ascendência das classes médias no processo que "desaguará na eclosão da Revolução de 1930 (que foi, em parte, uma revolução de classe média)" (SAES, 2005, p. 102), como nos desdobramentos posteriores ao ano de 1930, principalmente quanto ao desejo da classe média em ascender socialmente, pelo processo educacional, ainda que, uma parcela deste segmento tenha sido seduzido, em 1932, por um projeto de política educacional, de caráter fascista, da Ação Integralista Brasileira (AIB) (GHIRALDELLI JUNIOR, 2015). Forjaz (1984, p.42) esclarece que não seria necessário conceituar "as camadas médias como principais agentes políticos, ou principais beneficiárias dela" na Revolução de 1930, mas seria fundamental considerar "o seu papel político na conjuntura revolucionária e nos anos que se seguem". Durante esse período, a insatisfação predominava em setores da classe média, especialmente nos segmentos dos jovens oficiais das forças armadas, que refletiam o "grau da marginalização política em que se achavam as demais camadas sociais, inclusive ela própria" (ROMANELLI, 1987, p.48). Neste contexto de insurgência os segmentos da classe média se posicionaram pela democratização da escola e pela melhoria das instituições educacionais. Conforme expressa Andreotti (2006b, p.06),

A classe média encontrava-se na nova configuração de incremento do comércio, do setor de serviços e de trabalhadores autônomos, advinda da industrialização e da

¹² Os principais movimentos tenentistas da década de 1920 foram, os 18 do Forte, os levantes de 1924, e a Coluna Prestes. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/MovimentoTenentista>. Acesso em: 16 de janeiro de 2020. O tenentismo foi um movimento político e militar realizado por jovens oficiais brasileiros (tenentes e capitães) que estavam insatisfeitos com o sistema político brasileiro.

urbanização, processos concomitantes porque dependentes e que abriram possibilidades de mobilidade social na estrutura de classes da sociedade brasileira, com a ampliação do mercado de trabalho voltado aos setores administrativos e financeiros, como também o alargamento do mercado consumidor.

Ainda predominava entre os novos dirigentes e amplos setores da classe média, a concepção segundo a qual as massas populares não possuíam formação política suficiente sobre os rumos da nação, e que caberia a segmentos esclarecidos de intelectuais proporcionar uma formação educacional, que as preparasse para o ideal de nação (DAROS, 2013). Já o mercado de trabalho exigia um trabalhador mais preparado, pois como expõe Ortiz (2013) o analfabetismo mantinha-se elevado desde a Primeira República, com índices de 84% em 1890 e 75% em 1920.

Um sistema nacional de ensino foi constituído para que se consolidasse a economia capitalista industrial, e fossem assegurados o progresso e o desenvolvimento do País, porém em um cenário de divergências ideológicas. Como afirma Carvalho (2004, p.93),

Com a Revolução de 1930, a correlação das forças políticas se redefine e instala-se aberta, nos meios educacionais, a disputa pelo controle ideológico do aparelho escolar. O programa de organização nacional através da organização da cultura se fragmenta em pelo menos duas propostas rivais. Na disputa, teve importância fundamental o embate no campo doutrinário da pedagogia, porque nele é que se construía a adesão do professor à "causa educacional," normatizando-se sua prática e garantindo-se, deste modo, o controle político do aparelho escolar.

O período revolucionário da Era Vargas transcorreu em um quadro repleto de contradições sociais e políticas, pois estruturas tradicionais que permaneceram no poder conflitaram com as forças em ascensão. A sociedade brasileira, desta época, vivenciou um processo de mudança com o surgimento gradual da burguesia empresarial que se estabelecia sobre as antigas oligarquias agrárias, a supremacia econômica da indústria que se impunha sobre a agricultura, a hegemonia das cidades sobre o ambiente rural, provocaram uma reação conservadora dos setores católicos. Com o fortalecimento do aparelho estatal, os conflitos se acentuaram pela hegemonia política, inclusive na formação do Ministério de Educação e Saúde com a nomeação de Francisco Campos, que produziu uma base de decretos¹³,

¹³ Decreto Lei nº19.850, de 11 de Abril de 1931, que cria o Conselho Nacional de Educação e os Conselhos Estaduais de Educação. Decreto Lei nº 19.851, de 11 de Abril de 1931, que dispõe sobre a organização do ensino superior no Brasil e adota o regime universitário, que dispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro, que dispõe sobre a organização do ensino secundário. Decreto Lei nº 20.158, de 30 de Julho de 1931, que organiza o ensino comercial, regulamenta a profissão de contador. Decreto Lei nº 21.241, de 14 de Abril de 1932, consolida as disposições sobre o ensino secundário.

resultando, no entanto, em disputas ideológicas entre os pioneiros defensores da Escola Nova e Conservadores católicos pelo domínio do sistema escolar e os programas políticos-pedagógicos (DAROS, 2013). O primeiro grupo liberal, escolanovista, defendia a escola pública, e o ensino laico, entre outros pontos. No ideário liberal a escola tinha que preparar para o novo processo industrial que emergia. Desigualdades sociais poderiam ser suplantadas se houvesse escolarização adequada para promover a mobilidade social. O segundo grupo conservador antirreformista, defendia a liberdade de ensino, mas com a Igreja Católica conduzindo sua doutrina religiosa, com escolas particulares em todo o país.

Os decretos de Francisco Campos, no governo provisório de Getúlio Vargas, imprimiram uma nova orientação ao sistema educacional. O Decreto Lei nº 19.890/31, de 18 de abril de 1931, que dispunha sobre a organização do ensino secundário regulamentou o ensino com currículo seriado, composto por dois ciclos: um fundamental (cinco anos) e outro complementar (dois anos), com frequência obrigatória e a exigência de habilidades para o ingresso no curso superior. A reorganização do ensino secundário apresentou uma valorização das Ciências Naturais para ocupar o espaço da tradição verbalista e literária, mas que no final, ainda acabou sendo dirigido às elites, pois como afirma Dallabrida (2009, p.185), essa reforma pretendia, de fato, formar "estudantes secundaristas autorregulados e produtivos, em sintonia com a sociedade disciplinar e capitalista que se consolidava nos anos de 1930".

Entretanto, a revolução de 1930 simbolizou um marco na estruturação do sistema educacional brasileiro, pois se na década de 1920 ocorreram empenhos pela reforma educacional, no contexto dos governos estaduais, o governo de Vargas investiu na organização e nas orientações das áreas da educação secundária e superior. Contudo, como afirma Francisco Filho (2013, p.74),

Algumas coisas não mudaram, persistindo, no seio da escola, um sistema dual. De um lado, escolas preparando para carreiras universitárias, do outro, escolas preparando a força de trabalho. Eram escolas para as classes média e ricas e outras diferenciadas para os mais pobres, os trabalhadores. Esse sistema ainda perdura no início do século XXI. Foram criados, também, cursos rápidos e rapidíssimos para treinamento dos trabalhadores das diversas profissões emergentes. Em geral, era uma população urbana procedente da área rural, empurrada para as cidades pelas sucessivas ondas do êxodo rural, que se avolumava.

As contradições na educação deste período traduziam o plano político populista de Getúlio Vargas, no sentido de controlar as tendências, conservadoras e liberais, dos setores educacionais esboçadas desde os anos 1920. Ghiraldelli Junior (1990) destaca que, neste

período, acirraram-se os embates entre os dois agrupamentos ideológicos: de um lado, grupos conservadores, de cunho católico, com disposições reacionárias; de outro, vanguardistas, liberais da educação, que desejavam mudanças qualitativas no sistema de ensino da rede pública. Esses últimos vinham se agrupando em conferências nacionais coordenadas pela Associação Brasileira de Educação, que norteava os debates sobre as diretrizes da educação, incentivadas pelo presidente Vargas, que demandava uma proposta pedagógica/revolucionária para a condução do próprio governo. Em 1932, o resultado da IV Conferência Nacional de Educação foi a separação efetiva entre católicos e liberais, com o "Manifesto dos Pioneiros da Educação", que reafirmou a defesa da escola pública, obrigatória, gratuita e laica. A base dos princípios pedagógicos mais igualitários era pautada no pensamento de Anísio Teixeira que expressava que a escola devia ser uma compensação aos estragos e desigualdades geradas pelo sistema capitalista. De outro lado, os liberais, com Fernando de Azevedo defendia que a escola "deveria ter um papel de formadora de elites, sendo que a educação apenas rearranjaria os indivíduos na sociedade de acordo com suas aptidões" (GHIRALDELLI JUNIOR, 1990, p. 43).

Neste contexto, cumpre ressaltar que o Decreto Lei nº 19.851/31, de 11 de abril de 1931, sobre a organização do ensino superior no Brasil e adoção do regime universitário conferiu uma nova concepção que reunia os institutos isolados de ensino superior, na forma da criação do sistema universitário, com o objetivo de "formação das elites profissionais do país e a criação de ambientes adequados para a prática da investigação científica" (ROMERO, 2011, p. 7). Ou seja, com essa lei, o governo de Vargas, apesar de instituir uma nova conformação no poder executivo do país não deixou de incorporar os interesses dos integrantes do sistema político anterior, e a universidade se constituiu numa aglomeração de escolas que ainda prestigiava "o antigo modelo de faculdades orientadas para a formação de profissionais liberais" (SAMPAIO, 1991, p.12), o que, em suma, também atendia as aspirações dos segmentos da classe média. Como afirma Cardoso (2018, p.14),

...enquanto estratos mais mobilizados das classes médias vinham à praça pública combater poderosas oligarquias em nome de projetos mais ou menos republicanos, mais ou menos democráticos, mais ou menos autoritários, e estavam dispostos a morrer por isso, as camadas aderentes dessas classes construía posições de poder econômico e social que as transformavam em estamentos protegidos contra as intempéries das conturbadas conjunturas políticas, impedindo, com isso, que experimentassem a vulnerabilidade e a pobreza das camadas subalternas.

A reforma ocorrida no Governo Vargas sobre o ensino superior com o Decreto Lei nº 19.851/31, de 11 de abril de 1931, teve como consequência a criação da Universidade de São Paulo em 1934, no Estado de São Paulo, pela iniciativa de empresários e educadores liberais¹⁴. Neste grupo esteve presente o ideólogo, Fernando de Azevedo, que sustentava a tese de que as elites deveriam receber uma educação avançada na universidade, pois cabia à estas o exercício e a prática do ensino das massas populares (AZEVEDO, 1963; PERONDI, 2011).

Paradoxalmente, a consolidação das universidades, na década de 1930, representou, também, uma democratização do ensino superior, pois além de manter a formação para os filhos das oligarquias da primeira república, contribuiu para o preparo de professores dos ginásios e as aspirações da classe média. Como afirma Sampaio (1991, p.13),

a formação de professores dos ginásios e escolas normais, estabeleceu um vínculo entre os diferentes níveis do ensino público, num quadro de transformação de todo o sistema educacional. Essas novas oportunidades de acesso ao ensino superior e; de carreira no magistério ajudaram a criar uma demanda que foi amplamente explorada pelas novas classes médias urbanas em formação.

De acordo com Souza (2016), com a constituição de 1934 ocorreu a renovação no campo educacional com o reconhecimento de que a educação seria um direito de todos. Ampliou-se o direito de cidadania dos brasileiros com a garantia da gratuidade, a obrigatoriedade do ensino primário e a assistência aos mais necessitados. Essa Constituição foi considerada progressista por inserir medidas que favoreciam a área educacional em todo o território nacional, e também assinalou uma maior centralização das competências com a consequente limitação dos estados. Tais medidas progressistas foram compensadas no âmbito federal por outras, com características conservadoras, como a inserção do ensino religioso no currículo da escola pública e o reconhecimento das instituições de ensino particulares (GHIRALDELLI JUNIOR, 1990).

Porém em 1937, as medidas progressistas, que a constituição propunha, foram interrompidas pelo golpe de Estado executado por Getúlio Vargas, o Estado Novo. As medidas autoritárias da nova Constituição de 1937 previam um sistema de ensino gratuito ambíguo com escolas públicas pagas por meio do recolhimento de recursos materiais e financeiros reservados em caixas escolares. Segundo Zonin, Silva e Petry (2018, p.02),

¹⁴ Um dos membros desse grupo, Armando Salles de Oliveira, foi designado como interventor no Estado por Getúlio Vargas.

A caixa escolar corresponde a um recurso implementado nas escolas com a finalidade de arrecadar fundos na forma de doações em dinheiro ou em materiais, os quais seriam destinados aos alunos pobres ou carentes, de modo a garantir sua permanência.

Assim este sistema era viabilizado por meio de pessoas, com mais recursos financeiros, que financiariam o ensino daqueles com menos recursos, que era então realizado com a "boa vontade dos ricos para com as caixas escolares" (GHIRALDELLI JUNIOR, 2015, p.103). Como afirma Flach (2011, p.290).

...a exigência de contribuição para a caixa escolar prevista na Constituição de 1937, além de demonstrar uma concepção limitada, senão estreita sobre a obrigatoriedade e gratuidade do ensino, pode ter contribuído de forma *sui generis* para que a procura pela escola e a permanência nela se mostrassem de difícil efetividade. Quanto às questões práticas de tal previsão, visto a inexistência de dados, podemos supor que a gratuidade parcial prevista no texto constitucional demonstra uma concepção discriminatória em relação às classes sociais que compõem a sociedade brasileira, fortalecendo a separação entre elas.

A constituição de 1937 representou um retrocesso, em relação à constituição de 1934, pois solidificou a divisão de classes e praticamente extinguiu a igualdade da cidadania. A dualidade do ensino foi explicitada pois "os ricos proveriam seus estudos através do sistema público ou particular e os pobres, sem usufruir esse sistema, deveriam se destinar às escolas profissionais" (GHIRALDELLI JUNIOR, 1990, p.82).

A gestão de Gustavo Capanema¹⁵ marcou o processo de construção institucional da educação com um sistema orgânico de Educação Nacional. Em 1937, com a constituição do Estado Novo, acentuou-se o papel político, ideológico e social atribuído à educação. Como aponta Horta (2010, p.84),

A Constituição de 1934 atribuía à União competência privativa para traçar as diretrizes da educação nacional e à União e aos estados competência concorrente para difundir a instrução pública em todos os seus graus. A Constituição de 1937 atribuía à União competência privativa para fixar as bases e determinar os quadros da educação nacional, traçando as diretrizes a que deve obedecer a formação física, intelectual e moral da infância e da juventude, e legislar sobre diretrizes de educação nacional.

¹⁵ Foi Ministério da Educação e Saúde Pública, entre os anos de 1934 e 1945, a mais longa permanência de um ministro nas pastas de educação e saúde.

O ensino secundário profissional foi criado, em paralelo ao curso tradicional e acadêmico, e visava o atendimento à formação profissional para atender ao crescimento econômico do país. Foram definidos os ramos do ensino profissional divididos entre os setores agrícola, comercial e industrial. No entanto, mesmo havendo definições profissionais do ensino secundário, havia escolas que ainda mantinham o perfil acadêmico como principal foco, pois atendiam a estudantes que visavam continuar seus estudos no ensino superior (ARRUDA; SANDANO, 2013). Essas escolas atendiam a um perfil estudantil mais elitista, com altas condições financeiras, e aqueles que viam no ensino superior o sentido e oportunidade de ascensão social e econômica.

Pode-se perceber que a dualidade do ensino profissional e acadêmico fortaleceu o atendimento às classes sociais médias e altas e o sentido de educação para o ensino superior. Como ressalta Ghiraldelli Junior (2015, p. 107),

...nas letras da Reforma Capanema, tratava-se de organizar um sistema de ensino bifurcado, com o ensino secundário público destinado, nas palavras do texto da lei, às "elites condutoras", e um ensino profissionalizante para outros setores da população. A Reforma Capanema queria criar "elites condutoras" a partir de um dado setor privilegiado economicamente, sem levar em conta o processo escolar pelo qual passaria cada indivíduo e que, segundo o credo liberal, poderia elevar os mais pobres a condições melhores.

A nova regulamentação do ensino foi levada a efeito a partir de 1942, com a Reforma Capanema, sob o nome de Leis Orgânicas do Ensino¹⁶, que implementou mudanças no ensino secundário, organizou o ensino industrial, reformou o ensino comercial e criou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). O ensino secundário ficava estruturado em dois níveis: ginásio, com a duração de quatro anos, e o colegial com a duração de três anos, dividido em dois ramos, científico e clássico, o primeiro com ênfase nas ciências naturais e exatas e o segundo com ênfase nas humanidades. Com isto implementou-se uma nova fase do ensino secundário vinculada à continuidade dos estudos por meio de exame de admissão, e à consequente busca pela ascensão social por meio da conclusão do ensino superior. Assim o estudante era condicionado a realizar uma fase após a outra cujo único "objetivo era conduzir o jovem ao ensino superior" (GHIRALDELLI JUNIOR, 2015, p.109).

¹⁶ Decreto lei nº. 4.073, de 30 de janeiro de 1942, que organizou o ensino industrial; Decreto lei nº. 4.048, de 22 de janeiro de 1942, que instituiu o SENAI; Decreto lei nº.4.244 de 9 de abril de 1942, que organizou o ensino secundário em dois ciclos: o ginásio, com quatro anos, e o colegial, com três anos; Decreto lei nº.6.141, de 28 de dezembro de 1943, que reformou o ensino comercial.

Abreu (2005) critica os objetivos das Leis Orgânicas do Ensino, manifestando que a escola secundária, apesar de se constituir para a classe dominante, passou a ser um espaço de uma classe média em ascensão social. Para Piletti (1995), embora a efetivação dos cursos técnicos e industriais de caráter profissionalizante, tivesse a intenção de suprir as necessidades crescentes de mão de obra, na prática, o ensino secundário “representava a estrada real que conduzia os filhos das classes dominantes à Universidade” (PILETTI, 1995, p.91). Como afirma Ghiraldelli Junior (2015, p.111),

...os setores médios, que procuravam a escola pública, não estavam interessados na profissionalização precoce. Alimentados pelo desejo de ascensão social de modo individual, os setores médios de nossa população se esforçavam em manter os filhos no ensino secundário, propedêutico ao ensino superior.

À medida que o fim da Segunda Guerra Mundial se prenunciava, encerrada em 1945, crescia a rejeição ao governo de Getúlio Vargas, e aumentava a pressão pela abertura democrática. Anistias para os presos políticos, organização partidária e convocação de uma nova Assembleia Nacional Constituinte marcaram o fim do regime autoritário e a queda do Estado Novo¹⁷. Em setembro de 1946 houve a promulgação de uma nova constituição reestabelecendo a democracia no país e a reincorporação de regras fundamentais que tinham sido suprimidas pela ditadura da Era Vargas. A educação retornava como direito constitucional do povo brasileiro, assim como a gratuidade do ensino oficial no ensino primário, embora o ensino particular continuasse livre, e o ensino religioso também continuasse ministrado segundo a religiosidade dos alunos (PILETTI; PILETTI, 1988).

Os pioneiros da educação como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho entre outros, retomaram uma influência sobre a difusão da pedagogia da escola nova. A nova constituição apresentava um caráter democrático e liberal, que colocava a União legisladora das diretrizes e bases da educação nacional e previa os recursos mínimos da educação, restaurando as inovações da Carta de 1934, que haviam tido fim pelo golpe de 1937, em especial em matérias de proteção aos trabalhadores, à ordem econômica, à educação e à família. Deste modo, foi assegurada a aplicação dos recursos financeiros dos impostos para a manutenção e desenvolvimento da educação, proveniente de 10% mínimo vindo da União e 20% mínimo vindas dos Estados e Distrito Federal e os municípios (BALEEIRO; SOBRINHO, 2001).

¹⁷ A queda que ocorreu por um movimento militar, em 29 de outubro de 1945, contribuiu para a abertura da eleição presidencial de Eurico Gaspar Dutra, que tomou posse em janeiro de 1946.

Uma tendência democratizante se estendeu no país com a Constituição de 1946 que de acordo com Romanelli (1987, p.171) era um "documento de inspiração ideológica liberal-democrática". A partir dessa constituição nasceu a iniciativa de instituir diretrizes e bases da educação nacional. Apenas em 1948 entrou na Câmara Federal o anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que se constituiu em um importante projeto de modernização do ensino para o país, que tramitou durante treze anos para entrar em vigor. No entanto, ressalte-se que o projeto já saiu do Ministério da Educação, em 1948, adequado com as principais demandas da Igreja Católica, que já havia iniciado articulações para representar os interesses dos estabelecimentos de ensino privado na elaboração do texto (CUNHA; FERNANDES, 2012). Desse modo os católicos criticavam a laicidade defendendo um ensino elitista, sem a democratização do ensino, com receio de que a educação popular ampliasse a participação política, o que poderia levar à mudança da estrutura do poder (ARANHA, 1996).

3.3 A expansão da rede de ginásios no Estado de São Paulo

De acordo com Ghiraldelli Junior (1990, p.113) "a rede pública cresceu substancialmente nas décadas de 1940 e 1950, tornando-se um patrimônio que os setores mais democráticos não titubeavam em defender", pois essa ampliação respondia, sobretudo, aos interesses de setores que procuravam "transformar a agência escolar em trampolim, em mecanismos de ascensão social" (PEREIRA, 1969, p.123). Já no Estado de São Paulo essa situação de expansão da rede é intensificada na década de 1950, como pode ser observada no quadro 02.

QUADRO 02: Expansão da rede de ginásios no Estado de São Paulo.

Número de ginásios				Ginásios criados		
Anos	Capital	Interior	Total	Capital	Interior	Total
1940	3	37	40	Diferenças		
1950	12	143	155	9	106	115
1951	12	148	160	0	5	5
1952	17	153	170	5	5	10
(*)1953	24	162	186	7	9	16
(*) 1954	24	179	203	0	17	17
1955	25	187	212	1	9	9
1956	30	199	229	5	12	17
(*) 1957	48	234	282	18	35	53
(*) 1958	65	294	359	17	60	77
1959	84	309	393	19	15	34
1960	84	317	401	0	8	8
1961	84	322	406	0	5	5

(*) Anos pré-eleitorais e eleitorais.

Nota: Dados fornecidos pelo Departamento de Educação, Chefia do Ensino Secundário e Normal

Fonte: (PEREIRA, 1969, p.123).

Pereira (1969, p.16) ainda ressalta que:

Até 1940, a rede de ginásios estaduais era formada de 40 estabelecimentos: 37 no interior do Estado e 3 na Capital; em 1950, as estatísticas já consignavam 143 ginásios no interior e 12 na Capital. Em 1958 já funcionavam 294 escolas no interior e 65 na Capital. A partir desta data, o número de ginásios não parou de crescer.

Essa expansão da educação acompanhou o processo de urbanização marcante e deslocamento da população do campo para as cidades, especialmente, para os grandes centros urbanos, que de acordo com Silva (2010) se apresentou, nas décadas de 1940 e 1950, em nível nacional. Para a autora esse fenômeno ocorreu em razão do desenvolvimento tecnológico na área rural que reduziu a mão de obra utilizada e consequentemente reduziu a oferta de trabalho. Nesta perspectiva, para Pereira (1969), a consolidação da escola secundária paulista passou a ter um significado de ascensão social para parte da sociedade vinculada ao fenômeno migratório que se firmava nos aglomerados urbanos. De acordo com Silva (2010), os trabalhadores da área rural que se deslocavam para as cidades percebiam que seu sustento financeiro nos centros urbanos dependia de conhecimentos básicos de leitura, escrita e cálculo. Por outro lado, setores médios da população já viam na escolarização a possibilidade de ascensão econômica e social. Em outras palavras para Pereira (1969, p.123) o ginásio se ajustava perfeitamente aos anseios de uma classe média em formação por ser uma escola "humanística, propedêutica, sofisticada, com pretensões bacharelescas".

A expansão dos ginásios no Estado de São Paulo teve a participação de figuras políticas e deste modo, estas políticas de expansão das escolas, por motivos eleitorais e populistas, não tinham o devido planejamento. Adhemar de Barros foi um destes políticos, interventor de São Paulo, no período de 1937 a 1945, e eleito governador em 1947 criou "sem planos ou qualquer forma de estudos de distribuição espacial racional 99 ginásios estaduais e 45 Escola Normais livres em todo o Estado" (MARCÍLIO, 2005, p.294). Sendo o ginásio de São Roque criado por ele e instalado provisoriamente no prédio do grupo escolar Dr. Bernardino de Campos.

A falta de planejamento e as práticas demagógicas que tinham como base a herança do Estado Novo ocasionava a perda da eficiência dos serviços e a redução das funções dos governantes à mera direção formal das organizações públicas. Para Anísio Teixeira (1956), o Estado que se sucedeu à ditadura, ainda se apresentava como uma entidade controladora, tendo sua eficácia somente na subordinação e na centralização. Ele defendeu uma ideologia

liberal fundada sobre ideais da liberdade individual e a expansão das oportunidades educativas mediante a descentralização política, tendo por base a autonomia que deveria permear todo o sistema educacional considerando o aluno, o professor e o diretor da instituição. Apontava também a carência da administração escolar no Brasil considerando que administradores não estavam sendo preparados, com a possibilidade de qualquer pessoa poderia ocupar o cargo de dirigente escolar (TEIXEIRA, 1961). O Brasil em meados do século XX, como afirma Marques (2014, p.761), encontrava-se “em plena transição de uma sociedade rural tradicional para uma sociedade urbano-industrial, a caminho de tornar-se uma sociedade democrática, não foi capaz de construir uma educação exigida pelos novos tempos”.

Getúlio Vargas retornou ao cenário político com as eleições de 1950 se utilizando dos mesmos estratagemas, e da perspicácia, que usava em seu antigo governo. Aliou-se com os dois lados opostos: os liberais, representados pelo empresariado nacional, e militares, que defendiam a abertura da economia ao capital estrangeiro e adoção de medidas de controle monetário; e os nacionalistas, trabalhadores e representantes de esquerda, que defendiam um projeto de desenvolvimento com a participação maciça do Estado na economia e a rejeição ao capital estrangeiro. Getúlio Vargas encontrou no seu segundo governo uma oposição da União Democrática Nacional (UDN), um partido de orientação conservadora, que se caracterizava pela defesa do liberalismo clássico e da moralidade, pela oposição ao populismo e que detinha apoio das classes médias urbanas e de vários setores da elite. Segundo Saes (1985, p.124),

A UDN de São Paulo e do Rio de Janeiro constitui, de 1945 a 1954, a expressão ideal dessa aliança; sua ação, programa e ideologia revelam bastante claramente o ódio às massas que se esconde atrás do antipopulismo das classes médias tradicionais.

Diante das acusações de ter promovido um atentado que visava o assassinato do jornalista e político Carlos Lacerda, em 5 de agosto de 1954, e do acirramento dos conflitos políticos, e com a possibilidade de ser deposto, Getúlio Vargas pôs fim à própria vida no dia 24 de agosto de 1954. Juscelino Kubitschek venceu as eleições em 1955, ocupando a presidência da República nos anos seguintes entre 1956 até 1961 (FERREIRA, 2006).

Em dezembro de 1961 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 4.024/61), foi aprovada e sancionada pelo presidente João Goulart¹⁸, após 13 anos de debate que abrangeu associações civis, Igreja católica, os órgãos de imprensa, que se envolveram no confronto, com posições definidas e, reiteradamente, rompendo as fronteiras que separavam os partidos políticos. (GHIRALDELLI JUNIOR, 1990). Segundo Marchelli (2014, p.1485), essa situação política refletia

...exasperado conflito de interesses envolvendo por um lado os liberais escolanovistas que defendiam a escola pública e a centralização do processo educativo pela União e, por outro, os católicos cujo mote era a escola privada e a não interferência do estado nos negócios educacionais. No entanto, o poder de conciliação do regime liberal populista dentro do qual a LDB foi concebida e aprovada, que se instalou no país em 1945 com o fim da ditadura Vargas e perdurou até o golpe militar de 1964 soube conciliar muito bem os interesses em jogo.

Para Marchelli (2014, p, 1483) a lei foi decretada de uma maneira “atabalhoada e carecendo de esforços interpretativos para esclarecimento de lacunas” permitindo que o sistema educacional brasileiro fosse mantido com a seguinte estrutura:

...o primeiro grau, constituído por escolas maternas, jardins de infância e ensino primário de quatro anos; grau médio, compreendendo dois ciclos, o ginásial de quatro anos que abrangia o secundário e os cursos técnico-industrial, agrícola e comercial, vindo depois o ciclo colegial de três anos, com as modalidades de clássico e científico que complementavam o secundário, bem como as formações que finalizavam o primeiro ciclo de natureza técnica, além do curso normal voltado para a formação de professores; e grau superior, compreendendo os cursos de graduação, pós-graduação, especialização, aperfeiçoamento e extensão (MARCHELLI, 2014, p. 1483).

A LDB 4.024/61 foi publicada, com igualdade de tratamento do Poder Público "para os estabelecimentos oficiais e particulares, o que representou o asseguramento de que verbas públicas poderiam, inexoravelmente, ser carreadas para a rede particular em todos os graus" (GHIRALDELLI JUNIOR, 1990, p.117), decepcionando, por outro lado, os setores mais progressistas.

A realidade, imperante na época, configurava uma nova disposição na luta ideológica, pois de acordo com Romanelli (1987, p.172), os problemas "mobilizavam um contingente muito mais significativo do que aquele com que tinham contado os pioneiros. Participavam também da luta estudantes, operários e intelectuais". De acordo com Xavier, Ribeiro e Noronha (1994), o resultado da lei não convenceu os defensores da educação pública. Depois da aprovação da LDB, a frustração dos setores progressistas foi grande, provocando a busca

¹⁸ Assumiu o cargo devido a renúncia de Jânio Quadros, que tinha sido eleito, e que permaneceu no cargo entre 31 de janeiro de 1961 a 25 de agosto de 1961.

da garantia de uma educação laica e democrática, por exemplo, de reações coletivas como o Movimento de Educação de Base (MEB) o Centro Popular de Cultura e a União Nacional dos Estudantes (UNE).

Na tentativa de manter o apoio dos grupos e setores populares, João Goulart tentou assegurar Reformas de Base nacionalistas na sociedade brasileira, que previam intervenção estrutural na economia do país. Goulart pretendia, com isso, nacionalizar empresas que tinham concessões do serviço público, além de promover alterações na concentração de terras e na remessa de lucros de empresas estrangeiras para o exterior (FAUSTO, 1994). O propósito de João Goulart para a área de educação, como evidencia El Sayed (2013), se voltava para o aperfeiçoamento técnico e científico, e a qualificação de mão de obra para o mundo do trabalho, que deveriam ser estimulados desde o ensino médio, além da formação de um novo cidadão inserido nas transformações políticas e econômicas do país. Como afirmava, então, o próprio presidente em uma mensagem ao Congresso Nacional, remetida na abertura da sessão legislativa de 1964.

Extenso programa para a democratização da escola de grau médio e sua adaptação as necessidades de habilitação da juventude para as tarefas do desenvolvimento, foi elaborado pelo Ministério da Educação e encontra-se em fase executiva. Seu objetivo inicial é possibilitar a instalação, em todos os municípios brasileiros, de escolas de ensino de grau médio, voltadas todas no sentido da educação para o trabalho. (GOULART, 1964, p. 22)

Contudo os obstáculos políticos eram enormes, pois nas décadas de 1950 e 1960 o crescimento econômico nacional foi advindo do capital estrangeiro, principalmente dos Estados Unidos, que ampliou e diversificou o parque industrial nacional, que tinha como objetivo estabelecer uma política de segurança e garantir sua hegemonia frente à ameaça do "comunismo" assegurando desta maneira a ampliação do *american way of life* pelo mundo moderno (FURTADO, 1987; VALIM, 2017). Neste sentido, os interesses econômicos e culturais norte-americanos se chocaram com os propósitos nacionalistas do governo brasileiro, acarretando danos que provocaram uma dependência e uma instabilidade social, pois segundo Aranha (1996) aumentaram as disparidades regionais, as aglomerações urbanas, o aumento da inflação e a pobreza com as distorções da concentração de renda.

As iniciativas de democratização e a integração política das massas populares passaram a ser interpretadas, principalmente pelas classes médias tradicionais, como uma possibilidade de perda de privilégios sociais. Durante o período da década de 1960, as

camadas médias urbanas tradicionais estavam envolvidas em um conflito ideológico que se opunha ao liberalismo oligárquico¹⁹, como também ao populismo carismático.

3.4 A educação no período militar

A crise final do populismo estabeleceu a base para o surgimento de uma nova forma de conflito, com o advento do golpe civil-militar de 1964 (SAES, 1985). Este novo golpe foi mais que uma simples crise institucional, representando "a resposta do conjunto da classe dominante à radicalização do populismo sob o impulso da pressão popular ascendente" (SAES, 1985, p. 134), pois foi preciso "determinar que setores das camadas médias urbanas foram mobilizados pela classe dominante contra o Estado populista, assim como a forma e a orientação desta contramobilização" (SAES, 1985, p. 135). Um exemplo disso, foi a eclosão de uma série de manifestações públicas, designadas como Marcha da Família com Deus pela Liberdade²⁰, ocorridas entre 19 de março e 8 de junho de 1964, fomentadas por militares e setores conservadores da sociedade, contra as ações e o perigo do comunismo ateu do governo, representado pelo presidente João Goulart. O dominicano Frei Betto atribuiu o financiamento das marchas à CIA, Agência de Inteligência Civil do governo dos Estados Unidos²¹.

O golpe decretado em 01 de abril de 1964 foi militar, mas contou com o apoio e participação civil de empresários, meios de comunicação, políticos e setores da classe alta e média. Dreifuss (1981) apresentou que este golpe indicava que existiu não apenas a participação de civis no golpe, mas, fundamentalmente, que perdurava um projeto de classe inscrito no golpe e na ditadura. De acordo com Ghiraldelli Junior (1990, p.165) o golpe militar,

...veio ajustar a ideologia ao modelo econômico do Estado brasileiro. Tal ajuste se deu pela supressão, repressão e combate à ideologia nacionalista-desenvolvimentista, substituindo-a pelo "desenvolvimento com segurança" – a ideologia da segurança nacional da ESG (Escola Superior de Guerra) – e, concomitante, pela manutenção e incrementação do modelo econômico facilitador da atuação do capital estrangeiro no país.

¹⁹ Liberalismo Oligárquico foi a forma de governo que ocorreu no Brasil entre os anos de 1889 (Proclamação da República) e 1930 (início da Era Vargas), o país foi governado por uma elite composta por grandes proprietários rurais e pecuaristas (coronéis).

²⁰ Marcha da Família com Deus pela Liberdade, foi uma denominação apresentada para reunir o entendimento de uma série de manifestações públicas em resposta ao entendimento de uma ameaça comunista.

²¹ Disponível em: <https://anisionogueira.wordpress.com/2014/03/21/cia-financiou-igreja-em-marchas-pro-golpe-militar-diz-frei-betto/>

Na prática, a ditadura civil-militar impôs um conjunto de medidas, chamadas de Atos Institucionais, que buscavam legitimar as ações autoritárias dos governantes, estabelecendo poderes extra constitucionais. Entre os anos de 1964 a 1969 foram 17 Atos Institucionais, regulamentados por 104 Atos Complementares, com o objetivo declarado de combater a corrupção e a subversão.

No plano educacional, a ditadura militar, com a Lei nº 5.379/67, de 15 de dezembro de 1967, implementa o movimento brasileiro de alfabetização (MOBRAL), com o propósito de erradicar o analfabetismo, e como afirma Santos (2014, p.309) "representar uma demanda que precisava ser transformada a curto prazo em alfabetos aptos a se tornarem participantes no modelo urbano-industrial". O fato foi que o processo que se instaurou a partir do fortalecimento da ditadura civil-militar, segundo Romanelli (1987), foi diretamente associado a penetração mais acentuada do capitalismo internacional, que foi um fator de rompimento do equilíbrio getulista entre a expansão das indústrias e as tendências populistas. Para Romanelli (1987), a partir deste momento o modelo econômico utilizado,

...nada mais significou do que o reforço de modelo que já se vinha desenvolvendo à base da modernização dos hábitos de consumo das classes altas e médias altas e que precisava, portanto, centralizar mais os investimentos em setores que nem sempre eram básicos para o conjunto da população. (ROMANELLI, 1987, p. 196)

A expansão do ensino secundário estava articulada ao crescimento demográfico no país, ao crescimento do ensino primário, às mudanças de costumes e às exigências de maior escolarização motivadas pelo processo de industrialização. A pressão das classes médias e de segmentos das classes operárias forçava os políticos a pautar as questões da educação escolar e a abertura de ginásios públicos, principalmente em localidades onde o ensino secundário era inexistente (SILVA, 1969). A possibilidade de mais acesso aos ginásios, tornou-se inevitável, porém em condições contraditórias, visto que os recursos públicos eram insuficientes. As reivindicações por parte de segmentos da população atendiam ao anseio dos mesmos, por ser a escola um meio de reconhecimento e ascensão social (SPÓSITO, 1984).

Entre os anos de 1968 a 1970, no Estado de São Paulo, as medidas de expansão da matrícula do ensino ginásial na administração de Ulhoa Cintra²², tiveram como propósito dar maior acesso à entrada nos ginásios, em destaque a reformulação e unificação do exame de

²² Expansão do ensino ginásial em 1968 a 1970: Na Administração Ulhoa Cintra (1967-1970), a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo formulou e executou uma política de expansão maciça do ensino ginásial (AZANHA, 2004, p.339).

admissão ao ginásio. Esta medida tinha como objetivo quebrar a barreira de entrada dos candidatos até então reprovados. O novo sistema de avaliação tinha exigências mínimas proporcionando praticamente aos alunos da 4ª série do ensino primário ingressarem no ginásio. Segundo Azanha (1983, p. 112), tal medida proporcionou uma transformação na quantidade de alunos que ingressaram o ginásio de uma hora para outra, pois "o ingresso foi da ordem de 90% - quando era, então, da ordem de 10% a 15%". Esta transformação mudou não apenas a quantidade de estudantes, mas também o perfil sócio econômico dos estudantes dos ginásios, que passou receber uma maior quantidade de estudantes de outras classes sociais. Assim o Estado de São Paulo, de forma precursora, realiza ações de integrações entre os ensinos primário e ginásio.

Foi ainda em 1968, que a ditadura civil-militar iniciou as mudanças mais profundas no sistema educacional. Para isso, foi assinado uma série de convênios entre o Ministério da Educação (MEC) e a *Agency for International Development* (AID), conhecida como "acordos MEC-USAID", que tinham como finalidade a organização do sistema educacional brasileiro. As reformas principais, decorrentes dessa parceria se notabilizaram pela Lei nº 5.540/68²³ que fixou normas para a organização e funcionamento do ensino superior, e pela Lei nº 5.692/71²⁴ que reformou o ensino de 1º e 2º graus (ROMANELLI, 1987).

Dois meses depois da promulgação do Ato Institucional nº 5, de dezembro de 1968, o regime militar publicou o Decreto Lei nº 477/69, em 26 de fevereiro de 1969, que previa sanções disciplinares a docentes, alunos e funcionários de estabelecimentos de ensino, bem como penas a eles aplicáveis. Docentes foram demitidos; universidades invadidas; estudantes presos, alguns mortos, e a UNE (União Nacional dos Estudantes) foi extinta. Segundo Santana (2009, p. 295), com o decreto,

intensificaram-se as perseguições, prisões, invasões de escolas, fechamentos de entidades estudantis, evidenciando, portanto, que, a partir de 1969, militar na oposição significava assumir um risco muito maior de, a qualquer momento, ser preso, sofrer tortura ou até mesmo ser assassinado. Este último, inclusive, foi o destino de muitos daqueles que atuavam no movimento estudantil, nesse período.

De acordo com Ghiraldelli Junior (1990), neste período a crise do ensino superior tinha se acentuado em razão do desejo de setores médios da sociedade em ascenderem

²³ Lei 5.540/68 de 28 de novembro de 1968, fixou normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109783/lei-5540-68>.

²⁴ Lei 5.692/71 de 11 de agosto de 1971, fixou as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128525/lei-de-diretrizes-e-base-de-1971-lei-5692-71>.

socialmente os seus filhos, que apesar de aprovados, eram colocados como excedentes nos vestibulares, que não havia quantidade de vagas suficientes nas universidades públicas. A resposta veio com o incentivo à privatização do ensino e com a,

abertura de cursos de 3º. Grau de duvidosa idoneidade moral. Aparentemente simples, tais medidas provocaram, ao longo dos anos, uma profunda alteração na vida universitária e na qualidade de ensino. (GHIRALDELLI JUNIOR, 1990, p.175)

Com a implantação da Lei nº 5.692/71, Lei de Diretrizes e Base de 1971, o ensino primário foi transformado, sendo o ensino primário em ensino de 1º grau e, o ensino médio, em ensino de 2º grau. Assim o objetivo do ensino de 1º e 2º graus voltava-se para a qualificação profissional e o preparo para exercer a cidadania. A integração dos ensinos primário e ginásial visava uma continuidade de uma série, a outra, que obedecia aos princípios da continuidade e da terminalidade. "Esperava-se, que com esta medida, ao concluir os estudos o aluno estivesse capacitado para ingressar no mercado de trabalho" (ARANHA, 1996, p. 214). Essa nova proposta visava, sobretudo, atender aos interesses do governo militar, que seria, entre outros, o da despolitização, ao mesmo tempo em que objetivava o preparo e o aumento da força de trabalho qualificada, que atenderia à demanda do desenvolvimento anunciado pelos militares como o novo milagre econômico.

A Lei nº 5.692/71 "foi imposta pelo governo quase sem discussão e sem a participação de estudantes, professores e outros setores interessados" (PILETTI, 1995, p. 120). O objetivo de profissionalização universal e compulsória atribuído ao ensino de 2º grau não apenas deixou de atender aos propósitos estratégicos da própria lei como acentuou a crise de identidade desse nível de ensino. Para Cunha (1991) a política educacional do governo federal, consubstanciada na Lei 5.692/71, evidenciava um processo de contenção no ensino de 2º grau e no ensino superior. De acordo com Freitag (1977) as Leis 5.540/68 e 5.692/71, promulgadas num cenário marcado por pressões das camadas médias por educação, representavam uma estratégia governamental para conter a demanda por ensino superior. Na realidade, uma expressiva parte de alunos de classe média, não aceitava o acréscimo de disciplinas profissionalizantes, em detrimento da formação para a continuação no ensino superior, pois suas famílias sempre aspiraram para seus filhos o ingresso na Universidade, de preferência pública. Esse desejo fez com que as escolas particulares procurassem adequar a oferta de cursos técnicos aos programas dos vestibulares. Como afirma Ghiraldelli Junior (2015, p.164),

As escolas particulares, preocupadas em satisfazer os interesses da sua clientela, ou seja, em propiciar o acesso às faculdades e universidades, desconsideraram (através de fraude, obviamente) tais habilitações e continuaram a oferecer o curso colegial propedêutico ao ensino superior. As escolas públicas, obrigadas a cumprir a lei, foram desastrosamente descaracterizadas.

A transformação do ensino secundário para profissionalizante serviu também para a desativação da Escola Normal que exercia um papel de formação dos quadros docentes para o ensino primário em todo o país. Esta foi substituída pelo curso de Habilitação para o Magistério, o "que na prática, passou a ser reservada aos alunos que, por suas notas mais baixas, não conseguiam vagas nas outras habilitações que poderiam encaminhar para o ensino superior" (GHIRALDELLI JUNIOR, 2015, p.165). O que se constata foi que estas medidas acabaram por degradar o nível de ensino das classes populares aumentando os anos de escolarização, mas nada acrescentou de melhoria na qualidade do ensino.

A lei 5.692/71, com intenção de formação profissionalizante, assegurava em seu art. 1º: "O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania" (BRASIL,1971). No entanto seus propósitos de atribuir valores morais para mudar os rumos da educação, resultaram num fracasso, não apenas pela falta das condições materiais e físicas, pois o que se estabeleceu foi uma verdadeira desorganização com os colégios que "foram obrigados a implantar habilitações profissionais, mesmo sem as mínimas condições para tanto" (PILETTI, 1995, p. 122), além de forçar uma formação profissional compulsória aliada a uma ideologia autoritária.

De acordo com Cunha (2007), o regime militar beneficiou a iniciativa privada na área educacional, considerando que os coadjuvantes do golpe civil-militar de 1964 tinham ligações e afinidades ideológicas com os segmentos que defenderam os interesses privatistas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961. Neste sentido,

...desde os anos do "milagre econômico", a ampliação das camadas médias propiciou uma clientela ávida de escola privada, não só como símbolo de status prestigioso, mas, também, como alternativa para o ensino público que se deteriorava a cada ano, justamente por força das políticas elaboradas e implementadas pelos empresários do ensino e seus prepostos, que ocupavam os postos diretivos dos sistemas de educação, nos níveis federal, estadual e municipal. (CUNHA, 2007, p. 812)

De acordo com Cortina (1999), com a reformulação da Lei nº 5.692/71, fundiram o primário e ginásial com duração de 8 anos, de caráter obrigatório, dando origem a um cargo de Diretor de Escola. O entendimento da função de diretor, antes relacionado àquele que tivesse experiência em ambiente escolar, foi substituído pela representação do administrador, apoiado no modelo clássico da administração empresarial. Esse processo passou a envolver normas rígidas, autoridade centralizada, hierarquia, organização detalhada e avaliação de resultados. O Decreto nº.7.510/76²⁵ de 29 de janeiro de 1976, que reorganizava a estrutura da Secretaria de Estado da Educação do Estado de São Paulo demonstrava a forma que o governo entendia a estrutura organizacional em um modelo burocrático, em especial, do dirigente escolar. Para Vale (1984) a função diretiva num esquema que exerce o domínio dos subordinados com normas e diretrizes centralizadas que lhe restringe sua forma de atuação transforma-o num mero cumpridor de ordens, às vezes inadequadas à sua realidade escolar, perdendo aos poucos, a consciência de seu papel dinâmico no processo escolar. Ainda como reafirma o autor “o Diretor de Escola, numa organização burocrática de caráter público, é foco de tensão e conflitos que podem reduzir muito a sua contribuição a favor dos objetivos da Escola” (VALE, 1984, p.44). Na prática, a área de gestão escolar não tinha se consolidado no âmbito geral do sistema educacional brasileiro, mesmo considerando a importância e a responsabilidade da direção de uma unidade escolar. Alonso (1978) publicou estudos utilizando concepções desenvolvidas pela Teoria Geral da Administração. Estes estudos foram elaborados para aplicação em empresas e adaptados para a análise sobre o papel do diretor na Administração Escolar. Neste sentido, ela afirma que

As funções essenciais de um diretor de escola, entendidas a partir das modernas concepções de administração, enfatizam o aspecto decisório mais que o executório, mostrando a figura do diretor muito mais como o responsável pelo bom êxito do empreendimento escolar do que pelo seu simples e mecânico funcionamento. (ALONSO, 1978, p.184)

O livro desta autora, foi elaborado numa época marcada pela vinculação da educação aos interesses da acumulação capitalista, principalmente estrangeira, através de uma coagida modernização tecnológica, e repressão da sociedade. Para Pedroza (2011, p.4) “nas décadas de 70 e 80, o sistema escolar foi marcado pelo centralismo, autoritarismo e estruturas burocráticas padrões. A unidade escolar era organizada de fora para dentro”. Segundo Souza

²⁵ Decreto nº. 7.510/76, 29 de janeiro de 1976, Reorganiza a Secretaria de Estado da Educação. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1976/decreto-7510-29.01.1976.html>

(2006, p.96), “é possível de se observar a relação e a dependência que ambos, diretores e estudiosos do campo, provavelmente tinham em relação ao modelo político e econômico de então”. A ditadura civil-militar se notabilizou pela tentativa de padronizar e disciplinar as instituições educativas. Neste contexto, o regime civil-militar tentou transferir para os diretores das escolas a centralidade de ações de controle com enfoques repressivos e de submissão. Para Rodrigues e Aranda (2019) o papel do diretor escolar durante este período foi de,

...organizar as instituições escolares de modo que atendesse as exigências do processo. Assim, pode-se dizer que as principais incumbências desse profissional estavam centradas em controlar e fiscalizar as atividades desenvolvidas no interior da escola, com intuito de assegurar a manutenção da ordem vigente. (RODRIGUES; ARANDA, 2019, p. 833)

O período da ditadura civil-militar, a repressão violenta contra a liberdade e a livre expressão, inclusive nas instituições de ensino, contribuíram para a constituição de uma sociedade em que predominavam os interesses de grupos políticos e econômicos hegemônicos com a acelerada modernização da indústria e serviços, sustentada em um endividamento externo e abertura ao capital estrangeiro. No entanto, como afirma Luna e Klein (2014), o índice de crescimento econômico foi diretamente proporcional a uma das maiores taxas de concentração de renda, até então existente no Brasil.

Durante os anos de 1970 a ditadura civil-militar cometeu atrocidades contra os que se opunham ao regime. Neste período, estudantes, intelectuais, sindicalistas, e demais políticos engajados, foram as principais vítimas. O período retratou um dos mais cruéis momentos da história brasileira, com prisões arbitrárias, torturas, desaparecimentos e assassinatos. Jovens estudantes foram os mais atingidos. Contudo, até setores minoritários da igreja católica que durante os diversos momentos da história brasileira lutaram por princípios morais e o fortalecimento da família, passaram a reagir contra a ditadura, em prol da defesa dos direitos humanos. Dom Paulo Evaristo Arns (2003), por exemplo, foi um dos religiosos ao denunciar as torturas durante o regime militar, tornando-se um símbolo da defesa dos direitos humanos no Brasil.

Na educação, conforme afirma Ghiraldelli Junior (2015, p.165) "a ditadura militar fracassou no seu projeto educacional em todos os sentidos". Em 1982, com a Lei nº 7.044/82 a ditadura civil-militar retornou a ênfase para a formação geral, revogando a compulsoriedade profissionalizante do ensino de 2º grau; exatamente no ano posterior à aposentadoria da diretora Antonieta de Araújo Cunha.

4 O CONTEXTO LOCAL

4.1 O contexto da cidade de São Roque

IMAGEM 01: Mapa do Brasil, Estado de São Paulo, Municípios do Estado de São Paulo e São Roque.



Fonte: ResearchGate, Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Mapa-do-estado-de-Sao-Paulo-destacando-se-os-municípios-de-Sao-Roque-e-a_fig1_325578302. Acessado em: 16 de janeiro de 2020.

Em termos da realidade educacional e do ensino secundário da cidade de São Roque²⁶, entende-se que as transformações históricas de ordem sócio, econômico, política e cultural foram reflexos de uma determinada época ocorrida no Estado de São Paulo (SILVEIRA, 1989). Assim, para poder compreender essa realidade, foram resgatados elementos que pudessem contribuir para o entendimento da construção do ginásio nessa cidade.

A cidade de São Roque (IMAGEM 01) foi colonizada no ano de 1657, pelo português Pedro Vaz de Barros, conhecido por Vaz-Guassu o grande, devido aos perfis de sertanista, minerador, empreendedor rural, militar e político (BARCELLOS, 2019). Ainda, segundo o mesmo autor, a cidade localiza-se em um eixo de encontro e manutenção de tropas e a sede do povoado cresce em torno da maior fazenda da região que atendia os encontros dos bandeiristas. A propriedade foi posteriormente adquirida por Antônio Joaquim Rosa, conhecido por Barão de Piratininga, que investiu e projetou a fazenda para a produção agropecuária e vinícola (BARCELLOS, 2019). Assim, pode-se afirmar que o crescimento da

²⁶ São Roque é um município brasileiro do interior do Estado de São Paulo, distante 67 km da capital do Estado.

cidade foi influenciado pela figura colonialista e empreendedora de Vaz-Guassu, no século XVII, e posteriormente pelo Barão de Piratininga, no século XIX.

No século XIX, o Estado de São Paulo foi transformado pelo cultivo e comercialização do café que se tornou a grande fonte de riqueza e impulsionou o crescimento urbano, o desenvolvimento do comércio e a imigração. Esta transformação de ordem econômica e produtiva contribuiu para outras transformações nas estruturas urbanas da cidade de São Roque. Em termos educacionais, a mudança mais significativa ocorreu nos anos finais do século XIX para o início do XX, com a criação do grupo escolar na região de São Roque, denominado grupo escolar Dr. Bernardino de Campos (SOUZA, 1998). A criação desta unidade escolar foi influenciada pelo perfil da região produtiva, tendo em vista que, grande parte destas primeiras escolas, acompanharam a trajetória de distribuição agrícola da cultura cafeeira pelo interior do Estado de São Paulo, nas cidades de Amparo, Itu, Tietê, São Roque, Jundiá, Campinas, e Piracicaba.

Já outro fator que contribuiu para o desenvolvimento urbano da cidade, foi a construção da estrada de ferro, Sorocabana, em 1875, que ligava as cidades de São Paulo, São Roque e Sorocaba (BARCELLOS, 2019). Este meio de transporte facilitou a transformação do perfil social da cidade com a vinda de grande quantidade de imigrantes.

O setor industrial teve seu momento de crescimento com a instalação da fábrica de tecido de algodão, em 1890, pelo italiano Enrico Dell'Acqua (MELLO, 2016). Neste período, a sede da fábrica estava localizada em Salto (SP), com filiais em São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ) (SILVEIRA SANTOS, 1957). Sua representatividade na cidade de São Roque gerou três mil empregados e contribuiu para o movimento de vinda de imigrantes italianos (MELLO, 2016).

Os italianos, bem como os portugueses, foram aqueles que contribuíram para o desenvolvimento das atividades produtivas da cidade. Segundo a autora Silvia Maria Lopes de Mello²⁷, o grupo de origem italiana trouxe uma importante participação na mudança das condições sócio econômicas da cidade, e seu nível educacional contribuiu para o desenvolvimento de atividades culturais.

[...] eu acho que particularmente São Roque é uma das cidades, que do início do século 20 até a metade, manteve um patamar cultural diferente de outras cidades do interior,

²⁷ Silvia Maria Lopes de Mello, foi estudante da escola Estadual Horácio Manley Lane em 1960, filha de Luís Antônio de Mello, professor de matemática do ginásio de São Roque.

por conta da presença dos italianos, que vieram e também de famílias que já eram cultas e que existiam aqui na cidade.(informação verbal)²⁸

Os seus hábitos culturais e alimentares, com ligação com a uva e o vinho, contribuíram para a transformação da atividade econômica da cidade, com os investimentos produtivos iniciados no final do século XIX. "A vitivinicultura cresceria desde o início dos anos de 1900 até seu maior aumento produtivo como atividade econômica e produtiva em 1947" (ROMERO, 2004, p.166).

No início da década de 1940, a cidade passou por transformações na infraestrutura urbana que proporcionaram melhorias nas condições de vida da população. Assim algumas obras foram concluídas como, os sistemas de água e esgoto da cidade e calçamentos, respectivamente em 1937 e 1938 (MELLO, 1990).

Em julho de 1942 foi realizada a primeira festa da uva na cidade. Tal evento ocorreu devido à localização próxima da cidade de São Paulo e a acessibilidade pelo meio de transporte ferroviário. Nas décadas de 1940 e 1950, cresceu o setor turístico de eventos com a festa do vinho mudando o foco produtivo dos comerciantes da cidade para a comercialização do vinho e eventos turísticos (BARCELLOS, 2019). A cidade de São Roque passou ser conhecida como "cidade do vinho", com grandes eventos festivos onde se comercializavam o vinho das vinícolas locais (ALMEIDA, 2016).

Em decorrência, ocorreu a transformação da atividade agrícola de cultivo, para as atividades de comercialização e serviços turísticos e eventos. Em paralelo, houve o apoio industrial das empresas de vinho Cinzano e Gancia que investiram na ampliação de suas fábricas para a comercialização de bebidas, inclusive de vinho (MELLO, 2016). Outros fatores que contribuíram para estas mudanças, foram as dificuldades do plantio agrícola, o crescimento da população urbana e, a valorização imobiliária das terras (ROMERO, 2004).

No final dos anos de 1950 ocorreu o início da decadência produtiva da vitivinicultura com a redução do número de produtores, passando de mais de duas centenas de vitivinicultores para apenas 25 adegas cadastrados no sindicato do vinho de São Roque (SILVEIRA SANTOS, 1957). Já a década dos anos de 1960, foi marcada pelo auge da festa do vinho, que passou a ser um evento muito frequentado por um volume grande de pessoas vindas das cidades de São Paulo e outras do interior do Estado. A consequência desta grande movimentação causou transtornos para os moradores da cidade (MELLO, 2016).

²⁸ Trecho da entrevista de Silvia Maria Lopes de Mello, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice H.

4.2 A trajetória do ginásio de São Roque

O projeto do ginásio de São Roque iniciou-se no ano de 1944, até a sua criação no ano de 1947. Segundo relatos de Wladimir Nardelli²⁹, inicialmente os grupos envolvidos na criação do projeto do ginásio foram provenientes de famílias descendentes de italianos e consideradas como tradicionais.

*[...] daí surgiu esse movimento aí, depois começou a percorrer a cidade um pouco a região, e conseguiu aí a adesão de muitas famílias, as famílias mais tradicionais de São Roque, porque na verdade as famílias são-roquenses tem mais origem italiana. (informação verbal)*³⁰

As ações iniciais foram promovidas por algumas destas famílias italianas que entendiam a necessidade da continuidade dos estudos secundários de seus filhos. Algumas já tinham filhos estudando nas cidades de São Paulo e Sorocaba, sendo esta última a opção mais utilizada pela facilidade do deslocamento de trem através da ferrovia Sorocabana. Optavam ir para estas cidades pela ausência de escolas secundárias em São Roque.

Nesta época, as ofertas de trabalho para os jovens encontravam-se limitadas aos pequenos comércios da cidade. Já para aqueles que eram de famílias produtoras rurais, a opção voltava-se para a permanência no trabalho de ajuda no campo. Essa situação era considerada limitadora para os jovens, pois o trabalho na atividade rural não favorecia o desenvolvimento deles. Segundo relato de Wladimir Nardelli, os jovens tinham opções restritas de emprego e estudo.

*Então ficaram esses alunos jovens de 13, 14 anos a Deus dará? Foi então que começou a incrementar também a indústria vinícola, principalmente no lado de Canguera. Esses alunos também que estudavam no Bernardino, eles também não tinham opção, a não ser ficar trabalhando com os pais na produção do vinho, no cultivo da uva e mais nada. São Roque então tinha esse privilégio de ser uma região agrícola voltada a viticultura. (informação verbal)*³¹

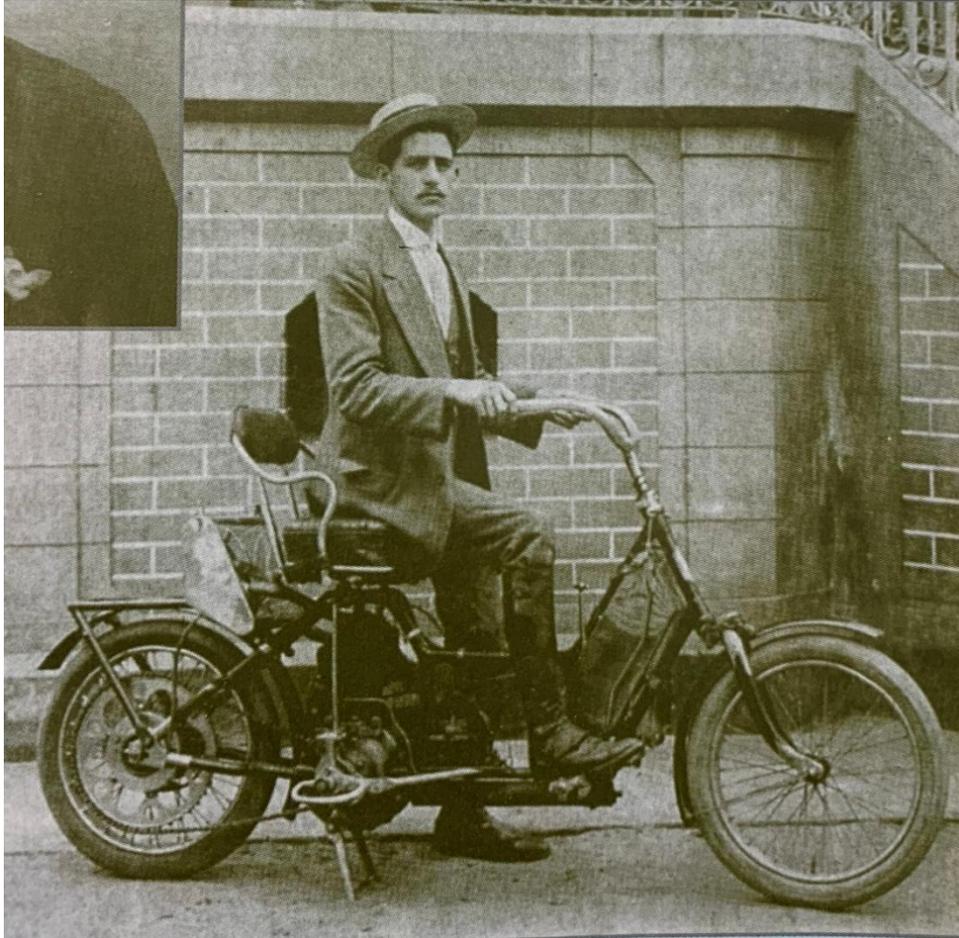
²⁹ Wladimir Nardelli tem origem familiar de descendentes de italianos, nascido e residente em São Roque. Estudou no Grupo escolar Bernardino de Campos (GE Bernardino), fez o ginásio e o colegial em ciências e letras em Sorocaba. Durante seu período colegial conheceu a Antonieta no GE Bernardino e, por sua indicação, trabalhou lecionando nesta escola. Formou-se no ensino superior em história natural na Faculdade de Filosofia da USP. Lecionou ciências no Ginásio de São Roque, durante o mandato da diretora Antonieta. Foi supervisor e posteriormente diretor do Ginásio de São Roque, logo após a aposentadoria da diretora Antonieta.

³⁰ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

³¹ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

No ano de 1944, a insatisfação quanto a perspectiva de futuro para os jovens estimulou a criação do grupo denominado Comissão pro Ginásio, com o objetivo voltado para a efetivação do mesmo. O grupo era composto por dirigentes políticos, comerciantes, professores e membros da sociedade tradicional e o senhor José Fernandes da Silva (FOTO 01), conhecido como Nenê mecânico.

Foto 01: José Fernandes da Silva, conhecido como “Nenê mecânico”.



Fonte: (MELLO, 1990, p.47).

Esse apresentou-se como principal protagonista das ações do grupo, sendo considerado por Mello (1990) como "o líder da luta pela criação do primeiro ginásio Estadual de São Roque e sua instalação em prédio próprio" (MELLO, 1990, p. 47). A participação de Nenê Mecânico foi recordada por Wladimir Nardelli.

Daí o movimento foi crescendo e o seu Nenê, o nome dele é José Fernandes, o seu Nenê conseguia apoio da região mais central, das famílias mais tradicionais e conseguia assim uma verba. Ele começou já ir para São Paulo junto das autoridades.

Naquela época quem era governador do Estado era o senhor Adhemar de Barros. (informação verbal)³²

O grupo da comissão prol ginásio desencadeou manifestações diversas como arrecadações financeiras e o apoio às ações de Nenê mecânico.

Então a população estava colaborando, principalmente com verba porque ele ia para São Paulo; o trenzinho ia, não tinha ônibus nada. Era de trem da Sorocabana que ia para São Paulo, e ele ia trabalhar lá para começar as ideias surgirem? como se diz plantar a semente para germinar em uma coisa necessária aqui. (informação verbal)³³

Nenê mecânico também almejou a existência deste ginásio por razões familiares, ao entender que seus filhos não tinham condições financeiras para realizar os estudos secundários em outras cidades. Sua conduta pessoal contribuiu decisivamente para a formação de seu filho Victor Fernandes da Silva, que se formou na primeira turma do ginásio (MELLO, 1990, p.47) (FOTO 02).

Foto 02: Valsa dos formandos da primeira turma do ginásio de São Roque em 12 de janeiro de 1952



Fonte: (MELLO, 1990, p.66).

³² Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

³³ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

A comissão prol ginásio realizou consultas públicas em campanhas de rádio e jornal direcionadas aos pais e responsáveis interessados em matricular seus filhos no ginásio. Assim foi aplicado um questionário para levantamento de informações sobre futuros alunos, publicado em 04 de novembro de 1944, no jornal local O Democrata (AVISO, 1944, p.03).

Não foram encontrados documentos de encaminhamento da criação desta escola nos registros da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. No ano de 1946, a criação do ginásio gerou reações do grupo da comissão prol ginásio com o desencadeamento de outras ações.

Uma destas ações foi relatada no jornal local, do dia 20 de maio de 1946, com o título "Oportunidade: as vantagens do ensino", que discorreu sobre a importância da educação para os jovens de São Roque.

Os homens do trabalho, da indústria, do comércio, da lavoura e demais atividade não podem prescindir da instrução. Hoje os trabalhos mais modernos requerem conhecimentos, e os indivíduos instruídos pelas escolas primárias, secundárias, comerciais e normais etc., são aproveitáveis em trabalhos intelectuais e braçais e portanto mais úteis. (OPORTUNIDADE, 1946, p.03)

Em 22 de junho de 1946, o tema do ginásio, continuou ser evidenciado pelo jornal local em outra reportagem, que realizou o registro de depoimentos de diferentes categorias sociais da cidade de São Roque, tais como, comerciante, chofer³⁴, farmacêutico, dentista, operário de fábrica, professor, mecânico, barbeiro, subtenente e o gerente da companhia de força e luz da cidade, que expressaram a evidente necessidade de implantação do ginásio e sua contribuição para a formação profissional da população juvenil da região.

É uma ótima coisa. É uma medida que vem facilitar o problema de muitas famílias. [...]

A criação do Ginásio em São Roque é coisa de necessidade imediata, dado que aqueles que aqui moram querem ter seus filhos a seu lado e nunca em lugares distantes longe de suas vistas, o que indubitavelmente provoca uma série de cuidados tais que obriga quase a que se deixe suas casas sem a cultura que hoje o mundo moderno imperiosamente exige. [...]

Ótima ideia. Isso devia haver a muito tempo, cidades com doze anos já tem colégios e ginásios e São Roque com duzentos e nas barbas de São Paulo não tem. [...]. (GINÁSIO, 1946, p.05)

³⁴ Motorista contratado para realizar serviços de transporte particular.

A participação da comissão prol ginásio ampliou suas ações para envolver pessoas influentes da comunidade de São Roque. Em 06 de julho de 1946, em uma reunião, publicada em edição do jornal local com o título "Horácio Lane adere a ideia do Ginásio"(HORÁCIO,1946, p.09), confirma a participação de Horácio Manley Lane³⁵ para presidir o grupo da comissão prol ginásio. Esta reunião teve também o intuito de confirmar a doação de um terreno para o ginásio. Assim, em 27 de julho de 1946, Horácio confirmou a transferência do terreno, de sua propriedade, na área conhecida como "Chácara Borba" de aproximadamente 11 mil hectares, para a construção do ginásio. Este ato foi relatado em reportagem com o título "Um gesto nobre e dignificante: tornada em realidade a promessa do Sr. Horácio M. Lane".

Ciente da finalidade que se destinava tal reunião em sua residência, o distinto Sr. não titubeou em reafirmar a sua promessa, e, num belíssimo gesto de desprendimento e amor a terra que para sempre o cativara, fez a doação de uma área de terreno e suas benfeitorias, situada à Avenida João Pessoa, nesta cidade, conhecida pelo nome de CHACARA BORBA, para que ali fosse construído o futuro Ginásio de São Roque, - a mais bela e ambicionada aspiração do povo de São Roque. (UM GESTO, 1946, p.10)

Assim durante o ano de 1946, Horácio desenvolveu ações políticas e intermediações entre a comissão prol ginásio e o governador do Estado de São Paulo, Adhemar Pereira de Barros³⁶. Assim o ginásio de São Roque foi criado pelo Decreto Lei nº 16.741/47 (ANEXO A), publicado no Diário oficial do Estado de São Paulo no dia 18 de janeiro de 1947.

No dia 12 de setembro de 1947, o grupo da comissão prol ginásio organizou o primeiro baile da sociedade são-roquense para arrecadar recursos financeiros para a construção do prédio do ginásio, conforme relatado em uma publicação do jornal local no dia 20 de setembro de 1947 (O BAILE, 1947, p.09).

No dia 04 de junho de 1948, numa demonstração de mobilização e apoio ao governador, a comissão prol ginásio, e o diretor já nomeado Prof. Antônio Augusto Martins, visitaram a sede do governo estadual, no Palácio dos Campos Elíseos, para agradecer a

³⁵ Residente em São Roque desde 1941 como produtor rural e empreendedor do vinho Quinta da Granada. Seu nome foi atribuído em sua homenagem ao avô, o fundador do colégio Mackenzie de São Paulo, membro representativo da elite paulistana (ESPÍRITO SANTO, 2012). Foi candidato a prefeito de São Roque no ano de 1947 e eleito vice-prefeito em 1951. Participou como presidente da comissão de criação do ginásio de São Roque e fez a doação do terreno da escola. Homenageado patrono em 01 de julho de 1955, o Ginásio de São Roque passa ser denominado Colégio Estadual Horácio Manley Lane, por Decreto de lei Nº 24.693/55 (ANEXO B).

³⁶ Primeiro mandato como governador do Estado de São Paulo, entre os anos de 1947 a 1951.

aprovação do ginásio. Este acontecimento, publicado no jornal local O Democrata no dia 12 junho de 1948, representou uma grande mobilização social de uma comitiva de 200 pessoas entre alunos, pais, corpo docente e membros da comissão.

A chegada na estação da Capital deu-se ao meio dia em ponto, onde em fila por quatro, os ginasianos, que estavam rigorosamente uniformizados, seguiram para a residência do Governador tendo em frente o Pavilhão Nacional e mais atrás, entre as filas, cartazes, com dísticos homenagens ao ilustre Presidente do Estado de São Paulo. (OS ALUNOS, 1948, p.13)

No dia 9 de outubro de 1948, a comissão visitou o governador para confirmar a intenção de construção da sede própria do ginásio. Este encontro foi relatado na reportagem com o título "Ginásio Estadual de São Roque: recebidos pelo Exmo. Snr. Governador de São Paulo". Nesta reportagem foi destacada a menção do governador sobre suas intenções voltadas para o ginásio:

Podem os senhores voltar tranquilos para São Roque, minha palavra é uma só. Quero fazer para São Roque alguma cousa boa e grande. Digam lá que em janeiro começarei a construção do prédio para o externato e do internato. Quero dotar essa cidade de uma instituição modelar no terreno da Educação. (GINÁSIO ESTADUAL, 1948, p.10)

A criação do ginásio ocorre no ano de 1947 e em 1948 foi alocado provisoriamente no prédio do grupo escolar Dr. Bernardino de Campos (GE Bernardino de Campos). Esta medida era aplicada em outros municípios, pois apresentava-se como uma alternativa de maximização de uso de espaços público e redução de despesas na área de educação (SPÓSITO, 1984). Os membros da comissão aceitaram esta decisão pois entenderam ser temporária a condição. No entanto, a alocação perdurou por longos dez anos, entre os anos de 1948 a 1958.

As primeiras ações para a construção do prédio da sede foram iniciadas após a doação da chácara, em 1947, porém logo nos anos seguintes houve sucessivas descontinuidades, até a total paralisação. Não foram encontrados registros que demonstrassem, ao certo, o momento de abandono das obras, porém no ano de 1958 a depreciação do prédio era um fato visível (FOTO 03).

Foto 03: Imagem da construção da sede do Ginásio de São Roque no ano de 1958.



Fonte: (MELLO, 1990, p.123).

Tal situação foi relatado por Wladimir Nardelli,

Abandono total. E servia de cocheira, cavalos que ficavam ali também pernoitando. A turma falava assim: não, esses cavalos, esses animais vão aprender logo a ler e a escrever. [risos]. (informação verbal)³⁷

4.3 O início da vida escolar do ginásio de São Roque

O início da vida escolar ocorreu após o primeiro exame de admissão e abertura de vagas para a primeira turma iniciou no ano de 1949. O preenchimento das vagas ocorreu por meio do processo seletivo e alguns estudantes que residiam na cidade buscaram transferência para São Roque. Segundo relato de Wladimir Nardelli, já no primeiro ano, alguns alunos retornaram à cidade para estudar devido aos custos envolvidos para estudar fora.

Então o que aconteceu em Janeiro de 48? Todos os alunos que estavam fora vieram tudo para São Roque porque seria melhor, economizaria? evitaria a viagem de trem e estariam aqui em contato com a família? (informação verbal)³⁸

³⁷ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

No ano de 1949, iniciaram-se as aulas do ginásio com o primeiro diretor do ginásio Antônio Augusto Martins, nomeado por decreto em 22 de outubro de 1947 e atuou até 29 de março de 1950, data do seu pedido de exoneração (LIVRO DO HISTÓRICO DO ESTABELECIMENTO³⁹, 1949). Sua saída provocou reações da opinião pública, encabeçadas por membros da sociedade local como Vasco Barioni, Oswaldo Perino, Mario Moretti e José Fernandes da Silva. Estes cobraram a substituição por um novo diretor, além da contratação de um professor de matemática, também ausente. Em dia 19 de maio de 1950, houve um pedido publicado com o apelo,

[...] ÀS AUTORIDADES DO ENSINO, a favor do Ginásio e dos nossos alunos, no sentido de serem preenchidos os cargos de Diretor do Ginásio Estadual de São Roque, e mais especialmente, a cadeira de Matemática, cuja falta do catedrático, desde o início das aulas, está como é sabido, prejudicando grandemente os nossos alunos, expondo-os a serem reprovados nos exames finais. (ACEFALO, 1950, p.07)

O segundo diretor foi Galileu Pasquinelli, removido para o ginásio de São Roque por concurso em 20 de junho de 1950, e sua gestão foi até o dia 31 de agosto de 1951, pois ele foi colocado à disposição na cidade de Sorocaba (LIVRO DO HISTÓRICO DO ESTABELECIMENTO, 1949). O terceiro diretor foi Iraldo Villaça, que ocupava a secretaria da escola desde a criação do ginásio, e foi designado como diretor a partir do dia 31 de agosto de 1951. Sua permanência no cargo foi até a chegada da nova diretora, Antonieta de Araújo Cunha, em 25 de abril de 1958 (LIVRO DO HISTÓRICO DO ESTABELECIMENTO, 1949).

Assim, durante os anos de 1949 a 1958, o ginásio de São Roque foi administrado por três diretores, em uma estrutura de uso compartilhado do espaço escolar com o GE Bernardino de Campos.

O quadro 03 apresenta a relação dos diretores e o tempo exercido com destaque para a diretora Antonieta de Araújo Cunha que teve o maior tempo de atuação como diretora.

³⁸ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

³⁹ O livro Histórico do Estabelecimento é um documento oficial da Escola Estadual Horácio Manley Lane e foi aberto pelo diretor Antonio Augusto Martins em 04 de agosto de 1949. Este documento está disponível nesta escola para consulta.

QUADRO 03: Relação de diretores do ginásio de São Roque com as datas entrada e saída no cargo.

Nome	Data entrada	Data saída
Antônio Augusto Martins	22 de outubro de 1947	29 de março de 1950
Galileu Pasquinelli	20 de junho de 1950	31 de agosto de 1951
Iraldo Villaça	31 de agosto de 1951	25 de abril de 1958
Antonieta de Araújo Cunha	25 de abril de 1958	06 de janeiro de 1982

Assim, no ano de 1958, a história desta escola foi marcada pela nova diretora que atuaria permanentemente entre os anos de 1958 a 1982. Esta diretora foi Antonieta de Araújo Cunha, removida por concurso⁴⁰, em 25 de abril de 1958.

De acordo com os registros existentes (LIVRO DO HISTÓRICO DO ESTABELECIMENTO, 1949), no dia 02 de maio de 1958 Antonieta chegou na escola para ocupar o cargo de direção. Seu aparecimento surpreendeu os professores, pois não houve aviso da ocupação do cargo de direção vago. Sua presença repentina foi relatada como um momento marcante.

No dia 02 de maio de 58 lá no Bernardino, no prédio velho, porque esse que está lá é novo, chega uma senhora de mala, se apresenta assim na sala dos professores como diretora da escola, se apresentou com o nome e tal e assumiu a direção da escola. A turma ficou meio assustada [riso]. (informação verbal)⁴¹

Antonieta assumiria de imediato, com uma postura firme pela ideia da efetivação do término da construção do prédio próprio do ginásio. Sua forma de atuar distinguiu um período de transformações principalmente para finalização das obras do prédio. No ano de 1959, por sua iniciativa, o ginásio foi transferido do grupo escolar Bernardino de Campos para o prédio novo e definitivo localizado na Avenida João Pessoa nº 556, São Roque - SP. Esta ação marca o início das ações de Dona Antonieta, cuja trajetória de vida será descrito no próximo capítulo.

⁴⁰ Antonieta de Araujo Cunha - da Escola Normal e Ginásio Estadual "Dr. Epaminondas Ferreira Lobo", de Itararé, para o Colégio Estadual "Horácio Manley Lane" de São Roque, na vaga de Galileu Pasquinelli, aposentado posteriormente por decreto em 13-7-1957. (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1958, p.19)

⁴¹ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

5 ANTONIETA DE ARAÚJO CUNHA

Resgatar elementos da vida da Antonieta de Araújo Cunha (FOTO 04), foi um processo de descoberta dos caminhos, oportunidades e escolhas, que foram sendo tomados e realizados por ela ao longo de sua trajetória de vida. Este capítulo foi dividido em três partes: a primeira percorreu a linha de vida de Antonieta, do nascimento, em um núcleo familiar grande, e a perda do pai, ainda jovem, seguindo pela sua formação como pedagoga e educadora sanitária pela USP; a segunda acompanhou sua trajetória profissional, principalmente como professora, entre os anos de 1948 e 1958, quando assumiu por concurso, a direção do ginásio de São Roque por 24 anos, na constituição e consolidação desta escola, até sua aposentadoria compulsória no ano de 1982; a terceira parte, final, destacou os principais elementos significativos de sua gestão nesta instituição de ensino. Nesta parte final, inseriram-se trechos dos relatos dos entrevistados que com ela conviveram e foram afetados pela sua atuação, durante esses anos.

Foto 04: Antonieta de Araújo Cunha



Fonte: Escola Estadual Horácio Manely Lane.

As informações, contidas neste capítulo, puderam oferecer indícios de como suas escolhas foram sendo tomadas, desde sua origem familiar, passando pela sua formação educacional, até os momentos de sua época adulta, que consolidaram suas escolhas profissionais. Entendeu-se, que os percursos aqui expostos, contribuiriam para o entendimento de suas ações no ginásio de São Roque.

5.1 A história de Antonieta de Araújo Cunha: família e trajetória formativa.

Antonieta de Araújo Cunha nasceu em 30 de dezembro de 1911 na cidade de São Simão, interior do Estado de São Paulo, filha de Anselmo de Araújo Cunha e Theresa Marroni Cunha, tendo oito irmãos, sendo ela a primogênita (SÃO ROQUE, 2007). Não foram encontrados registros sobre o local de sua instrução primária, porém pode-se pressupor que sua formação foi no grupo escolar da cidade de São Simão, até o quarto ano, pois sua continuidade foi conduzida, posteriormente, para os estudos do magistério. Antonieta na sua infância, interagiu com o clima social desta cidade, principalmente pela situação política da época. A cidade de São Simão se autodenomina como o "Berço da Proclamação da República"⁴², pois era uma das cidades atuantes, neste processo, no interior de São Paulo (SÃO SIMÃO, 2017). É neste contexto, que ela realizou a instrução primária no grupo escolar em São Simão no Estado de São Paulo (FOTO 05), em um ambiente político em que a constituição da República tinha como objetivo principal a remodelação da ordem social, e a confiança de que a educação deveria ser o meio para a consolidação do regime republicano, e para a construção de um país moderno. A vivência escolar da época, foi constituída numa base influenciada por elementos de moralidade, ensino de regras disciplinares, procedimentos higiênicos e convicções da Proclamação da República.

Foto 05: Grupo escolar Simão da Silva da cidade de São Simão (SP).



Fonte: Patrimônio escolar: uma saga republicana. (GORDINHO;CANNABRAVA;TEODORO;ASSENCIO, 2013, p.213)

⁴² São Simão foi uma das primeiras cidades a defender a instauração da República no Brasil. É conhecida como Berço da Proclamação da República. Das várias cidades do interior de São Paulo que participavam do movimento Republicano, foi em São Simão que os adeptos deste movimento social apresentaram, através de um vereador, em 1888, uma indicação (aprovada) que pedia a revogação do artigo constitucional do Império que afirmava que a dinastia imperante no Brasil era de D. Pedro I. (SÃO SIMÃO, 2017)

Aos 13 anos, sua vida foi marcada pela perda do pai, o que representou um momento de transformação familiar, pois trouxe um grau de dificuldade para o núcleo familiar. Sem o apoio financeiro do pai, com uma família composta por um número grande de pessoas, e sendo a primeira filha, suas decisões voltaram-se prioritariamente para busca de ações de apoio financeiro. Esses elementos indicaram os primeiros indícios da formação precoce de maturidade e que contribuiriam para as ações antecipadas de sua atividade de trabalho, todas com o intuito de garantir o sustento familiar. Antonieta enfrentou esta provação em sua nova etapa escolar no ginásio do Estado de Ribeirão Preto (FOTO 06). Neste mesmo ginásio seu caminho transcorreu na continuidade dos estudos e a carreira de magistério na década de 1920 (SÃO ROQUE, 2007).

Foto 06: Ginásio do Estado de Ribeirão Preto.



Fonte: MOTA, Otoniel. **O ginásio do Estado de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto, SP, 06 abril. 2017. Blog. Por aí. Disponível em: <https://www.revive.com.br/blog/eliane-ratier/otoni-el-mota/>. Acesso em: 08 de novembro de 2019.

A oferta de emprego na carreira de magistério no Estado de São Paulo, foi atrativa para que Antonieta escolhesse continuar os estudos nesta carreira. A decisão familiar contribuiu para a matrícula efetuada em Ribeirão Preto, durante a década de 1920. Durante, e após esta formação, Antonieta ministrou aulas como professora primária em escolas rurais do estado de São Paulo (SÃO ROQUE, 2007).

A década de 1930 foi marcada pela construção de sua carreira de magistério primário em escolas do interior de São Paulo, por meio da realização dos concursos. Assim em 1933 Antonieta prestou vários concursos: o primeiro concurso⁴³ de ingresso no magistério primário,

⁴³ Diário Oficial do Estado de São Paulo, ano I, nº117, publicado em 25 de maio de 1933, pag. 39.

na delegacia escolar de Jaboticabal do Estado de São Paulo; o segundo concurso⁴⁴ de ingresso no magistério primário na delegacia escolar de Ribeirão Preto; e o terceiro concurso de remoção e promoção⁴⁵ para o ginásio Guedes de Azevedo em Bauru.

No ano de 1937, foi designada⁴⁶ professora efetiva no grupo escolar de Ribeirão Preto, e pediu a exoneração⁴⁷ em 12 de janeiro de 1938. A família de Antonieta mudou-se para a cidade de São Paulo em 1939, e pode-se entender que esta mudança acompanhou a tendência de migração da população do interior do Estado para os centros urbanos.

Na década de 1940, Antonieta passou a atuar como professora na capital do Estado (SÃO ROQUE, 2007), e em 1943, trabalhou como professora primária em escolas no interior do Estado de São Paulo, a exemplo do concurso de remoção⁴⁸ do grupo escolar Joaquim da Cunha em Altinópolis para a escola mista da fazenda Santa Francisca em Mogi Mirim em 24 de janeiro de 1943. Ao atuar profissionalmente como professora, Antonieta encontrou ambientes educativos marcados pelo controle ideológico do Estado Novo, paradoxalmente com situações progressistas que favoreciam a obrigatoriedade do ensino aos mais necessitados. Sua formação foi também marcada pelo contexto nacional do movimento da Escola Nova, com o ideário educacional como fator essencial de humanização e a construção de uma sociedade democrática, bem como a profunda alteração de estilos de vida, com a constituição de uma elite urbana. Na prática, esta escola dita "redentora" com uma pedagogia liberal exprimia os interesses econômicos da nova burguesia urbana.

No mesmo ano de 1943, suas ações foram marcadas pela realização de curso de Educador Sanitário⁴⁹ oferecido pela Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP. Nesta época a admissão era feita por meio de "exame vestibular" ocorrido no início de cada ano (FRANÇA, 2015, p.44). Ainda segundo o autor, somente no ano de 1946 este curso passa admitir candidatos com certificado de conclusão do curso secundário completo.

O curso de Educador Sanitário tinha como objetivo a difusão dos conhecimentos de higiene e a formação de crianças nas escolas como cultas e virtuosas, constituindo-se como uma vanguarda da civilização. A formação neste curso fortalecia-se valores de vida quanto

⁴⁴ Diário Oficial do Estado de São Paulo, ano I, nº133, publicado em 31 de julho de 1933, pag. 34.

⁴⁵ Diário Oficial do Estado de São Paulo, ano XLIII, nº286, publicado em 23 de dezembro de 1933, pag. 07.

⁴⁶ Diário Oficial do Estado de São Paulo, ano XLVIII, nº96, publicado em 05 de maio de 1937, pag. 10.

⁴⁷ Diário Oficial do Estado de São Paulo, ano XLVIII, nº08, publicado em 12 de janeiro de 1938, pag. 12.

⁴⁸ Diário Oficial do Estado de São Paulo, ano LI, nº19, publicado em 24 de janeiro de 1943, pag. 03.

⁴⁹ O curso de Educador Sanitário, entre as décadas de 1920 a 1960, tinha como objetivo capacitar professores para atuação e, com isso, assegurar o entendimento e a necessidade do cuidado com a questão sanitária. A higiene passou a ser o tema principal para atuação nas escolas como uma função educativa da família. Assim, a escola passou ser o lugar de disseminação de novas condições de saúde, e o trabalho com as crianças, foi o meio mais proveitoso de fixação de novos hábitos e costumes (ROCHA; GONDRA, 2002). O curso era voltado predominantemente para mulheres (ROCHA, 2005).

aos aspectos de higiene que contribuía para uma atuação profissional. Assim pode-se afirmar que este curso passou ser de grande relevância na vida de Antonieta.

Em janeiro de 1943 foi concedida sua dispensa⁵⁰ para realizar o curso de Educador Sanitário. Em 21 de abril do mesmo ano, Antonieta solicitou afastamento⁵¹ da escola mista do Bairro Bueno em Itatiba (SP) para prestar serviços na Legião Brasileira de Assistência (LBA) (SÃO ROQUE, 2007). Entende-se, que Antonieta passou atuar nesta frente de ação, tendo em vista sua formação de educadora sanitária, contribuindo com a prestação de serviços gratuitos e assistenciais à população carente (SÃO ROQUE, 2007). Essa atividade social consolidou seu propósito de servir na formação de hábitos higiênicos e interesses coletivos.

Antonieta também buscou sua formação no ensino superior, ingressando no curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo (USP) no ano de 1943, graduando-se em 1947 (SÃO ROQUE, 2007). A USP foi criada no ano de 1934, pelo Decreto nº 6.283 de janeiro de 1934⁵², constituída na junção de faculdades, instituto e escolas. Entre estas, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e o Instituto de Educação, que tiveram como base um modelo europeu, marcado pela abertura de espaço para as ciências humanas a partir de uma formação filosófica, que de acordo com Candido (1999) influenciou a vida cultural de São Paulo, mudou e contribuiu para modificar todo o país. Antunha (1975) aponta que o Instituto de Educação teve uma duração de apenas quatro anos tendo

sido dirigido por um educador do porte de Fernando Azevedo e contado com professores da estatura de Almeida Júnior, Milton da Silva Rodrigues, Noemi da Silveira Rudolpher, Roldão Lopes de Barros, e outros dessa influente geração. Além de seus objetivos de docência e de pesquisa, o Instituto encarregava-se da preparação pedagógica (licenciatura) dos egressos da então recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Mas a vida independente do Instituto foi, nessa fase, efêmera. Em 1938, já em plena ditadura estadonovista, o Decreto Estadual 9.268-A, de 25 de julho, extinguiu o Instituto, criando, ao mesmo tempo a QUARTA SECCÃO da Filosofia, Faculdade Ciências e Letras da USP – A SECCÃO DE EDUCAÇÃO, em que transformou o Instituto. (ANTUNHA, 1975, p. 40)

Com o Decreto Estadual nº 9.268-A⁵³, de 25 de junho de 1938, o Instituto de Educação da USP, transformou-se em uma seção (curso) de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, assumindo a função de formação de magistério, e logo no ano

⁵⁰ Diário Oficial do Estado de São Paulo, ano LIII, nº24, publicado em 31 de janeiro de 1943, pag. 14.

⁵¹ Diário Oficial do Estado de São Paulo, ano LIII, nº90, publicado em 21 de abril de 1943, pag. 01.

⁵² Decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934. Cria a Universidade de São Paulo e dá outras providências. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1934/decreto-6283-25.01.1934.html>. Acessado em: 25 de janeiro de 2020.

⁵³ Decreto Estadual nº 9.268-A, de 25 de Junho de 1938. Extingue o Instituto de Educação, cria, a seção de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e dá outras providências. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1938/decreto-9268A-25.06.1938.html>. Acessado em 25 de janeiro de 2020.

seguinte, adquirindo uma perspectiva de orientação profissionalizante, formulada pelo Estado Novo que instaurou como modelo único a Faculdade Nacional de Filosofia, com a emissão do Decreto Lei nº 1.190 de 04 de abril de 1939⁵⁴ (CHAMLIAN, 1996). Observa-se que por este decreto, a formatação do curso de Pedagogia era de três anos adicionados de mais um ano do curso de Didática, o que indica que Antonieta cursou ambos durante o período dos anos de 1943 a 1946, formando-se em 1947.

A formação de Antonieta na USP, durante este período, foi marcada pela convivência com o autoritarismo do Estado Novo, entre os anos de 1937 a 1945, mas também recebeu a influência de eminentes educadores da história do Brasil, além de ter vivenciado o restabelecimento do clima democrático no país, e a busca da retomada do direito constitucional da educação para o povo brasileiro. Neste sentido, sua formação coincide com o propósito da instituição que a educação superior tivesse como finalidade a preparação de uma elite que caberia a renovação do sistema educativo e o exercício da prática escolar para as massas populares.

5.2 Trajetória profissional na educação e no ginásio de São Roque

Suas experiências profissionais na área do magistério se iniciaram ao longo de seu período de estudos na Escola Normal, e continuaram após sua formatura em Pedagogia no ano de 1947, além do curso de Educador Sanitário. Após sua formação na USP, como professora e educadora sanitária, Antonieta trabalhou na Escola Normal e Ginásio Estadual de Caçapava (SP), entre 16 de abril de 1948 a 14 de janeiro de 1954. Ela também atuou como psicologista, entre os dias 15 de janeiro a 12 de março de 1954, reforçando as relações de formação acadêmica com a prática profissional. Nessa escola, também atuou na área administrativa, ao assumir o cargo como vice-diretora do Ginásio Estadual de Caçapava (VILLAÇA, 1961).

Em 19 de março de 1954, ela foi colocada à disposição do ginásio Estadual Professor Macedo Soares, na cidade de São Paulo; e em 31 de janeiro de 1955 ela atuou como diretora na escola ginásio Estadual Pedro Brandão dos Reis, na cidade de José Bonifácio; em 07 de março de 1956, foi removida para a Escola Normal e ginásio Estadual de Itararé, período em que atuou como diretora até 26 de abril de 1958 (VILLAÇA, 1961).

As trocas de escolas, no período em questão, ocorreram devida a oferta de editais de remoção, abertos para mudanças de escolas e acumulação de adicionais de remuneração.

⁵⁴ Decreto Lei nº 1.190, de 04 de abril de 1939. Dá organização à Faculdade Nacional de Filosofia. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1190-4-abril-1939-349241-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em 25 de janeiro de 2020.

Neste cenário, Antonieta foi removida por concurso para o ginásio em São Roque em 25 de abril de 1958⁵⁵. Em 02 de maio de 1958, ela tomou posse como diretora, por um período que totalizou vinte e quatro anos, até sua aposentadoria compulsória em 06 de janeiro de 1982.

No ano de 1958, Antonieta assumiu a direção do Ginásio de São Roque, com uma conduta em prol da construção do prédio do ginásio, através de diversos atos. Sua primeira ação foi a busca do apoio político com o prefeito da cidade para finalização das obras. Novamente, Wlademir Nardelli relata que Antonieta encontrou apoio do prefeito devido à sua habilidade de articulação:

... quando ela chegou, não se conformava com a situação que estava lá em cima. Ela caiu na graça do prefeito. Ela logo procurou o prefeito, ela sabia fazer o meio de campo. E o prefeito era de uma bondade uma pessoa assim honestíssima, de gabarito das famílias de São Roque, Lívio Tagliassachi⁵⁶. Hoje o acesso tem o nome dele. E caiu nas graças dela e ele topou e falou: vamos continuar as obras do Manley Lane. Ela não pediu autorização para o governo, o governo era outro, Sr Janio Quadros que sucedeu ao Adhemar de Barros, Janio Quadros. Ela foi e topou. Uma coisa que caiu nas graças do Sr Lívio foi o seguinte, o pai da Dona Antonieta, Ele foi maçom em alto grau. (informação verbal)⁵⁷

Em outra iniciativa pró ativa, ela publicou um comunicado convocando a sociedade local à participação:

Comunicado: A diretora do Colégio Estadual Horácio Manley Lane e a congregação dos professores do mesmo estabelecimento convidam os senhores pais dos alunos, autoridades, associações, entidades da classe, professores, bem como todas as pessoas interessadas na solução dos problemas educacionais em São Roque, para uma ampla reunião a realizar-se na próxima terça feira, dia 12 do corrente, às 20 horas na sede da Sociedade União Literária, na qual serão debatidos assuntos de capital importância". (VAMOS, 1958, p.06)

No dia 20 de maio de 1958, novamente ela clamou pela atenção do poder público, viabilizando o envio de 500 telegramas para o governador do Estado de São Paulo, Jânio Quadros⁵⁸, no sentido de encontrar uma solução para a conclusão das obras. Na edição do jornal local também foi publicada a ação junto à Câmara Municipal de São Roque pedindo apoio dos vereadores. Tal ofício foi relatado, em sessão da Câmara, solicitando apoio para a

⁵⁵ Diário Oficial do Estado de São Paulo, ano LXVIII, nº90, publicado em 25 de abril de 1958, pag. 19.

⁵⁶ Prefeito da cidade de São Roque entre 01 de janeiro de 1956 a 31 de dezembro de 1956.

⁵⁷ Trecho da entrevista de Wlademir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

⁵⁸ Governador do Estado de São Paulo entre 31 de janeiro de 1955 a 31 de janeiro de 1959.

campanha de conclusão do prédio do ginásio, com o pedido de ajuda na obtenção de soluções junto ao governo do Estado de São Paulo.

Na reunião da Câmara Municipal realizada na última segunda feira foi ventilado o problema do movimento que ora desenvolvemos. Usando da palavra o Sr. Niasi Calixto Maluf leu o ofício que lhe foi enviado por D. Antonieta A. Cunha solicitando o seu apoio e o dos demais Vereadores junto ao Sr. Governador. (O PROBLEMA, 1958, p.08)

Da mesma forma que Antonieta demonstrava uma forma de agir em prol do ginásio, com claro poder de mobilização social, sua conduta se tornou uma referência para a cidade na luta pela efetivação concreta do ginásio. Antonieta assumia o papel de uma autoridade constituída pela valorização do cargo de diretor dentro deste período histórico. Ressalte-se que esta importância foi afirmada por ela, como também correspondida ao respaldo dado pelas famílias locais de classe média, que buscavam a escolarização que possibilitasse a melhoria de vida e a ascensão social de seus filhos. Esta situação refletia o fenômeno da consolidação das camadas médias urbanas, várias provenientes de áreas rurais, que passavam a buscar o alcance de graus escolares para os filhos, e posterior progresso em universidades ou em concursos públicos que possibilitassem níveis mais altos de remuneração, de prestígio e de poder.

No segundo semestre de 1958, Antonieta promoveu a mudança do prédio do GE Bernardino de Campos para o prédio do ginásio. Segundo relatos, este movimento foi coordenado pela própria diretora, que realizou a mudança à revelia do Governo Estadual, pois o prédio ainda estava em obras. A ação foi efetivada com a ajuda de um grupo de estudante, e requereu um esforço e poder de mobilização da diretora para levar móveis e material para o edifício. Os relatos de Neide Schumacker Gomide⁵⁹, Miriam Maluf de Oliveira⁶⁰ e Wladimir Nardelli enfatizam o episódio:

Ela ia para São Paulo, ficava na porta dos gabinetes das pessoas que poderiam agir, fazer alguma coisa, fazia cobranças, ia lá voltava. Sempre muito brava e exigente. Quer dizer, ela cobrava senão não saia mesmo? Depois quando chegou a construção,

⁵⁹Neide Schumacker Gomide, formou-se na primeira turma do ginásio em 1951, foi professora de português na Escola Estadual Horácio Manley Lane em 1960, aposentou em 1986.

⁶⁰Miriam Maluf de Oliveira foi estudante do ginásio de São Roque entre os anos 1958 a 1963. Em 1966 formase em Letras e inicia sua carreira como professora de Português no ginásio de São Roque. Em 1981 foi assistente de diretora na aposentadoria da diretora Antonieta até o ano de 1986.

não tinha material escolar, os alunos levavam cadeira de casa para a escola funcionar. Para não deixar como algumas construções agora que começam e ficam paradas e não sai do papel. Ela construiu aquele ginásio, o estabelecimento foi muito obra dela, do esforço dela e de todo mundo. (informação verbal)⁶¹

A Dona Antonieta, vamos dizer assim [riso], invadiu o prédio do Manley Lane, que já tinha mais de 10 anos erguido lá, foi no tempo do Adhemar de Barros governador, que ergueram o prédio. Ergueram e ficou. E aí que a gente foi pra lá, não tinha carteira, não tinha nada, a gente tinha que levar de casa, cada um levava uma cadeira, para montar as salas, e escrevia na mão, apoiava na prancheta para escrever, a minha era uma cadeira da cozinha lá da minha mãe. E de todo mundo era assim, e a gente escrevia em uma prancheta. (informação verbal)⁶²

Aquele dia da mudança foi um ato de cidadania inacreditável. A mudança das coisas do Manley Lane aqui em cima, os alunos da primeira série, com 11 anos, 12 eles vinham com material de laboratório, tinha mapas de geografia, tinha trabalhos manuais, tinha biblioteca boa, tinha laboratório, mapa de Geografia, História, tinha o que o governo mandava. Estava tudo guardadinho lá, tinha armários, cadeira, e as crianças tudo em fila, descendo lá de cima, passando pela praça e subindo a João Pessoa para descarregar o material. Foi um ato de cidadania impressionante que todo mundo aplaudiu, e ela quem organizou isso. A grande mudança. Foi assim ela conseguiu cativar a população. (informação verbal)⁶³

O ato teve como objetivo atrair a atenção para a conclusão da obra do ginásio, assim como produziu uma notoriedade da própria diretora Dona Antonieta. Ele se tornaria uma referência marcante pela sua forma de agir e sua personalidade forte, como destacado por uma professora daquela época,

Áí a dona Antonieta foi montando a escola. Terminou o prédio, pintou; daí vieram Ás carteiras, mobiliaram, equiparam e tudo mais. Mas aí isso deve ter sido, eu não tenho muita certeza; em 59 por aí, que o prédio ficou habitável [riso]. Mas a ida, mas à ida a escola; o prédio lá realmente a gente deve a ela, foi ela que brigou muito por isso e insistiu muito. Se ela não tivesse tido a coragem de levar a escola para lá antes do prédio pronto, a gente não teria ido; o governo acho que ia terminar [riso], com o tempo dele, não com a necessidade da escola. (informação verbal)⁶⁴

No dia 23 de setembro de 1958, a construção do prédio do ginásio foi retomada com a construção de algumas salas de aula. A inauguração, destas salas, foi realizada em uma

⁶¹ Trecho da entrevista de Neide Schumacker Gomide, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice E.

⁶² Trecho da entrevista de Miriam Maluf de Oliveira, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice D.

⁶³ Trecho da entrevista de Wlademir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

⁶⁴ Trecho da entrevista de Miriam Maluf de Oliveira, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice D.

cerimônia política do candidato ao governo do Estado de São Paulo, Carvalho Pinto⁶⁵, e mencionada em edição do jornal local (GINÁSIO, 1958, p.10). Paradoxalmente, o prédio do ginásio ainda não estava concluído, e a inauguração política ocorreu, sem a abertura oficial do prédio por parte do governo do Estado. Não foram encontrados registros que determinassem uma data específica de conclusão total deste prédio. No entanto, as obras progressivamente foram sendo realizadas por ações e iniciativas da diretora Antonieta, e as atividades foram sendo realizadas no edifício inacabado.

5.2.1 A consolidação do ginásio, Escola Normal e instituto de educação

A partir do momento em que Dona Antonieta assumiu como diretora no novo local do ginásio, iniciou-se a estruturação da escola. No dia 07 de setembro de 1958 foram criadas duas comissões com objetivo de interagir com a sociedade, a Associação de Pais e Mestres (APM) e o Órgão de Cooperação Escolar (OCE) (LIVRO DE EXTRATO, 1965). O primeiro grupo, com pais ou responsáveis, tinha o objetivo de acompanhar a vida escolar dos alunos, já o segundo grupo direcionava-se para esforços de arrecadação de recursos financeiros para a escola.

Segundo relato de Miriam Maluf de Oliveira, a composição destes órgãos era efetivada pela própria diretora, que previamente convidava os membros a participar dos processos seletivos para a formação deles. Esta foi sua forma de agir mantendo o controle da direção, da direção da escola.

A relação que ela tinha com a comunidade escolar era uma relação que acontecia somente entre a Associação de Pais e Mestres, que era obrigatório, mais aí também entrava, entrava uma questão assim. O presidente da associação era alguém que ela queria, entendeu? A formação dessa associação também era. Ela formava essa associação . Pai do fulano, pai do fulano. E era uma entidade assim que, que não tinha assim muita autonomia , teve um pouco de autonomia, quando... Mas fora disso era bem, vamos dizer assim, a Dona Antonieta era presidente da APM [riso], ela decidia e fazia. O gasto do dinheiro que vinha que o governo mandava e tudo mais era tudo assim administrado por ela, era a forma dela fazer . (informação verbal)⁶⁶

⁶⁵ Governador do Estado de São Paulo entre 31 de janeiro de 1959 até 31 de janeiro de 1963.

⁶⁶ Trecho da entrevista de Miriam Maluf de Oliveira, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice D.

Antonieta também iniciou ações para a criação da Escola Normal, para a formação do magistério. Sua experiência formativa, realizada nos anos de 1930, contribuiu para seu envolvimento na constituição da Escola Normal através de sua vivência e influência política para buscar concretizar esta criação. Assim segundo relatos, o curso normal foi um projeto pessoal.

*Para dona Antonieta, para todas as realizações. Mas ainda falta uma coisa. Falta uma coisa que era a menina dos olhos dela, falta uma coisa. [...]
Mas agora o que ela queria mesmo, era mais um curso aí. E isso veio acontecer nos idos de 63, 64. Trazer a Escola Normal, magistério, formação de professores do antigo primário. Você entendeu? Formação de professores, professorinhas. Isso foi uma conquista impressionante. Tudo porque ela tinha conhecimento, ela era respeitada lá em cima e as intenções dela eram sempre boas. (informação verbal)⁶⁷*

Um aspecto significativo para a criação da Escola Normal foi a questão da ascensão social, pois a escola representava a possível continuidade dos estudos para o ensino superior e maior oportunidade de emprego. A viabilidade dos estudos da Escola Normal para o ensino superior se inseria em atos, da década de 1950, pois o governo do Estado de São Paulo implementou um vínculo entre o ensino secundário e o ensino superior. "... o Decreto nº 19525-A⁶⁸, de 27 de junho de 1950, determinou que o Curso Normal em São Paulo garantisse o acesso ao ensino superior" (FURTADO, 2007, p.59).

Assim, no final da década, configurou-se uma nítida relação dos cursos secundários, e da Escola Normal, como cursos preparatórios para a continuação dos estudos em nível superior, ou para uma melhor profissionalização, sendo então o ensino na Escola Normal valorizado como a alternativa de ensino, e de emprego. Tal circunstância demonstrava que o Ginásio de São Roque se consolidava definitivamente com o perfil dos estudantes da classe média local, reforçando uma característica elitizada conforme o depoimento de José Roberto Miller⁶⁹

⁶⁷ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

⁶⁸ Decreto nº 19.525-A de 27 de junho de 1950, institui o regimento interno das Escolas Normais Oficiais do Estado de São Paulo, aprovado pelo Governador do Estado de São Paulo, Adhemar de Barros, Disponível em: www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1950/decreto-19525A-27.06.1950.html

⁶⁹ José Roberto Miller, foi estudante do ginásio de São Roque em 1968, foi professor de história, geografia e estudos sociais na escola Estadual Horácio Manley Lane em 1972, filho da inspetora de estudantes Libéria Rabecchini.

Era quase elitista a escola. Para você entrar no Manley Lane você passava por um vestibular. Exame de Admissão. E as vagas eram poucas pelo número de alunos. Então entravam aqueles que recebiam em casa, maior apoio. Uma classe vamos dizer A e B da cidade, não do Brasil. A classe C ainda tinha chance. Agora a classe D não. Eles acabavam a 4º série e já caíam no mercado de trabalho. A grande maioria. A grande maioria, não é que alguns não conseguiam claro o perfil era da classe A e B, alguns da C e pouquíssimas da D. (informação verbal)⁷⁰

Em termos locais, o projeto de criação da Escola Normal de São Roque foi coordenado pelo deputado estadual Derville Allegretti que criou o projeto de Lei nº 1.070⁷¹ de 19 de agosto de 1957, o qual foi aprovado na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. No entanto, este foi vetado pelo governador Jânio Quadros. Após este momento, a trajetória de criação desta escola continuou com outros dois projetos de Lei estadual nº 1.112⁷² de 04 de julho de 1958, e novamente com outro projeto de Lei nº 1.178⁷³ de 17 de julho de 1958. Ambos foram retirados para reexame e passaram por um período de revisão, sem definição quanto à criação da Escola Normal de São Roque.

Diante da indefinição quanto ao futuro, iniciou-se na cidade um movimento de campanha em prol da Escola Normal, realizado por políticos locais e a direção do ginásio, que apoiou com movimentos estudantis para chamar atenção dos governantes. A edição do jornal O Democrata do dia 18 de junho de 1960 registrou o movimento dos estudantes:

Diante desse impasse, há dias lançamos nova campanha e pelo que se apura, tomou vulto; alunos do Colégio Estadual compreendendo a situação, cerraram fileiras à campanha e num gesto significativo então enviando inúmeros telegramas às autoridades estaduais solicitando providências ao governador do Estado, para urgente criação de curso Normal nesta terra. Vão além os denodados alunos do "Horácio Manley Lane" e a noite escrevem no asfalto dísticos relativos à campanha, solicitando apoio de todo o povo de São Roque que é necessário a criação de Escola Normal em São Roque, porque este município vem provando com algarismos que comporta esse curso o que evita que numerosos alunos viagem diariamente para Sorocaba e para a Capital Paulista afim de estudarem naquele curso. Além disso, inúmeros jovens são-roquenses que já terminaram o curso ginásial, não têm recursos para estudar fora deste Município. (CRIADO, 1960, p.10)

⁷⁰ Trecho da entrevista de José Roberto Miller, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice F.

⁷¹ Projeto de Lei nº 1.070 de 19 de agosto de 1957, Assembleia Legislativa de São Paulo Secretaria Geral Parlamentar e Sistema de Processo Legislativo, Autoria do Deputado Estadual Derville Allegretti, ementa cria uma Escola Normal em São Roque, Disponível em: www.al.sp.gov.br/propositura/?id=986299

⁷² Projeto de Lei nº 1.112 de 04 de julho de 1958, Assembleia Legislativa de São Paulo Secretaria Geral Parlamentar e Sistema de Processo Legislativo, Autoria do Deputado Estadual Antônio Pinheiro Camargo Júnior, ementa propõem criar uma Escola Normal em São Roque, Disponível em: www.al.sp.gov.br/propositura/?id=964336.

⁷³ Projeto de Lei nº 1.178 de 17 de julho de 1958, Assembleia Legislativa de São Paulo Secretaria Geral Parlamentar e Sistema de Processo Legislativo, Autoria do Deputado Estadual Francisco Scalamandrê Sobrinho, ementa propõem criar uma Escola Normal em São Roque, Disponível em: www.al.sp.gov.br/propositura/?id=963910.

Mesmo havendo tais movimentos, o projeto continuou sendo adiado por parte do governador Jânio Quadros, que teve como fundamentação o controle dos gastos públicos do Estado de São Paulo. O governador, nesta época, entendia que o Estado passava por excessivos pedidos de criação de escolas provocando um estado de descontrole orçamentário. Uma nova ação política foi, então, provocada pelo deputado estadual Scalamandrê Sobrinho, que usou de um artifício para contornar as sucessivas recusas pelo governador, sendo proposto o projeto de Lei nº 1.307⁷⁴ de 07 de julho de 1959 para criar o Instituto de Educação de São Roque. Esta estratégia foi demonstrada em uma reportagem do jornal local no dia 27 de agosto de 1960.

Como existiam já 2 projetos criando Escola Normal em São Roque e os dois se encontravam paralisados nas Comissões, o Dr. Scalamandrê Sobrinho achou mais interessante e mais produtivo a apresentação de um projeto de lei criando o Instituto de Educação, o que num de seus cursos inclui o da Escola Normal. (ESCOLA, 1960, p.09)

Esta ação política do deputado, teve sucesso, pois o Instituto de Educação em São Roque foi criado pelo governador Carvalho Pinto, pela Lei nº 5.823⁷⁵ de 16 de agosto de 1960. O Instituto de Educação foi constituído para oferecer além dos cursos de grau médio, cursos de especialização, de administradores escolares, acompanhando as prerrogativas estabelecidas na Lei Orgânica do Ensino Normal, criada pelo Decreto lei nº 8.530/46 de 02 de janeiro de 1946⁷⁶.

Ao longo do ano de 1964, Antonieta envolveu-se em ações de estruturação do Instituto de Educação e a escola com o curso primário anexo, viabilizada em 03 de junho de 1964, com a abertura de quatro classes (LIVRO DO HISTÓRICO DO ESTABELECIMENTO, 1949, p.23).

Os esforços de Antonieta também foram dirigidos para a consolidação do Instituto, principalmente na ampliação do corpo docente da escola, na criação do curso primário para o fortalecimento dos estágios dos futuros professores, e na criação do ginásio noturno, relatados por Wladimir Nardelli (2019):

⁷⁴ Projeto de Lei nº 1.307 de 07 de julho de 1959, Assembleia Legislativa de São Paulo Secretaria Geral Parlamentar e Sistema de Processo Legislativo, Autoria do Deputado Estadual Francisco Scalamandrê Sobrinho, ementa propõem criar um Instituto de Educação em São Roque, Disponível em: www.al.sp.gov.br/propositura/?id=967923.

⁷⁵ Lei nº 5.823/60, 16 de agosto de 1960, dispõem sobre a criação um Instituto de Educação em São Roque, Disponível em: www.al.sp.gov.br/repositorio/legistacao/lei/1960/lei-5823-16.08.1960.html.

⁷⁶ Decreto-lei nº 8.530/46, 02 de janeiro de 1946, Lei Orgânica do Ensino Normal, Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/De18530.htm.

Porque ela conseguiu depois além do científico [FOTO 07], nos idos 60, ela conseguiu trazer o ginásial noturno. Foi uma coisa extraordinária, para os alunos que trabalhavam e que vinham de todos os bairros aí de São Roque, de Mairinque, de Alumínio, aqui de Itapevi; vinham para cá, porque não tinha ginásio nos arredores. O ginásio noturno veio graças ao empenho dela, ela tinha muita amizade no Departamento de Educação; ela passava até por cima das autoridades lá do palácio, porque ela tinha muita segurança com o pessoal lá do departamento. (informação verbal)⁷⁷

Foto 07: A diretora Antonieta (em destaque) e estudantes do 3º ano científico em 1958



Fonte: (MELLO, 1990, p.123).

Para Antonieta a Escola Normal e o Instituto de Educação eram tudo, eu acho. Porque voltava-se para as normalistas; tanto assim que foram criados a Escola Normal, também o governo criou por decreto o curso primário anexo. Mas era preciso fazer, colocar em prática, e a diretora fez. Assim foi criado o curso primário. Que é o curso primário anexo? Você Lembra? Estágio. Então daí, veio também no pacote o curso primário anexo; funcionava lá em cima, com 4 salas. Vieram também professoras efetivas por concurso. E as alunas faziam estágio, e davam aula, contribuindo para a formação pedagógico. Não é isso?. (informação verbal)⁷⁸

⁷⁷ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

⁷⁸ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

O curso primário anexo ao Instituto de Educação representava não apenas numa simples base de apoio, mas também era entendido como escola experimental de métodos e técnicas de ensino e treinamento das alunas. Serviu, de fato, como real laboratório de estágios para atividades pedagógicas das estudantes da Escola Normal.

Antonieta estruturou o Instituto de Educação com conhecimento técnico pautada em sua própria experiência. Em termos práticos, a escola anexa facilitou a realização das atividades complementares da Escola Normal, mas principalmente tornou-se elemento atrativo do projeto do curso normal, pois os estudantes permaneciam no ambiente físico da escola, sem a necessidade de busca por estágios em outros lugares.

O Instituto de Educação, em geral, e principalmente a Escola Normal, proporcionaram maiores oportunidades na carreira de magistério, com formações complementares e iniciação em atividades de trabalho, indicando caminhos para a melhoria de vida e ascensão social de diversas pessoas.

Os anos seguintes, que se estima a partir de 1967, foram marcados por transformações do número e perfil sócio econômico dos estudantes. Estas mudanças são devidas as iniciativas expansionistas implementadas por Ulhoa Cintra no Estado de São Paulo (AZANHA, 2004). Nestas circunstâncias, o Ginásio de São Roque, passou de um estado de predominância de estudantes com maior poder sócio econômico, considerados de classe média e alta, para a ampliação de outras classes sociais mais populares. Esta transformação não ocorreu de forma tranquila, como afirma o relato apresentado por Miriam Maluf de Oliveira.

Quem frequentava a escola era um pessoal com mais possibilidade, poder aquisitivo. Quando a escola começou a se abrir, tornava mais popular, para a população em geral aí é a dificuldade dela foi maior. Porque de qualquer forma ela teve que lidar com um outro tipo de aluno, e um aluno que vinha muitas vezes com mais dificuldade para escola. Embora não seja, não dá nem para comparar com hoje. Mas de qualquer forma escola começou a se modificar. Mas ela não se modificou. Ela se manteve lá naquela escola, do que pode e não pode o que é permitido que não é permitido. Na mesma forma de organização da escola, coisa que ela não conseguiu manter mais. (informação verbal)⁷⁹

Outro momento de transformação ocorreu a partir dos anos de 1970. Com a interferência da ditadura civil-militar em quase todos os aspectos políticos e sociais do Brasil, as instituições de ensino tiveram que adotar uma nova orientação que priorizava o novo ideal da educação de segundo grau direcionado para a formação de jovens aptos para as ocupações

⁷⁹ Trecho da entrevista de Miriam Maluf de Oliveira, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice D.

no mercado de trabalho. Assim, em São Roque, no dia 16 de março de 1971, Antonieta iniciou as ações para adaptar a escola aos ajustes do novo ensino de segundo grau e adotar um conjunto de habilitações profissionais nas áreas de ciências contábeis e administrativas, ciências físicas e biológicas, pedagogia, e ciências humanas (LIVRO DO HISTÓRICO DO ESTABELECIMENTO, 1949).

Antonieta se ajustou ao clima político imperante no país moldando seu comportamento às novas diretrizes impostas pelo regime militar. O momento histórico favoreceu o maior controle das ações estudantis, e Antonieta reforçou sua forma de agir voltada para a manutenção da ordem com a ajuda de inspetores de alunos. Em 18 de julho de 1972, estabeleceu as regras sobre "O que compete ao Inspetor de Aluno" em regimento interno nº174 e transmitiu em reunião administrativa as competências dos inspetores. Nos registros escolares (LIVRO REUNIÕES DOS FUNCIONÁRIOS, 1972, p.01-02) foram determinadas as regras a serem executadas pelos inspetores tais como: entrada e saída dos alunos, ausência das aulas, contagem de alunos, e verificação das listagens de presença. Os padrões de controle foram estabelecidos nas frequências nas aulas, cumprimento de horários e comportamento em sala de aula. Os inspetores deveriam registrar tais ocorrências diariamente e repassar para a direção com as informações atualizadas.

Em 23 de janeiro de 1976 houve a transformação da estrutura do ensino com a oficialização do Instituto Estadual de Educação Horário Manley Lane para Escola Estadual de 1º e 2º graus Horário Manley Lane:

O Sr. Secretário de Educação

Conforme Resolução SE nº20 de 23-1-1976, DO de 24-1-1976, no uso das atribuições e com base nos Decretos 7.400 de 30-12-1975⁸⁰ e 2.957 de 04-12-1973⁸¹, e ainda considerando o disposto no plano estadual de implantação da Lei nº 5.692/71, aprovado pelo parecer 990/72 do CEE, resolve:

Transformar o IEE "Horácio Manley Lane" em Escola Estadual de 1º e 2º graus "Horácio Manley Lane"

Extinguir o curso primário anexo ao IEE "Horácio Manley Lane", cujas classes ficam incorporadas à Escola Estadual de 1º e 2º graus "Horácio Manley Lane". (LIVRO DO HISTÓRICO DO ESTABELECIMENTO, 1949, p.26)

⁸⁰ Decreto nº 7.400/75, de 30 de dezembro de 1975, estabelece a estrutura da rede oficial de ensino do Estado e dá providências correlatas. Disponível em: www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/1975/decreto-7400-30.12.1975.html

⁸¹ Decreto nº 2.952/73, de 04 de dezembro de 1973, dispõe sobre normas para a denominação de estabelecimentos oficiais de ensino de 1º e 2º graus do Sistema de Ensino do Estado de São Paulo. Disponível em: www.al.sp.gov.br/norma/144487

A transformação ocorrida na escola foi sua perda de referência na contribuição e colaboração na formação principalmente para a classe média. Antonieta passou auxiliar na manutenção da ordem escolar para o regime civil-militar, que impunha diretrizes autoritárias, como a maior quantidade de estudantes de diferentes classes sociais.

Até o momento de sua aposentadoria, início do ano de 1982, Antonieta permaneceu administrando situações que ressaltavam sua índole disciplinadora. Os procedimentos totalitários do regime civil-militar e a imposição da abertura do ensino para a qualificação profissional das classes populares, trouxe como contrapartida a ênfase no controle burocrático, a subordinação de professores e da direção, além da exigência de disciplinas como a Educação Moral e Cívica (VARGAS; SANTOS, 2012). Antonieta se adaptou a estas circunstâncias, contudo, ressaltando que o caminho percorrido de sua atuação profissional desde o momento de sua chegada, em 1958, na constituição do ginásio de São Roque, não foi apenas delineado por feitos relevantes, mas se constituiu também por elementos polêmicos de sua conduta no cotidiano de sua gestão, que serão evidenciados a seguir.

5.3 A gestão de Dona Antonieta: elementos significativos

O ginásio foi, principalmente ao longo da década de 1960, moldado pela conduta da diretora Antonieta de Araújo Cunha, conhecida por Dona Antonieta⁸². Sua maneira de agir foi fortalecida pelas suas convicções pessoais, pelo entendimento sobre o cargo de direção e pela sua formação com base nos aspectos morais e no cuidado da saúde e da higiene. Estes elementos foram reforçados continuamente, no exercício de sua função, por grande parte da sociedade local, provocando um efeito na formação dos estudantes. A conduta de Dona Antonieta, foi reconhecida e recordada nos trechos de relatos dos participantes entrevistados.

Assim, sua maneira de lidar com a escola foi reconhecida pelos segmentos hegemônicos da sociedade, pois a escola era considerada um modelo de qualidade, com alto nível de ensino, bons professores e uma rígida disciplina. A entrevistada Miriam Maluf de Oliveira descreve como a diretora atuava na escola, contribuindo para reforçar a imagem de uma escola com bom padrão de qualidade.

Dona Antonieta teve uma influência grande assim, na forma como essa escola se manteve. Durante todo o período dela, foi uma escola assim que nunca perdeu. Nunca perdeu a posição que tinha dentro da cidade. Embora tivesse assim ela brigava com

⁸² A diretora é lembrada como Dona Antonieta, um pronome que remetia ao respeito e reconhecimento da autoridade de seu cargo.

pai, pai brigava com ela, essas coisas, mas era uma escola assim de que andava muito bem estruturado e no aspecto de quem entrava e quem saía da escola. Havia um nível bom de ensino, mas é uma característica da época também. A maioria das escolas era muito boa porque havia uma seleção de alunos também. (informação verbal)⁸³

Valores atribuídos ao ginásio fizeram parte do imaginário social da cidade. A instituição foi considerada de excelência, sendo que, tal fato, passou a ser confrontado com a situação de desagregação física progressiva da escola.

Gente diz que ela foi a melhor diretora desta escola, e que o ginásio nunca foi o mesmo com sua saída. Essa parte de saudosismo, eu acho que tem muito a ver com os momentos que se apresentaram na escola daquela época. Em relação a você pegar a escola hoje. Então é meio comum assim você encontrar uma pessoa e ela dizer assim: nossa, que judiação o Manley Lane. Você viu que jeito que está porque tá quebrado, porque tá isso, porque aluno fica fora, porque o portão não fecha. Na época de Dona Antonieta, não era assim. Nunca ela permitiria. (informação verbal)⁸⁴

E aí acho que esse lado dela que as pessoas hoje idealizam. Falam que aquela escola era ótima! Não sei se era em muitos aspectos. Poderia ser pela ordem pela limpeza entendeu? (informação verbal)⁸⁵

A questão da idealização, colocada a seguir por Mello, encontrou ressonâncias em diversos relatos que assinalaram opiniões sobre as ações de Dona Antonieta consideradas polêmicas, controversas, autoritárias, e até necessárias.

Mas a Dona Antonieta era uma figura que é marcante para minha geração falar dela hoje, mas não que ela representasse uma autoridade. Tanto no sentido de autoridade que vai te influenciar, quanto no sentido autoritário que ela representasse alguém que as pessoas obedecem por medo. (informação verbal)⁸⁶

Olha em relação assim a Dona Antonieta eu acho que é uma figura, que fez muito pela cidade sabe. Muito pela escola. De uma forma não muito usual vamos dizer, com a forma como ela tratava as pessoas a posição dela dentro da escola. Ela era muito personalista, muito segura vamos dizer assim, do poder que ela tinha. Mas construiu muito, sabe? (informação verbal)⁸⁷

⁸³ Trecho da entrevista de Miriam Maluf de Oliveira, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice D.

⁸⁴ Trecho da entrevista de Miriam Maluf de Oliveira, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice D.

⁸⁵ Trecho da entrevista de José Roberto Miller, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice F.

⁸⁶ Trecho da entrevista de José Roberto Miller, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice F.

⁸⁷ Trecho da entrevista de Miriam Maluf de Oliveira, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice D.

... ela tem muito, muito mais pontos positivos do que negativos. Antonieta era uma pessoa polêmica. Um pouco instável, mas de coração grande. Ela fazia de tudo para a escola, ela considerava a escola como a segunda casa dela. (informação verbal)⁸⁸

Ela tinha uma personalidade difícil. Mas ela conseguiu. São Roque deve muito a ela. São Roque nesses 24 anos, a população deve para ela toda essa geração que atua hoje em São Roque deve gratidão a ela, um pleito de gratidão. (informação verbal)⁸⁹

... porque eu conheci dois lados. Dois lados. Duas faces dela. E não sei.... a minha visão não é muito agradável não. Uma parte entrava em choque com a outra, e no fim, no fim eu não me ajitei muito bem na escola..., mas eu notava, desde aquela época que eu era aluno, até a minha época de professor....eu não sei explicar bem. Uma áurea meio negativa sabe? De relação dela com aluno e relação dela com os professores. (informação verbal)⁹⁰

Temperamental ela era. (informação verbal)⁹¹

A variação de comportamento, considerada como instável no trato das pessoas, foi pautada por modos intempestivos, intensos, com intervalos de calma, que caracterizaram em diversas ocasiões seu modo de agir. Os relatos demonstram que este foi o modo como a diretora tratava os alunos e professores, gerando discussões e conflitos.

Instabilidade, instabilidade de querer chegar na perfeição. Então essa instabilidade dela era muito gritante; ela tinha assim, que os alunos temiam era o grito. Eu vejo isso assim como uma instabilidade emocional nela. E de repente cessava tudo, estava tudo muito boa. (informação verbal)⁹²

Mas a relação da Antonieta com os alunos e professores, era na base do grito. E isso não me agradava e não agradava os alunos. Na época de aluno a única coisa que eu consigo me lembrar dela eram os gritos. E isso me fazia mal, eu tinha medo. E a hora que eu entrei, como professor, eu levava isso ainda, entende?. (informação verbal)⁹³

Existia muito também uma grande divergência com alguns professores. Uma divergência que acabava refletindo na gente como aluno. Você sabia assim. Como ela era muito brava, muito exigente, e ela gritava com a gente, enquanto aluno. (informação verbal)⁹⁴

⁸⁸ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

⁸⁹ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

⁹⁰ Trecho da entrevista de José Roberto Miller, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice F.

⁹¹ Trecho da entrevista de Neide Schumacker Gomide, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice E.

⁹² Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

⁹³ Trecho da entrevista de José Roberto Miller, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice F.

⁹⁴ Trecho da entrevista de Miriam Maluf de Oliveira, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice D.

As minhas lembranças minhas assim dela, eu considero assim ela sempre ela me respeitou no sentido assim; ela sempre teve esta postura de gritar com professor, existia este lado dela assim. [...]

Acontecia muito assim, de vez em quando dava assim umas grandes discussões no corredor da escola, tinha umas ações assim. E o tempo todo que ela esteve aqui, teve esta questão de desentendimentos e discussões e processos, sabe? Mas hoje me parece que era uma coisa que a adrenalina dela funcionava assim, no fundo da história ela gostava daquele desentendimento, daquela questão de advogado, que chegava nisso assim, se xingavam assim (risos). (informação verbal)⁹⁵

As questões associadas à limpeza ou a higienização presente nas atitudes da diretora, foram os elementos apresentados nos relatos. Pode-se entender que estas atitudes de Dona Antonieta são provenientes de sua formação nos ensinamentos de seu curso de educação sanitária. Ela buscou o rompimento de atitudes de higiene, para uma realidade diferente que ainda predominava numa sociedade não plenamente instruída em seus hábitos familiares. Entende-se que havia famílias que ainda mantinham costumes derivados de uma convivência do meio rural. Assim, suas atitudes imperavam em ações de ordem e disciplina, representadas como central no seu papel da escola, com objetivo de manter a escola arrumada e limpa.

E também tinha a questão da limpeza. Ai se ela visse um papel de bala no chão, ela já gritava. A gente escutava os gritos dela. Para limpar aquilo lá. Olha... e não era sujeira. Às vezes era um papel de bala, uma folha de caderno amassada, alguma coisa assim. Mas era a limpeza do prédio, a ordem do prédio. O jardim tinha que estar impecável, não podia ter um matinho no canteiro. Ela era assim, era o prédio e não os alunos. Era o prédio, a ordem do prédio. (informação verbal)⁹⁶

A disciplina, a limpeza, o bom funcionamento. Acho que tudo isso se deve a ela. Alunos que brigavam que reclamavam hoje em dia eles falam: No tempo da dona Antonieta hein, não era assim. Era bem melhor, tinha disciplina, tinha ordem. Ela era muito exigente com a disciplina. (informação verbal)⁹⁷

Seu envolvimento era realmente para a escola, assim que aluno não tivesse fora de sala, que a escola tivesse limpa, que não tivesse papel no chão. E ela gostava de mandar aluno catar papel e aí dava uns rolos monumentais. (informação verbal)⁹⁸

Era crucial para Dona Antonieta produzir um marco referencial de uma sociedade que tivesse a obediência como referencial de uma organização social. Neste sentido, a escola

⁹⁵ Trecho da entrevista de Miriam Maluf de Oliveira, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice D.

⁹⁶ Trecho da entrevista de José Roberto Miller, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice F.

⁹⁷ Trecho da entrevista de Neide Schumacker Gomide, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice E.

⁹⁸ Trecho da entrevista de Miriam Maluf de Oliveira, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice D.

desempenhava um papel importante, pois as famílias, principalmente pela lógica católica predominante, aparentavam não ter o esforço ético e da disciplina como uma condição necessária para o êxito material na vida. Dona Antonieta trazia com sua própria história de esforço pela sobrevivência, além da formação universitária nos princípios da Escola Nova em que os alunos deveriam assumir as responsabilidades da sua própria existência para que pudessem participar dos problemas da ordem política do seu país. Ela assumia tal finalidade como uma missão disciplinadora que tinha como paradoxo a situação das famílias dos núcleos de classe média da cidade de São Roque. Estas famílias tinham como finalidade apenas a condução do ensino secundário como preparatória para o ensino superior, e não a educação para ensinar a viver, ou a trabalhar.

Dona Antonieta desempenhou funções no processo de ensino pautados na disciplina. Seu ordenamento se estendia para o controle da aparência do corpo, do corte de cabelos e do alinhamento dos uniformes. Tais situações se apresentam nos relatos de Neide Schumacker Gomide, Miriam Maluf de Oliveira, José Roberto Miller, Wladimir Nardelli e Juarez Pedroso⁹⁹.

O que eu podia falar mais dela assim que com aquela exigência toda dela com os alunos, que era corte de cabelo, uniforme, fila, não jogar papel no chão. Todo mundo vai catar papel. Tinha gente que ficava brava, pais que ficavam bravos. Mas faziam o que ela mandava e mantinham a escola limpa e em ordem. (informação verbal)¹⁰⁰

Outra coisa era a questão assim de uniforme e como os estudantes vinham para a escola limpos e organizados, e como era a sua postura na sala de aula, mas eram coisas de disciplina assim. No começo a gente tinha uniforme que era obrigatório. Tinha um sapato para você ir para escola. Diziam assim que ela contava os furos dos sapatos [riso]. Não era verdade, mas era o que dizia [riso], a coisa chegava num tal exagero, tanto da parte dela como da parte dos frequentadores que diziam que ela contava os furos dos sapatos. Que a gente tinha que parar na porta para ela contar os furos sabe [riso]. [...]

Você não entrava sem uniforme e o comprimento da saia. Ai quando aparece a saia mais curta então você via toda a meninada com a saia enrolada na cintura para que ela ficasse mais curta, aí na hora que chegava na porta da escola puxava a saia [riso], que ela tivesse num comprimento adequado para que você pudesse entrar. Então esse tipo de coisas existia muito, sabe. (informação verbal)¹⁰¹

A rigidez com o uniforme, sabe? As moças com saia abaixo do joelho não sei quantos dedos e chegava a coisas assim. Os sapatos dos moços, era necessário eu não lembro se de 3 a 4 furos, para passar o cadarço. Meia. O colarinho de cima abotoado com

⁹⁹ Juarez Pedroso, foi estudante do ginásio de São Roque em 1962, expulso da escola em 1963.

¹⁰⁰ Trecho da entrevista de Neide Schumacker Gomide, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice E.

¹⁰¹ Trecho da entrevista de Miriam Maluf de Oliveira, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice D.

uma gravata preta fechada. Um calor desgraçado e você não podia abrir. Se ela entrasse na sala de aula, e visse o colarinho aberto, era para fora da sala aos berros. (informação verbal)¹⁰²

[...] na parte disciplinar ela procurava manter aquela disciplina rígida, tanto na questão de uniforme principalmente das meninas. Cigarro, de jeito nenhum. Uniforme era obrigatório, porque ela era rígida mesmo com a disciplina, e como eu disse principalmente no uniforme, o uniforme para ela era uma coisa sagrada. (informação verbal)¹⁰³

A dona Antonieta era uma pessoa que enxergava tudo. Eu não sei como essa mulher ela tinha, ela sabia se você pegava uma bala, uma casca de bala e, qualquer coisa que ela via, papel qualquer coisa no chão e, mandava pegar do chão e jogar no lixo. (informação verbal)¹⁰⁴

... me lembro até hoje. Cabelo comprido não entrava. Não entrava cabelo comprido, não entrava sem uniforme. Nosso cabelo tinha que estar cortadinho bonitinho, senão não entrava. Uniforme limpinho tudo certinho. (informação verbal)¹⁰⁵

E outra coisa era o controle dos banheiros, ela fiscalizava os banheiros, ela ia e antes de depois da saída dos alunos no banheiro, ela passava lá e dizia: oh o banheiro está limpo, é para fazer sujeira no vaso, não fora do vaso. (informação verbal)¹⁰⁶

Na hora do pátio, na entrada da escola, ela via um por um o uniforme, como que você estava de uniforme, se não estava. A entrada era as sete da manhã. E se você não tivesse do jeito que ela queria, você não entrava não. Não entrava. Ela nessa parte tinha uma disciplina muito rígida. (informação verbal)¹⁰⁷

O que eu lembro quando era pequena tinham uniforme; iam de gravata, as meninas tipo de vestimenta era diferente. Então tudo seguia um ritmo assim com a Dona Antonieta. (informação verbal)¹⁰⁸

O controle era exercido na forma da exigência do silêncio com as portas das salas abertas para a escuta das aulas, assim como a cobrança da postura e da pontualidade com os professores, mesmo quando essas situações ocasionavam conflitos e, até a falta de empatia com a comunidade interna da escola.

¹⁰² Trecho da entrevista de José Roberto Miller, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice F.

¹⁰³ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

¹⁰⁴ Trecho da entrevista de Juarez Pedroso, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice G.

¹⁰⁵ Trecho da entrevista de Juarez Pedroso, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice G.

¹⁰⁶ Trecho da entrevista de Juarez Pedroso, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice G.

¹⁰⁷ Trecho da entrevista de Juarez Pedroso, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice G.

¹⁰⁸ Trecho da entrevista de Silvia Maria Lopes de Mello, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice H.

Eu não sei se eu disse. Tinha uma sala de aula que ela arrancou a porta, para poder ouvir barulho na sala dela, se não me engano era sala 8, sabe. Algo que parecia obsessão. (informação verbal)¹⁰⁹

Ela chegou a se envolver com professores, chegar até processo por desacato e com alguns pais de alunos, porque ela era rígida mesmo com a disciplina. (informação verbal)¹¹⁰

Nossa, mas as brigas com professores eram constantes, constantes, ela enfrentava no corredor, enfrentava na saída, então ela tinha esse domínio e de fato ele tinha razão de querer as coisas certas. (informação verbal)¹¹¹

Tinha alguns professores, que ela ficava no pé; principalmente professor que chegavam atrasado e não tinha disciplina e sempre acha que melhor que a escola. (informação verbal)¹¹²

Mas ela cobrava muito assim na questão de falta de professor, ela tinha ataques homéricos quando chegava lá e não tinha professor para dar aula. Essa história de sala vazia, sala fora assim um negócio assim que, ela não admitia não. Ela chamava muita atenção do professor nessa questão. (informação verbal)¹¹³

Gostar dela, gostar dela ninguém gostava. Para falar a verdade acho que ninguém gostava. Depois que o tempo passa e você analisa, você percebe quais eram as razões da pessoa, como é que ela era, o temperamento, o que aconteceu de bom com isso o que não aconteceu. Poderia ter sido melhor se houvesse um pouco mais de entrosamento e empatia, entre os professores e direção, seria melhor. Mas, ao mesmo tempo você não sabe se fosse de outra forma se as coisas teriam evoluído como evolui. O Manley Lane é uma escola muito bem-conceituada. (informação verbal)¹¹⁴

A priorização era dirigida para a questão do controle e ordem do espaço físico, que os estudantes e professores deviam necessariamente participar. Maluf destaca que as situações de ordem física foram colocadas como mais importantes do que as questões pedagógicas.

Ela não tinha nenhuma preocupação pedagógica assim entende? O que você imagina do que é hoje um diretor de escola que você tem que estar junto com professor, você responde pelas atividades da escola, você como diretor?.[...]

É, não havia essa questão, por exemplo, assim, de reunião pedagógica; vamos ler, vamos estudar, não vamos nada; os professores acho que eram competentes por si só [riso]. [...]

¹⁰⁹ Trecho da entrevista de José Roberto Miller, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice F.

¹¹⁰ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

¹¹¹ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

¹¹² Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

¹¹³ Trecho da entrevista de Miriam Maluf de Oliveira, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice B.

¹¹⁴ Trecho da entrevista de Neide Schumacker Gomide, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

E tinha assim essa questão, bem administrativa assim da escola, isso ela fazia. A escola tinha uma secretaria com uma secretária muito competente, uma auxiliar na secretaria também muito competente e ela confiava neles, então.... ela não tinha vamos assim esse relacionamento com um papel com andamento isso não. (informação verbal)¹¹⁵

E depois a falta de apoio na parte pedagógica. Na administrativa ela deixava na mão do secretário, da Dona Maria e do seu Godinho. E da pedagógica ia a Deus dar. Sabe ela não se interessava. O interesse dela era o prédio, o silêncio, ela não admitia barulho. (informação verbal)¹¹⁶

No entanto, os relatos também confirmaram que Dona Antonieta dedicou-se integralmente a esta instituição, e sua saída foi um momento difícil e traumático da sua vida. Antonieta não conseguiu se desvincular de seu papel de diretora, e continuou controlando a escola, mesmo após sua aposentadoria.

Ela só saiu da escola quando se aposentou compulsoriamente por idade, acho que ela tinha 70 anos que acho que era o que a lei permitia e aí ela teve que sair. Foi um processo, para mim assim que, de muita, não sei se a palavra é, mas enfim assim, de muita pena dela, ela sofreu muito para sair da escola. Foi uma coisa assim extremamente dolorida para ela, sabe? Muito triste, muito. É, vamos dizer assim, a razão de ser da vida dela interrompeu. Porque ela vivia em função da escola, não tinha filhos, e a relação dela com a família era meio distante, ela passava a semana inteira na escola, ela morava aqui na cidade, nunca ia para lugar nenhum. (informação verbal)¹¹⁷

O que eu lembro assim mesmo é que ela se aposentou. Mas ela não largou o Manley Lane; dava palpíte. Era a Mirian Maluf que estava lá. E ela interferia no trabalho da Mirian. Ela já estava aposentada e continuava; ela queria mandar, igual era antes. Só que era complicado para ela. Porque ela morava em frente, ela entrava ia na diretoria abria a porta, entrava e se sentava. Gritava que nem antes, chamava atenção que nem antes. E judiação de Miriam. (informação verbal)¹¹⁸

Foi uma participação assim triste, que ela estava vendo que estava chegando a hora. Ela ia completar 70 anos. No dia 30 de dezembro, 30 de dezembro de 81, época de natal e nós fizemos uma festa enorme para ela. Foi uma festa com participação de professores, alunos, pais, família. Nossa mãe, foi a despedida dela daqui de São Roque. Ela ia embora, junto às irmãs que ainda eram vivas lá em São Paulo. Nunca

¹¹⁵ Trecho da entrevista de Miriam Maluf de Oliveira, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice B.

¹¹⁶ Trecho da entrevista de José Roberto Miller, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice D.

¹¹⁷ Trecho da entrevista de Miriam Maluf de Oliveira, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice B.

¹¹⁸ Trecho da entrevista de José Roberto Miller, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice D.

*mais então a gente iria vê-la. Os discursos foram uma choradeira só. (informação verbal)*¹¹⁹

*Ela não mudou de cidade, ela foi morar na frente da escola. Mesmo aposentada ela não parou de ficar de olho na escola. Ela sempre ligava para mim. Mas uma coisa que me entristeceu também sabe, foi quando eu assumi a direção. (informação verbal)*¹²⁰

*Eu acho que a Dona Antonieta sofreu um pouco com isso. Eu tenho impressão porque para ela aquilo lá era a vida dela, e era mesmo. Não sei como ela conseguiu. Ela morava bem na frente da escola, mas aí acho que ela se atormentava um pouquinho por não poder fazer uma coisa ou outra. Deve sentir, porque a dedicação dela era muito grande. Então você se afastar, por ela, ela não se aposentaria. Mas era por idade, não tinha como ficar. (informação verbal)*¹²¹

O fato, porém, foi que alguns relatos, como o de Gomide, assinalaram que o que permaneceu nas memórias apresentadas pelos participantes; foi uma imagem assertiva, dimensionada pelos aspectos de seus feitos.

*Se ela ficou na memória das pessoas, é porque não era ruim. Você acaba eliminando da sua cabeça aquilo que é ruim. E eu encontro muitos ex alunos, já de cabelos brancos também, aí na cidade, supermercado, e alguns sempre comentam. Ah não se fosse, olha o meu filho tá assim meu neto tá assim na escola, conta tal coisa. Se fosse com dona Antonieta? Se vê, ficou. Não seria assim. Eu acho que a imagem dela assim foi controversa. Mas tem muita gente que lembra melhor dela agora e uma boa porção das pessoas. Algumas acho que não, mas outras acho que sim. (informação verbal)*¹²²

Neste sentido, para José Roberto Miller a escola idealizada por Dona Antonieta foi um peso em sua vida, uma conjunção com que ela teve que conviver por longos vinte e quatro anos.

Retirar dela o peso, que ela foi a salvadora da pátria. Que ela foi o máximo, que ela foi maravilhosa. Eu considero isso, peso que a pessoa carrega, porque mesmo ela, ela sabia que não era isso tudo. Ela se esforçava para ser. Ela dava o que ela achava que era correto, que era certo. Mas não sei, eu considero isso, um peso ainda nela sabe,

¹¹⁹ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice A.

¹²⁰ Trecho da entrevista de Wladimir Nardelli, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice A.

¹²¹ Trecho da entrevista de Neide Schumacker Gomide, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

¹²² Trecho da entrevista de Neide Schumacker Gomide, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice C.

na memória dela. E resgatar na memória não de um mito, mas de uma mulher.
(informação verbal)¹²³

A constatação revelada foi que a escola que Dona Antonieta lutou e realizou, a partir de 1958, voltada para a classe média da cidade de São Roque, construída e instituída na oportunidade de estudos, na educação de hábitos higiênicos, na aprendizagem e assimilação forçada da disciplina, mudou com o período ditatorial, provocando uma adaptação adequada ao regime autoritário. Seus propósitos formativos esmoreceram, pois, a lei imposta pela ditadura terminou por desativar, também, a Escola Normal, criando habilitações para o magistério.

No dia 30 de dezembro de 1981, Antonieta completou 70 anos de idade e teve que se aposentar compulsoriamente por idade. Ato oficializado e publicado no dia 06 de janeiro de 1982 (LIVRO DO HISTÓRICO DO ESTABELECIMENTO, 1949, p.25).

Antonieta de Araújo Cunha casou-se, após sua aposentadoria, com Leônidas Laurenciano, ex professor de inglês da mesma escola. O seu nome de casada ficou denominado como Antonieta de Araújo Cunha Laurenciano. Seu falecimento ocorreu em janeiro de 2001.

¹²³ Trecho da entrevista de José Roberto Miller, ocorrida no ano de 2019, disponível no Apêndice D.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi analisar as ações sociais de Antonieta de Araújo Cunha, através de uma investigação dirigida para a compreensão dos significados atribuídos às ações conduzidas por ela, como diretora, durante o período de 1958 a 1982, que resultaram na constituição e desenvolvimento do ginásio de São Roque, no interior do Estado de São Paulo.

Utilizou-se como base teórica, para esta pesquisa, a Sociologia Compreensiva da obra de Max Weber, que tem como referencial a ênfase na compreensão da conduta humana, que se revela em ações sociais. Apresentou-se inicialmente a obra de Max Weber, configurada e conhecida pelo seu estudo da religiosidade protestante no desenvolvimento do racionalismo econômico e social do Ocidente, que se desdobrou durante o século XX em formas de organização burocráticas que utilizaram seus recursos de maneira lógica, impessoal e insensível, para atingir fins desejados. Para Max Weber, no entanto, o objeto da Sociologia Compreensiva, não deve ter como base as conexões objetivas entre as coisas, mas a compreensão das ações e a construção de significados que os indivíduos conferem a sua participação, principalmente em ações sociais que envolvam comportamentos recíprocos. Para efeito do suporte desta pesquisa, adotou-se o modelo de tipo ideal, de Max Weber, que consiste em referenciais abstratos que aglutinam condutas sociais para a compreensão racional da realidade. No caso, para a análise das ações sociais de Antonieta como diretora do ginásio de São Roque.

Utilizou-se a história oral, como referencial metodológico na compreensão dos significados norteadores das ações humanas e a força das condutas humanas em acontecimentos expressivos. Neste sentido, esta pesquisa usou a abordagem qualitativa através dos relatos orais do passado, que ressalta a compreensão e a interpretação dos significados, da subjetividade e da intencionalidade, permitindo a discussão de um fenômeno do ponto de vista daqueles que vivenciaram dentro de um determinado contexto histórico.

Para um adequado entendimento do contexto histórico que demarcou a trajetória de vida de Antonieta de Araújo Cunha, foram resgatados os principais elementos da história da educação, desde a consolidação da Primeira República, passando pelas transformações ocorridas na Era Vargas com a Revolução de 1930 e o período do Estado Novo entre 1937 e 1945, seguido da fase democrática e populista entre 1946 e 1964, concluindo com o ciclo da ditadura civil-militar de 1964 e a década de 1980.

Na sua trajetória de formação escolar, precoce como a primogênita responsável por uma família numerosa, em razão da morte prematura do pai, desenvolveu-se a base da

resistência e obstinação. Na escola do ensino infantil, no grupo escolar em São Simão (SP), conhecida como Berço da Proclamação da República, transmitiram-se valores de uma nova ordem na constituição do caráter e desenvolvimento de atributos morais que a recente república pretendia instituir. Os ideais republicanos que visavam um Brasil moderno e desvinculado do Império, marcaram sua fase escolar. A escolarização, na época, tinha como objetivo a redução das desigualdades sociais, bem como um meio de ascensão social, principalmente para a população urbana que almejava a educação para os filhos como um meio para escapar do serviço físico bruto das zonas rurais. O Grupo Escolar, no Estado São Paulo, foi uma instituição eficaz para a seleção e a formação das elites, com o dever de ensinar princípios morais, procedimentos higiênicos e regras de convivência.

No decorrer da sua formação ginásial e curso normal, em Ribeirão Preto (SP), Antonieta teve a escolarização que exprimia uma pedagogia liberal de pessoas nascidas livres e que prezava a consciência cívica dos cidadãos. Sua vivência percorreu diversos momentos históricos tais como os da perda do poder das oligarquias agrárias e o inconformismo da classe média, que resultou na Revolução de 1930, com a consolidação da aspiração, pela classe média, em ascender socialmente, pelo processo educacional. Ela também foi exposta ao ideário liberal, que pregava que as massas populares não possuíam formação política suficiente, cabendo aos segmentos de intelectuais proporcionar uma formação educacional ao povo na preparação de uma nação moderna.

Após um período das experiências profissionais no mercado de trabalho, em cidades do Estado de São Paulo, Antonieta vivenciou os principais momentos históricos de um Brasil em formação com a revolução de 1930, com a centralização do poder político e o enfraquecimento das oligarquias regionais, e especialmente a modernização econômica, sobretudo após a crise de 1929. Passou pelo Estado Novo até a redemocratização no final de 1945. Supõe-se assim que Antonieta tenha consolidado sua forma determinada de vencer obstáculos. Ela também testemunhou um ambiente paulista de significativa transformação da economia brasileira, que ocorria principalmente na cidade de São Paulo. Ela vivenciou o momento histórico em que parte da sociedade se firmava nos aglomerados urbanos, e se ajustava perfeitamente aos anseios de uma classe média em formação. Seu entendimento, aliado a uma necessidade de sobrevivência, lhe deu a base para enraizar os elementos da obrigatoriedade da força da disciplina pessoal como elemento essencial da participação no universo capitalista. Formou-se como educadora sanitária e pedagoga pela USP, consolidando valores que pregavam a difusão dos conhecimentos de higiene e a formação de crianças como cultas e virtuosas. Após um período de experiência na docência, até 1958, na gestão escolar e

na carreira como educadora sanitária, ela assumiu, por concurso, a direção do ginásio de São Roque.

Dona Antonieta se apresentou, em São Roque, como um “guia esperado”. A simbiose se estabeleceu imediatamente, na cidade, entre os seus valores e as conveniências de uma comunidade, iniciando uma longa gestão que foi marcada por uma forma de agir destemida em prol da efetivação do ginásio. Tornou-se assim uma referência na luta pela educação junto com a comunidade e com o mundo político. Suas atitudes se tornaram compatíveis com a aspiração do segmento de classe média da população urbana, da cidade de São Roque, pois representava para os filhos dessas famílias a qualificação pelos estudos para a entrada no ensino superior, com maior oportunidade de emprego e a perspectiva de ascensão social. O propósito latente, e ainda não realizado, de uma sociedade local foi o que orientou as ações de Dona Antonieta, pelos seus valores, para a sustentação de preparação desses jovens para o melhor acesso ao mercado de trabalho.

O contexto da realidade da cidade de São Roque refletia, de fato, um panorama de desenvolvimento rural com aspectos urbanos. Os anseios da grande parte da sociedade, ainda com uma base agrária, não eram correspondidos, principalmente nas demandas de parte da sociedade com maior poder aquisitivo, que expressava a necessidade de ascensão social, de seus filhos, por meio da educação. O projeto de construção da escola secundária, iniciado em 1946, foi impulsionado e construído por uma elite de comerciantes de famílias tradicionais que buscavam a continuidade de estudo de seus filhos. No entanto, a construção do ginásio de São Roque, teve alguns momentos conduzidos por políticos locais, que se apresentavam dispostos a concluir as obras do prédio da escola e suas carreiras políticas. No balanço temporal da trajetória de construção da estrutura física do prédio do ginásio, foram mais de dez anos, sendo apenas possível sua conclusão por iniciativa de Antonieta.

Neste sentido, foi evidenciado nesta pesquisa que Antonieta revelava sua conduta norteada por valores constituídos pela sua vida e, parâmetros assimilados e refletidos pelo imaginário coletivo na cidade de São Roque, que em conjunto determinaram suas ações na construção do Ginásio de São Roque, assim como fixaram juízos sobre a gestão desta escola, que ainda permanecem no imaginário de uma coletividade. Sua ousadia, determinação e coragem traduziram sua personalidade exterior, enquanto a disciplina rígida, a preocupação constante com a limpeza e a higiene, formaram os elementos significativos como diretora responsável pela estruturação e administração do ginásio de São Roque. À vista disso, é possível afirmar que Antonieta agiu em conformidade com suas próprias convicções, determinadas pela forma que percorreu sua vida pessoal e profissional, como também pela

percepção das circunstâncias da comunidade, em relação a uma instituição de ensino. As ações de controle dos estudantes envolviam a ligação e a cumplicidade da escola e das suas famílias. A atenção do aluno, que fosse identificado em uma atitude inadequada, se iniciava pela identificação do sobrenome, reforçado por ameaças de punição que envolviam o contato com os pais. Ela fielmente acreditava na disciplina rígida, na perfeição da aparência física e na limpeza rigorosa do ambiente escolar. Todos esses elementos faziam parte de uma exigência ditada pelo senso de dever, de dignidade, referenciados em suas crenças e valores morais e estéticos, que se adequavam perfeitamente a uma significativa parte da população local.

A relação estabelecida no contexto educacional do ginásio de São Roque, para uma parte dos estudantes foi a percepção, ainda que difusa, de uma preparação para o futuro profissional em formação, que vivia um presente de maneira vinculada, isto é, uma antecipação das regras a serem vividas. Antonieta antecipava regras a serem adquiridas pelo estudante, enquanto profissional em formação. Seus valores da ordem, da disciplina e da higiene adquiriram, então, o caráter normativo de preceitos, ainda não estabelecidos na sociedade existente, mas eram preparatórios a uma ordem que se anunciava.

A crise final do populismo, no ambiente democrático na primeira década de 60, estabeleceu a base do surgimento de uma nova forma de conflito, com o advento do golpe civil-militar de 1964, apoiado por segmentos empresariais e da classe média e alta. A expansão do ensino secundário estava articulada ao crescimento demográfico e às mudanças de costumes e às exigências de maior escolarização motivadas pelo processo de industrialização sobre a área urbana. A expansão da matrícula do ensino ginásial paulista mudou o perfil sócio econômico dos estudantes dos ginásios, e a escola passou receber uma maior quantidade de estudantes de outras classes sociais. A crise do ensino superior se acentuou, neste período, em razão do desejo de setores médios da sociedade em ascenderem socialmente os seus filhos, que apesar de aprovados, eram colocados como excedentes nos vestibulares.

A efetivação da ditadura civil-militar na transformação do ensino secundário em profissionalizante, direcionado para o mercado de trabalho, ocasionou a abertura desejada por outros segmentos da população pela possibilidade de realização de estudos, como oportunidade da vida. A abertura da escola para o recebimento de maior quantidade de estudantes, provocou a desestruturação das escolas públicas por falta de planejamento e suporte governamental. A falta de sustentação operacional, como também pelo desinteresse da classe média, terminou num projeto educacional fracassado, contribuindo para a mudança no

contexto educacional nacional com reflexos sobre a escola em São Roque e consequentemente na forma como era conduzida o ginásio de Dona Antonieta. Assim, ela teve que se ajustar ao clima político moldando seu comportamento às novas diretrizes impostas pelo regime civil-militar.

A ação de Antonieta, enquanto portadora de sentido, de fato, não refletia em sua conduta os elementos de uma ação social racional com relação a fins, forma de racionalidade típica da era capitalista, que se concretiza especialmente nos campos da burocracia, da economia, do direito, da ciência e mesmo da religião. O ambiente da racionalidade burguesa, não era deveras um imperativo geral, consonante ao período pós Vargas até a fase da ditadura civil-militar, épocas da atuação e aposentadoria de Antonieta. Conforme expresso por Silveira Santos (1957), não obstante o crescimento urbano e desenvolvimento econômico, a cidade de São Roque nas décadas de 50 e 60, continuava a preservar as condições da vida rural, absorvendo lentamente as características urbanas. Na realidade, o Brasil do interior, ainda não reunia as condições necessárias para o desenvolvimento do setor comercial e industrial, além dos setores plenos de infraestrutura, para a devida expansão da urbanização e a ampliação do mercado de trabalho e do mercado consumidor.

Max Weber se refere à racionalização no mundo contemporâneo tendo em vista a importância crescente das organizações e instituições formais e racionais. Neste caso, pode-se deduzir que a racionalidade por valores nas ações exercida por Antonieta estaria compreendida na relevância dos costumes: disciplina, no lugar da indisciplina de hábitos, a limpeza no lugar da ausência de práticas domésticos, a organização por ausência de um novo ordenamento político e jurídico. Antonieta assumia a autoridade que lhe foi outorgada pela própria história, mas não exercia uma função burocrática em uma organização impessoal conduzida por regras abstratas na busca racional com objetivos definidos. Ela dirigia uma escola com pessoas, com crianças e adolescentes que tinham famílias e propósitos em relação a um futuro. Dona Antonieta agia pelo dever, um imperativo, em consonância com uma comunidade. De fato, não houve consonância entre o exercício de ações valorativas, consideradas como racionais pelos fins, em acordo com a crescente organização do espaço industrial brasileiro, que se articulava nos grandes centros urbanos. Isto é, as ações racionais de valores, não obedeceram necessariamente a uma lógica finalística, foram apenas preparatórias, ou formativas, mas não utilitaristas, pela simples razão que os alunos e suas famílias, ainda não viviam no ambiente integral de uma forma capitalista de sociabilidade.

O fato é que no “espírito do capitalismo” expresso por Max Weber (2018), em sua obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, os valores são meios instrumentais

que definem as relações sociais, favorecem e caracterizam produção de excedentes, gerando o acúmulo de capital. Esta é a essência do espírito do capitalismo. No entanto, em São Roque, a viabilização do ginásio ocorreu, de fato, em um ambiente ainda dominado pela herança do período anterior da dominação dos setores agrários, pois como esclareceu Skidmore (1998, p.199) "a despeito do rápido crescimento das cidades, mais da metade de todos os brasileiros na década de 1950 ainda vivia no campo, embora o Brasil rural estivesse longe de ser homogêneo". Neste sentido, o que se apresentava no contexto da população da cidade de São Roque, era apenas uma percepção, ainda difusa, pela demanda pela educação como oportunidade a um horizonte de desenvolvimento econômico e as possibilidades de inserção social através da escolarização. Neste sentido, Dona Antonieta viveu em consonância com a própria comunidade, uma ética de valores morais voltada a disciplinar comportamentos, em um lugar que não se integrava a uma estrutura efetivamente capitalista. Sua forma de gestão e sua conduta atendeu interesses e aspirações somente preparatórias para uma fase capitalista. Em outras palavras, foram aplicados em uma cidade que não estava plenamente inserida ou conformada a uma base de interesses da razão prática do mundo capitalista.

A chegada da ditadura civil-militar em 1964 transformou o panorama político em todo país. O perfil de controle, comando e hierarquia associados à própria concepção militarista se ajustou adequadamente aos padrões morais e comportamentais administrativos rígidos da diretora. Não se pode dizer, no entanto, que o modo de agir dela foi alterado a partir das mudanças dos contextos políticos deste momento histórico. Sua índole, e seu perfil de atuação tinham sido moldados ao longo dos anos de sua trajetória de vida, e por concepções apreendidas competentemente no coletivo de suas vivências. No entanto, é evidente que o clima político militarista fortaleceu as ações da autoridade de Dona Antonieta desde o momento do golpe civil-militar de 1964, até sua aposentadoria em 1982.

O ginásio foi, ao longo das décadas de 1960 e 1970, moldado pela diretora para ser uma escola reconhecida socialmente pelos padrões sociais de uma educação rígida, da disciplina e da prioridade na higiene e na limpeza. Segundo os participantes da pesquisa, a escola da Dona Antonieta era considerada uma instituição limpa e organizada, de qualidade e excelência, e bem conceituada na cidade. Essa premissa foi constatada pelo imaginário que se consolidou, ao longo do tempo, na cidade de São Roque, tendo como base um saudosismo de momentos considerados como os melhores dessa escola. Considerados como os anos dourados do ginásio de São Roque, esses momentos representaram uma relação de existência dependente da diretora que dedicou tempo e exercício em ações organizativas e controversas, o que reflete percepções diferenciadas sobre a pessoa Antonieta e a diretora Dona Antonieta.

Neste sentido, pode se afirmar que para a pessoa Antonieta a responsabilidade sobre a escola foi inteiramente inserida em sua vida, ocupando a centralidade de todas as suas ações. Tal situação se transformou em uma obstinação, pois dedicou sua vida a esta causa, desistindo de ter um núcleo familiar próprio. Assim, ao se aposentar, ela manteve suas vinculações, indo morar numa casa em frente à escola, exercendo constantemente um comportamento de vigilância e controle nas formas organizativas da instituição.

É pertinente completar essa consideração final afirmando os elementos conclusivos desta pesquisa. Assim pode-se afirmar que:

1. A compreensão das ações sociais da diretora de escola, Dona Antonieta deu-se a partir da construção de significados expressos por suas condutas e intervenções na constituição e desenvolvimento do ginásio de São Roque;
2. As ações adquiriram sentido somente por terem sido socialmente compartilhados e aceitos na interação com uma comunidade;
3. O ideal e aspirações de uma comunidade se revelaram pela combinação de elementos formativos da história de Antonieta que lhe conferiram os atributos necessários para configurar suas ações;
4. As ações de Antonieta configuraram um tipo ideal que foi impulsionado por valores éticos e morais, com padrões disciplinares e higiênicos, que refletiram o desejo de prestígio e ascensão social da classe média dominante na comunidade de São Roque;
5. Suas ações e sua dedicação à instituição são ressaltadas em reconhecimentos que passaram ser preservados no imaginário social, até a atualidade, como referências singulares para a direção de uma escola.

Tendo em vista estas análises conclusivas, é possível comprovar a hipótese que Antonieta não apenas agiu, como uma autoridade auferida pelo Estado, mas sim que ela representou o simbolismo de uma vida dedicada à educação de jovens. Mesmo que essa dedicação, acompanhada da renúncia de outros aspectos da vida, tenha sido pela preservação de uma escola, é necessário afirmar que uma autoridade só adquire um sentido exemplar, se suas ações se desenvolvem com intenções genuínas e benéficas para outros seres humanos. Antonieta trouxe para São Roque a combinação de valores adquiridos por sua força na luta pela sobrevivência e no cuidado de sua própria família, a experiência da vivência construída nas diversas fases de um Brasil em ebulição, a base escolar transmitida por mestres históricos da USP que firmaram uma visão humana e solidária. Uma fusão de valores que lhe deram

sustentação para assumir a direção de uma escola por mais de duas décadas. Antonieta, na linguagem de Max Weber, singularizou uma existência como portadora de ações racionais, compatibilizadas com os interesses de concretizações de ascensão social da classe média hegemônica na cidade de São Roque, porém, norteadas em valores com base em convicções pela obrigação, pelo dever, pela dedicação, ou por sua própria ética, que possibilitaram e constituíram uma vida social na história, até mesmo em razão da permanência dessas condutas no imaginário social.

À vista disso, necessário fazer algumas considerações sobre a permanência das ações sociais de Antonieta no imaginário social desta cidade após 37 anos de sua aposentadoria no Ginásio de São Roque. Ressalte-se que a permanência ou o ressurgimento de sua figura no imaginário coletivo da cidade pode não ser um simples saudosismo, mas pode ter adquirido um novo sentido e significado concreto em vários grupos sociais, principalmente da classe média com posições ideológicas diferenciadas, que manifestam o ressentimento da falta de um comprometimento nas pessoas que se ocupam da responsabilidade de educar, alicerçando valores, como era o caso de Antonieta. O que se pode inferir é que a reminiscência da forma diretiva e dos valores realizados e transmitidos por Antonieta adquiriram características próprias. Tais valores são manifestados atualmente por pessoas de diferentes posições políticas, o que pode representar que a figura e atos passados de Antonieta adquiriram um novo significado, quando inserido no atual período da história política brasileira. Assim como demanda a necessidade de prosseguimento das pesquisas históricas focadas nas ações das pessoas que se dedicaram à ordenação das escolas pela importância dos valores nas condutas administrativas.

Finaliza-se com a conclusão de que Antonieta foi uma personagem marcante em sua época, pois acima de tudo ela não negou desempenhar o peso de ser diretora de uma escola. Assumiu uma atitude enérgica, encarnando e dedicando-se às questões emblemáticas da ordem, da limpeza e da disciplina no ambiente escolar. Representou preceitos de ordem valorativa, e por isso sua figura continua a ser exaltada, como um “mito”, em manifestações da sua falta. É por essa razão, que a importância da interpretação de Max Weber reaparece sempre que a pesquisa precisa superar os princípios metodológicos normalmente presentes nas crises da história cultural da humanidade. Sua obra resgata as ações representativas, por figuras e grupos, com a busca de significados nos diversos momentos importantes culturais do passado e seus respectivos impactos na contemporaneidade.

Ao finalizar esta pesquisa é importante ressaltar que outros temas poderiam ser abordados em futuras investigações com características próprias, mas com indagações inter-

relacionadas às questões trazidas por este estudo. Conteúdos propositivos como o empoderamento e gênero feminino, o papel do diretor de escolas, os significados da higiene e saúde nos ambientes educativos, as questões da disciplina e ordem para a educação, os reflexos dos valores sobre as ações humanas, bem como a memória do passado em ambiente de instituições escolares, que permanecem e retornam com consistência no imaginário dos momentos presentes.

REFERÊNCIAS

ACEFALO o Ginásio de São Roque: apelo dos moradores da cidade às autoridades do ensino. **O DEMOCRATA**. São Roque, maio. 1950. p.07.

ACCÁCIO, Liéte Oliveira. Os anos 1920 e os novos caminhos da Educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.19, p. 111 -116, set. 2005. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis19/art08_19.pdf. Acesso em: 05 de maio de 2019.

ABREU, Jayme. A educação secundária no Brasil: ensaio de identificação de suas características principais. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 86, n. 212, p. 39-84, jan./abr. 2005.

ALMEIDA, Jane Soares de. Currículos da Escola Normal Paulista (1846- 1920): Revendo uma Trajetória. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 76, n. 184, p. 665-689, set./dez. 1995.

ALMEIDA, Angela Billar de. A terra do vinho: subsídios para uma história da vitivinicultura no município de São Roque, SP. **Revista Scientia Vitae**, v. 3, n. 11, ano 3, p.45-58, jan. 2016.

ALONSO, Myrtes. **O papel do diretor na administração escolar**. São Paulo: Difel/Difusão Editorial, 1978.

ANDREOTTI, Azilde. O governo Vargas e o equilíbrio entre a pedagogia tradicional e a pedagogia nova. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs.). **Navegando pela História da Educação Brasileira**. Campinas: Graf. FE, UNICAMP, HISTEDBR, 2006a. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_era_vargas_intro.html. Acesso em: 20 de fevereiro de 2019.

ANDREOTTI, Azilde. O projeto de ascensão social através da educação escolarizada na década de 1930. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs.). **Navegando pela História da Educação Brasileira**. Campinas: Graf. FE, UNICAMP, HISTEDBR, 2006b. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_023.html. Acesso em: 20 de fevereiro de 2019.

ANTUNHA, Heladio Cesar Goncalves. As origens da Faculdade de Educação da USP: a introdução dos estudos pedagógicos de nível superior no estado de São Paulo. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 25-41. 1975.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2º ed. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

ARAGÃO, Milena; TIMM, Jordana Wruck; KRETZ, Lúcio. A história oral e suas contribuições para o estudo das culturas escolares. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 18, n. 2, p. 28-41, maio/ago. 2013.

ARNS, Dom Paulo Evaristo (coord.) **Brasil: Nunca Mais**. 33º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

ARRUDA, Aparecido Luvizotto Medina Martins.; SANDANO, Wilson. Os primórdios do ensino secundário no Estado de São Paulo. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v.4, n.1, p. 1-21.2013. Disponível em: <https://unisaoroque.edu.br/revista-eletronica/revista-saberes-da-educacao/arquivos/2013-2/>. Acessado em: 17 de dezembro de 2019.

ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS DO COLÉGIO PEDRO II. **Memória histórica do Colégio Pedro II**. Disponível em:

http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/memoria_historica/index.html. Acesso em: 07 de novembro de 2019

AVISO Ginásio de S. Roque. **O DEMOCRATA**. São Roque, nov. 1944. p.03.

AZANHA, José Maria Pires. A EXPERIÊNCIA PAULISTA ANTERIOR À REFORMA DE 1971. **Seminário de Políticas de Educação de 1º e 2º Graus**. Fundação do Desenvolvimento Administrativo (FUNDAP), São Paulo, 1983.

AZANHA, José Mario Pires. Democratização do ensino: vicissitudes da ideia no ensino paulista. **Revista Educação e Pesquisa**, vol. 30, n.02, p. 335-344, maio/ago. 2004.

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura brasileira**. 4º ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional. p. 283-347, 1985.

BALEEIRO, Aliomar; SOBRINHO, Barbosa Lima. **Constituições Brasileiras: 1946**. Brasília: Senado Federal e Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001.

BARBOSA, Michele Tupich. **Legião Brasileira da Assistência (LBA): o protagonismo feminino nas políticas de assistência em tempos de guerra (1942-1946)**. 2017. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

BARCELLOS, João. **Vinho & Poder. São Roque: da uva dos luso-paulistas e o poder político-fundiário do Vaz-Guassu à cidade dos vinhos**. 2º ed. São Paulo: EDICON. 2019.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

BRASIL. Lei nº 5.692/71 de 11 de agosto de 1971b. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acessado em: 20 de janeiro de 2020.

BRUYNE, de Paul; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

CANDIDO, Antônio. A Faculdade de Filosofia mudou o panorama cultural. **Revista da ADUSP**, Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo, junho. 1999.

CARDOSO, Adalberto. **Classes médias e política no Brasil: O “longo ciclo de Vargas”**. p.1-62. 2018. Disponível em: <http://ppgsp.posgrad.ufsc.br/files/2018/06/Classes-me%CC%81dias-e-o-longo-ciclo-de-Vargas.pdf>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e a República**. São Paulo: Editora Brasileira, 1989.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Escola Nova no Brasil: uma perspectiva de estudo. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 21, n. 7, p. 90-977, set./dez. 2004.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Reforma de Sampaio Dória, política e pedagogia: problematizando uma tradição interpretativa. *In*: MIGUEL, Maria Elisabeth Black; VIDAL, Diana. Gonçalves (orgs.). **Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 e 1946)**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 05-30.

CHAMLIAN, Helena Coharik. Currículo do curso de pedagogia na USP. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 109-130, jul./dez. 1996.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4º ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CLARK, Jorge Uilson. A primeira república, as escolas graduadas e o ideário do iluminismo republicano: 1889-1930. **Navegando na História da Educação Brasileira**. HISTEDBR: UNICAMP, 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_primeira_republica_intro.html. Acesso em 17 de dezembro de 2019.

COHN, Gabriel. (Org.). **Weber**. São Paulo: Ática, 1979.

COHN, Gabriel. **Crítica e resignação: Max Weber e a teoria social**. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CORTINA, Roseana Leite. **Burocracia e Educação: o diretor de escola no Estado de São Paulo**. São Paulo: Unesp, 1999.

CRIADO Instituto de Educação em São Roque. **O DEMOCRATA**. São Roque, jul. 1960. p.10.

CUNHA, Luiz Antônio. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. 12º ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

CUNHA, Luiz Antônio. O desenvolvimento meandroso da educação brasileira entre o Estado e o mercado. **Educação & Sociedade**, Cadernos CEDES, Campinas, v. 28, n. 100, p. 809-829, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a0928100.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2019.

CUNHA, Luiz Antônio.; FERNANDES, Vânia. Um acordo insólito: ensino religioso sem ônus para os poderes públicos na primeira LDB. **Educação e Pesquisa**, v.38, n.4, p.849-864, jul.2012.

DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação**. Poro Alegre, v. 32, n. 2, p.185-191, maio/agosto. 2009.

DAROS, Maria das. Intelectuais e projetos educacionais em disputa no Brasil dos anos 1930-1940. **Roteiro**, Joaçaba, SC, Edição especial, v.38, 2013, p.255-270. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/2054/pdf>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2019.

DELGADO, Lucila de Almeida. Neves. História oral e narrativa: tempo, memória, e identidades. Rio de Janeiro, Associação Brasileira de História Oral. **HISTÓRIA ORAL**, n. 6, p. 9-25. 2003.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, ano I, nº117, publicado em 25 de maio de 1933, p. 39.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, ano I, nº133, publicado em 31 de 14 de julho de 1933, p. 34.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, ano XLIII, nº286, publicado em 23 de dezembro de 1933, p. 07.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, ano XLVIII, nº96, publicado em 05 de maio de 1937, p. 10.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, ano XLVIII, nº08, publicado em 12 de janeiro de 1938, p. 12.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, ano LI, nº19, publicado em 24 de janeiro de 1943, p. 03.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, ano LIII, nº24, publicado em 31 de janeiro de 1943, p. 14.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, ano LIII, nº90, publicado em 21 de abril de 1943, p. 01.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, ano LXVIII, nº90, publicado em 25 de abril de 1958, p. 19.

DREIFUSS, René Armand. **1964 – a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1981.

EL SAYED, Adnan Abdallah. **Reforma de base e desenvolvimento econômico: uma análise do papel da educação e das instituições no projeto nacional-desenvolvimentista de Goulart**. 2013. Dissertação (Mestrado em Economia). Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013

ESCOLA NORMAL. **O DEMOCRATA**. São Roque, ago. 1960. p.09.

ESPÍRITO SANTO, Rosana Aída Cília do. **Horácio Manley Lane: biografia do patrono**. 2012. São Roque, SP, 31 ago. 2012. Blog: Blog da E.E. Horácio Manley Lane. Disponível em: <http://manleylane.blogspot.com/>. Acesso em: 27 de maio de 2018.

FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia A.G. Conhecimento Linguístico no Século XIX: tradição e “modernidade”? **Linguística**, v. 29, n.1, p 189-203. 2013.

FÁVERO, Leonor Lopes. Reflexões sobre a Escola na Primeira República: O Ensino de Português. **História do Ensino de Línguas no Brasil**, ano 9, n. 9, 2015. Disponível em: <http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-9-no-9-12015/245-reflexoes-sobre-a-escola-na-primeira-republica-o-ensino-de-portugues>. Acesso em: 28 de maio de 2019.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930. Historiografia e História**. 10ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1994.

FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto; CARVALHO, Carlos Henrique de. As escolas primárias no Brasil na primeira República: Influências pedagógicas (1890-1930). In: Simpósio Nacional de História, 26, 2011, São Paulo, SP. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, São Paulo, SP: Universidade Federal de Uberlândia, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300668175_ARQUIVO_TrabalhocompletoANPUH2011.pdf. Acesso em: 05 de novembro de 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Getúlio Vargas - uma memória em disputa**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6722/1592.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

FLACH, Simone de Fátima. Direito à educação e obrigatoriedade escolar no Brasil: entre a previsão legal e a realidade. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.43, p. 285-303, set. 2011. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/43/art20_43.pdf. Acesso em: 05 de novembro de 2019.

FLICK, Uwe; KARDORFF, Ernst e STEINKE, Ines. What is qualitative research? An introduction to the field. In: FLICK, Uwe. KARDORFF, Ernst e STEINKE, Ines. **A companion to qualitative research. E-book**. London: Sage, 2004.p.03-13. Disponível em: <http://elearn.luanar.ac.mw/odl/public/Files/Uwe%20Flick,%20Ernst%20von%20Kardoff,%20Ines%20Steinke%20Editors%20A%20Companion%20to%20Qualitative%20Research%20202004.pdf>. Acesso em: 07 de novembro de 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. São Paulo: Artmed Editora, 2009.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. Industrialização, estado e sociedade no Brasil (1930-1945). **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p.35-46, jul./set.1984.

FRANÇA, Thiago Eduardo de. **Trajetória do curso de Educador Sanitário da Faculdade de Higiene e Saúde Pública de São Paulo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, UNICAMP, 2015.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. **A educação brasileira no contexto histórico**. Editora Alínea: Campinas. 2013.

FRANCO, Sebastião Pimentel. **Do Privado ao Público: o papel da escolarização na ampliação de espaços sociais para a mulher na Primeira República**. 2001. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, USP, 2001.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2º ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: EDART, 1977.

FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FURTADO, Celso. **Transformação e crise na economia mundial**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 24º ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1991

FURTADO, Alessandra Cristina. **Por uma história das práticas de formação docente: um estudo comparado entre duas escolas normais de Ribeirão Preto - SP (1944-1964)**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GASPARELLO, Arlette Medeiros. **Construtores de identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira**. São Paulo: Iglu, 2004.

GIDDENS, Anthony. Introdução. In: WEBER, MAX. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2018.p.09-25.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GINÁSIO de S. Roque. **O DEMOCRATA**. São Roque, jun. 1946. p.05.

GINÁSIO ESTADUAL de São Roque: recebidos pelo Exmo.Snr. Governador de São Paulo. **O DEMOCRATA**. São Roque, out. 1948. p.10.

GINÁSIO. **O DEMOCRATA**. São Roque, set. 1958. p.10.

GODOI, Lidiany Cristina de Oliveira. O papel dos professores na primeira reforma da instrução pública paulista (1892-1896). **QUAESTIO**, Sorocaba, SP, v. 11, n. 1, p. 27-36, maio. 2009. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/81/81>. Acesso: em: 28 de março de 2019.

GORDINHO, Margarida Cintra; CANNABRAVA, Iatã; TEODORO, Malu; ASSENCIO, Vinicius. **Patrimônio escolar: uma saga republicana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

GOULART, João. **Mensagem ao Congresso Nacional**: remetida pelo Presidente da República na abertura da sessão legislativa de 1964. Brasília: Biblioteca da Presidência da República, 1964.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A escolarização da criança brasileira no século XIX: apontamentos para uma re-escrita. **Revista Educação em Questão**, v. 28, n. 14, p. 121-146, jan./jun.2007.

GONÇALVES, Maria de Fátima da Costa. **Sentido e Valor da Sociologia Compreensiva de Max Weber**. 2015. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/viewFile/3755/1818>. Acesso em: 20 de dezembro de 2018.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da Educação Brasileira**. 5º ed. São Paulo: Cortez, 2015.

HANSEN, Patrícia. **Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República**. 2007. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, 2007.

HORÁCIO Lane adere a ideia do Ginásio. **O DEMOCRATA**. São Roque, jul.1946. p.09.

HORTA, José Silvério Baia. **Gustavo Capanema**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5º ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LEMOS, Marcelo Rodrigues. Estratificação social na teoria de Max Weber: Considerações em torno do tema. **Revista Iuminart**, Florianópolis, ano IV, n. 9, p.113-127, nov. 2012.

LIMA, Vero de; VILLANI, André (orgs.). **III CENTENÁRIO DE SÃO ROQUE** Documentário ilustrado. São Paulo: Atlas dos Municípios, 1957.

LIVRO DO HISTÓRICO DO ESTABELECIMENTO. **Documento oficial da Escola Estadual Horácio Manley Lane**. São Roque.1949. p. 01-200.

LIVRO DE EXTRATO. **Documento oficial da Escola Estadual Horácio Manley Lane**. São Roque.1965. p. 01-50.

LIVRO REUNIÃO DOS FUNCIONÁRIOS. **Documento oficial da Escola Estadual Horácio Manley Lane**. São Roque.1972. p.01-05.

LUNA, Francisco Vidal.; KLEIN, Herbert S. Transformações econômicas no período militar (1964-1985). *In*: AARÃO, Reis.; RIDENTI, Marcelo.; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (orgs.) **A ditadura que mudou o Brasil 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da Escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Fernand Braudel, 2005.

MARCHELLI. Paulo Sergio. Da LDB 4.024/61 ao debate contemporâneo sobre as Bases Curriculares Nacionais. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 03, p. 1480-1511, out./dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/download/21665/15915>. Acesso em: 09 de novembro de 2019.

MARQUES, Waldemar. Brasil, terra de contrastes. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 749-771, nov. 2014.

MELLO, Silvia Maria Lopes de. **São Roque três décadas de conquista: uma retrospectiva histórica.** Revista São Roque, 1990.

MELLO, Silvia Maria Lopes de. **Bice Sciamanna Memória.** São Roque, SP, 26 ago. 2016. Blog: Andiamo. Memória italiana em São Roque. Disponível em: <http://andiamomemoriaitalianaemsr.blogspot.com/>. Acesso em: 14 de janeiro de 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14^o ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORAES, Lúcio Flávio Renault de; MAESTRO FILHO, Antônio del.; DIAS, Devanier Vieira. O Paradigma Weberiano da Ação Social: um Ensaio sobre a Compreensão do Sentido, a Criação de Tipos Ideais e suas Aplicações na Teoria Organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, n. 2, , p. 57-71, abr./jun. 2003.

MÜLLER, Maria Terezinha. História Oral: uma estratégia utilizada no desenvolvimento de projetos. **Revista Ciência & Inovação**, Americana, v. 2, n. 1, dez., 2015, p. 45-49. Disponível em: http://faculadadedeamericana.com.br/revista/index.php/Ciencia_Inovacao/article/download/227/209. Acesso em: 10 de junho de 2019.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República.** São Paulo: EPU-Editora da USP, 1974.

NOGUEIRA, Eliete Jussara.; SOARES, Maria Lúcia de Amorim. Desafios educacionais na modernidade líquida: cotidiano, medo e indisciplina. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 12, n. 27, p. 153-174. 2014. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/354/631>. Acesso em: 18 de dezembro de 2019.

O BAILE do último sábado pró-Ginásio. **O DEMOCRATA.** São Roque, set. 1947. p.09.

O PROBLEMA do colégio estadual. **O DEMOCRATA.** São Roque, maio. 1958. p.08.

OPORTUNIDADE: as vantagens do ensino. **O DEMOCRATA.** São Roque, maio. 1946. p.03.

OS ALUNOS do ginásio homenagearam o Governador. **O DEMOCRATA.** São Roque, jun. 1948. p.13.

ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. **Revista Sociedade e Estado.** Brasília, Universidade de Brasília, v. 28, n. 3, p. 609-633, set/dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v28n3/a08v28n3.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

PEDROZA, Samia. A Evolução da Educação: Necessidade de uma Nova Gestão escolar. **25^o Simpósio Brasileiro e 2^o Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, 2011. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0482.pdf>. Acessado em: 08 de dezembro de 2019.

PEREIRA, João Baptista Borges. **A escola secundária numa sociedade em mudança.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969.

PEREIRA, Eliana Alves; MARTINS, Jackeline Ribeiro; ALVES, Vilmar dos Santos; DELGADO, Evaldo Inácio. A contribuição de John Dewey para a Educação. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v. 3, n. 1, p. 154-161, mai. 2009. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/38/37>. Acesso em: 10 de abril de 2019.

PERONDI, Renan. **Um pouco da história da USP**. São Paulo, SP, dez. 2011. Blog: Brasil 247. Disponível em: <https://www.brasil247.com/brasil/um-pouco-da-historia-da-usp>. Acesso em: 05 de abril de 2019.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **Filosofia e História da Educação**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**, São Paulo, n. 14, 1997.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212,1992.

REIS FILHO, Casemiro dos. **A educação e a ilusão liberal**. 2º ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta; GONDRA, José Gonçalves. A escola e a produção de sujeitos higienizados. **Perspectiva**, Florianópolis, v.20, n. 02, p.493-512, jul./dez. 2002.

ROCHA, Heloísa Helena. A educação sanitária como profissão feminina. **Cadernos Pagu**: Campinas, Unicamp, v. 24, p. 69-104. 2005.

RODRIGUES, Evely Solaine de Souza; ARANDA, Maria Alice de Miranda. Do período Imperial Brasileiro à era ditatorial de 1964: os encargos e perfis dos diretores escolares. IV **Seminário de Formação Docente**. Educação Pública em Tempos de Reformas, Dourados, MS, setembro. 2019.

ROMERO, Lia Alejandra Borcosque. **A vitivinicultura no Estado de São Paulo (1880 - 1950)**. 2004. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, UNICAMP, 2004.

ROMERO, Arnaldo. O Sentido da Reforma: O Estatuto da Universidade de Francisco Campos em um Brasil em Transição. In: **História da Educação: Intelectuais, Memória e Política**, 2011, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista. **X Jornada do HISTEDBR UNICAMP**, Campinas: Histedbr, jul.,2011.p.01-20. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_files/fo8OntIz.pdf. Acesso em: 14 de maio de 2019.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 9º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

SAES, Décio. **Classe Média e sistema político no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1985.

SAES, Décio. Classe média e escola capitalista. **Revista Crítica Marxista**. Instituto de Filosofia Universidade de Campinas. Campinas, UNICAMP, n.21, p.97-113.2005. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo122artigo5.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2019.

SAMPAIO, Helena. Evolução do ensino superior brasileiro (1808-1990). Documento de Trabalho, **Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo**, USP, p.1-30.1991. Disponível em: <http://nupps.usp.br/downloads/docs/dt9108.pdf>. Acesso em: 03 de maio de 2019.

SANTANA, Angelis. O silenciamento do movimento estudantil entre 1968 e 1974. **Projeto História**. São Paulo, n.38, p. 285-297, jun.2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/5256/3786>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos; PRESTES, Reulcinéia Isabel; VALE, Antônio Marques do. Brasil 1930 -1961: Escola Nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.22, p.131-149, jun. 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22/art10_22.pdf. Acessado em: 07 de novembro de 2019.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. A construção da viagem inversa. **Cadernos de Sociologia, ensaio sobre a investigação nas ciências sociais**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 55-88, jan./jul. 1991.

SANTOS, Leide Rodrigues dos. MOBRAL: A representação ideológica do regime militar nas entrelinhas da alfabetização de adultos. **Revista Crítica Histórica**, ano 5, n. 10, p. 304-317,dez.2014. Disponível em:<http://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2961/pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

SANTOS, Maria dos Santos; ARAUJO, Osmar Ribeiro de. História Oral: Vozes, Narrativas e Textos. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia, n.6, p. 191-201, jan./dez. 2007.

SÃO ROQUE. Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque. Projeto de Lei nº 00057/2007-L de 13 de julho de 2007 de Autoria do Vereador Mauro Antônio de Góes, dispõe sobre denominação da escola municipal Professora Antonieta de Araújo Cunha Laurenciano. Disponível em:<https://consulta.siscam.com.br/camarasaoroque/arquivo?Id=51554>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

SÃO SIMÃO, berço da Proclamação da República. **JORNAL CIDADE EM FOCO REGIÃO**. São Simão, nov. 2017. Disponível em: <http://cidadeemfocoregiao.com.br/2017/11/17/sao-simao-berco-da-proclamacao-da-republica/>. Acesso em: 11 de novembro de 2019.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. *In*: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2006. p.09-54.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Educação escolar na primeira república: memória, história e perspectivas de pesquisa. **Tempo**.v.13, n.26, p.32-55.2009. Disponível em: www.scielo.br/pdf/tem/v13n26/a03v1326.pdf. Acesso em: 14 de julho de 2019.

SILVA, Geraldo Bastos. **A educação secundária: perspectiva histórica e teoria**. São Paulo: Nacional, 1969.

SILVA, Hilda Maria Gonçalves da. **Os jovens provenientes do segmento popular e o desafio do acesso à universidade pública: a exclusão que antecede o vestibular**. 2010. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista, Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2010.

SILVEIRA, Ayr. **Projeto Memória: o retrato de São Roque no século XX**. São Roque: SP, 1989.

SILVEIRA SANTOS, Paulo Ricardo da. **3º CENTENÁRIO DE SÃO ROQUE: DOCUMENTO ILUSTRADO**. São Roque, SP: Atlas dos Municípios Ltda, 1957.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890 - 1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SOUZA, Ângelo Ricardo de. **O Perfil da Gestão escolar no Brasil**. 2006. (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, 2006.

SOUZA, Paulo André de. Avanços da educação brasileira garantidos pela Constituição Federal de 1934. **Anais do XXIV Seminário Nacional UNIVERSITAS**. Universidade Estadual de Maringá, maio. 2016. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/xxivuniversitas/anais/trabalhos/e_6/6-005.pdf. Acessado em: 21 de janeiro de 2020.

SPÓSITO, Marília Pontes. **O povo vai à escola: a luta popular pela expansão**. Coleção Educação Popular. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

SKIDMORE, Thomas. **Uma história do Brasil**. 2º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TEIXEIRA, Anísio. Administração pública brasileira e a educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.25, n.63, p.3-23. 1956. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/admpublica.html>. Acesso em: 26 de janeiro de 2020.

TEIXEIRA, Anísio. Que é administração escolar? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.36, n.84, p.84-89. 1961. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/quee.html>. Acesso em: 26 de janeiro de 2020.

TOZINI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da pesquisa científica**. Curitiba: IESDE, 2007.

UM GESTO nobre e dignificante: tornada em realidade a promessa de Sr. Horácio M. Lane. **O DEMOCRATA**. São Roque, jul. 1946. p.10.

VALE, José Misael Ferreira do. O diretor de escola em situação de conflito. *In*: SILVA, Teresa Roserley N. da.; MOURA, Alceste Rolim de.; ALVES, Nilda.; GARCIA, Regina Leite.; MELLO, Guiomar Namó de. Especialistas do ensino em questão. **Cadernos CEDES**. Campinas, n.6, 2º reimpressão, p. 37-50,1984.

VALIM, Alexandre Busko. **Triunfo da persuasão**. São Paulo: Alameda Editorial, 2017.

VAMOS concluir as obras do colégio. **O DEMOCRATA**. São Roque, maio. 1958. p.06.

VARGAS, Cláudia Regina; SANTOS, Marcelo Gonzaga dos. Autoritarismo e educação no Brasil: as reformas educacionais na ditadura civil-militar (1964-74). **Itinerarius Reflectionis**. Revista eletrônica do curso de Pedagogia do Campus de Jataí, Universidade Federal de Goiás. v. 8 n. 1, p. 1-11.2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rir.v1i12.1320>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução a Sociologia**. 3º ed. São Paulo: Atlas, 1995.

VILLAÇA, Ivaldo. SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO, Departamento de Educação, Instituto de Educação Horácio Manley Lane. **Certidão sobre a formação acadêmica e carreira profissional da Sra. Antonieta de Araújo Cunha**, 07 de novembro de 1961.

WEBER, Max. Classe, estamento, partido. *In*: GERTH, Hans e MILLS, Wright (Org.). **Max Weber. Ensaios de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores,1974. p.211-228.

WEBER, Max. Os fundamentos da organização burocrática: uma construção do tipo ideal. *In*: CAMPOS, Edmundo (Org.). **Sociologia da burocracia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 15-28.

WEBER; Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 3º ed. v.1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

WEBER; Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. v.2. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Centauro Editora, 2008.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2018.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado; RIBEIRO, Maria Luísa Santos; NORONHA, Olinda Maria. **História da educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.

ZONIN, Sélia Ana; SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela. Assistência à infância escolarizada: a caixa escolar em cena. **Revista Brasileira de História da Educação**. v.18,p.02-27.2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v18.2018.e007>. Acessado em:20 de janeiro de 2020.

ANEXO A: DECRETO DE LEI Nº 16741/47

DECRETO DE LEI N. 16741, DE 17 DE JANEIRO DE 1947

Dispõe sobre criação Ginásio Estadual na cidade de São Roque.

O INTERVENTOR FEDERAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, usando da atribuição que lhe confere o art. 6º, n V, do decreto lei federal n.1.202, de 8 de abril de 1939,

Decreta:

Artigo 1.º - Fica criado um Ginásio Estadual na cidade de São Roque, obedecidas as disposições da legislação federal referentes ao ensino secundário.

Artigo 2.º - A instalação do Ginásio fica na dependência da doação de um terreno de 10.000,00 m² (dez mil metros quadrados), prédio e respectivos aparelhamentos didático.

Artigo 3.º - Este decreto lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 17 de janeiro de 1947.

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES

Plínio Caiado de Castro

Publicado na Diretoria Geral da Secretaria do Governo, aos 17 de janeiro de 1947.

Cassiano Ricardo

Diretor Geral.

(DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, p. 03)

ANEXO B: DECRETO DE LEI Nº 24.693/55

Decreto nº. 24.693, de 01 de julho de 1955

DA DENOMINAÇÃO A ESTABELECIMENTO DE ENSINO

JÂNIO QUADROS, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, USANDO DAS ATRIBUIÇÕES QUE A LEI CONFERE, E,

Considerando que Horácio Manley Lane constituiu um dos vultos mais ilustres do patrimônio educacional paulista, com assinalados serviços prestados à difusão do ensino elementar, médio e superior entre nós;

Considerando que um de seus descendentes foi igualmente um dos fundadores do estabelecimento do ensino em São Roque, que mais tarde converteu no Colégio Estadual da mesma cidade;

Considerando que, como representou a este Poder a população são-roquense, é de inteira justiça e da vontade do povo daquele município que o mencionado estabelecimento de ensino tenha o nome do grande educador HORÁCIO MANLEY LANE;

Considerando que a denominação dada ao referido colégio, de "Professor Epaminondas de Oliveira", pelo decreto nº 22.853, de 09 de novembro de 1953, desatentou estas considerações inquestionavelmente relevantes, não podendo, portanto, prevalecer, mas;

Considerando que o "Prof. Epaminondas de Oliveira" foi igualmente um grande servidor do Ensino primário naquele município, justificando-se melhor o seu nome à frente de um estabelecimento de ensino de grau elementar;

Decreta:

Artigo 1.º - Passa denominar-se "COLÉGIO ESTADUAL HORÁCIO MANLEY LANE", o Colégio Estadual "Prof. Epaminondas de Oliveira" da cidade de São Roque,

Artigo 2º. - Fica denominado "GRUPO ESCOLAR PROF. EPAMINONDAS DE OLIVEIRA" o Grupo escolar da Estação de São João, no município de São Roque,

Artigo 3º.- Fica de nenhum efeito o Decreto nº 22.853, de 09 de novembro de 1953,

Artigo 4º. - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário,

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 01 de julho de 1955.

JÂNIO QUADROS

Carolina Ribeiro

Publicado na Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo, aos 01 de julho de 1955.

Carlos de Albuquerque Seiffarth - Diretor Geral.

APÊNDICE C: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE WLADEMIR NARDELLI

T- Oi seu Nardelli.

N- Nós vamos fazer um apanhado primeiro de São Roque nos idos da década de 40.

T- Deixa eu explicar um pouquinho, o foco da minha pesquisa, ela acabou sendo conduzida né, para os anos da participação de Dona Antonieta.

N- 58.

T- É, porque a partir desse momento percebeu-se que a escola foi representada por uma pessoa *que todos mencionam*, essa foi à questão.

N- Exato

T- Então eu não poderia deixar de fazer a pesquisa com esse enfoque.

N- Perfeito

T- Então eu tenho esse ponto de temporal, não é do andamento do ginásio.

N- Sim

T- E dentro desse aspecto, eu acho que é um consenso local né, com várias pessoas que eu já conversei o nome do senhor. O respaldo assim com relação ao respeito, ao entendimento da participação do senhor no ensino e dentro da pesquisa que eu venho fazendo junto com, nessa época do ginásio, parece que assim, *de 90 as pessoas que eu converso 90% falam do nome do senhor*. Eu não poderia nunca deixar de ter essa conversa com o senhor, eu tenho que registrar o profundo respeito que eu venha a ter com o senhor, a contribuição que o senhor tem com a cidade, e é um enorme prazer poder entrevistá-lo dentro da pesquisa que eu vou fazer né.

T - Minhas primeiras perguntas são gerais e abertas para você discorrer sobre os seguintes assuntos do ginásio e suas experiências com o ginásio, e principalmente a diretora Antonieta. Assim: Como você conhece a história do ginásio de São Roque? Quais foram suas experiências no ginásio de São Roque?

N- Então eu gostaria de fazer primeiro, um apanhado geral da década de 40, 45 quando terminou a segunda guerra mundial.

T- 45 né.

N- É, terminou a segunda guerra mundial nos idos de maio de 45. Nós éramos alunos do grupo escolar Dr. Bernardino de Campos. A única escola em São Roque, que atendia o ensino básico né, de 1º a 4º série, do 1º ao 4º ano. Então São Roque nessa época, era um núcleo assim muito pequeno. São Roque era um misto de setor agrícola.

[Interrupção de Gravação]

N- Na verdade os alunos saiam do grupo escolar do 4º ano, não tinha opção de continuar os estudos e ir para frente. Embora Sorocaba estivesse próximo, tinha as dificuldades de transporte e manutenção de alunos com a escola e mais a escola particular. Então ficaram esses alunos jovens de 13, 14 anos a Deus dará né. Foi então que começou a incrementar também a indústria vinícola, principalmente no lado de Canguera. Esses alunos também que estudavam no Bernardino, eles também não tinham opção, a não ser ficar trabalhando com os pais na produção do vinho, no cultivo da uva e mais nada. São Roque então tinha esse privilégio de ser uma região agrícola voltada a viticultura. Então aqui, por exemplo, nós chegamos, nós chegamos de ter aqui *130 adegas vinícolas* produzindo uma base de mais ou menos 6 milhões de vinho por ano. Só que os filhos dos vinhateiros não tinham opção, meu pai também foi vinhateiro. A gente terminava o grupo escolar e não tinha mais o que fazer a

não ser ajudar na terra né. É engraçado que naquela época, o aluno saia com uma base boa do 4º ano, *olha a gente* tinha professores altamente gabaritados e que davam uma base, um alicerce para a gente, para a vida né.

T- O senhor participou do grupo escolar do Bernardino? Que ano que foi o senhor se recorda?

N- Recordo. Foi em 42, 43, 44, 45 foi nessa época.

T- E o ginásio então foi feito aonde do senhor?

N- Depois eu chego lá. Então nessa época o que os pais ficavam contentes se os filhos fossem aprender alguma coisa extra na cidade, porque não tinha condições de ir para fora, então interessante as escolas de datilografia, né então assim, praticamente antigamente num consenso geral de antigamente todos os alunos aprenderem datilografia né, na máquina. Engraçado que se você comparar hoje o que aconteceu, os alunos estão aprendendo informática.

T- Sim, uma extensão.

N- Então foi o abandono da máquina de escrever (risos)

T- Mas de alguma forma né relacionada.

N- Na época máquina de escrever, *os pais ficavam encantados*, era o xodó dos filhos, compravam uma máquina e aprendiam. Tinha 2 ou 3 escolas aqui, e os alunos ficavam por aqui mesmo aprendendo mais coisas, principalmente a região de Canguera que sempre foi uma região privilegiada no cultivo da uva. *Embora nossa uva*, tivesse assim alguma deficiência assim no açúcar né, então precisava complementar com produtos químicos, principalmente o sulfato de potássio.

T- Mencionou então a questão do alunos terem, não terem uma escola.

N- Não terem a oportunidade de não terem uma escola para continuar. Alguns que eram mais assim com possibilidades financeira, *alguns*, eram mínimos, iam estudar em Sorocaba. Algumas meninas os pais também mais abastecidos colocavam no colégio de freiras, entendeu. E outras iam para Itu também no colégio particular, outras já iam para Sorocaba tinha Ciências e Letras Anchieta e nessas condições, isso já foi em 47, nessas condições a gente também, meu pai por exemplo era, começou a trabalhar na vinicultura, toda aquela região, aquela extensão toda da Getúlio Vargas ali era nosso. Meu pai trabalhou muito naquela área, com 4 alqueires plantando uva e fazendo vinho. Ele conseguiu, através da venda da área do meu avô, do meu nono, meu nono estava muito doente.

T- Qual era o nome do seu pai?

N- Júlio José Nardelli.

T- Júlio José Nardelli.

N- É, e nessa época a gente também ajudava lá, principalmente na colheita da uva e na fabricação do vinho.

T- Isso em quarenta e?

N- 47, 48. Tinha meu irmão também que era mais novo e ajudava e meus tios. Que na verdade meu pai era alfaiate. Nascemos, sabe aquele posto de gasolina ali? Nós nascemos ali, meu pai tinha alfaiataria bem na frente entendeu. Da licença que eu vou pegar uma foto.

T- Aí eu quero ver sim

N- Essa aqui. Eu não existia ainda. [riso]

T- Posso registrar seu Nardelli?

N- Pode.

T- Belíssima foto.

N- *Aqui*, foi em 1933, eu não era nem nascido. Aqui na época eram as festividades de São Roque.

T- Sim.

N- Em agosto. Então naquela época tinha uma disputa da, como e que chamava? Os mouros contra os cristãos, que disputava os cristãos, mouros, e era ali na frente, ali onde está o posto de gasolina, essa parte era a nossa casa, onde está o posto de gasolina. Aqui também foi tudo roubado depois e vendido. Então meu pai tinha alfaiataria aqui na frente né e nós morávamos atrás, aqui era outra casa com outra pessoa.

T- De onde que surgiu daqui para a viticultura?

N- Não porque na época, eles principalmente na época da fundação da cidade eles procuravam entrosar muita coisa. O folclore com a terra, a tradição de São Roque, o santo, então era uma coisa só né. E aqui tinha essa parte das cruzadas, então era uma coisa atraente, vinham os turistas, o pessoal da região.

T- Eu queria saber senhor Nardelli, que seria muito interessante eu saber, como é que dentro dessa realidade o senhor acabou se envolvendo com a educação?

N- E por enquanto era muito cedo, não tinha essa, essa intenção. Eu queria alguma coisa melhor, meu pai lutava para isso pro meu irmão para minha irmã e a gente então quando surgiu uma pessoa dedicada e vendo a situação dos jovens são-roquense que não dispunham de ensino mais avançado, veio lutar ne porque eles também tinham filhos , veio lutar para conseguir na verdade um ginásio para são Roque, foi ai que surgiu a figura do seu nenê mecânico.

T- Sim

N- Ele era um homem assim auto ditada, ele era um homem simples, os filhos também trabalhavam, estavam todos sem estudos , sem continuidade, porque pegava o grupo escolar e ficava aí. Os que tinham os pais ficavam trabalhando junto no campo né, daí surgiu esse movimento ai, depois começou a percorrer a cidade um pouco a região, e conseguiu ai a adesão de muitas famílias, as famílias mais tradicionais de São Roque, porque na verdade as famílias são-roquenses tem mais origem italianas, embora tenha também.

T- Poderia mencionar algumas?

N- Biazi, Rampini, Bellini, Penone, Salveti, Vilaça, Boccato, Matiele. São inúmeras famílias que ainda há alguns descendentes, mas a maior parte desapareceu todos. Sampieli, Pezota, de origem todas italiana. Que na verdade a família do meu pai, por exemplo, o nono a nona, eles vieram do norte da Itália da região de Udine que faz divisa com a Áustria, e de lá vieram familiares né de outras várias famílias no final do século 18. Olha só, 1895 começaram a chegar aqui em Santos. Da minha família, por exemplo, eles se dividiram uma parte foi para Bragança Paulista, não sei se você conhece? Outra parte foi para Florianópolis em Santa Catarina, outra parte foi para Mendonça na Argentina, outra parte além de Santa Catarina, Rio do Oeste é uma região também bastante produtiva com plantação de uva e que a família Nardelli domina lá até hoje. Eles trabalham em empresa, em todo ramo de atividade, comercial, industrial, sei lá.

T- E retomando um pouco a questão do ginásio aqui quanto a esse movimento né.

N- Daí o movimento foi crescendo e o seu nenê, o nome dele é José Fernandes Acioto, o seu nenê conseguia apoio da região mais central, das famílias mais tradicionais e conseguia assim uma verba, ele começou já ir para São Paulo junto das autoridades. Naquela época quem era governador do Estado era o senhor Adhemar de Barros. Já ouviu falar em Adhemar de Barros?

T- Sim

N- Adhemar de Barros foi governador por muitos e muitos anos.

T- Ele é da cidade dos meus parentes.

N- Avaré, não é?

T- Então, ele veio de São Manoel.

N- Isso.

T- São Manoel é da cidade dos meus pais.

N- São Manoel, perto de?

T- Botucatu.

N- Botucatu e perto de? Até falei do seu pai, que tem a maior biblioteca da região em Lençóis Paulista.

T- Sim. E dentro desse resgate né junto às autoridades maiores com participação da população e o governador, esse foi o movimento inicial né?

N- Movimento inicial. Então a população estava colaborando, principalmente com verba porque ele ia para São Paulo né, o trenzinho ia né, não tinha ônibus nada. Era de trem da Sorocabana que ia para São Paulo, e ele ia trabalhar lá para começar as ideias surgirem né, como se diz plantar a semente para germinar em uma coisa necessária aqui. E foi com isso que a população foi colaborando, foi fazendo manifestações, passeata e até que o governador bastante sensibilizado fez o decreto em 18 de outubro de 47, criando o ginásio estadual de São Roque, mas não tinha nome na época. Então estava a semente lançada [riso]. Daí aonde vai funcionar essa escola? Essa escola não tinha local, com muito custo, aí veio essa. Você conhece o Manley Lane? Ali são mais ou menos 11.500 metros que foi doado, foi doado por uma grande pessoa, o senhor Horácio Manley Lane, o pai. Que depois veio o filho, Horácio Manley Lane também. E ali, esse terreno de 11 mil e tantos metros, ali era uma chácara só de plantações de jabuticabas, jabuticabeira. A gente ia lá pegar jabuticaba [riso]. Tinha mais ou menos uns 100 pés de jabuticaba, era uma maravilha doeu o coração [riso] quando começaram a cortar os pés de jabuticaba, porque ali seria construído o Manley Lane, o ginásio estadual de São Roque. E assim foi né. Mas daí quando chegou em 48, em março, em janeiro de 48, não me lembro a data. Em janeiro de 48 foi feita uma doação para o estado desse terreno. E quem era o vice prefeito, o prefeito naquela época aqui em São Roque era o senhor Danton Castilho Cabral, não sei por que cargas d'água ele abandonou o cargo, não sei, eu tinha 12-13 anos e daí quem assumiu a prefeitura foi o vice prefeito, Horácio Manley Lane Filho. E já nesse sentido já havia feito aquela doação do terreno aí e o Sr. Horácio. Você já ouviu falar do Sr. Horácio? Independente da escola tem rua aqui em São Roque. O senhor Horácio Manley Lane foi vice prefeito por um tempo até terminar o mandato do seu Danton né, que simplesmente desapareceu, sumiu, abandonou. Ai então aonde que ia funcionar o ginásio? Escolheram o Bernardino. O Bernardino por vários anos serviu para funcionar o ginásio estadual de São Roque e nós que tivemos o privilégio de estudar um pouco fora, mas alguns aqui de São Roque de famílias que tinham condições, nós estávamos estudando em Sorocaba. Então a primeira serie ginasial eu fiz em 47 em Sorocaba, no ginásio Ciências e Letras, e lá também tinha outros alunos de São Roque que estudavam em outros lugares, na segunda série, na terceira e na própria série. Então o que aconteceu em Janeiro de 48? Todos os alunos que estavam fora vieram tudo para São Roque porque seria melhor, economizaria né, evitaria a viagem de trem e estariam aqui em contato com a família né. E nós começamos a frequentar o ginásio aqui funcionando no Bernardino. O que aconteceu com o Bernardino? O Bernardino era um grupo escolar que tinha 2 períodos, de manhã e à tarde. Daí com a vinda do ginásio provisoriamente encurtou os períodos. Então funcionava das 7 das manhas às 10, acho que 10:30. Das 07:30 funcionava acho que até às 14:00 horas o segundo período do grupo escolar e depois o ginásio Horácio Manley Lane entrava as 14:00 horas e ia até 18:30 funcionando uma primeira série, uma segunda série, uma terceira série e uma quarta série.

T- Isso em 48?

N- 48. E aqui em cima já começaram a obra do prédio do futuro ginásio. Eu até contei para você que cortaram todas as jabuticabeiras, tinha um casarão grande, era um casarão antigo, acho até que do século passado, e as jabuticabeiras. E aí começaram a fazer o ginásio. Eu lembro, eu lembro... A gente talvez a gente estivesse lá, sei lá o lançamento da pedra do fundamental. O governador veio o senhor Adhemar de Barros veio para lançar a pedra fundamental. Foi em 48, e daí começou a funcionar lá no Bernardino as séries, uma de cada uma. Uma primeira, uma segunda, uma terceira e uma quarta série. A primeira série, era uma primeira série de alunos autóctones, só da cidade de São Roque, próprios de São Roque, então esses alunos começaram a primeira série ginásial, alunos de São Roque. A segunda série, a terceira e a quarta já vieram um misto, então uma base de 40 alunos na segunda, uma base de 30 alunos na terceira e uma base de 25 alunos na quarta série. Esses alunos vieram de cidades mais distantes, embora sendo de São Roque, então formou uma escola, um ginásio com 4 séries, essa série a série inicial era alunos de recém vindo do grupo escolar e que já ingressavam na segunda série.

T – O senhor veio e se inseriu na segunda série?

N- Na segunda série por transferência.

T- Entendi.

N- E naquela época para entrar na primeira serie tinha o famoso exame de admissão. Seria um vestibular né.

T- Quando isso permaneceu no grupo escolar por....

N- Por muitos anos, eu calculo.

T- Por muitos anos e as obras não andavam ainda né?

N- As obras não andavam. Então na verdade foram 10 anos emprestando o prédio, *afogando* o Bernardino que a população de primeira à quarta série foi crescendo aqui, então ficou muito apertado.

T- Me fale então quando que entra a participação de Dona Antonieta?

N- Ah isso é depois de 8 anos. Nós vamos chegar lá. Nesse período a gente lembra que começaram a funcionar, as obras começaram e nos idos de 53 estava pronto o esqueleto, tudo a vista aberta. Era o térreo, o primeiro andar, o segundo andar e um anfiteatro grande na frente, e o resto tudo era terra, Era 11 mil metros, quase meio alqueire, então para construir quadra, para ter recreio, nossa era um espaço razoável . Aqui não tinha essa estrada ainda, a Raposo né, a Raposo era mais para lá, vindo da Getúlio Vargas e pegava a estrada para Sorocaba. Bom, dai em 51 foi uma grande festa quando os alunos que entraram na primeira série concluíram o curso ginásial, foi a primeira turma de alunos de São Roque. E eles comemoraram há pouco tempo os quase 50 anos de formatura, [riso] e quantos faleceram professores já quase todos falecidos, mas eles comemoraram .

T- O que eu tenho de entendimento é que o senhor Victor né, se formou na primeira turma né?

N- Foi na primeira turma.

T- Sim, e essa foi uma das informações que eu obtive.

N- E os irmãos já estavam mais adiantados, os irmãos já eram colegas, meus colegas, quer ver eu vou mostrar para você. Roberto Paula todos falecidos e Victor além das irmãs que também são vivas. Dos homens todos faleceram da família do seu nenê. E o ginásio foi indo funcionando sempre lá, por meio de políticos da época de 53 foi criado o colegial. Seria na época o científico. Olha que beleza, 53, 54.... [silêncio]. Funcionando sempre no Bernardino....[silêncio]. Eu não sei se tenho, eu já acho essa foto. Não é foto é um

T- Não se preocupe, uma hora a gente acha, a gente resgata, vamos dizer assim [riso]

N- Então nessa época de 53 quando veio o científico, já, mudaram o nome, Colégio Estadual de São Roque, colégio porque tinha o ensino médio, tudo lá no Bernardino, olha só que

sufoco. Foi aí que na época o prefeito, não lembro o nome, era o Senhor Joaquim Firmino de Lima, ele construiu duas salas de madeira no pátio no Bernardino para agregar o ensino médio, começou com o primeiro científico, o segundo e depois o terceiro. O meu irmão veio também logo em seguida na segunda turma própria de São Roque já ingressado no científico. Nós tivemos um científico aqui, de alto padrão de *alto nível*, embora quase não existisse laboratórios ou outras coisas, alguma coisa sempre era feita para os alunos. Vieram professores para trabalhar principalmente na área de Física, Biologia, Química, Matemática, professores da USP, alguns já eram formados e outros eram alunos da Faculdade de Filosofia da USP daquela época. Então o cabedal, o conhecimento que eles adquiriram com esses professores foi enorme.

T- E quem era o diretor na época?

N- Diretor na época passou dois. O primeiro diretor de 47, 48 foi Seu Antônio.

T- Antonio Martins?

N- Antônio Martins. O famoso estadão, Dr. Júlio Prestes de Albuquerque.

T- Sim

N- Então já estava mais adiantado que os outros que estavam começando aqui. Então eu completei La o científico, aliás um científico com uma base excelente que eu tive e depois aproveitei fazer Escola Normal oh [risos] porque eu queria na verdade eu queria fazer medicina, mas a coisa era mais complicada, isso nos idos de 54, 55. O primeiro diretor foi o seu Antônio Martins depois o segundo diretor foi o Galileu Neves Pasquinelli. Depois o cargo ficou vago.

T- Ficou vago por um tempo né?

N- Ficou, daí quem ficou na direção foi o secretário da escola, Senhor Ivaldo Villaça certo.

T- Ele que ficou um tempo até a Dona Antonieta chegar?

N- Isso

T- Eu estava tentando resgatar isso. E a chegada dela, como é que foi?

N- Então até 58 o esqueletão estava lá, nenhum prefeito conseguiu mexer, nem o governo estadual. Ali ficou um antro de andantes que vinham da Sorocabana, do subúrbio o trem, vinha dessa região de Barueri, Osasco, Itapevi e eles usavam a parte inferior La do salão nobre para dormir.

T- Abandono.

N- Abandono total. E servia de cocheira, cavalos que ficavam ali também pernoitando. A turma falava assim: não, esses cavalos, esses animais vão aprender logo a ler e a escrever. [risos].

T- Ironia triste.

N- Ironia triste. O prefeito naquela época tinha entrado um senhor de família são-roquense, origem italiana, senhor Lívio Tagliassachi. Os Tagliassachi era uma família tradicional de São Roque, os Tagliassachi participavam ai de várias coisas principalmente de empresas de bebidas, materiais de construção, fabricação de telhas, outro era contador, era uma família muito grande e os irmãos cada um tinha uma atividade, e entre eles o senhor Lívio Tagliassachi também tinha participação no depósito da antártica. Antártica ou Brama, então ele trabalhava com bebida e foi uma pessoa excelente, ele foi muito correto, muito certo, ele então se candidatou a prefeito, e ele ganhou a eleição, ele ganhou a eleição e o povo depositou uma confiança muito grande nele. Daí foi continuando o ginásio, nos moldes de ginásio e colegial científico.

T- Na estrutura do Bernardino?

N- Daí veio 58. 58 eu entrei, em 58, mas eu queria fazer medicina, mas eu não consegui, fazer na PUC em Sorocaba, mas eu não consegui. Nas últimas provas eu tinha ficado em português sabe, na redação por meio ponto. Química, Física, Biologia, mas fiquei reprovado no Português. Daí eu acabei desistindo e fui fazer vestibular lá na USP, na faculdade de

Filosofia, foi aí que eu entrei na faculdade, na USP no curso de História Natural e comecei a cursar, tudo em 58. Ah! Esqueci de falar, quando o científico começou aqui, falei para você que vieram muitos professores bons né e meu irmão fazia o científico também, eram poucos alunos né, e o pessoal que estava cursando o científico, os alunos eram excelentes, alunos bem preparados, era uma turma de 10, 15 mais ou menos e conseguiram as melhores faculdades. Dr Zezio, falecido, entrou na medicina Dr Cesar e Dr.Arthur também entraram na medicina de Ribeirão Preto e na Puc de Sorocaba. O meu irmão entrou na Politécnic da USP e Zezio Galo também entrou na engenharia da USP, outro entrou na matemática da USP, outro na Química na USP. Então era uma turma de 10, 15 excelentes praticamente entraram sem cursinho, porque a base foi muito grande aqui no Ginásio.

T- Retome para mim então em 58

N- 58 nós estamos no começo

T- Ta, então no estado em que estava o secretario como diretor substituto

N- Secretario substituto designado e daí no dia 02 de maio vem o concurso de remoção e que só participam diretores concursados, titular de cargo. Então o concurso de remoção mexe muito na rede. Tanto concurso para professor como para diretor, supervisor, numa maneira geral mexe, e como o cargo era vago aqui nós não sabíamos e daí eu pouco participava porque eu já estava cursando a USP né. No dia 02 de maio de 58 lá no Bernardino, no prédio velho, porque esse que está lá é novo, chega uma senhora de mala se apresenta assim na sala dos professores como diretora da escola, se apresentou com o nome e tal e assumiu a direção da escola. A turma ficou meio assustada ne [riso].

Eu não participei disso porque eu não estava eu vim substituir uma professora, mas no final do ano. Eu estudava lá e substitui a professora aqui na cadeira de História Natural, eu estava cursando também e dava aulas, e ela assumiu, na verdade ela não concordava de ver essa situação da escola. A escola, Manley Lane estava pressionando, prejudicando o grupo escolar do Bernardino. O Bernardino foi uma escola tradicional, hoje seria de 110, 115 anos. 110 anos, é uma das primeiras escolas do estado de São Paulo, ela é antiga tanto quanto o regente Feijó de Itu .

T- Então estava ocupando o espaço e estava prejudicando. E ela não estava concordando com essa situação?

N- Estava prejudicando, ela a viu e ficou transtornada de ver aquilo. Bom daí o que aconteceu, o que aconteceu? Ela veio de Itararé da região quase que divisa do Paraná, e ela saiu de lá.....

[Interrupção de Gravação a pedido]

N- Eu queria achar uma foto e um convite, olha só, numa prova reuniram tudo lá atrás e eu separei tudo [riso]. Ficaram bravos. Vocês vinham aqui colar, hoje levam o celular você sabia?

T – Sim avançou-se. Mas eu estou curiosa Sr. Nardelli, separou no momento mais crítico do prédio em 58. Ela chegou então num estado que estava tudo paralisado.

N- Tudo paralisado. Como eu falei para você, pessoas , andantes e animais. Olha é bom tirar uma fotografia. Leia aqui.

T- Ah eu gostaria! Olha que bonito. E um convite de formatura de qual turma?

N- A *minha* do ginásio.

T- A sua do ginásio, que coisa mais....

N- 1950. Olha

T- Colégio Estadual

N- Não tinha o nome do Manley Lane ainda. Então depois, o que está escrito aqui?

T- Aos nossos pais o pleito de nossa gratidão, aos nossos mestres o testemunho do nosso reconhecimento. Ao nosso paraninfo a sinceridade de nossa homenagem. *Muito bonito*, deixa eu tirar uma foto..... [silêncio]. Nossa senhora. Várias pessoas aqui. Olha que coisa mais linda.

N- Dos meus colegas, só restaram 7. 11 foram embora.

T- Sr. Elcio né?

N- É

T- Recente também né? [silêncio]

N- Nós éramos em 18 na quarta série.

T- Sr. Jose Fernandes foi paraninfo. Que coisa mais linda. [silêncio]

N- Foi.

T- O senhor tinha que guardar isso em um quadro Sr. Nardelli.

N- Você viu aqui?

T- 51 né? Me diz o seguinte. Isso aqui é um registro lindíssimo, o senhor pode guardar.

N- Em 58 foi um ano muito difícil.

T- O senhor julga que a insatisfação da diretora Dona Antonieta, contribuiu para a mudança da situação? Na oportunidade, queria fazer outras perguntas relacionadas a diretora: Como conheceu a diretora Antonieta? Quais foram suas experiências ao longo dos anos de convivência com a diretora? O que você pode falar sobre o ginásio com a diretora?

N- Um pouco. Se você colocar os pros e os contra, ela tem muito, muito mais pontos positivos do que negativos. Antonieta era uma pessoa polêmica. Um pouco instável, mas de coração grande. Ela fazia de tudo para a escola, ela considerava a escola como a segunda casa dela. A obrigação dela era trabalhar dois períodos, mas ela trabalhava três. Era uma das primeiras pessoas que chegava na escola às 7 horas da manhã e ficava o dia todo na escola até 11 da noite. Ela fazia as refeições aí na casa e ultimamente ela morava na rua São Joaquim, aqui na rua de trás na casa do professor Ricardo Giancoli. E a família dela é de São Paulo, família antiga, as irmãs, os irmãos, o pai faleceu logo. Na verdade ela é de São Simão, já ouviu falar? Mas ela teve muito problema com a família. Ela era solteira e ela carregava tudo para ela, principalmente a sobrinha que vinham tudo aí e ficava às custas dela. Uns vinham estudar aí, outros não. Tinha um irmão dela que era uma pessoa não indicada. Sabe pessoa aproveitadora dela, ela chegava no fim do mês ela estava no vermelho, ela não tinha um tostão, ela recorria aos amigos, fazendo empréstimo e depois pagava, outros emprestavam dinheiro a juros altos. Ela tinha uma conta na farmácia da esquina na praça, que era para tirar remédio para os necessitados, mandava uma cartinha um bilhete e o dono da. No fim ficou um tempo, uma temporada, uma casa de auxílio para os mais necessitados. Ela tinha mão aberta, um coração grande. Mas ao mesmo tempo na parte disciplinar ela procurava *manter* aquela disciplina rígida, tanto na questão de uniforme principalmente das meninas das mocas, cigarro de jeito nenhum. Uniforme era obrigatório. Eu também fui diretor, 5 anos no Bernardino logo depois no final da carreira, e fui diretor no Manley Lane, depois que ela saiu se aposentou, o cargo ficou vago e eu fiquei 3 anos aí, depois que eu prestei concurso e fui embora para Cotia. Mas eu digo para você, o respeito que os alunos tinham por ela era muito grande. Ela chegou a se envolver com professores, chegar até processo por desacato e também com alguns pais de alunos, porque ela era rígida mesmo com a disciplina e como eu disse principalmente no uniforme, o uniforme para ela era uma coisa sagrada. Eu também como diretor, o uniforme na verdade.... O que o uniforme escolar representa, o que você acha?

T- Alinhamento, identidade.

N- É uma identidade, porque quem vai ingressar ali tem um portão grande ou embaixo e tal. Está identificado, o aluno está na rua com o uniforme, está identificado, se ele não ia para aula, ia para o shopping sei lá onde, ia no cinema. Então eu sempre eu.... porque hoje em dia o governo aboliu o uniforme.

T- Quando o senhor fala em polêmica, o que mais vem a sua cabeça?

N- Instabilidade, instabilidade de querer chegar na perfeição. Então essa instabilidade dela era muito gritante, ela tinha assim, que os alunos temiam era o grito. Eu vejo isso assim como uma instabilidade emocional nela. E de repente cessava tudo, estava tudo muito boa. Sabe era meio difícil eu fiquei 24 anos com ela, eu fui além de professor por muitos e muitos anos eu fui vice diretor dela. Fiquei com ela até o último dia quando ela aposentou pela compulsória e fizeram uma festa para ela, uma maravilha de festa. Ela era meio vaidosa, ela gostava nas festividades de 7 de setembro no desfile da escola, era o máximo para a cidade. Ela vinha na frente, na fanfarra como se fosse uma sargentona né. Ela era austera e as vezes na necessidade dela de tirar até aluno que estava na formação, na marcha. E aluno que não viesse no 7 de setembro ela *suspendia*. Tinha chamada antes e depois, ela suspendia, independente de quem fosse. Porque era uma obrigação com a pátria o desfile de 7 de setembro. As escolas participavam e o Manley Lane era o apogeu. Tinha as bandeiras, era uma coisa muito bonita. A instrumentação era de primeira, a APM conseguiu comprar os instrumentos todos. Uma APM assim que a gente participava, as contas eram todas certinhas sabe. Não sei falam muita coisa de APM por aí, você sabe disso e a nossa não era tudo certinha. Mas voltando ao 58 que foi um ano difícil, quando ela chegou, não se conformava com a situação que estava lá em cima. Ela caiu na graça do prefeito. Ela logo procurou o prefeito, ela sabia fazer o meio de campo. E o prefeito era de uma bondade uma pessoa assim honestíssima, de gabarito das famílias de São Roque, Tagliassachi. Hoje o acesso tem o nome dele. E caiu nas graças dela e ele topou e falou: vamos continuar as obras do Manley Lane. Ela não pediu autorização para o governo, o governo era outro, Sr Janio Quadros que sucedeu ao Adhemar de Barros, Janio Quadros. Ela foi e topou. Uma coisa que caiu nas graças do Sr Lívio foi o seguinte, o pai da Dona Antonieta. O pai da Dona Antonieta, ele foi assim maçom em alto grau.

[Interrupção de Gravação a pedido]

N- Eu falei para você que em 58 eu tinha começado na faculdade, viajava todo dia, eu tinha aula na cidade universitária, tinha aula depois dois anos depois que a faculdade mudou. Então 58 foi um ano muito difícil, não lá na escola, na nossa família. Meu pai.

T- O senhor já estava lecionando aqui ou não?

N- Não, eu lecionei um pouco antes substituindo a professora de História Natural. Mas eu tinha diploma de normalista de escola primária, eu dava aula substituindo no Bernardino, dava aula quando o professor faltava.

T- Sim, mas eu digo a transição, como foi a transição para ir para a estrutura nova?

N- A mudança?

T- Isso

N- Eu falei que 58 foi um ano muito difícil para minha família. Meu pai tinha, adquiriu aquelas terras e o sonho dele era cada vez mais investir na plantação de uva e fabricar vinho. Essa tradição ele ia abandonar a profissão de alfaiate e dedicar a terra. Mas em 58, no meio do ano de 58, ele começou a ficar doente. 6 meses depois desse mês de junho, era copa do mundo de 58. Dona Antonieta era recém chegada aqui, veio em maio. Constatou um câncer em meu pai. O pulmonar. E durou 6 meses, morreu com 52 anos, em dezembro de 58, daí complicou. Meu irmão estava na poli, passou para o segundo ano, não tinha condições de trabalhar, tinha aula em tempo integral. Aqui não tinha Escola Normal, minha irmã queria ser professora, estava em Sorocaba no curso de Letras em escola partícula. E eu tive que tomar conta lá da adega, nós tínhamos uns 15 mil litros de vinho ainda para vender, meu pai morre, mas foi uma Superamos um pouco o trauma e continuamos a vida né. Daí Dona Antonieta, eu devo muito a ela logo depois tiveram mais substituições, e ela sempre me chamou para dar aula. Naquele tempo podia, conseguia com a faculdade tanto a noite, eu dava aula a noite. Conseguia uma autorização do MEC e dava aula certo. Então nesse ponto eu devo muito a

ela. Inclusive ela conseguiu uma cadeira de ciências ginásial, o professor titular foi embora, aposentou e o cargo ficou vago. Ela conseguiu na secretaria de educação que ela era muito respeitada em São Paulo no departamento de educação, ela conseguiu que eu ficasse com o cargo, interino. Então peguei por 2 anos, ela sempre mantinha. Depois que me formei e tal fui prestar concurso. Fiz concurso de Ciências, de Biologia, fiz concurso para Diretor e passei, mas supervisou não, eu nunca gostei. Mas aí fomos superando essa fase difícil.

T- Quando o senhor começou a lecionar lá no Horácio?

N- Foi em 58, não me desculpe, foi em 59. Meu pai morreu em 58 em dezembro e em 59 que surgiram as aulas.

T- Ok

N- Eu conciliava o horário lá com o da faculdade, eu viajava de ônibus, então...

T- E esse movimento de tentar construir de volta, finalizar as obras?

N- Bom, daí foi seu Arnóbio prefeito veio com tudo. Eles começaram a mexer a prefeitura, na parte do primeiro andar. No térreo não e nem no segundo andar. E na parte do anfiteatro lá na frente e tal. Não demorou acho que uns 8 meses essa parte estava...daí houve a mudança. Aquele dia da mudança *foi um ato de cidadania inacreditável*. A mudança das coisas do Manley Lane aqui em cima, os alunos da primeira série, com 11 anos, 12 eles vinham com material de laboratório, tinha mapas de geografia, tinha trabalhos manuais, tinha biblioteca boa, tinha laboratório, mapa de Geografia, História, tinha o que o governo mandava. Estava tudo guardadinho lá, tinha armários, cadeira, e as crianças tudo em fila, descendo lá de cima, passando pela praça e subindo a João Pessoa para descarregar o material. Foi um ato de cidadania impressionante que todo mundo aplaudiu, e ela quem organizou isso. A grande mudança. Foi assim ela conseguiu cativar a população. Daí nos saímos de lá do Bernardino, o Bernardino voltou a ter as suas horas de acordo com a jornada né e o Manley Lane começou. Aqui tinha já o científico.

T- E esse movimento de mudança o senhor recorda a data?

N- Eu recordo a data nos idos de 59, segundo semestre.

T- Segundo semestre?

N- É. Demorou quase um ano para fazer essa mudança. Depois que o governo do Estado viu isso. Ela mudou sem ordem do governador e do secretário de educação. Ela levou uma chamada, uma advertência no Diário Oficial, por descumprir ordem. Mas ela nem ligou. O que ela queria e a comodidade dos alunos e um ambiente melhor para trabalhar com os professores né, o espaço, inclusive logo depois construiu uma quadra de esportes que está lá até hoje e depois o prefeito Rino Boccatto pai do Élcio fez outra quadra e o Jarbas construiu mais três salas fora. Construíram a cantina, o lugar da merenda, foi surgindo muita coisa. E ela então conseguiu a população ficou satisfeita com ela.

T - Como era a forma de agir da diretora Antonieta?

N - Nossa mas as brigas com professores eram *constantemente, constantes*, ela enfrentava no corredor, enfrentava na saída, então ela tinha esse domínio e de fato ele tinha razão de querer as coisas certas. Ela tinha uma personalidade difícil. Mas ela conseguiu. São Roque deve muito a ela. São Roque nesses 24 anos, a população deve para ela toda essa geração que atua hoje em São Roque deve gratidão a ela, um pleito de gratidão. Porque ela conseguiu depois além do científico, os idos de 60, ela conseguiu trazer o ginásial noturno. Foi uma coisa extraordinária, para os alunos que trabalhavam e que vinham de todos os bairros aí de São Roque, de Mairinque, de Alumínio, aqui de Itapevi vinham para cá, porque não tinha ginásio nos arredores. O ginásio noturno veio graças ao empenho dela, ela tinha muita amizade no Departamento de Educação, ela passava até por cima das autoridades lá do palácio, porque ela tinha muita segurança com o pessoal lá do departamento. Em 62 ela conseguiu. Ela conseguiu trazer o científico noturno [risos]. E conseguiu trazer o clássico a tarde, sabe o curso clássico? O científico era voltado as exatas e até Biologia e o científico a noite. Aí o

governo vendo a necessidade, de ampliar a escola, veio... Conseguiu trazer como é que chama...para construir ordem? Não é licença, mas é como se fosse uma licença. Daí veio para construir a parte de baixo, para construir secretaria, sala do diretor, laboratório, banheiros, terminaram o anfiteatro e logo em seguida foram para o segundo andar. Então praticamente em 63, 64 o prédio estava pronto. Uma licitação. Daí entrou outro governador, Carvalho Pinto. Logo depois que seu Lívio saiu de prefeito nos idos de 60, 59. Porque em 60 entrou um dos maiores prefeitos de São Roque Dr. Mario Luís de Oliveira nos idos de 6.0

T- Mario Luís Campos de Oliveira.

N- O governador o recebia, nas portas, recebia de braços abertos. Daí que veio o término do ginásio. E aí esse viaduto que nós passamos aí era uma ponte estreita que passava uma carroça. Carvalho Pinto deu, esse viaduto embaixo está a marginal né, por causa de Mario, tem a placa lá. E ganhamos também o prédio do Barão lá embaixo, Mario Luiz o governador, e mais outras coisas que... Agora os cursos na verdade, daí passou, Colégio Estadual de São Roque, daí que veio, não lembro muito bem a data quando passou com o nome de Horácio Manley Lane em homenagem ao antigo Sr avô do Horácio Lane que foi prefeito o anterior ne , que tinha muitas terras também do lado de Mairinque , e puseram o nome Colégio Estadual Horácio Manley Lane.

T- Então não foi em homenagem ao Prefeito, mas a família?

N- A família inteira podemos considerar a família do Horácio Manley Lane. Agora depois dessa época.....

T- Isso a gente está na década de 60?

N- 62, 63

T- 63. Que acredito que foi a área que ela mais atuou.

N- Perfeito. E você não sabe o que era a pupila dos olhos dela ainda, que ela vai conseguir um pouco mais a frente, aguarde.

Nessa época, o Manley Lane já constava com uma base de mais de mil alunos e seus cursos. Professores tinham mais ou menos, 70, 80 professores, funcionários. Uma biblioteca muito boa, dois laboratórios, secretaria, sala dos professores, uma sala para cursos assim quando o aluno não consegue acompanhar? Uma sala de reforço né , tinha também . O salão nobre com 400, 500 cadeiras e ali aconteciam festas, comemorações, teatro, banda, música, piano, comemorações cívicas, entendeu. Era assim um anfiteatro dinâmico. Professores trabalhavam bem, tinha muitos professores, de Música, Artes. Então tinha muita exposição, até igreja, porque na verdade a escola era comunidade ne. Até igreja não católica, mas também usavam lá e davam uma contribuição para APM que era sempre bem aceita ne. Então a escola veio assim fazendo o seu papel na comunidade, além disso, a eleição. Toda eleição era lá na escola, quantos anos, toda eleição majoritária ou não a sede era a escola. A década de 60 foi um apogeu.

T- Quais foram as ações realizadas pela diretora Antonieta?

N- Para dona Antonieta, para todas as realizações. Mas ainda falta uma coisa. Falta uma coisa que era a menina dos olhos dela, falta uma coisa. Bom nesse período a escola patrocinava assim cursos literários né, vinha escolas de outros lugares, apresentava uma coisa, tinha concurso de redação, tinha da escola, concurso, as vezes tinha concurso de fanfarra, então ela procurava sempre colaborar e participar de todas essas atividades extra classe, né porque eu sempre digo, a escola é da comunidade. Ruim, péssimo professor que fecha as escolas. Trabalhei sábado. A escola é centro é uma coisa dinâmica que tem que ser aproveitada.

T- O senhor disse que teve os olhos, um acontecimento, os olhos.

N- É eu não falei ainda.

T- Me diga por que eu estou super curiosa. [riso]

N- Verdade. As coisas iam indo bem. Agora, ela tinha também, descobrir professores. Embora isso não seja uma atribuição, desde aquela época tem sempre aqueles decretos,

portarias, atribuições que determina as aulas, como é que é, como não é, por contagem de pontos, não é isso? Títulos, tal, mas ela sempre primou pela escola dos bons professores, e as vezes fazia sondagem de professores, ela queria professores cada vez melhores. Talvez ela tivesse razão, mas quando os professores vêm com seus títulos, contagem de tempo, aí é difícil né, aí tem que aceitar. Tinha alguns professores, que ela ficava no pé, principalmente professor que chegavam atrasado e não tinha disciplina e sempre acham que melhor que a escola. Houve esse confronto em outras escolas também, mas é normal né. Mas as coisas iam indo bem viu, embora tivesse uns processos rodando aí, mexia com os vereadores, mexia também com a cidade, ela teve seu jeito com os professores, também era difícil de lidar viu, ela enfrentava mesmo. Quando tinha que ir lá na câmara enfrentar vereador ela ia, mas sempre em benefício para a escola, não para ela.

Mas agora o que ela queria mesmo, era mais um curso aí. E isso veio acontecer nos idos de 63, 64. Trazer a *Escola Normal, magistério, formação de professores* do antigo primário. Você entendeu? Formação de professores, professorinhas. Isso foi uma conquista impressionante. Tudo porque ela tinha conhecimento, ela era respeitada lá em cima e as intenções dela eram sempre boas. A região não tinha uma Escola Normal, tinha Escola Normal em Sorocaba no Estadão. Depois veio Escola Normal lá em Itu, Regente Feijó, mas aqui não tinha nada. Tanto assim, que a primeira turma de professoras formadas aqui, normalistas foram alunas de outras escolas, como aconteceu no ginásio que vieram alunos transferidos, vieram também alunas de Escola Normal de Sorocaba, ou Itu, ou Campinas. Vieram aqui agregar a nossa escola, dar continuidade. Porque naquele tempo tanto tinha o primeiro colegial depois era o segundo e terceiro normal, então já vinham algumas para o segundo, algumas já vinha para o terceiro. E todos esses anos até que funcionou a Escola Normal, porque depois o governo acabou, só se faz pedagogia hoje né, Pedagogia mesmo para nível básico, não tem mais Escola Normal, mas a Escola Normal aqui foi *um presente de Deus*. Nós conseguimos formar aqui, já estava integrado com efetivo, mas conseguimos formar mais de duas mil professoras, até acabar o curso, formamos mais de 200 mil. Duas a três vezes me convidaram para comemorar 50 anos de formadas, a última foi agora em Dezembro lá no seminário do Marmeleiro, a turma anterior de 67, 68 foi lá na Tia Lina que fizeram, conhece? Teve um almoço lá muito bonito. Para Antonieta a Escola Normal e o Instituto de Educação eram tudo, eu acho. Porque voltava-se as normalistas, tanto assim que foram criados a Escola Normal, também o governo criou por decreto o curso primário anexo. Mas era preciso fazer, colocar em prática, e a diretora fez. Assim foi criado o curso primário. Que é o curso primário anexo? Você Lembra?

T- Ele tem a possibilidade de dar aula né?

N- Estágio.

T- Estágio.

N- Então daí, veio também no pacote o curso primário anexo, funcionava lá em cima, com 4 salas, vieram também professoras efetivas por concurso. E as alunas faziam estágio, e também *davam aula*, contribuindo para a formação pedagógica, não é isso?

T- Sim.

N- Conhecendo os currículos, toda a artimanha né do planejamento, nós já tínhamos ideia para começar a trabalhar né, isso foi uma conquista fabulosa. Daí então como tinha praticamente todos os cursos, a escola aí como outras também mudaram de sigla.

T- Era Instituto.

N- Instituto de Educação Horácio Manley Lane, era uma referência para a região. *Uma referência para a região de São Roque*. Também já tinha a delegacia de ensino, depois veio a diretoria de ensino que abrangia tudo né, tem a diretoria hoje e também tem o departamento de Educação que tem que tratar das escolas municipalizadas, responsabilidade da prefeitura.

T- O instituto de Educação?

N- Foi até 71, 72 zerou tudo, quando veio a 5692 aí veio foi o ensino fundamental de 1 a 8 série, você lembra?

T- Sim.

N- Né. E depois o que aconteceu?

T- Vinha a década de 70 né?

N- Dai fundiu o primário com o ginásio e aí ficou ensino fundamental até a 8º série. A 5692 veio trazer transformações importantes na Educação.

T- Como que se pensou, como ocorreu dentro da escola, essa transformação?

N- Ocorreu sem trauma. Porque tinha também a orientação dos superiores né. Inclusive naquela época chegou a... Que ano você veio para cá?

T- Eu vim recente. Em 2012.

N- Ah recente. Na época de 72 já vieram a programação nova, eram os cadernões de todas as aulas. Eu participei de um treinamento em São Paulo e mais de 1 mês, com as novas diretrizes educacionais para as séries iniciais até a 8º série né no departamento de educação. Era um treinamento, depois eu transmiti toda essa, esse estudo né, chamava-se de guias curriculares, eu fui para Sorocaba para passar lá para os diretores, essas mudanças da área da educação que veio lá do governo federal, entendeu? E isso aí aos poucos também foi..... sabe. Agora já houve outra mudança, o Mec. já há 1 ano ou 2 que ...mas eu não peguei, já estava aposentado.

T- Na década de 70 teve essa mudança dentro da escola né, com o ensino de primeiro e segundo grau, e como isso transformou a realidade da escola?

N- Como transformou? Em princípio com dificuldade. Na verdade os professores foram pegos meio que de surpresa, mas aos poucos os cursos como se fosse reciclagem né, hoje em dia as coisas foram clareando né, tinha que ser assim.

T- E o senhor, o senhor avalia que foi um processo tranquilo como mencionou né?

N- É lógico que toda mudança acarreta insatisfação. Então houve também isso mas aos poucos foi acomodando. Agora com essas mudanças que eu falei para você as escolas perderam até as siglas, que eram Institutos de Educação, então perderam. Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Horácio Manley Lane. Agora se fosse só de segundo grau era Escola Estadual de Segundo grau Horácio Manley Lane, que é hoje.

T- Isso. Como dentro dessa relação até então, a Dona Antonieta era muito participativa na construção.

N- Na construção. Ela não era uma pedagoga de alto conhecimento. Ela estudou na USP lá na época de 40, Pedagogia, e veja a diferença, ela prestou concurso, passou, ingressou e foi lá para Itararé né. Então ela aposentou aqui em 81, no dia 30 de dezembro de 81 quando ela fez 70 anos ela foi aposentada pela compulsória entendeu. Então, mas no fim ela aceitou, ela fez tudo com determinação dos superiores, da delegacia de ensino. Mas que na verdade a escola, a escola Manley Lane perdeu a Escola Normal, o colegial continua, perdeu o clássico, perdeu a Escola Normal, não perdeu o científico, porque ficou o colegial só ne que abrangia o clássico e o científico. Ficou só o colegial, o ensino médio e a Escola Normal ficaram na mão da faculdade. Dai de faculdade não foi? E você não sabe da maior ainda. Em 64, ela recebe uma demanda pelo curso de administradores escolares. Foi uma luta para conseguir, mas ela conseguiu este curso aí em 1972, já pela lei 5692, ela conseguiu um curso de administradores escolares. Isso aí foi também uma, um fator bastante positivo para ela, ela conseguiu. Eram dois anos de administradores escolares, e sabe para que era destinados esses cursos? Para diretores do antigo primário. Você entendeu? A maioria dos diretores dos antigos grupos escolares das escolas, eles tinham formação de nível médio. Quer dizer eram professores faziam concurso e escolhiam a direção, dos antigos grupos escolares. E com essa lei aí obrigava os dirigentes de escola, os diretores, a ter um nível superior. Então como é que funcionava isso? Funcionava assim. Foi criado um grupo de administradores escolares do

Instituto Horácio Manley Lane, posteriormente perdeu o Instituto. Eram dois anos, tinha agrade curricular do primeiro ano e a grade curricular do segundo ano. E tinha lá História da Educação, Psicologia, Sociologia, Estatística, tinha Biologia Educacional tinha o que mais? Psicologia educacional, além da Psicologia Educacional tinha a geral, o que mais? Sociologia, várias disciplinas que os alunos tinham que cursar em dois anos, fora o estágio. Eu cheguei a dar aula de Biologia Educacional, que fazia arte do currículo. Agora concluindo esse curso de 2 anos, os alunos, podiam entrar na faculdade de Pedagogia, então foi aquela leva de alunos sabe para onde aqui? Para Itu. Itu, alguns para Sorocaba lá na Uniso, antigamente não era Uniso era Dom Aguirre. Faziam mais 2 anos e tinham o título de pedagogo mesmo, entendeu. Que na verdade o curso de Pedagogia eram 4 anos, não sei se você pegou? Então em dois anos eles estavam em casa, estavam aqui. Dois anos estavam aqui praticamente mestres, em casa e dois anos faziam uma faculdade reconhecida, tal, que era por exemplo em Itu, Sorocaba, Itapetininga.

T- E quantas turmas tiveram?

N- Do curso de administradores? Eu calculo umas 2 ou 3. Foi caindo à demanda. Porque todos os diretores efetivos dos grupos escolares já partiram, já foram como que diz, onde encontra a regência e os grupos escolares tornaram se ginásios. Então esses diretores dos grupos escolares não tinham condições administrativas de dirigir o ginásio, porque eles não tinham formação pedagógica necessária.

T- Entendi.

N- Então foi uma vitória importante para eles. Porque eles começaram a ganhar mais nas referências porque eles eram diretores de escolas de primeira a oitava série. Então aí quem fez, e me parece que depois instituíram isso porque no estado todo. Foi aí que as faculdades de Pedagogia cresceram, porque receberam alunados que já tinham feito dois anos de administradores escolares nas escolas dos antigos institutos.

T- Uma outra coisa que eu ia perguntar ao senhor, que eu lembrei, era os momentos de época. E aí eu não sei se o senhor pode me dar essa perspectiva. Houve alguma relação ou questão. Porque esses momentos que foram da década de 60 e 70 passaram por regimes militares e de intervenção. Foram épocas né. E assim eu gostaria de ouvi-lo a respeito.

N- Foi uma época difícil viu. Foi uma época sanguinária. Uma época difícil.

[Interrupção de Gravação a pedido]

N- De disciplinas, principalmente na organização social político brasileira e na educação moral e cívica. Os professores eram meio treinados assim, de uma maneira assim diferente né, porque a gente não podia falar nada.

T- Era uma censura né, um processo de censura com o professor.

N- Oh Cida, vem aqui um pouco?

Foi uma época difícil não foi? Como que era aquele negócio.....

T- A retomada que a gente tem então é nessa transformação da educação na década de 70 né, foi essa transformação no primeiro e segundo grau né.

N- Foi tranquila. Mas digo uma coisa, as escolas nesse período de chumbo que falam, eram também muito vigiadas viu, indiretamente eram. E tinham pessoas aqui, uns morreram já, como é que fala? Dedo duro né. Eu presenciei algumas coisas e não foi fácil não.

T- E essas ...esses foram os momentos e anos difíceis e finais também não sei. Como que poderia o senhor me dizer que foi o processo final da participação de Dona Antonieta, na escola.

N- Foi uma participação assim triste, que ela estava vendo que estava chegando a hora. Ela ia completar 70 anos. No dia 30 de dezembro, 30 de dezembro de 81, época de natal e nós fizemos uma festa enorme para ela. Foi uma festa com participação de professores, alunos,

pais, família. *Nossa mãe*, foi a despedida dela daqui de São Roque. Ela ia embora, junto as irmãs que ainda eram vivas lá em São Paulo. Nunca mais então a gente iria vê-la. Os discursos foram uma choradeira só. Fizeram os presentes tal . Bom, isso foi no dia 30 de dezembro de 81. Dia 31 e depois veio o dia primeiro de janeiro de 82, foi um sábado ou uma sexta feira? Sexta feira. No dia 02 de janeiro foi um sábado, dia 03 de janeiro um domingo, e dia 04 as escolas foram reabertas né. E eu tomei posse como diretor, eu era o substituto dela e além da minha formação de São Paulo eu tinha também Pedagogia, e direção escolar e supervisão escolar. Eu assumi a direção da escola. Vamos começar a trabalhar né janeiro e uma época difícil, com rematrícula, aquela época tina aquelas, aquele reforço escolar.

T- E o senhor se manteve até que dia?

N- Até o ingresso do diretor que foi em, 84.

T- 84.

N- 84 é, foi em maio de 84 eu não lembro a data que eu ingressei que tinha feito concurso de direção.

T- E quem que fez a transição? Quem foi o próximo diretor?

N- O próximo diretor? Ah sim! A diretora efetiva que era a Adair, ela nem chegou a assumir, ela foi designada na diretoria de ensino como supervisora. E daí quando eu saí entrou..... porque tinha escala para subir de diretor, entendeu? Então veio uma professora chamada, chamada..... Neusa. Não, não, veio diretor novo de Sorocaba, Lauro Doto. Ele já é falecido, ele era doente. Depois que esse Lauro foi embora veio a Mirian Godinho . Ela ficou um tempo até aposentar. Depois, depois vieram outros né que sucederam. Eu falei para você que eu assumi dia 04 de janeiro de 82, com todas as condições. Eu era o diretor do Manley Lane, isso no dia 04 de janeiro. Dia 05 uma terça feira, dia 06 uma quarta-feira, dia 07 uma quinta feira. Eu assumi como diretora e estou na diretoria, umas cinco horas da tarde, o secretario que também já é falecido, meu amigo Godinho, também fechando lá e tal, não tinha mais ninguém no prédio, toca o telefone. [silêncio] Alô...quem era? Dona Antonieta.

T- Dona Antonieta?

N- Alô! Oi Dona Antonieta, tudo bem?

Tudo bem e tal....

Como é que está, já se acostumou bem em casa?

Sim, mas eu não estou em casa, eu estou em frente a vocês.

Como Dona Antonieta?

Ah, eu estou aqui em São Roque de novo. Eu estou aqui na casa do Laurenciano. Nós casamos hoje de manhã e eu vou morar aqui. [Silêncio]

N- O Godinho estava perto de mim ficou branco. Era só atravessar a rua e ela estava no -----
----- . Desde aquela época em 58 ela era apaixonada por ele.

T- Esse era sim era o entendimento de todos.

N- Ela tinha dois amores . Quais, quais que ela tinha?

T- A escola e ele.

N- Sim, a escola e ele.

T- Em termos pessoais diria então que ela só veio a ter um relacionamento depois que ela terminou a escola, foi isso?

N- Foi

T- Até então ela se manteve todo o período que ela era diretor solteira. Ela só foi casar depois que ela se aposentou.

N- Exatamente

T- Entendi

N- E você já conhecia a história? Pensou que eu não ia falar?

T- Pensei, mas eu queria ouvir do senhor.

N- Olha. Era um amor louco. Ela tinha um cuidado com ele fora de série.

T- Mas eu acho que isso é importante da gente saber.

N- E foi no trabalho dela. Ele mudava, sabe o que ele queria? *Uma empregada, uma cozinheira*, você entendeu? Essa instabilidade dela, ela estava sofrendo muito, foi em janeiro de 2001.

T- Dai foi uma doença.....

N- Incurável .

T- Foi um câncer no intestino. Ela teve por algum tempo será?

N- Acho que nem um ano viu.

T- Nem um ano.

N- Ela não mudou de cidade, ela foi morar na frente da escola. Mesmo aposentada ela não parou de ficar de olho na escola. Ela sempre ligava para mim. Mas uma coisa que me entristeceu também sabe, foi quando eu assumi a direção. Eu trabalhava de manhã e à tarde, e a professora Mirian. Maluf conheceu?

T- Sim, eu conheço parte da família dela.

N- Lá de Lençóis.

T- Sim.

N- Ela foi minha aluna, trabalhamos juntos.

T- Ela se tornou diretora né?

N- Supervisora. Ela foi minha aluna, depois trabalhamos juntos, ela foi professora de Língua Portuguesa, Literatura e depois ela foi para administração, foi para supervisão na delegacia de ensino. Depois aposentou. Mas antes, ela era simplesmente uma professora, eu escolhi a Miriam como minha assistente depois que a Dona Antonieta saiu, isso foi em 82 né, janeiro de 82.

T- Sim

N- Então eu ia de manhã e à tarde. E na quarta feira eu ia à tarde e à noite, revezava. E ela fazia também alternado, mas ela fazia mais a tarde e à noite. Logo que Dona Antonieta, voltou aí para casa dele, ela foi lá no ginásio no portão de cima. Porque ela tinha visto uns alunos, em janeiro os alunos faziam reforço, em janeiro olha só.

T- Sim, sim.

N- E depois em fevereiro faziam prova. Então tinha aula. O governo deixava contratar professores assim extras para dar essas aulas. E sempre tinha bagunça ali na frente e tal, pulavam o portão e ela ficava olhando, do portão da casa que era em frente. Então ela veio lá, entrou pelo portão, e chamou a Miriam, e chamou a atenção da Miriam. Miriam você tem que estar olhando esses alunos, não sei o que, porque eles estão fugindo, e a Miriam mandou ela sair e falou: a senhora aqui não é nada , a senhora vai embora.

T- Acho que o importante desse depoimento seu, seu Nardelli e que mostra que ela manteve o vínculo, essa é a questão.

N- O vínculo, é verdade. Você concluiu que tipo de personalidade era a dela? Ela nunca teve um amor. Isso é muito importante para uma pessoa. A gente foi moço, namorou você também né? Mas ela não. Ela veio escolher São Roque, ela veio para cá, ela namorou o ginásio.

T- Sim eu acho que aí que define, ela viveu a vida dela aqui, e a vida dela era a escola, podemos tirar essa conclusão.

N- A escola ou a escola mais que ele, você entendeu? É um duplo ali, uma conexão difícil explicar.

T- Entendi. E que você nesses 24 anos que ficou junto com ela, que observou isso, você consegue ver essa questão né, do envolvimento dela com a escola e a dificuldade toda que ela teve no relacionamento. Que no seu julgamento, teve perturbações ao longo da vida dela né.

N- Então a vida dela foi altos e baixos, eu não sei interpretar, você é psicóloga você sabe. Não sei como. Ou ela precisava de psiquiatra ou ele, sei lá.

T- Eu já ouvi sim

Podemos dar uma finalizada? Gostaria de contribuir com mais alguma observação, recordação, lembrança ou memória?

N- Não acredito que já contribuí o suficiente.

T - Sim, contribuiu bastante, obrigada pela sua atenção.

[Final da Fita]

APÊNDICE D: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE MIRIAM MALUF DE OLIVEIRA

T- Então, como eu falei da entrevista né que a gente vai fazer hoje, a gente vai falar sobre a, escola Horácio Manley Lane e a participação né e contribuição, as ações que a diretora Antonieta exerceu.

Assim eu gostaria de ouvir você sobre as seguintes questões: Como você conhece a história do ginásio de São Roque? Quais foram suas experiências no ginásio de São Roque?

Eu tive indicação do Professor Nardelli né. Prof. Wlademir né, todo mundo identifica ele como Wlademir. Professor Wlademir né [risos], não era isso?

M- É, Wlademir. É

T- Nós conversamos e ele foi bem enfático em dizer que eu teria que conversar contigo [riso].

M- É assim, o Wlademir tem uma experiência maior que a minha lá na escola. Ele foi meu professor, no que hoje corresponderia ao 8º, 9º ano do fundamental né. Ele não era nem formado ainda. E nessa época a gente tinha dois ou três professores que não eram formados né. E depois eu comecei a trabalhar no Manley Lane em 66, é em 66, aí ele já era professor lá, depois ele se efetivou, daí eu trabalhei com ele, assim a gente sendo colega né, até 76. Aí eu me efetivei, e tive sorte porque era a única escola aqui em São Roque né, de ficar lá mesmo. Ai quando a dona Antonieta se aposentou, ele foi para direção da escola e eu fui ser assistente dele né. Era um cargo que existia na época, hoje parece que é vice diretor que chama, não tenho certeza. Mas na época era assistente né, eu fui ser assistente dele, depois ele saiu[silêncio]. Não, antes disso veio um diretor efetivo, eu sai e ele voltou a ser vice, que ele era o vice da dona Antonieta né, ai depois ele voltou para direção, e depois ele saiu da escola porque ele foi para delegacia de ensino, não me lembro bem e ai que eu fui para direção do Manley Lane né.

T- Em que ano que a senhora iniciou na direção do Manley Lane?

M- Eu fui acho que em 80, 79, 80, acho que por aí....[silêncio]. Daí eu fiquei lá até, até 85 aí eu ingressei como diretora, sai de lá e fui para Cotia, aí não voltei mais.

T- Joia. No período. Me fala um pouquinho da sua história como professora. No período em que mesmo então em 66 você era professora do Horácio Manley Lane. Você acabou sendo aluna lá também, ou só professora?

M- Não, fui aluna.

T- Foi aluna anteriormente é isso?

M- É, do que seria hoje 5º série, 6º ano né? Então assim, o 6º ano, eu fiz em Sorocaba e a partir do 7º até o terceiro colegial eu fui aluna do Manley Lane né.

T- No Bernardino?

M- A gente começou no Bernardino.

T- Foi uma das primeiras turmas no Bernardino? No Bernardino teve um período entre 47 até 58 né, no Bernardino. Mais ou menos em 58 teve o movimento de ida para o prédio ainda em construção né?

M- Isso.

T- Então você foi uma daquelas turmas desse período?

M- Desse período. Eu fui aluna, quer dizer, eu voltei para cá né, aqui para São Roque no que seria no 7º ano, isso deve ter sido 56.

T- Pronto. Também gostaria de fazer as seguintes perguntas para você: Como conheceu a diretora Antonieta? Quais foram suas experiências ao longo dos anos de convivência com a diretora? O que você pode falar sobre o ginásio com a diretora?

M- Então eu fiquei 1 ano no Bernardino e daí em 57 a Dona Antonieta, vamos dizer assim [riso], invadiu o prédio do Manley Lane, que já tinha mais de 10 anos erguido lá né, foi no

tempo do Adhemar de Barros governador, que ergueram o prédio né. Ergueram e ficou. E aí que a gente foi pra lá, não tinha carteira, não tinha nada, a gente tinha que levar de casa né, cada um levava uma cadeira, para montar as salas, e escrevia na mão, apoiava na prancheta né para escrever, a minha era uma cadeira da cozinha lá da minha mãe né. E de todo mundo era assim né, e a gente escrevia em uma prancheta.

T - Você poderia dizer que esta foi uma das realizações de Antonieta? Aproveitando o momento, queria fazer outra pergunta. Quais foram as ações realizadas pela diretora Antonieta?

Sim. Ocorreu que ela fez da seguinte forma, ao longo. Aí a dona Antonieta foi montando a escola né. Terminou o prédio, pintou, daí vieram as carteiras, mobiliaram, equiparam e tudo mais né. Mas aí isso deve ter sido, eu não tenho muita certeza, em 59 por aí né, que o prédio ficou habitável [riso]. Mas a ida, mas a ida a escola, o prédio lá realmente a gente deve a ela né, foi ela que brigou muito por isso e insistiu muito né. Se ela não tivesse tido a coragem de levar a escola para lá antes do prédio pronto, a gente não teria ido né, o governo acho que ia terminar [riso], com o tempo dele né, não com a necessidade da escola né. E aí o que acontecia era assim né, era a única escola de fundamental dois, que tinha aqui em São Roque né. O Bernardino era uma escola conhecida, mas como fundamental um, o que seria hoje o quinto ano né. Era uma escola tradicional muito antiga, a segunda do estado de São Paulo, a primeira acho que é de Itapetininga. Mas a única escola do 6º ano para frente era o Manley Lane e por muito tempo foi assim né, até o colegial. A gente tinha, acho que daqui de São Roque. No início, assim do sétimo ano a gente tinha dois professores, que era o Wladimir e o professor de matemática, Luís Antônio. Os outros todos eram de fora, todos vinham de São Paulo para cá para dar aula. Aí depois veio um professor de Português, por exemplo, que não era daqui mas veio morar em São Roque, aí já tinha mais um daqui de São Roque né. E a escola foi crescendo dessa forma assim né. Aí os professores de fora, a estrutura da Secretaria de Educação foi mudando, eles foram ir para São Paulo, daí já tinha outra estrutura aqui né, mas durante muito tempo todos eles eram de fora, todos eles vinham de São Paulo para dar aula aqui, com a vantagem de ser uma cidade perto. Então para o professor era vantagem né, eram professores concursados efetivos, mas que vinham de São Paulo para cá para dar aula para gente.

É. A gente eu acho assim. Daí eu terminei o terceiro colegial aqui. Aí eu entrei na faculdade, o primeiro ano eu fiquei fora aí quando eu estava no segundo ano da faculdade, eu vim dar aula no curso noturno. Para o que é o sexto ano. A dona Antonieta me chamou para vir dar aula. Aí eu fiquei aí, até ingressar como diretora, eu trabalhei aí né, mudando de cargo, mas fique aí mesmo.

T- Esse processo de vinda sua, essa relação que você teve com a diretora Antonieta. Como foi isso?

M- É ela já me conhecia, ela era diretora e eu fui aluna né, fui aluna lá o tempo inteiro né que ela foi diretora. Eu acho assim que na verdade o que aconteceu, particularmente comigo, era assim. Tinha uma inspetora de aluno na escola, a dona Libéria Rabecchini. E ela e a dona Antonieta, ela era a amiga da dona Antonieta dentro da escola né. Acho que pelo gênio pela forma de trabalhar da dona Antonieta, ela não, ou ela ou as pessoas eu não sei te dizer, tinha uma certa dificuldade de relacionamento entende? Ela era respeitada mas, ela não era, não fui amiga dela. Não sei dizer se eu fui amiga dela? Não, não fui né. A amiga dela mesmo era a Libéria a Dona Libéria. E eu vim porque a Libéria disse para ela que eu estava na faculdade, tinha 10 aulas que tinha à noite e aí eu vim por isso sabe. E daí eu não saí mais aí fiquei, fiquei muito tempo trabalhando só à noite depois, aí fui para o período diurno e assim foi. Mas a grande... A segurança vamos dizer assim, da dona Antonieta aí dentro da escola era Libéria né, ela era assim. Ela atendia a todas as necessidades da dona Antonieta. Precisava de comida ela levava comida, precisava de você compra ela ia fazer compra, precisava tudo que

eu precisava ela, ela que fazia né. A dona Antonieta morava na casa de um professor e né, do seu Ricardo Giancoli, mas na verdade ela só ia para casa de noite né. Assim ela dormia praticamente só na casa dela passar o dia aí no Manley Lane né. Era a razão de ser, da vida dela assim ne. Ela entrava às 7 horas da manhã e saio às 10 horas da noite né um negócio assim [riso], bem fanático [riso]. Ela não deixava escola de jeito nenhum né. Eu particularmente acho assim, se deve muito a ela né que nem assim a gente só conseguiu mudar de escola por causa dela né, a manutenção ali da escola foi ela né. A maioria das árvores plantadas lá foi ela. Ela tinha uma preocupação organizacional assim né da escola muito grande né Assim, que podia que não podia mais fazer como é que não fazia né. Eu não sei dizer para você se era uma questão de época ou se era uma característica assim. Ela não tinha nenhuma preocupação pedagógica assim entende? O que você imagina do que é hoje um diretor de escola que você tem que estar junto com professor, você responde pelas atividades da escola né, você como diretor né? Você, você trabalha com um aluno você tem que atender né. Existe uma série de atividades que hoje um diretor precisa fazer né. Isso não acontecia aqui na escola, nem quando eu era aluna nem quando eu era professora né. Era, era uma escola assim, eu acho que era a visão educacional da época né assim. É, não havia essa questão, por exemplo, assim, de reunião pedagógica, vamos ler, vamos estudar, não vamos nada, os professores acho que eram competentes por si só [riso]. Não sei, mas isso não acontecia né. Agora eu não sei dizer para você se não acontecia aqui ou não acontecia em lugar nenhum isso eu não sei. Mas não havia assim esse lado pedagógico, que qualquer diretor hoje precisa fazer né.

T- Outra pergunta que relaciona muito com o que você está falando: Como era a forma de agir da diretora Antonieta?

M -A forma de agir da Antonieta era por exemplo assim. A relação que ela tinha com a comunidade escolar era e uma relação que acontecia somente entre a Associação de Pais e Mestres, que era obrigatório, mais aí também entrava, entrava uma questão assim né. O presidente da associação era alguém que ela queria entendeu? A formação dessa associação também era. Ela formava essa associação né. Pai do fulano, pai do fulano. E era uma entidade assim que, que não tinha assim muita autonomia né, teve um pouco de autonomia, quando. É, eu não lembro o nome dela, mas o sobrenome dela era Tranjan, quando ela assumiu ela, ela é uma pessoa muito decidida né essa senhora, então aí ela conseguiu fazer algumas coisas por conta dela né. Nanci Tranjan. Mas fora disso era bem, vamos dizer assim, a Dona Antonieta era presidente da APM [riso], ela decidia e fazia né, o gasto do dinheiro que vinha né que o governo mandava e tudo mais era tudo assim administrado por ela, era a forma dela fazer né. E tinha assim essa questão, bem administrativa assim da escola né, isso ela fazia né. A escola tinha uma secretaria com uma secretária muito competente, uma auxiliar na secretaria também muito competente e ela confiava neles, então... ela não tinha vamos assim esse relacionamento com um papel com andamento né isso não né. Seu envolvimento era realmente, a escola né, assim que aluno não tivesse fora de sala, que a escola tivesse limpa, que não tivesse papel no chão né. E ela gostava de mandar aluno catar papel e aí dava uns rolos monumentais. Outra coisa era a questão assim de uniforme e como os estudantes vinham para a escola limpos e organizados, e como era a sua postura na sala de aula, mas eram coisas de disciplina assim né Ela tinha algumas, algumas épocas assim que ela observava determinadas coisas né. No começo a gente tinha uniforme que era obrigatório. Tinha um sapato para você ir para escola né. Foi numa época assim que, era um tipo de sapato, como um sapato masculino de amarrar sabe? E na época pareceu alguma coisa semelhante a mocassim hoje né, [risos]. Claro né só que a gente queria né, a meninada ali 12, 13 anos queria aquele sapato, mas ela não permitia né. Diziam assim que ela contava os furos dos sapatos [riso]. Não era verdade mas era o que dizia [riso], a coisa chegava num tal exagero, tanto da parte dela como da parte dos frequentadores que diziam que ela contava os

furos dos sapatos. Que a gente tinha que parar na porta para ela contar os furos sabe [riso]. Mas ela tinha assim uma fixação muito grande né. Você não entrava sem uniforme e o comprimento da saia né. Ai quando aparece a saia mais curta então você via toda a meninada com a sai enrolada na cintura para que ela ficasse mais curta, ai na hora que chegava na porta da escola puxava a saia [riso], que ela tivesse num comprimento adequado para que você pudesse entrar ne. Então esse tipo de coisas existia muito sabe.

Existiam muito também uma grande divergência entre ela e os professores, alguns professores né. Uma divergência que acabava refletindo na gente né, como aluno. Você sabia que como ela era muito brava muito exigente, ela gritava muito com a gente assim né. Enquanto aluno ta. É vamos dizer assim, a gente pendia para o lado do professor, mas no sentido assim de ser contra ela sabe. Isso acontecia muito assim né dá uma vez em quando assim mas grandes discussões no corredor da escola, tinha uns lances desse tipo assim né. E o tempo todo que ela esteve aqui houve essa questão de desentendimentos e discussões de processo sabe. Mas hoje me parece que era alguma coisa que, a adrenalina dela funcionava né, no fundo da história ela gostava né. Daquela, daquela questão de desentendimento daquela questão de advogado sabe, porque chegava nisso assim sabe, se xingar [riso].

T- A relação entre ela e os professores? Como era a forma dela agir, neste caso?

M- É, era entre ela e uns três quatro professores só né, não era todo mundo não.

E depois quando eu fui ser professora alguns professores ainda esse período, ainda estavam na escola e continuava assim um certo desentendimento, e mas aí diminuiu assim um pouco sabe. Era menos, mas continuou assim né. Ela nunca se deu um professor de matemática que tinha aí, ela nunca se deu com a irmã dele. Tinha mais um professor de português também que ninguém ela não se dava, mas não se dava assim, nesse nessa questão de desentendimento muito sério assim né, deles se ofenderem do professor vim para sala e fala mal dela para aluno não sabe? Uma situação assim. Isso acontecia. Mas ela teve uma influência grande assim, na forma como essa escola se manteve né. Durante todo o período dela, foi uma escola assim que nunca perdeu. Nunca perdeu a posição que tinha dentro da cidade entendi. Embora tivesse assim ela brigava com pai, pai brigava com ela né, essas coisas, mas era uma escola assim de que andava muito bem estruturado assim nesse aspecto assim né de quem entrava quem saia da escola. Havia um nível bom de ensino, mas é uma característica da época também né. A maioria das escolas eram muito boas né porque havia uma seleção de alunos também né. Quem frequentava a escola era um pessoal mais, com mais possibilidade né, poder aquisitivo. Quando a escola começou a se abrir né, tornava mais popular, para a população em geral né aí é a dificuldade dela foi maior. Porque de qualquer forma ela teve que lidar com um outro tipo de aluno né, e um aluno que vinha muitas vezes com mais dificuldade para escola né. Embora não seja né, não dá nem para comparar com hoje. Mas de qualquer forma escola começou a se modificar né. Mas ela não se modificou né. Ela se manteve lá naquela escola, do que pode e não pode o que é permitido que não é permitido né. Na mesma forma de organização da escola, coisa que ela não conseguiu manter mais. A escola cresceu muito né tinha acho que tinha....[silêncio] 16, 17 salas por período.

Uma época que eu estava na direção, estava substituindo na direção, a gente tinha 2.500 alunos na escola né. E no tempo dela, no fim do período dela já tinha assim esse absurdo de alunos né.

Ela chegou a construir sala fora né e ela acolhia todo mundo, ela nunca deixou aluno fora da escola. Chegava lá ela tocava dentro da sala e não tinha conversa. É a questão assim de não ter vaga, não existia com ela, ela colocava todo mundo dentro da escola.

As minhas lembranças assim dela, eu considero assim. Eu sempre fui, ela sempre me respeitou no sentido, é de que havia assim, por exemplo, além desses desentendimentos uma postura de gritar com professor, existia assim esse lado. Eu nunca tive nada disso, nem tenho assim....não é reclamação, mas vamos dizer assim, fato desagradável para no meu

relacionamento com ela. Nunca foi um relacionamento... vamos dizer assim íntimo né, apesar da gente ter convivido tantos anos, mas foi sempre um relacionamento de muito respeito sabe da minha parte claro né, ela era autoridade. E da parte dela comigo também né. Mas ela cobrava muito assim na questão de falta de professor, ela tinha ataques homéricos quando chegava lá e não tinha professor para dar aula. Essa história de sala vazia, sala fora assim né um negócio assim que, ela não admitia não né. Ela chamava muita atenção do professor nessa questão né. Não sei o que mais você...[riso]

T- Você mencionou que, que a questão era mais de questão de ordem né e não numa questão pedagógica né. E isso marcou bem ela, se pode definir se é que esse momento ela tinha uma relação mas de manter escola né? E não numa relação de pedagógica. Poderia entender assim né?

M- Isso. Foi isso mesmo. Eu acho que a, a gente também precisa encarar aí a mudança né que o que é escola teve né, as vezes né eu penso assim que ela não tinha essa necessidade. Dessa questão dela se preocupar com a questão pedagógica né. Você tinha um professor, bem formado, é bem formado vamos dizer assim né. A maioria dos professores que estavam aqui na escola que foram meus professores e depois de alguns com quem eu trabalhei, era tudo um pessoal formado pela USP né. Então vamos dizer assim, tinha uma formação adequada né. E não tinha muito também a questão né não fazia parte do processo ali na época, de você está considerando-se o aluno comeu não comeu se ele está triste, não havia nada disso né. O professor entrava na sala de aula e você tratava de estudar e fazer prova e passar de ano. Sem, sem muita relação, pessoal ou emocional como professor né. Praticamente não existia isso né, existe assim por exemplo [risos]. Quando eu era aluna né, fofoca de professor porque fulano porque, mas entre os alunos né, mas era uma questão assim. E porque você não sabia nada deles mesmo né, eles eram de fora. E você não de vez em quando é que aparece umas histórias assim né mas, na verdade você como aluno, aquela pessoa ,era o professor e ele estava lá para dar aula né. Então talvez ela nem precisasse ou talvez na época não se fizesse realmente né. Eu acho que foi uma necessidade à medida que a escola foi se abrindo e foi recebendo os alunos de todo mundo tinha direito, passou a desejar tinha na época claro mas não chegava lá né mas assim todo mundo tem acesso à escola. Eu acho que aí é que, e você precisou mudar, não é a função, mas as atribuições da função de diretor né. E aí também você, a diversidade mudou né, a diversidade dos professores, outra formação de professor né .

T- Como você avalia que ela tomou essa mudança da escola? Poderia dizer que foi na década de 70?

M- Foi em 70 que a escola.

T- Como foi essa mudança com ela?

M- É, eu acho que.... assim o número de alunos da escola aumentou muito né. E um aluno que, que era diferente daquele que ela estava acostumada né. Só que esse aluno que vamos dizer assim, era mais.... tinha uma educação diferente da educação. O que estava lá era uma classe média, o normal né. E aí começou a ter acesso a escola outro aluno né ,com uma outra formação, com uma outra educação. Só que ela já tinha uma grande fama, você entende? Assim não brigue com ela, não fale que ela te expulsa da escola. Nunca vi ela expulsar ninguém, mas havia isso né. Então assim o aluno já entrava ali de uma forma diferente da que ele saía do Bernardino, ele podia ter causado grandes problemas lá no Bernardino, mas no Manley Lane era difícil acontecer. Mas eu acho que mais pela fama dela, a cidade já tinha absolvido assim que ela era muito dura, muito brava, que ela punia, que ela né, assim.

É, para falar, xingar aluno ela não tinha problema não, ela fazia isso sim abertamente. Não tinha essa de vou chamar para minha sala, conversar na minha sala, não tinha nada disso não. Mas era a forma que ela tinha de fazer né. Então, a coisa era assim, bastante reprimida né. Ai apareceu, eu acho que quando ela estava lá, uma vez um grupo de alunos que começou aprontar escondido, mas assim, era um grupinho que ia na escola de noite e , mexia nas

coisas, deixava papel, fazia uns negócios assim. Mas ela nunca descobriu quem era, que era o sombra.

E lá [riso], lá na escola tinha um sino. Tinha campainha, mas quando a campainha falhava era o sino que se anunciava o começo e o fim da aula né. Esse sino sumiu né, foi aparecer meio recentemente aí no jantar, que um aluno levou o sino. Está aqui o sino do Manley Lane [riso]. Então acontecia essas coisas assim, então, por exemplo, quando, é a forma de fazer né. Ela reprimia bastante. Os alunos andavam de uma determinada forma que realmente tinham medo dela né. Mas, por exemplo, quando o Wladimir e eu estávamos na direção da escola e a gente tinha um fazer diferente né, acho que a coisa foi meio entendida. Que nós éramos moles, que nós éramos fracos, alguma coisa assim né perfeitamente compreensível né, porque era diferente. A gente teve problema de aluno que... Tinha uma vez assim de aluno colocar bomba na escola, com ela isso acontecia mas acontecia muito pouco, mas aí a gente percebeu, eu pelo menos, um período em que isso recrudescia assim. Depois acabou também sabe. Mas dá a impressão assim que a possibilidade de fazer né. Com ela era mais difícil que isso acontecesse não que não acontecesse né, acontecia, mas era bem pouco né. Mas a gente passou por um período assim que daqui a pouco estourava uma bomba no banheiro. Nem lembro mais como era feito. Tinha bomba caseira e nem sei o que punha dentro e estourava né. Uma época aconteceu também de começou a aparecer no banheiro, tanto masculino como feminino páginas de revista pornográfica né, colada na parede né, aí então tem que chegar mais cedo na escola para você ver se estava lá [riso] tirar antes que as crianças chegassem né. E depois você também a escola passou pela transformação de quando. Eu não lembro que ano que foi mas assim que a secretaria de educação fez um ensino de primeiro grau e de segundo grau nesse primeiro grau começava no que seria o primeiro ano né, 7 anos né. Então aí também a escola passou por um processo diferente, ela estava lá ainda né, mas é assim a forma de fazer dela era mesmo né tivesse 7 tivesse 17 né era tudo numa coisa mas tinha que andar na linha, você tinha que andar correto. Mas eu acho que na questão assim dessa escola se manter durante todo esse tempo e ela se manter ele na escola que tinha nome era uma escola que professores bons vinham trabalhar né tudo, mas isso a gente deve a ela sim né. No fazer eu acho discutível, mas era uma forma de fazer né.

T- Então é, eu avalio junto com você, que tiveram momentos diferentes na sua vida junto com a escola né? Um momento estudantil, um momento de professor e momento de diretor né. É isso que eu acho que o seu depoimento foi esse né. No momento estudantil foi o início da escola né?

M- Sim, o início no prédio né. Que a escola é de 47 48 assim né. E quando a gente veio para o prédio aí acho que já foi em 58 que daí não é 57.

T- E aí quando, avaliando já em 60 né. Já década de 60 você retoma como uma professora né, já havendo um outro tipo de relação né. A relação que você tinha já com a escola mas já era agora profissional né. E aí veio o final desse processo né como supervisora. Como é que você avalia, esse processo de saída dela, como foi? Da escola e a sua, a sua relação com essa saída como é que foi?

M- Ela só saiu da escola quando se aposentou compulsoriamente por idade né, acho que ela tinha 70 anos que acho que era o que a lei permitia e aí ela teve que sair. Foi um processo, para mim assim que, de muita, não sei se a palavra é mas enfim assim, de muita pena dela, ela sofreu muito para sair da escola. Foi uma coisa assim extremamente dolorida para ela sabe. Muito triste, muito. É, vamos dizer assim, a razão de ser da vida dela interrompeu né. Porque ela vivia em função da escola, não tinha filhos né, é a relação dela com a família era meio distante né, ela passava a semana inteira na escola, mas ela morava aqui na cidade, nunca ia para lugar nenhum. Eu não sei se aconteceu, mas, por exemplo, eu não me lembro de alguém dizer que ele tivesse viajado, que ela tivesse ido para algum lugar, não me lembro disso. Lembro assim dela socorrer muito a família, era uma família que mesmo que dependia muito

dela financeiramente né. É, de irmão irmã ficarem doentes e ela prestar socorro assim sabe. Mas é a vida dela era essa escola né. Então foi um período assim que eu enxergo como de muito sofrimento para ela mas muito mesmo né. E aí você percebia assim claramente né, as pessoas que tinham assim um sentimento de graças a Deus ela vai embora. Isso acontecia, e o sentimento de quem se compadeceu ,daquela situação ,porque percebia o valor que ela tinha né, que realmente ela tinha, mais o sofrimento dela. Tanto que vamos dizer assim, quando ela saiu, acho que em dezembro , foi um fim de ano assim, ela chegou até o final do ano e saiu.

É, é ela tinha tanta preocupação assim com a escola que ela deixou a coisa feita no sentido assim né quem vai escola, era o Wladimir. E antes de chegar no fim do ano ela me chamou para saber se eu aceitar você assistente do Wladimir né. E aí você precisava ter um diploma de pedagogia, aí eu tenho diploma aí eu lembro assim que ela pegou meu diploma escondeu em um cofre que ela tinha na sala dela para ir na secretaria ver se eu tinha direito né o cargo, sabe um negócio muito escondido assim [riso] foi bem, não conte para ninguém sabia não sei o quê. Tanto que quando chegou no fim que ela saiu né e o Wladimir foi para direção e aí todo mundo ficou sabendo que quem é essa insistência. Era eu, foi uma grande surpresa para todo mundo sabe ninguém sabia disso né, porque ela não mas ela deixou coisa armada né. Claro que o Wladimir poderia ter escolhido outra ,mais vamos dizer assim a escolha do assistente era um direito dele né. Mas ela não deu esse direito aí ele. É claro que ele podia me aceitar e depois voltar para trás isso sem dúvida, mas naquele momento ela não deu entende, ela deixou escola. Mas vamos dizer assim, eu saio mas quem vai ficar né. E muito na história assim né, olha isso, faça aquilo, não esqueça não sabe assim bem direcionado assim né. Então foi um negócio assim para ela eu acho muito desgastante né. E aí a gente teve depois dela sair, eu não sei dizer para você quanto tempo depois eu não me lembro, mas enfim assim ela acabou se casando com o senhor doutor Laurenciano, que era um professor de inglês que tinha na escola, que na época já estava aposentado. E ele morava, em frente à escola. Acho que onde hoje não sei se tem um prédio alguma coisa ali, não estou lembrando bem se é um sobrado ou é um prédio. Mas enfim, ele morava em frente da escola, e ela foi morar nessa casa. E era muito, ésilêncio, muito triste assim você ver. Ela ficava na sacada da casa olhando para escola né. E o que acontecia, o que um fez, o que o outro não fez. Já que Libéria Continua trabalhando e continua sendo amiga dela, então ela mandava recado pela Libéria para gente assim sabe. Eu acho que foi esse é um período muito difícil para ela o tempo que ela ficou aí. E acho que essa escolha dela fazendo assim né, a gente sabia assim, quer dizer a gente sabia que ela gostava dele mas que ele não gostava dela, tinha essas conversas. E aí mas de qualquer forma é o casamento deles não deixou de ser uma surpresa né. E é um negócio assim que durante um tempo você ficava assim, mas porque ela foi fazer isso, ela já estava com 70 anos , ele era mais velho do que ela né, nessa altura da vida . Mas eu acho que, depois, mas enfim assim essa questão da escola né, eu acho ta, o meio que ela teve de continuar na escola. Porque ela continuou por um tempo palpitando lá dentro, assim de mandar recado de falar diante será que está quebrado você precisa mandar arrumar, ela de fora, porque assim, ela nunca mais voltou para escola.

Eu acho que ela até andou indo algumas, não comigo, em outro período ela andou indo porque nesse tempo todo eu trabalhei muito a noite né. Ela andou indo mais vezes na escola andou dando uma discussão dentro da escola e ela não foi mais né. Mas ela continua administrando de fora assim sabe. Era realmente assim a vida dela era aquilo ali.

T- E o que para mim não ficou claro na minha cabeça, se você puder me dar mais informação Miriam. Foi assim a sua vida com a pedagogia. Não sei, com a sua formação. Você me falou que fez se formou e retornou. Me fala mais ou menos. Foi aonde que você estudou?

M- Eu fiz Letras, no que hoje é Uniso né. Na época não era Uniso né era uma faculdade de Filosofia, Ciências e Letras né que funcionava lá no Trujillo, não sei você sabe onde é? Acho que hoje é escola experimental, e é uma coisa assim. Quando eu estudei a escola era lá, não

era uma escola que tinha quatro classes de cada curso né, primeiro segundo terceiro quarto ano de Filosofia, isso de Letras, isso de História, isso de Geografia e de Pedagogia né. Até eu me formar a escola era assim, uma escola pequena ali. Era uma escola que quando eu entrei tinha uma subvenção do estado então a gente não pagava embora fosse da cúria né lá em Sorocaba. Aí quando eu fui para o segundo ano da faculdade, é esse convênio acabou né com estado, estado não renovou, acho que era o Carvalho Pinto Governador e ele não renovou aí a gente começou a pagar escola né. O diretor na época era o Padre Aldo hoje não é mais padre né, acho que ele está vivo ainda não sei, mas é na época ele era padre. E era uma escola assim, era uma escola boa. Claro que não chegava nível de USP, UNICAMP, isso não chegava. Mas era uma escola boa né, assim como bons professores ela se mantinha, o Aldo tinha sim uma grande preocupação assim né.

T- A sua formação em pedagogia quando...

M- Não, isso de Letras.

T- De Letras. Aí quando você vem para São Roque para lecionar no, aí seria o ginásio né? Você entra em, em quais frentes dentro da escola?

M- Eu era professora de Português.

T- português. Aí se manteve nas aulas de Português?

M- Sempre de Português.

T- Ah sim, ok. E aí inicialmente substituindo né alguns, até você se tornar efetiva?

M- Na época existia, porque hoje ainda existe né, era um professor contratado em caráter temporário né. Quando o número de aulas na escola excedia o número de efetivo né. É então assim quando eu vim aqui né fazendo assim durante um tempo no Manley Lane, a gente tinha um professor efetivo de Português que era Professor Antônio Cavalieri e daí você tinha os contratados né acho que nós éramos três ou quatro contratados né. Então nessa função assim de contratado eu fiquei até 76 né, porque não teve concurso né nessa época. O concurso é de 76, e aí que eu me efetivei né. Tinham chamado um grupo antes de professores que tinha no concurso que eu ainda estava na faculdade que tinha tido. Aí a Neide Schumacker se efetivou nessa efetivou nessa época. E daí eu fui me efetivar só em 76. Mas aí me efetivei aqui mesmo né. Eu estava aqui como contratada e na verdade eu fiquei com as mesmas aulas que eu tinha, eu voltei para o mesmo lugar que tinha sido meu né. Aí eu fiquei aí até... 81 acho que ela saiu né 82 por aí, não me lembro. Aí eu fui para assistência, depois quando veio um diretor efetivo e eu voltei para sala de aula. Depois voltei para assistência outra vez, voltei para direção quando o Wladimir saiu né, e eu saí daí em 86, 87 assim que, aí veio um diretor efetivo mas aí eu saí né .Aí eu tinha passado num concurso de direção, aí eu fui para Cotia. Fiquei em Cotia um tempo vim para o Germano Negrini, ali no Taboão, fiquei lá, acho que até 89.

T- Como diretora?

M- Como diretora. Aí até 91,92 assim eu fiquei no cargo que é do seu marido, no departamento de educação e da prefeitura. O prefeito, era o Zito Garcia eu fiquei lá uns quatro anos dele. Nesse meio tempo, eu fui chamada....eu já tinha passado um concurso para supervisora né, eu fui chamada, mas aí eu me afastei para ficar na prefeitura né .Eu fui para Itapeverica da Serra. Longe para mim [riso]. Mas aí eu fiquei na prefeitura né e aí estando ainda na prefeitura eu consegui remoção. E vim para diretoria de ensino aqui de São Roque né.

T- Isso já em ?

M- Eu devo ter ficado na prefeitura até 90,89 até 92 assim.

T- De 89 até 92.

M- É , e aí eu já vim para diretoria aqui em São Roque e aí já me aposentei né. Porque na época você fazia 25 anos né, podia se aposentar. E eu comecei cedo né, então aí....

T- Me fale também Miriam, como muitas pessoas entendem né, as relações de famílias que moram aqui há muitos anos. Como eu vim de fora eu ainda não conheço todas essas famílias,

mas entendo que a sua família tem um tempo que mora em São Roque. Me fale um pouco da origem da sua família e como ela se situava aqui na cidade.

M- Meu pai é descendente de libanês né, meu avô era libanês. E eles moravam, meu avô foi mascate e depois ele abriu uma loja em Lençóis Paulista e a família do meu pai, os irmãos todos moravam lá né. Minha mãe é descendente de portugueses, meu avô era ferreiro na estrada Noroeste em Bauru né. E a família da minha mãe é de Bauru né. Aí quando a minha mãe fez hoje não existe mais, mais o que era o curso normal para formar professor de primeira à quarta né. E foi lecionar lá em Lençóis e aí que ela conheceu meu pai se casaram e a gente, eu morei em Lençóis até, os 10 anos de idade né. Aí a loja ali, que era o meio de vida nosso né dos meus tios e dois tios não era uma loja para três famílias né. A cidade começou a mudar né a cidade de Lençóis. Plantava cana né fazia açúcar e aí já tinha duas usinas lá e a usina foi tomando conta de tudo tanto que a gente tinha um sítio meu pai acabou vendendo sítio para usina e eles plantavam cana eu tudo, tinha muito café lá né. E aí derrubava café e virou tudo. Ai a gente veio aqui para São Roque porque tinha um primo do meu pai que morava aqui, não sei o que, aí a gente acabou vindo né para cá.

T- Isso em que ano mais ou menos?

M- Em 56. Comecei de 56 a gente veio. Aí eu fiz, na época tinha né, eu já tinha terminado o quarto, quinto ano né de hoje, é, daí eu fiz um ano de admissão aqui e daí eu, o que seria o sexto ano eu fiz em Sorocaba, que eu não passei aqui. E depois eu voltei para cá para estudar. É.....

T- Já em 57 né no Bernardino?

M- É....[silêncio].Havia assim uma, a escola era pequena né e a relação da gente vinha da escola, é você ia em festa porque a festa era do colega de escola, esse tipo de coisa. É a gente...assim, uma média vamos dizer assim na cidade né. Meu pai veio para cá e tinha um posto de gasolina é a gente vivia com conforto, mas nunca foi expoente de dinheiro esse tipo de coisa não. Meu pai era para uma pessoa assim bastante respeitada ele era, meu pai tinha muita cultura sabe. Era um homem que lia muito, tinha uma conversa muito agradável né, e o fato de ter um posto de gasolina e ele ficava no posto né então facilitava o relacionamento e tudo mais né era uma coisa. Minha mãe foi ser dona de casa né. É mas é assim, o relacionamento da gente vinha daí vinha da escola né. Aí você tinha baile e as coisas, tudo proveniente da escola né.

Na escola a gente tinha um grupo né, fazia os grupos né, são pessoas com quem eu me dou até hoje tenho relação com eles com elas até hoje né, era meio até porque a dona Antonieta não deixava de outra forma não, era meio assim feminino e masculino né, a integração não era muito aceitável né [risos]. Mas a gente tinha assim uma situação média na cidade e financeiramente né esse tipo de coisa.

T- E sua família viver assim tão do comércio que o seu pai trabalhava?

M- Isso, vivia do comércio.

T- Joia. Nessa relação não tinha nenhuma atividade com a viticultura só o comércio.

M- Não, não. Só o comércio. A gente nunca teve nada né. Quando nós viemos era diferente né a construção. Mas enfim, quando nós viemos meu pai alugou o que é hoje o posto Texaco lá perto do Jardim né, não era daquele jeito era de outro né. O dono do posto, era o pai do Rodolfinho que está lá né, Rodolfo de Luca, que era lá.

T- Rodolfo de Luca

M- Meu pai ficou ali muito tempo muitos anos. Depois ali no posto Shell na João Pessoa? Então ali depois meu pai comprou aquele terreno e também era diferente o prédio, mas enfim, construiu aquele posto e ficou durante muitos anos ali também. Aí, é..... ele tinha um sobrinho que tinha morado com ele que era solteiro depois foi embora depois voltou e morou com a gente aqui em São Roque né até se casar e tudo mais. E aí eles abriram uma casa de peça,

ponto móvel, eu acho que hoje é um correio alguma coisa do correio ali em frente o Jardim. É ali. Aí depois venderam o posto ficou a casa de peça.

T- Você tem irmãos Dona Mirian?

M- Eu tenho. Eu tenho uma irmã falecida né a Márcia, que a mãe da Lara né. E tenho um irmão o Ivan que é médico e mora em São Roque.

T- Sim. E eles também estudaram.....

M- Todos nós estudamos no Manley Lane, todos nós passamos pela dona Antonieta [risos]. Como alunos ele né, e eu depois como professora também né. Mas todos nós né, era a única escola, durante muito tempo foi a única escola né..... [silêncio]. Eu acho que assim eu não me lembro, será que o Bernardino? Eu não me lembro. Só nessa reforma da educação que criou o ensino de primeiro grau e segundo grau. Só nessa época que apareceu uma outra escola que tivesse do 6º ano em diante né. Eu não me lembro se foi o Bernardino. Mas assim o Germano Negrini virou de sexto ano nessa época. Lá no Cambará tem uma escola que chama Barão de Piratininga também né. Eram todas as escolas que só tinham até o 5º ano né. O aluno saía de lá para ele continuar estudando, ele tinha que vir para o Manley Lane, não tinha escolha né.

T- Sim. Então não só da cidade, mas em volta da cidade. Havia muitos estudantes externos também?

M- Havia. Eu não vou saber precisar data para você, mas vamos dizer assim. No tempo em que eu era estudante a gente tinha muita gente de Mairinque aqui porque em Mairinque não tinha. Eu não lembro quando que o Altina, que é a escola de lá ficou, ficou de sexto ano em diante né. Mas a gente tinha muito, assim muitos colegas de Mairinque. E no ensinou o que seria ensino médio hoje é assim então demorou mais ainda né. Esses os alunos tinham que vir todos aqui para São Roque mesmo né. Então a gente tinha esses alunos de Mairinque e aí um pessoal assim, Canguera tinha que ver estudar aqui, Araçariguama tinha que estudar aqui né, que acho que eram os lugares mais de longe assim né. Acho que era os mais longes. Era Mairinque que era município Neve do município Mas vinha para cá e esses lugares também os bairros todos sim que vem para cá né. A gente não tinha. Não a gente tinha. Eu fui professora de muita gente de Vargem Grande. Vargem Grande tinha aquela cooperativa de Cotia, agrícola de Cotia né e que depois e tinha muito. Era uma cooperativa praticamente de japoneses né, que moravam por ali né. E eles vinham para cá estuda. Eu tive colegas e fui professora de muita gente de Vargem Grande.

T- Eu acho que a gente pode encerrar. Haveria mais alguma coisa e que gostaria de dizer?

M- Olha em relação assim a dona Antonieta eu acho que é uma figura, que fez muito pela cidade sabe. Muito pela escola. De uma forma não muito usual vamos dizer né, a forma como ela tratava as pessoas a posição dela dentro da escola né. Ela era muito personalista, muito segura vamos dizer assim, do poder que ela tinha né. , não era assim. Nunca ela. Mas construiu muito sabe. Eu acho que talvez, hoje você encontre, não sei se você encontrou, mas enfim. Gente diz que ela foi a melhor diretora desta escola, e que o ginásio nunca foi o mesmo com sua saída. Essa parte de saudosismo, eu acho que tem muito a ver com os momentos que se apresentaram na escola daquela época. Em relação a você pegar a escola hoje né. Então é meio comum assim né você encontrar uma pessoa e ela dizer assim: Nossa que judiação o Manley Lane. Você viu que jeito que está né porque está quebrado, porque está isso, porque aluno fica fora, porque o portão não fecha. Na época de Dona Antonieta, não era assim. Nunca ela permitiria. Agora de noite você morre de medo de..... não sei se é verdade está [riso]. De noite dá medo de ir lá porque tem aluno, porque tem droga na porta, porque tem não sei o que. Então eu acho que é assim né, então é a questão de você pensar assim né. Nada disso, mas também não era da época né, nada disso acontecia né. Você não ficava no portão da escola porque ela não deixava. Ela ia para a rua e tocava todo mundo da porta da escola. Ela fazia com a maior tranquilidade sabe assim. Ela não tinha medo das pessoas, isso não

aconteciam né. Então as pessoas nem paravam na porta da escola porque sabiam que ela se ela visse ela descia e mandaram embora brigava né. Tinha esse tipo de coisa não. A escola vamos dizer assim saudosismo, é um saudosismo..... de uma época muito diferente, com outros valores e o que valeu naquela época jamais valeria hoje, entende. Jamais você poderia hoje, na situação que a escola está, não é o Manley Lane. Qualquer escola. É, você ter uma figura como ela entende? Eu acho que não, não teria como sobreviver né. Porque é muito diferente né. É outra escola hoje, é outro aluno é outra perspectiva né, é outro jovem né. A gente é, não porque gostasse especialmente eu sei lá né, nada disso. Mas de qualquer forma a gente vivia para escola né. Porque tudo que a gente vivia vinha da escola né. Os amigos seu estavam na escola, festa vinha da escola né. O namorado vinha da escola, é digamos assim, a sua companhia para ir ao cinema vinha da escola. Então era uma coisa essencial na vida do jovem né, era necessário você estar na escola, porque era assim que se formavam os grupos e tudo mais né. Que é diferente de hoje. Hoje você tem outra forma de fazer tudo mais né. Então assim, eu acredito que, acho assim, ela saiu numa época apropriada sabe. A coisa começa a mudar, a partir dali né. A escola começa a mudar né. Quem frequenta a escola muda né. E aí essa abertura da escola fez com que necessariamente é quem está lá dentro tem alguma forma de trabalhar diferente né. O professor entrava na sala, dava aula e sai da sala, fim de conversa, aí marcava uma prova, você ia lá fazia e tal. Sei que você é impossível hoje né. Você tem uma outra meninada, você tem uma outra perspectiva de educação. A educação não é mais isso né, não tem nada a ver com nada, tem muito pouco a ver na verdade com conteúdo realmente né. É muito mais importante que você ensine técnicas que você ensine com prazer de estudar de ler e tudo mais do que você está dando ponto na lousa [riso] ou livro didático né. Eu acho que tem uma outra formação né? Uma outra forma de fazer né. Hoje é diferente, não tem nada a ver. E acho também que mais difícil né. Hoje é mais difícil né. Porque, lá se você dominasse o conteúdo, o seu problema como professor estava resolvido, nessa questão era dominar o conteúdo né. É claro que haveria problema se você não dominasse. Mas assim o professor que dominava quando ele entrava na sala ele dava aula e fim de conversa. Hoje não né. Hoje você precisa ter um conhecimento muito grande né, de procedimentos envolvidos com a educação né. Você precisa ter uma outra forma de fazer né de atender esse jovem né que está buscando outra coisa né. De qualquer forma conhecimento, está aí na banca de revista né. Se você quiser qualquer informação você vai lá se acha uma revista especializada você acha um livro especializado né. Mas você precisa saber ler né, você entender texto né? Você precisa ser, realmente assim letrado, para conseguir sobreviver né, é isso que você precisa né. O resto aparece. Se você for se você tiver aprendido a estudar, se você tiver aprendido a ter curiosidade né. A escola precisa de muito pouco né, você precisa muito pouco da escola né. Você precisa de uma orientação, uma indicação, é isso que você precisa. Mas na verdade o conteúdo.... né mas você querer né? E a escola precisa ensinar o aluno querer né. Ensinar o aluno, a gostar de aprender né. Conseguir mostrar para ele que é importante você ter conhecimento, você é um outro cidadão né se você tem conhecimento, se você tem cultura se você buscar se você ler jornal né. E é muito mais difícil eu acho [riso].

T- Eu agradeço imensamente Mirian.

M- Imagina, não se preocupe e se você precisar de qualquer coisa retome, você tem o meu telefone ou não?

T- Eu retorno sim. Acho que foi uma lição de vida para mim, eu agradeço imensamente.

M- De forma nenhuma, não se preocupe.

[Final da Fita]

APÊNDICE E: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE NEIDE SCHUMACKER GOMIDE

T- Recebi então a indicação de duas pessoas que conviveram com a senhora né. E foi assim que eu entrei em contato e consegui por telefone.

T- Então professora. Essa pesquisa vem do depoimento das pessoas né, que conviveram esse momento do ginásio, esse momento da ação e atuação da dona Antonieta. Assim minhas perguntas são gerais e abertas para você discorrer sobre os seguintes assuntos do ginásio e suas experiências com o ginásio, e principalmente a diretora Antonieta.

Assim: Como você conhece a história do ginásio de São Roque? Quais foram suas experiências no ginásio de São Roque?

N- Dona Antonieta.

N- É eu fiquei 25 anos praticamente lá quase com dona Antonieta. No finalzinho só, que ela tinha saído, com ela fez 70 anos, foi obrigada a sair, senão não largaria né.

T- E iniciou como essa relação?

N- Eu fui trabalhar no Horácio Manley Lane em 1959/60, como contratada, aula de Português, Então o meu conhecimento com dona Antonieta foi a partir daí. Eu já conhecia de, referências porque ela tinha conseguido levar para frente a construção do ginásio ali onde se situa agora.

T- Aproveitando o assunto, poderia me responder: Quais foram as ações realizadas pela diretora Antonieta? Como ela agia no ginásio?

N- A forma como ela agia era. Ela ia para São Paulo, ficava na porta dos gabinetes das pessoas que poderiam agir, fazer alguma coisa, fazia cobranças, ia lá voltava. Sempre muito brava e exigente. Quer dizer, ela cobrava senão não saia mesmo né? Depois quando chegou a construção, não tinha material escolar, os alunos levavam cadeira de casa para a escola funcionar. Para não deixar como algumas construções agora que começam e ficam paradas e não sai do papel né. Ela construiu aquele ginásio, o estabelecimento foi muito obra dela, do esforço dela e de todo. Temperamental ela era. Mas depois você faz uma análise, ela carregou aquela escola nas costas. A disciplina, a limpeza, o bom funcionamento. Acho que tudo isso se deve a ela. Alunos que brigavam que reclamavam hoje em dia eles falam: No tempo da dona Antonieta hein, não era assim. Era bem melhor né, tinha disciplina, tinha ordem. Ela era muito exigente com a disciplina. Mais as turmas daquela época eram, mais acostumadas né com a disciplina. Hoje em dia é mais difícil eu acho. O que mais eu podia falar sobre ela?

T- Na época em que ...

N- Eu comecei como contratada.

T- Contratada e já era no edifício em obras ou no ginásio?

N- Não, já estava pronto. Pronto não do jeito que é hoje, mas com uma boa estrutura. Você entrava pela rampa do lado tinha um acesso mais difícil, mas já tinha a parte superior, tinha a biblioteca, tinha a escadaria, tudo em ordem o material escolar, laboratório, tudo funcionando. A parte superior estava por terminar, porque nessa época ela já estava estruturada a escola. E eu trabalhei aí. Em 1959 e foi eu estava começando a faculdade. Comecei a faculdade em 60, e eu estava fazendo faculdade e pegava algumas aulas à noite aí na escola. Depois me formei, peguei mais algumas aulas como contratada. Professora contratada.

Depois veio uma história de, não lembro bem como chamava isso, estava tanto tempo no lugar você ficava permanente. Tem um nome específico, mas eu não lembro agora. E eu peguei classe assim, dava aula no período da manhã, que era o melhor período, muito bom, muitos alunos. Às vezes da tarde, à noite. Dava mais de manhã e à noite, a tarde de vez em quando só quando precisava completar número de aulas. E, até embora eu tivesse a oportunidade de ser efetivada, foi tendo a classe ali que eu tinha trabalhado com o que

apareceu depois, não sei como ficou depois, eu preferi fazer o concurso, daí eu saí daí. Em 1970, eu fui para Ibiúna, em 71 eu estava de volta no Manley Lane por remoção...[silêncio]. Aí eu fiquei até 1986.

T- 86.

T - Aproveitando, gostaria de perguntar: Como você poderia dizer, como era a forma de agir da diretora Antonieta?

N- E a dona Antonieta era, vamos dizer assim. É difícil a gente poder definir sabe, mas era muito exigente, muito brava, muito autoritária. Pegava birra ela pegava mesmo, mas ela sabia pôr os pingos nos i. Eu lembro que eu fiz um trabalho com as crianças, crianças? Adolescente né, porque eu dei aula para o ginásio e colegial e eles faziam sorteio de algumas palavras e tinham que encenar aquilo nas aulas de português né eles faziam uma peça e encenavam. Eles traziam coisas diferentes. Roupa para por objetos, uma televisão para pôr na sala, aí ela: ah o que é isso. A dona Neide que pediu. Ah se for a dona Neide pode deixar. Eu sei que ... e porque eles não faziam bagunça né , então deixava. Ela entendia quando o professor levava as coisas a sério, ela sabia considerar, mais alguns também eram malcriados né. O que eu podia falar mais dela assim que com aquela exigência toda dela com os alunos, que era corte de cabelo, uniforme, fila, não jogar papel no chão. Todo mundo vai catar papel. Tinha gente que ficava brava, pais que ficavam bravos. Mas faziam o que ela mandava e mantinham a escola limpa e em. Criou atritos, muitos atritos. Com professores, com pais de alunos e com alunos. Mas eu acho que ela deu segurança para os professores, ela deu um rumo para a escola. Tanto que um ano que eu saí, fiquei fora eu estranhei, principalmente pela ordem né, ordem física das coisas sabe. Era tudo meio bagunçado, papel amontoadado. Com ele era tudo muito em ordem. Não sei o que mais eu posso falar?

T- Em Ibiúna, foi em que escola em Ibiúna? Era uma escola municipal?

N- Não. Era uma escola estadual. Você já chegou a ir para Ibiúna?

T- Já

N- Angerami . Não sei como era o nome, daqui a pouquinho eu lembro. Eu não lembro mesmo. Foi um ano só. É bem na entrada da cidade assim, quando a gente vai aqui do Goianã e chega lá era uma escola municipal, municipal não estadual. Principal, a única praticamente que tinha nessa época.

T- É poderia avaliar que, tiveram momentos diferentes na escola, momentos que ela teve mudança?

N- Olha, eu não sei dizer para você assim. Ela era mais rigorosa num momento, depois ficou mais flexível. Ela se casou com o professor de Inglês, um senhor já bem idoso também, solteirão. E talvez tenha ficado mais tranquila um pouco. Mas não sei acho que por causa da idade também, do tempo e as coisas vão se acomodando também. Tudo no início tem uma forma de evoluir, depois de certo momento que vai assentando né. E vai embora, melhora. Eu acho assim, que mais, você tem algum outro fator que você tenha ouvido, para eu lembrar também [riso].

T- Tiveram, por exemplo, o momento do início né dela que ela ajudou a senhora acabou relatando que ela ajudou na construção né.

N- Ela fez, praticamente o ginásio foi erguido por ela. Ela conseguiu isso.

T- Teve um momento depois que ela conseguiu isso que foi o dia dia que você acabou relatando do vigor dela né. Mas também teve um momento da mudança do ensino né. E aí eu não sei se consegue se lembrar da mudança de ensino na década de 70 né.

N- Década de 70 ta. Teve, a gente foi fazer reuniões em Itapetininga, ela alugava um carro e ia ela, e mais alguns professores, 3 ou 4 professores. Professor de Português, de da licença um pouquinho só.

O que eu estava falando para você. A gente foi não sei a mudança assim na estrutura do trabalho.

T- Você estava me dizendo das reuniões em Itapetininga.

N- Em Itapetininga. Ela ia acompanhar, ela fez também para orientar sobre as mudanças da parte didática, da parte de ensino e levava a gente. Ela acompanhava tudo muito bem. Mas não chegou a criar assim uma mudança tão expressiva sabe, no comportamento dela. Da gente sim porque você tinha um trabalho diferenciado, mas da dona Antonieta acho que não. Ela foi muito igual sempre muito exigente, bem exigente. Conforme o professor que não aceitava as exigências havia atrito, mas depois os atritos foram acabando que ficou um pessoal que trabalhava bem com ela, e se não trabalhava fazia de conta que trabalhava bem entende? [riso]. Para não gerar brigas. E tão desagradável um ambiente assim. Mas ela era muito, você podia contar com ela se havia problema disciplinar com aluno. Ela sempre tomava partido, ela punia quando era necessário. Eu lembro que uma vez os alunos estavam fazendo alguma coisa e um jogou amendoim e eu estava na mesa registrando matéria, e eu falei quem foi? Ah ninguém, ninguém. Daí eu chamei a dona Antonieta, naquela época se fazia isso. Dona Antonieta suspendeu a sala toda por um tempo indeterminado até aparecer quem ... mas não apareceu né e eu precisei pedir para ela para os alunos voltarem para ter aula e daí ela voltou atrás com a punição. Mas ela era assim, ela punia os que desrespeitavam professores ou os que faziam qualquer bagunça meio seria na escola. E eu acho que hoje eles até acham isso, se não acham ótimo, achavam divertido da infância né. Lembram com alegria até, porque era uma mão firme, alguns achavam que ela era parcial, nas broncas dela, mas quem não é? Não é verdade? Ela tinha preferências, não sei... mas ela fez um trabalho muito bom, e muito agitado só. Mas muito bom. Para mim foi bom para outros talvez não tenha sido. Para os alunos eu acho que não houve prejuízo também não, só ganharam alguma coisa né. Porque falta hoje em dia um pouco de direção, um pouco de disciplina, um pouco de limite. Não sei, se eu estou certa ou não. Eu dei aula durante 26 anos, praticamente, quase 27. E vejo a diferença que é hoje em dia. Depois eu voltei a dar aula, mas em uma escola particular. Tinha gente era um lugar tranquilo então, não percebi, não notei, não houve muito atrito. Mas os alunos de hoje em dia da escola pública estão muito complicados a parte de disciplina. Disciplina.... não é bem disciplina. Eu acho que.... Existe uma palavra muito importante. Respeito. Não existe respeito sabe. No que falam no que aprontam. Então foi o ideal para a gente.

T- A senhora acompanhou, a trajetória de saída da dona Antonieta na aposentadoria dela? Ainda lecionou um tempo na escola?

N- Eu lecionei um tempo sim. Ela saiu quando?

T- 81

N- 81. É eu fiquei lá até 86. Com o Wladimir e com a Mirian. Com os dois. Eles ficaram no.... O Wladimir era meio vice diretor na época da dona Antonieta, e ele acabou assumindo a direção. Eu acho que ele ficou primeiro que a Miriam. E a Miriam fez parte de Pedagogia, acho que foi e ela fez concurso para ...

T- E como você consegue avaliar essa saída dela?

N- Da dona Antonieta?

T- Da dona Antonieta. Para ela, para a escola, para os professores. Como você avalia?

N- Alguns professores se sentiram aliviados. E as pessoas são um pouquinho rancorosas. Outras... como a gente estava lá e já havia esse entrosamento entre, o Wladimir, a Miriam e a gente. Então não foi difícil, foi normal.

Eu acho que a Dona Antonieta sofreu um pouco com isso. Eu tenho impressão porque para ela aquilo lá era a vida dela, e era mesmo. Não sei como ela conseguiu. Ela morava bem na frente da escola, mas aí acho que ela se atormentava um pouquinho por não poder fazer uma coisa ou outra. Deve sentir, porque a dedicação dela era muito grande. Então você se afastar né, por ela, ela não se aposentaria. Mas era por idade, não tinha como ficar. E, mas a gente continuou normal assim. Porque ela ficava, às vezes ela ficava meio dia fora e quando a gente... Eu dava mais aula de manhã e às vezes de manhã ela não ia, as vezes a tarde, então

não dava tempo de a gente sentir tanta falta assim sabe. Mas, não sei dizer para você se houve alívio de muita gente ou não. Porque era uma vida muito tumultuada, dando 40 aulas por semana você pode correr para cá e para lá, você não tem nem muito tempo de ficar... analisando, percebendo as coisas. Mas, a gente sabia que ela devia estar achando falta, devia achar. Que muita gente achou ótimo achou. Mas outros estavam normais sabe. Gostar dela, gostar dela ninguém gostava. Para falar a verdade acho que ninguém gostava. Depois que o tempo passa e você analisa, você percebe quais eram as razões da pessoa, como é que ela era, o temperamento, o que aconteceu de bom com isso o que não aconteceu. Poderia ter sido melhor se houvesse um pouco mais de, entrosamento e empatia, entre os professores e direção, seria melhor. Mas, ao mesmo tempo você não sabe se fosse de outra forma se as coisas teriam evoluído como evolui. O Manley Lane é uma escola muito bem conceituada.

T- Como é que você avalia o porquê que você avalia que ela era bem conceituada.

N- Agora?

T- Na sua época.

N- Agora. Porque eu encontro muita gente e que sempre fala. Ah no tempo da dona Antonieta, ah porque dona Antonieta era isso, ah porque dona Antonieta assim. Se ela ficou na memória das pessoas, é porque não era ruim. Você acaba eliminando da sua cabeça aquilo que é ruim né. E eu encontro muitos ex alunos, já de cabelos brancos também né, aí na cidade, supermercado, e alguns sempre comentam. Ah não se fosse, olha o meu filho ta assim meu neto ta assim na escola, conta tal coisa. Se fosse com dona Antonieta? Se vê, ficou né. Não seria assim. Eu acho que a imagem dela assim foi controversa. Mas tem muita gente que lembra melhor dela agora e uma boa porção das pessoas. Algumas acho que não, mas outras acho que sim.

T- É eu não perguntei inicialmente, sobre a sua origem familiar, né. Se é uma família já daqui da região, e como era a sua família, e quando você iniciou a sua vida junto a dar aula. Isso eu não perguntei inicialmente.

N- Bom. Eu nasci aqui em São Roque. Nasci aqui. E meus avós maternos eram portugueses vieram para o Brasil como imigrantes, se estabeleceram em São Paulo e depois se estabeleceram em São Roque. Mairinque aqui em São Roque depois. E meus avós paternos, minha avó era italiana e meu avô era filho de alemães.

T- Alemães?

N- É por isso que tem o Schumacker. Porque era meu avô paterno, passou para meu pai e passou para mim o sobrenome. Mês avós. A família toda esta por aqui ainda, uma família pequena, mas esta por aqui. Então eu tenho do lado da minha mãe minha avó construiu um hotel aqui em São Roque, ali em frente ao colégio, aquele colégio onde fica a faculdade. O colégio São José, meu avô construiu o hotel, trabalhava lá com ele, estudava. Isso lá com os 14 anos por aí.

[Interrupção da gravação]

T- Então você disse que foi o pai da sua mãe que montou o hotel?

N- Montou um hotel, já tinha dois velhos aqui, ele construiu um novo. Depois aquele prédio da praça onde fica a Profit. Aquele prédio todo era do meu avô.

T- E sua família veio a trabalhar junto no hotel?

N- Minha mãe, meu pai era motorista de ônibus, que era uma linha de ônibus do meu avô.

T- Aí seu avô também tinha uma linha de ônibus?

N- Tinha para Ibiúna, depois foi para Mairinque, Sorocaba.

[Interrupção da gravação]

T- Então seria comércio né?

N- Comércio.

T- Com a viação de linha de ônibus e os hotéis.

N- Ônibus e um hotel.

Eu fui comerciante assim por muito tempo, isso foi quando eu já era mocinha né, tinha 14 anos, quando ele construiu o hotel eu trabalhava ali com eles, de garçõete, de ajudar na cozinha [riso] e estudava em São Roque. Vim para cá, porque eu morei fora um tempo. Morei 2 anos e meio em, acho que dois anos e meio quando foi? Acho que em... dois anos e meio em Capão Bonito, e uns dois anos e meio em Tatuí. Então eu vim para cá na segunda série ginásial. Que foi quando abriu o ginásio aqui em São Roque eu entrei, quando era primeira série já ginásial.

T- Primeira série ginásial.

N- Entrei em Tatuí e foi quando começou aqui. Então eu vim para cá na segunda série ginásial.

T- Lembra quando foi?

N- 1949.

T- Ah então 1949. No Bernardino?

N- No Bernardino. Tanto que a minha turma no Bernardino foi a primeira turma da escola.

T- Então se formou em 51 com o senhor Vitor?

N- Vitor estava na minha sala.

T- Ahhhh!

Me fala como foi a formatura, em 51.

N- [riso] Foi muito gostosa. Foi no Cine São José. Aí toda turma ia, tinha flores, uma porção de coisas gostosas, música. Uma porção de coisa boa, muito gostosa.

T- E foi representativo né?

N- Foi, a primeira turma. Tanto que a gente se reúne de vez em quando ainda. Já nos unimos com 20 anos de formatura, com 25 e acho que com 50. Com 60 acho que não fizemos nada ainda. Tem bastante coisa que o pessoal fazia depois vai caindo um pouco. Mas era uma turma grande.

T- Tem fotos? Não?

N- Tenho fotos só que estão guardadas não sei onde agora. Tenho foto da turma toda assim, de cada um desse tamanho. Quanto que é? 8 por 15 ? Mais ou menos aí.

T- Ah sim!

N- Mais ou menos.

T- Eu queria retornar outro momento para ver essas fotos.

N- Ah se eu achar eu aviso você.

T- Seria bem legal.

N- Tem uma fotografia da gente lá no Cine São Jose. Depois do baile não teve fotografia assim de turma sabe, só pessoal mesmo. Mas se eu achar eu dou um telefonema par você.

T- E se também achar umas fotos dos seus momentos no Horácio Manley Lane seria muito bonito.

N- Ah, aquele tempo não tirava fotografia né [risos]

T- É uma dificuldade, só trabalhava né?

N- Tem tanta fotografia agora que você acha até sem graça. Tudo, todos os momentos, tem umas 50 fotografias num instante. Eu vejo os netos aí como que é que fazem.

T- E você se formou no ginásio, depois foi para o colegial né.

N- Não, eu fui fazer magistério, não tinha aqui. Aqui tinha colegial. Clássico e científico.

T- Sim.

N- Eu tinha intenção de fazer engenharia, mas minha mãe muito simples que teve falou assim: Ah não, eu quero que você seja professora. Se você enjoar de estudar voe tem uma profissão.

No colegial, se você enjoar você não tem profissão nenhuma. Na verdade tinha que trabalhar de alguma forma. Mas eu fui fazer magistério no Estadão em Sorocaba.

T- Ah no Estadão, eu ia perguntar. Isso foi em que ano?

N- Foi em 52 a 56.

T- 52 a 56. Lá no Estadão.

N- No Estadão, ou era com 3, acho que com 3 anos.

T- A no final.....

N- Daí eu fui dar aula para o primário. Dei aula, peguei aula é.... mato dentro. Tinha que ir na segunda e voltar no sábado. Dormir lá. Era rural, com três séries na mesma sala. Depois no meio do ano meu tio conseguiu, porque ele vinha de ônibus do meu avô que passava em Alumínio, conhecia o diretor de Alumínio e foi criado uma classe de emergência em Alumínio e eu vim para lá.

T- Alumínio foi quando?

N- Eu não estou perfeitamente atendida nos anos. Deixa eu pensar um pouquinho. 51 me formei. 52,53,54 magistério. Então em Alumínio eu comecei a dar aula em 55.

T- Ah legal.

N- 1955.

T- Joia. E aí.

N- Aí eu esperei um pouco. Daí abriram a faculdade em Sorocaba. Abriu a faculdade em Sorocaba, uma amiga minha entrou eu resolvi fazer vestibular e passei. Passei. Ia fazer Pedagogia daí meu professor disse assim: ah vai fazer Letras, você gostou da prova, gostou da redação. E eu fui fazer Letras Neo Latina que aprendia....

T- Isso entrou em quando?

N- Em cinquenta e... Quando que eu falei para você?

T- 55 fez a classe emergencial né.

N- Foi em 57.

T- 57.

N- É. Eu estava de luto. Meu pai morreu em 56 e eu entrei na faculdade. Até no trote eu disse, estou de luto. Foi em 57 que eu entrei.

T- Aí fez a faculdade em Sorocaba, de Letras.

N- Sorocaba. De Letras. Daí comecei a pegar aula hein, eu dava aula em Alumínio de manhã. Na faculdade era à tarde, eu tomava o ônibus. Aí descia lá em Sorocaba, ia para a faculdade e voltava a noite, de tardezinha né, às vezes, mais cedo as vezes mais tarde. Mas eu peguei umas aulas avulsas no Manley Lane e no ginásio de Mairinque. Então eu vinha de ônibus e às vezes descia em Mairinque ou chegava aqui e ia logo pegar uma perua para ir para Mairinque ou senão uma vez ou outra tinha aula no Manley Lane, pouquinho mais tinha.

T- Em 58

N- 58, 59. Daí em 60 eu dava aula só no Manley Lane e no ginásio municipal de Sorocaba....[silêncio]. Depois em 60 fiquei só aqui.

T- Até, quando você se aposentou?

N- 1986.

T- Eu acho que foi isso professora Neide. Não sei se gostaria de falar mais alguma coisa.

N- Não. Eu acho assim, talvez eu tivesse querido fazer outra coisa mas me dei muito bem como professora. Sempre fui muito respeitada, ainda tenho alunos que se congratulam comigo daquela época, acho que foi quando eles aprenderam o português, então eu fico com o ego lá em cima [riso]. A gente fica contente de ver o reconhecimento do aluno. Se ele está falando é porque ele achou bom, senão não tinha nem conhecimento do professor. Mas tenho muitos alunos amigos assim, conhecido bastante. Então minha vida foi muito escola, bastante tempo. Tive 4 filhos, uma irmã também que eu criei que faleceu. Era uma turma de amigos dela e deles para minha casa, então meu convívio sempre foi com alunos, do que com pessoas da

minha idade. Da minha idade era assim no trabalho, uma vez ou outra, o restante era.... Quer tomar alguma coisa fresquinha?

T- Eu acho que é só isso mesmo professora. Eu acho que daqui a pouco vai chover bastante né [risos].

N- É, também estou achando. Você veio a pé ou de carro?

T- Eu vim de carro. Vou terminar aqui né.

[Final da Fita]

APÊNDICE F: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE JOSÉ ROBERTO MILLER

T- Em Sorocaba, na Universidade Uniso. E o meu doutorado é em Educação. E dentro da frente da educação, eu fiz uma proposta né de estudar, o colégio no caso né, na escola Estadual Horácio Manley Lane. Então dentro desse panorama de estudo o que eu fiz, acabou-se conduzindo para uma época, que foi a época da diretora Antonieta. E então seria década de 60, 70 mais ou menos. E dentro desse panorama de tempo e de escola, eu percebi que justamente era a figura que mais se destacava, era a ação dela, da diretora Antonieta, nas observações né. Então eu acabei conduzindo a pesquisa com o foco, ela, a escola e a sociedade e é esse o entendimento que eu venho fazendo. E aí a minha, o meu foco da pesquisa volta-se então, para ouvir as pessoas que tiveram esse convívio com a escola e com a diretora. E aí, como é que eu estou procedendo? Eu estou fazendo gravações dessas entrevistas né e utilizando essas informações para a pesquisa em si, para a pesquisa do doutorado em si, então esse é o foco acadêmico e científico que eu venho fazendo. Então eu peço sempre o consentimento das pessoas, em relação a essas gravações e utilização dessas informações né professor.

Joia. Eu não sei se então eu poderia fazer essa entrevista então por telefone com você e eu poderia estar gravando já essa entrevista se você pudesse me conceder isso.

Joia.

Eu posso botá-lo em viva voz? Eu estou com dois gravadores aqui e aí se tiver algum problema de ouvir você pode me dizer se tiver alguma interferenciazinha.

Joia, perde. Consegue me ouvir professor?

M- Sim, perfeitamente.

T- Então, gostaria de iniciar nossa entrevista explicando que minhas perguntas são gerais e abertas para você discorrer sobre os seguintes assuntos do ginásio e suas experiências com o ginásio, e principalmente a diretora Antonieta.

Assim as perguntas variam entre: Como você conhece a história do ginásio de São Roque? Quais foram suas experiências no ginásio de São Roque? Como conheceu a diretora Antonieta? Quais foram suas experiências ao longo dos anos de convivência com a diretora? O que você pode falar sobre o ginásio com a diretora?

De forma geral são estas. Gostaria de que você ficasse a vontade para falar.

M- Pois bem, eu posso iniciar falando que eu vivi dois lados. Duas faces dela (Antonieta). E não sei....a minha visão não é muito agradável não. Uma parte entrava em choque com a outra, e no fim, no fim eu não me ajetei muito bem na escola. Eu me dava muito bem com os colegas, muito bem com os alunos graças a Deus, nunca tive galho com os alunos, tudo. Mas eu notava, desde aquela época que eu era aluno né, até a minha época de professor....eu não sei explicar bem. Uma áurea meio negativa sabe. De relação dela com aluno e relação dela com os professores.

T- Sim.

M- Alguns se revoltava. E brigavam mesmo. E outros que nem eu né. Por conta da minha mãe, por conta da minha inexperiência, eu ficava quieto. Mas a relação da Antonieta com os alunos e professores, era na base do grito. E isso não me agradava e não agradava os alunos.

T- Entendi. Assim, você pode avaliar que esta era uma forma de agir da diretora?

M- Na época de aluno a única coisa que eu consigo me lembrar dela eram os gritos. E isso me fazia mal, eu tinha medo. E a hora que eu entrei, como professor, eu levava isso ainda, entende?

T- Sim, entendo.

M- E é isso aí. A minha visão não é muito... O fato dela explorar tanto a minha mãe, e eu vendo aquilo, e não podia fazer nada. Aquilo me revoltava muito.

T- Dentro dessa percepção que você tem de exploração. Me explique o que você entende como isso. Quais eram as ações que você entende que eram isso?

M- Eu não entendi, como que é?

T- Dentro desse sentido de exploração, que você entende que ela tenha exercido sobre sua mãe, como você entendia que era isso.

M- Olha, às vezes minha mãe entrada sete horas, quinze para sete da manhã e saía onze e meia da noite.

T- Sim.

M- Minha mãe não sabia dizer não. Ela não falava não. Então ela... aí senhora me fazia o favor de ficar aqui na parte da tarde.... E minha mãe ficava a parte da tarde e emendava com a noite. Ela da manhã, emendava com a tarde e emendava a noite. E isso era duas vezes por semana, três vezes, às vezes a semana inteira. Minha mãe não tinha descanso, servia. Sabe uma serva?

T- Sim.

M- Inclusive de emprestar dinheiro, porque ela tinha dinheiro. Empréstava dinheiro dela, empréstava dinheiro meu, ela ia na porta da sala e ... ah você tem cinco reais, oito reais? Era cruzeiro na época né? E eu não gostava disso sabe, eu me sentia mal. E o pessoal dizia: ah falta ela hoje na escola. Ela não ficaria uma semana. Do jeito que ela era, ela lidava com os alunos, ela não aguentaria uma semana na escola hoje. Fatalmente ela seria agredida. Eu sei que essa não é a opinião de todos né, mas, é a minha.

T- Claro claro.

E acredito que tenha fundamentação de vida que você teve né professor?

M- Foi, experiência de vida minha.

T- Essa você traz consigo o que você viveu. Não acredito que seja certo ou errado. Foi exatamente o que você percebeu né?

M- E depois a falta de apoio na parte pedagógica sabe. Ela não dava à mínima. Nem na pedagógica, nem na administrativa. Na administrativa ela deixava na mão do secretário, da Dona Maria e do seu Godinho. E da pedagógica ia a Deus dar. Sabe ela não se interessava. O interesse dela era o prédio, o silêncio, ela não admitia.

Eu não sei se eu disse. Tinha uma sala de aula que ela arrancou a porta, para poder ouvir barulho na sala dela, se não me engano era sala 8, sabe. Algo que parecia obsessão. E também tinha a questão da limpeza. Ai se ela visse um papel de bala no chão, ela já gritava. A gente escutava os gritos dela. Para limpar aquilo lá olha... e não era sujeira. Às vezes era um papel de bala, uma folha de caderno amassada, alguma coisa assim. Mas era a limpeza do prédio, a ordem do prédio. O jardim tinha que estar impecável, não podia ter um matinho no canteiro. Ela era assim, era o prédio e não os alunos e a parte pedagógica. Era o prédio, a ordem do prédio.

T- Sim eu me lembro até que você mencionou a respeito da questão com o relacionamento com os professores né que era bem difícil né?

M- Era muito difícil. Alguns não aceitavam aquilo, a falta de orientação, falta de empenho sabe. E depois a gente não pode esquecer a época em que ela estava lá né. O período na política, o que passava o Brasil né. E isso de certa forma influenciou. O autoritarismo, o militarismo. Até posso dizer, não sei se é correto dizer isso? Para entrar, você tinha que fazer fila, por série no pátio e subia em fila nos corredores e na escada até entrar na sala de aula. E aí se alguém saísse da fila.

A rigidez com o uniforme sabe. As moças com saia abaixo do joelho não sei quantos dedos e chegava a coisas assim. Os sapatos dos moços, era necessário eu não lembro se de 3 a 4 furos, para passar o cadarço. Meia. O colarinho de cima abotoado com uma gravata preta fechada. Um calor desgraçado e você não podia abrir. Se ela entrasse na sala de aula, e visse o colarinho aberto, era para fora da sala aos berros né. E isso na minha época. Depois o

uniforme foi abandonado, mas aí eu já estava como professor . E a hora que ela reclamava das saias das meninas, da camisa dos rapazes eu falava para eles: É vocês não sabem do meu tempo que jeito era isso aqui. Mas professor que absurdo..., as mocas diziam: Mas eu estou desceite professor, olha. Eu falava não se incomode, vá em frente. Assim e ficar quieta, é só umas horinhas aqui, aí você sai e pronto acabou. Eu era meio submisso essa época, eu não sabia que nem alguns professores levantar a voz e gritar. Entrar em atrito. Porque ela entrou bastante em atrito com muitos professores.

T- Sim.

M- Eu vi professoras às vezes chorarem, escondidas né. Porque do jeito.... Às vezes as coisas eram difíceis sabe, ela não admitia argumentação, você não podia comentar. Nossa eu estou falando muito mal dela [riso].

T- Acredito que isso venha à toa, não sinto que é...É o que você presenciou professor.

M- Foi o que eu presenciei.

T- Assim outra pergunta que relaciona as realizações. Quais foram as ações realizadas pela diretora Antonieta?

M- Então, posso dizer... Criou-se aqui em São Roque. Por parte das pessoas que estudaram que trabalharam, no Manley Lane. É automático sabe você dizer. Ah que maravilha! Era ótimo, era excelente! As pessoas às vezes e eu já vi algumas vezes aqui, as pessoas nem pensam isso, mas é de praxe dizer.

T- Sim

M- E por isso que tome um pouco de cuidado.

T- Entendo.

M- Porque existe uma praxe em elogiar, em falar bem. Esquecer muitas coisas.

T- E eu me lembro também. Me recorda um pouco. Na época de aluno do senhor foi em quais anos?

M- Nossa agora eu não me lembro bem. Foi na época de 60 a época de 70. Não chegou a época de 70. Ah! Chegou a época de 70 sim. Porque eu repeti. Na bendita matemática. Eu não entendia, eu não compreendia, não sabia não me interessava sabe, e eu repeti a sexta e a sétima série.

T- Sexta e sétima.

Agora depois como que foi a época que você veio a ser professor?

M- Foi acho que mais ou menos, em 72.

T- Já década de 70.

M- Isso, na década de 70.

T- Nessa transformação do ensino da lei né, da diretriz, para o ensino de primeiro e segundo grau, você sente que teve alguma transformação no ensino? Para a escola em si?

M- Não entendi o comecinho. Atrapalhou um pouco. A transformação da escola quando?

T- Em 71 teve a transformação para o ensino de primeiro e segundo grau.

M- Certo.

T- Então dentro desse aspecto tiveram algumas transformações na estrutura da escola, na forma como os professores deveriam conduzir. Você sentiu essa transformação professor? Eu não sei.

M- Muito pouco. Porque as informações não chegavam muito até a gente.

T- Sim.

M- Elas se perdiam no caminho. Você ouvia dizer. Sabe. Não chegava bem até nós.

T- Sim.

M- As reuniões, na escola não tinha reunião. Reunião com os professores ou com supervisor, ou com alguém. Não tinha. Então as mudanças que teve nessa época nos sentimos muito pouco.

T- Joia.

Eu me lembro também que você mencionou os casos de que, essa relação dificultosa de , da orientação da diretora com os professores, da diretora com a delegacias de ensino.

M- Ah ela não aceitava. Ela não ia nas reuniões em Sorocaba.

T- Ok

M- Ela não ia. E se chamava lá na delegacia, delegacia de ensino né na época, ela também não ia. E se ia era para brigar e para contestar.

Ela era difícil viu. Ela era difícil.

E depois se ela fosse nessas reuniões, a hora que ela voltava ela não passava para ninguém.

T- Entendi.

M- Era difícil nos sabermos alguma coisa.

T- E na época estudantil também, eu me lembro alguns casos que você mencionou professor, de revolta dos estudantes. Ações né que eles faziam e.

M- Era mais para irritar ela. Não era uma contestação. Era para irritar. Sabe, teve uma coisa que até hoje é famosa. A figura do sombra, desenho que tinha. Que desenhavam... o sombra esteve aqui, o sombra passou por aqui, o sombra viu isso, o sombra sabe daquilo. E até na inauguração de uma quadra, da segunda quadra, amanheceu assim um desenho enorme do sombra na quadra. Ia ter uma recepção, alguma coisa, não me lembro muito bem. Foi um corre corre para apagar a figura do sombra porque as autoridades iam chegando. Isso ela gostava. De festa, de festa não. De comemoração, de chamar gente, de inaugurar coisas sabe, isso ela gostava. E esses alunos irritavam ela. Sabe, não era uma contestação de mudança, porque a parte política na época não existia aqui entre os alunos. 90% dos alunos era um monte de carneirinho. Não se manifestavam, aceitavam, inclusive eu. E isso eu digo que é verdade. É aceitavam, baixavam a cabeça e ela gritando. Andando no corredor de porta em porta entrando.

Ela numerou as carteiras e você tinha que se sentar na carteira que era seu número de chamada. Se não sentava era suspensão de uns dias, chamava o pai, chamava a mãe.

E eu lembro que na época do clássico, nós éramos muito pouco alunos na sala. Acho que a gente era em 18 alunos, eu não me lembro bem. Então no livro de chamada do professor tinha o número um, o número dois, o número três não tinha. Depois tinha o número quatro, cinco, até o dez não tinha mais. E assim foi por diante, para fazer o número de uma sala. Então você se sentava. Nós ficávamos um longe do outro da sala de aula se a gente fosse obedecer a numeração. E uma vez o professor chamou a gente para a frente e disse: Ah assim não dá venham aqui para a frente. Ah mas é fora de número, a gente vai entrar bem, se ela chegar e entrar aqui. Ele falou: Não, tá muito espalhado, tem gente lá atrás lá na frente, o meio vazio. Vem aqui para a frente. E nisso ela entrou na sala. Imagina a gritaria, dois dias de suspensão, primeiro para os números pares, depois para os números ímpares. E o professor não falou nada. Ele não falou que foi ele que chamou. E nenhum aluno disse. Mas a gente não tem culpa porque o professor chamou. Medo de dedar o professor. Dois dias de suspensão primeiro os pares depois os ímpares, porque você se sentou fora da carteira que é o seu número.

T- Entendo.

M- Da para sentir a barra como que era?

T- Entendo. É a forma de controle que ela tinha né?

M- Nem sei se era controle isso viu [riso]. Até que pode ser. Eu não tinha pensado nisso. Eu pensava mais como mania.

T- Mania. De organização talvez?

M- Acho que de organização. Da escola da parte física. O prédio, a limpeza a ordem, aluno entrando em fila, saindo em fila. E a hora que dava o sinal. Isso na época de estudante. Não era o professor que trocava de sala. Alunos saiam da sala de aula em fila no corredor. Era um bale. Porque todas as salas saiam a hora que dava o sinal de mudança de aula e a gente não se

batia sabe. Uma fila não batia na outra. E a gente se mexia em fila até a sala da próxima aula. Assistia aula, dava o sinal, todos alunos saiam em fila para outra sala etc. e tal.

T- Entendi.

Eu também me lembro que você acabou mencionando também sobre os eventos né?

M- Sobre o que?

T- Os eventos. Principalmente os desfiles. Eu me lembro que você me falou sobre os desfiles.

M- É mais isso era de praxe né. Na época a gente tinha que desfilar. E ela acompanhava. Ela acompanhava de lado dando palpite. Olha o passo. Acerta o passo. Olha a linha. Você está muito perto. Olha o alinhamento. Sabe. E ia do começo ao fim nessa lengua lengua. Ela ia de pelotão em pelotão. Não é organizando. É fiscalizando.

T- Pode se dizer que você disse de praxe era da época, o momento da época?

M- Eu tenho impressão que sim. Eu acho que sim né. O autoritarismo que existia na época, ela absorveu. Ela vinha de uma época autoritária já né. Da época de Vargas, daquela época lá. Ela já vinha dessa época.

T- E isso viria contribuir para o que ela foi?

M- Bastante. Bastante.

Ela vive de. Aqui em São Roque ela vive de um mito. Ela que organizou o Manley Lane, ela que construiu o Manley Lane, ela que fez o Manley Lane. O prédio sim. A escola não. Quem fez a escola foram os professores. Bem empenhados. A gente estudava, a gente preparava as aulas e procurava fazer o melhor possível. Porque para isso, ela não tinha o menor interesse.

T- E quando você fala que as pessoas diziam que aquela época era melhor né. Que era uma época de uma escola, uma escola boa né. Avalia-se porque essas pessoas fazem essa afirmação professor?

M- Olha eu acredito no seguinte. Os professores eram excelentes, naquela época tá. A gente tinha, um professorado maravilhoso, preparado, exigente sabe. O clássico, o clássico que eu fiz, nossa senhora. A Dona Abigail de História, o Cavaliere de Português, a dona Zizi de Filosofia, a dona Márcia de francês. A de inglês era, aí como que era a de Inglês, era uma magrinha, acho que Teresinha. Eram pessoas de Sorocaba, formadas em São Paulo na USP, várias faculdades. Com especializações, pós graduação sabe. Havia uma certa base dos professores. E outra coisa a gente via no vestibular. A média de aluno que entrava, que entravam na faculdade, no famoso cursinho né que existia na época, era bastante grande. Eu mesmo fui um deles. E eu acredito que isso era mérito da escola.

T- Perfeito. E isso é avaliado como tenha sido o momento da escola boa.

M- Da escola boa.

T- E que talvez seja recordado pelas pessoas.

M- E transferem isso para a administração dela. O que não é verdade.

T- Entendi. Entendi. Então na percepção sua seria mais um mérito dos professores e da qualidade de ensino.

M- Dos professores e da qualidade do ensino. O jeito que eles, nos transmitiam as coisas. E outra coisa. A sociedade da época era diferente de hoje né. Os alunos tinham um respaldo grande e cobrança em casa, uma coisa que com o passar do tempo foi diminuindo. E isso claro que vai influenciando no comportamento e nas atitudes dos alunos. E São Roque por ser uma cidade pequena, naquela época a gente dizia que isso aqui era o interior mesmo. Não é como hoje que é praticamente uma cidade para dormitório que se fala né? Naquela época não. Era uma cidade que era fechada, uma sociedade fechada. Ainda que houvesse o cuidado com os filhos, com a educação. O pai e a mãe eles cuidavam das crianças, dos filhos. Fiscalizavam, viam se estava certo, correto, o que estava acontecendo. E às vezes quando alguns alunos aprontavam alguma coisa na escola e que ela chamava o pai e a mãe e elas iam. Eles repreendiam o filho. Não é igual hoje que o pai e a mãe vão lá para brigar e bater no professor e na diretora. Era diferente essa relação. Era a sociedade da época.

T- Entendi.

Me despertou a dúvida, e queria saber da sua opinião. Como era o perfil desses alunos? Você falou sobre as famílias. E como era o perfil desses alunos? E das famílias dessa época. Como pode ser definido?

M- Olha! Não era como hoje, isso é batata.

T- Mas eu digo em termos sociais e econômicos.

M- Era diferente. Era diferente. Era quase elitista a escola. Para você entrar no Manley Lane você passava por um vestibular. Esqueci o nome agora disso aí, como chamava.

T- Era o exame de admissão.

M- Exame de Admissão. E as vagas eram poucas pelo número de alunos. Então entravam aqueles que recebiam em casa, maior apoio. Uma classe vamos dizer A e B da cidade, não do Brasil. A classe C ainda tinha chance. Agora a classe D não. Eles acabavam a 4º série e já caíam no mercado de trabalho. A grande maioria. A grande maioria, não é que alguns não conseguiam claro o perfil era classe A e B, alguns da C e pouquíssimas da.

T- E com as famílias que apoiavam essa estrutura?

M- Ah perfeitamente. Era como a..... Você está aprontando agora menino? Você vai ver quando entrar no Manley Lane.

T- Ah sim, quando você entrar no Manley Lane né.

M- Ah você está aprontando, você vai ver a hora que você entrar no Manley Lane.

E é claro que tinha aquele que se revoltava dentro da escola, mas era muito pouco. E a revolta ela se traduzia em aprontar. Brincadeira sem ideologia, sem um protesto, sem nada. Era só aprontar. Era curtir, era zoar. Que nem se diz hoje.

T- Sim, sim.

Professor eu também fiquei de perguntar por que isso eu pergunto mais para traçar uma origem familiar da pessoa que está sendo entrevistada. É, a família do senhor. Veio morar em São Roque, era de São Roque, ou veio até São Roque? Me conte um pouco a respeito disso.

M- Não, nós éramos de São Roque, a minha mãe. Meu pai era de São Paulo, mas ele faleceu muito cedo né. Eu tinha apenas 6 anos de idade apenas quando ele faleceu e mesmo até essa data era o fim de semana aqui em São Roque, feriado aqui em São Roque. E a família da minha mãe, era de origem da Itália, eram os Rabecchinis. Meu avô tinha uma loja ao lado da igreja, a casa Reinaldo, a segunda era, aqui em São Roque acho que tinha duas lojas grandes. A Pontes e a loja do meu avô onde trabalhavam os, o meu avô e meus tios né. E a situação econômica era razoável, era boa. O nome dos Rabecchini estava entre. E chato dizer isso né. Mas entre as famílias mais tradicionais da cidade. Respeitados. É isso daí.

T- Rabecchini era por parte da sua mãe?

M- Da minha mãe.

T- Certo. Que já, que era da família daqui de São Roque nessa tradição?

M- Ah antiga já.

T- Já antiga. E ela no falecimento de seu pai, ela se casou novamente ou não?

M- Não, não se casou.

T- Então praticamente foi ela que sustentou a família?

M- Foi.

T- Foi ela que teve a sustentação da família?

M- Foi ela que sustentou a família.

T- E era você, e você teve irmãos?

M- Eu e minha irmã, mais nova do que eu.

T- Certo. E os dois estudaram no Manley Lane também?

M- Estudamos e trabalhamos. Minha irmã se formou. Na época era o normal né. Ela se formou no normal a nível de colegial e, a hora que faltava uma professora, ela ia lá e

substituía. E até que um ano ela conseguiu uma classe lá, reuniu os pontos necessários lá e conseguiu três anos de aula lá como professora. Daí ela se casou e mudou.

T- Sim. E como é que foi a sua formação professor? Me fale um pouco. Teve o ensino, você fez grupo escolar aqui em São Roque?

M- É aqui. A hora que nós mudamos para cá eu entrei já no segundo ano, no colégio das Freiras, das irmãs Vicentinas, no colégio São José. Ele funcionava assim. De manhã eram as meninas. De tarde os meninos. Porque não podia misturar porque o diabo tenta.

T- [riso]

M- É verdade, era isso mesmo. Eram ótimas, olha elas deram uma base para a gente. Uma base assim de ordem. A hora que eu comecei a dar aula, eu comecei a ensinar os alunos. Escreve o título, passe uma linha embaixo, você pula uma linha, parágrafo 2 dedos. É, escrevam com tinta azul ou preta, deixem a vermelha para grifar. Sabe essas coisas básicas?

T- Que você tem na base no ensino da escola?

M- É das freiras. Porque a hora que eu olhava no caderno dos alunos, era uma tragédia aquilo lá, sabe. Então durante a aula eu procurava ir passando essa ordem, esse, essa maneira de tratar um caderno, de tratar um livro. Tinha livro que às vezes chegava em maio ou junho e já estava esbagaçado. Eu os ensinei encaparem. Eu comprei papel, eu lembro bem disso. Aquele papel duro, Kraft se não me engano o nome. Eu pegava dez minutos da aula, cinco minutos, pegava alguma coisa para mostrar, que jeito faz, que jeito grifa. E eu acredito que muitos alunos pegaram isso. E isso ajuda muito na ordem do. Porque eles pegavam o caderno, eles não entendiam o que tinham escrito, onde acabava o parágrafo, aonde começava o outro. O caso de ponto e vírgula, isso não existia para eles, mas isso eu não mexi. Eu falei lá com o professor de Língua Portuguesa e ele mexeu um pouco nisso. Mas eu fiz.

T- É resgatando um pouco só para eu tentar entender. Essa formação sua foi no Colégio São José?

M- No Colégio São José, das irmãs Vicentinas.

T- Das irmãs Vicentinas certo. E aí a partir daí o que você fez como educação?

M- Daí eu fui para o Manley Lane na quinta série.

T- Na quinta série.

M- Na quinta série. Repeti a sexta e a sétima em Matemática. E até hoje eu não entendo direito aquilo lá. E acabando a oitava eu fiz o clássico. Quando eu fiz o clássico eu me encontrei. Eu falei: É isso que eu quero, é isso que eu gosto né. Eu fiz o clássico. Eu terminei o clássico, fui para a faculdade de História.

T- O clássico terminou quando? Lembra mais ou menos professor?

M- Aí eu não lembro. Sessenta....sessenta e oito, sessenta e nove. Ah não me lembro.

T- E aí foi para a faculdade de História. Coursou aonde?

M- Em Sorocaba, na época era Fac.

T- Fac?

M- É. Eu tenho a impressão, eu não sei bem mas acho que é a Uniso de hoje.

T- Ah certo. E aí estudou de 69 em diante.

M- Isso.

T- Lembra quando formou?

M- Em 73.

T- Em 73.

Quando que o senhor começou a lecionar no Horácio Manley Lane? Ou se lecionou em outros lugares?

M- Não. Eu iniciei mesmo no Colégio particular aqui. No Barão que chamava. Foi em 72. Não em 71, eu era estudante ainda. E no Manley Lane foi no ano seguinte, mas não que eu comecei a lecionar. Faltava um professor ela me chamava, faltava outro ela me chamava. Dona Libéria chama seu filho. Dona Libéria chama seu filho. E eu ia lá para substituir um

professor ou a professora de História, Geografia. De Estudos Sociais na época, aquele horror que era. Era nada Estudos Sociais, não era nem História, nem Geografia. E eu ia assim, às vezes eu ia uma vez por semana, às vezes eu ia duas. Dependendo das faltas dos professores. Até que mudou, eu não me lembro em que ano aconteceu isso. Eu comecei a ficar da casa que eles falavam, essa parte eu não sei muito bem.

T- Será que foi em 77?

M- Eu não me lembro muito bem a data. Eu lembro que de História existia eu e uma professora. A Rosalina, ela era de História também, nos dois. Tinha bastante aula de História, mas os professores eram de Pedagogia, então a hora que eu fui à atribuição de aulas eu passei na frente deles, aí eu peguei aula para o ano todo.

T- Aí ficou exclusivamente dando aula no Horácio Manley Lane?

M- Não. Eu dava aula no Barão. Chegou uma época que eu dei aula em Araçariquama também, nas duas escolas. No colégio São José, eu dei aula.

T- E foi até a aposentadoria dando aula?

M- Não, não. Daí eu já tinha ingressado. Eu ingressei em Itapevi né. Eu escolhi uma escola em Itapevi, eu passei num concurso, e escolhi Itapevi. Fiquei 5 anos, eu gostava muito da escola, mas o horário era difícil. Às vezes eu tinha que chamar um taxi aqui em São Roque porque o ônibus da noite não passava lá. E quando perdia o ônibus, e tinha que chamar taxi e os professores de São Roque rachavam, a viagem de taxi. Daí eu me transferi para o Germano aqui em São Roque, lá no Taboão. E foi aí que em uma reunião que teve com os supervisores, uma das poucas, é que os professores das escolas, os de Português iam com o ATP de Português, o de Matemática com o de Matemática e História não tinha. E nós ficamos, eu me lembro bem, das oito até dez e meia em uma sala, os professores né. Isso foi em oitenta e ... oitenta e oito. Aí nós chamamos o supervisor, era o Zé Luiz na época e nos falamos, olha o que há, a gente está aqui não sabe o que fazer, não recebe orientação nada, não tem ATP. Aí ele conversou com a gente e resolveu e disse assim: olha então vocês vão escolher o ATP de História e. Eu sei que me escolheram. Eu não queria. Eu falei, não, não, eu não quero isso, não é isso que eu quero. Não porque você tem que ser, você foi escolhido. Eu falei, mas eu não quero, eu dizia para o supervisor. Eu não me sinto bem fazendo essas coisas né. Eu gosto da sala de aula e tal. Mas você vai dar aula para os professores. Eu não queria mesmo. Mas eles insistiram me mostraram as vantagens né. Inclusive, do salário foi tudo mentira, não aconteceu nada, nada daquilo. De salário, de vantagem alguma. Ao contrário. Foi um prejuízo bastante grande. Inclusive na hora de aposentar, que teve que pagar pedágio, aquele negócio lá. Daí eu fiquei de ATP de História. No começo eu não sabia o que fazer, qual era o meu trabalho. Ninguém me informava nada, eu fui fuçar.

T- Me desculpe minha ignorância professor. ATP é A T de tatu e P de Pato?

M- Não entendi.

T- A sigla eu não entendi. É ATP. T de tatu e P de pato?

M- A de ave. T de tatu e P de Pato.

T- Ah, e era formação de professores?

M- Orientação dos professores.

T- Entendi. Entendi. E isso foi uma política de década de 80 né e no seu ver não foi boa né.

M- Não. Foi ótima. Fantástica.

T- Foi ótima

M- Só que as vantagens que eles disseram que a gente ia ter não aconteceu nada.

T- Entendi.

M- O salário, ele continuava com o salário básico de professor. E na aposentadoria aumentou o tempo.

T- E isso foi, até a sua relação foi até aposentar?

M- Até aposentar. Eu gostava demais do que eu fazia. Chamar os professores, se reunir com os professores, de fazer pesquisa. Eu montava curso, eu montava oficina com eles, eu ajudava. Na época do planejamento eu me reunia com eles, eu ajudava, fazia um esboço do que a gente queria, do que a gente achava necessário.

T- E isso foi até que ano. Até a sua aposentadoria em que ano?

M- 2009.

T- 2009 joia.

M- Mas mesmo antes de 2009, eu já queria sair. 2006, 2005 eu já não aguentava mais com as interferências. Não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, muito desvio de função. A gente chegou a descarregar caminhões de livros, abrir os pacotes, separar os livros por escola. Isso não era função nossa, era função lá do protocolo. E cansava essas coisas e tirava nosso tempo. As reuniões eu gostava de fazer com os professores com grupos de 35 a 40 né, uma vez ao mês para cada grupo.

T- Professor e me diz o seguinte. Eu queria retomar um pouquinho. Era no momento em que você poderia me informar. O momento de sua mãe trabalhou no Manley Lane. Você lembra a época que ela iniciou não se lembra?

M- Olha ela iniciou por volta de 56, 57.

T- Ela iniciou na estrutura do grupo escolar, ou na estrutura do prédio novo? Do prédio.

M- Do prédio novo.

T- Do prédio novo. E ela foi desde o início da sua estruturação?

M- Não ela já tinha algum tempo.

T- Já tinha algum tempo.

M- Já.

T- O momento. Se lembra que ela participou daquele momento de transferência do grupo escolar para o prédio?

M- Não, ela não participou.

T- Não né. Então deve ter sido a partir de 58 né. Esse movimento foi a partir do ano 1958.

M- É, mas ela não estava ainda no Manley Lane.

T- Joia. E ela ficou até a aposentadoria dela trabalhando no Horácio Manley Lane?

M- Até aposentadoria.

T- Joia.

Eu queria também registrar, além disso, professor. A impressão do que sua mãe sentia em relação ao trabalho dela. O que você achava que ela sentia do trabalho dela.

M- Ela gostava do trabalho.

T- Pronto.

M- Ela gostava. Eu sentia isso. E ela se dedicava. Ela tinha compromisso. Ela fazia até mais do que ela devia.

T- Sendo algo que ela fazia com satisfação?

M- Isso, ela fazia.

T- Pronto.

E ela só fazia o trabalho da supervisão, ela trabalhava junto com que função?

M- Ah, ela era inspetora de aluno.

T- Inspetora de aluno né.

M- Isso.

T- Ela tinha definição assim de grupo. Eu me lembro que tinha inspetores por sala né, por grupos.

M- Não, ela era da escola.

T- Da escola em geral né?

M- Isso.

T- Você avalia que ela tinha algum outro tipo de relação com Antonieta que não fosse só de trabalho?

M- Elas ficaram amigas né. Inclusive às vezes, ela, a diretora vinha aqui em casa. Elas se sentavam na cozinha minha mãe fazia café, fazia bolo, alguma coisa, e eu lembro que ela contava coisas da vida dela. Minha mãe, ela dizia que tinha pena dela. Eu não concordava muito, mas. Não me metia nisso.

T- Então ela considerava que Antonieta entendia ela como amiga né?

M- Eu acho que mais, Antonieta que considerava minha mãe como amiga do que minha mãe considerava ela como amiga.

T- Entendi.

Eu também queria saber um pouco, não sei se você sabe, porque eu tive esse relato e ele foi um momento assim que foi bem relatado. Foi a saída da Antonieta na aposentadoria dela, né. Eu não sei se você teve alguma participação, se você teve esse momento, se você viu?

M- Não eu não vi. Eu não estava mais aqui né.

T- Não estava.

M- Eu estava em Itapevi já. Eu não procurava. Não esperava muito das coisas aqui.

T- Joia.

M- O que eu lembro assim mesmo é que ela se aposentou. Mas ela não largou o Manley Lane, dava palpite né. Era a Mirian Maluf que estava lá né. E ela interferia no trabalho da Miriam. Ela já estava aposentada e continuava, ela queria mandar, igual era antes. Só que era complicado para ela.

T- Sim, sim. E continuava essa relação né?

M- Com o Manley Lane?

T- Isso, ela continuou por um tempo mesmo aposentada né?

M- Mesmo aposentada.

T- É isso que

M- Porque ela morava em frente, ela entrava ia na diretoria abria a porta, entrava e se sentava. Gritava que nem antes, chamava atenção que nem antes. E judiação de Mirian, dava até pena minha mãe dizia. Mirian falava: O que é que eu vou fazer? O que eu faço com essa mulher? Não me lembro que jeito se resolveu o caso, isso eu não me lembro. Mas minha mãe dizia. Eu não sei por que eu não estava lá ne. Minha mãe dizia que foi complicado.

T- Ela percebeu isso né?

M- Não sei. Sinceramente essa parte eu não sei.

T- Joia.

Eu acho que a gente já conversou bastante né professor. Talvez você gostaria de deixar mais algum relato, alguma experiência que acha relevante deixar como registro professor?

M- Olha, eu posso dizer o seguinte. Ela foi fruto de uma época. E não adianta saudosismo. Porque se vier outra como ela ou ela voltar, não vai ficar uma semana na escola. Ela foi isso, ela foi fruto de uma época.

T- Sim.

E olha. Eu acho que esses depoimentos foram ricos novamente professor. Eu agradeço novamente você conceder essas informações para mim, essa experiência de vida, né.

M- Sabe o que vai ser muito bom.

T- Sim.

M- Sabe. Retirar dela o peso. Ela já morreu, mas ela continua como um peso. Retirar dela o peso, que ela foi a salvadora da pátria. Que ela foi o máximo, que ela foi maravilhosa. Eu considero isso, peso que a pessoa carrega, porque mesmo ela, ela sabia que não era isso tudo. Ela se esforçava para ser. Ela dava o que ela achava que era correto, que era certo. Mas não sei, eu considero isso, um peso ainda nela sabe, na memória dela. E resgatar na memória não de um mito, mas de uma mulher.

T- Muito bonito. Eu gostei.

E eu acho que são esses relatos que são enriquecedores professor. Para mostrar todos esses lados sabe. E eu só posso ter isso das pessoas que conviveram né professor. Que viveram o dia a dia na vida real né. Não é relato de alguém que acha que repercute como você mencionou. Repercute uma fala né, uma ideia. Eu acho que o peso é de quem viveu né.

M- Aí cria-se mito.

T- Criou-se mito né. E dentro dessa.....

M- Um mito de perfeição de excelência, e não é isso. É uma mulher que estava brigando, que estava lutando. Dando o melhor de si. Achando que estava certa né, numa época difícil, conturbada né, de transição. Mas ela fez o que pode. E nós, alunos e professores, nós fizemos o que estava no nosso alcance também.

Eu vou pedir um favor para você.

T- Claro.

M- A hora que você acabar o seu trabalho. Me dê uma cópia por favor.

T- Com certeza professor! Faço questão sim. Ele vai ser assim. Ele vai ser um pouco grande porque a gente acaba escrevendo várias coisas né. Mas eu faço questão sim. Eu poderia ter o endereço do senhor para entregar essa cópia?

M- Rua João 23, número 66.

T- João 23, número 66.

M- Isso.

T- Então faço questão. Eu ainda término esse ano. Então com a previsão da minha defesa, ainda é o ano que vem. Ainda vai demorar um pouquinho viu professor, não sinta que eu vou esquecer de você não.

M- Boa sorte e bom trabalho.

T- E se eu puder eu posso recorrê-lo novamente em alguma informação?

M- Claro! Sem dúvida.

T- Muito obrigada por isso. Tenha um bom dia viu professor.

T- Para você também. Até

M- Até. Tchau, tchau!

[Final da Fita]

APÊNDICE G: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE JUARES PEDROSO

T- Ola Senhor Juares, gostaria de me apresentar, e dizer sobre a entrevista que vamos fazer agora. Estou realizando uma pesquisa que busca informações de pessoas que conviveram no ginásio e com a diretora Antonieta. Gostaria de fazer algumas perguntas que são bem gerais e abertas para você fazer sobre os assuntos do ginásio e suas experiências com o ginásio, e principalmente a diretora Antonieta.

Assim: Como você conhece a história do ginásio de São Roque? Quais foram suas experiências no ginásio de São Roque?

J- Foi em sessenta que vê, aí meu Deus eu tinha 12, 13 anos. Foi em 62, 63 por aí. 62 63.

T- O senhor quando iniciou seus estudos, fez o grupo escolar?

J- Fiz o grupo escolar no Marmeleiro.

T- Por que tem também o grupo escolar ali do centro da cidade né?

J- Isso, Bernardino que eu estava falando para você. Então eu comecei minha vida, eu nasci em Mairinque e vim com 6 anos para o Marmeleiro que no começamos a família Zuncler. Sou da família Zuncler do Marmeleiro, família Moraes Pedroso né, toda família nossa. Que era dono de quase tudo, toda essa região aqui. Depois foi vendendo passando, passando. Trocava por um saco de. A terra que trocava por um saco de feijão, saco de arroz. Antigamente.

T- A sua família então. Como é que se escreve Zuncler?

J- Zuncler Pedroso e Zuncler.

T- Zuncler como é que se escreve?

J- Aí você me pegou [riso].

T- É com Z?

J- Deve ser né. Zuncler.

T- É. Aí quando vocês vieram para o Marmeleiro ali em Mairinque né, na divisa de Mairinque.

J- Isso ali no ginásio. Porque era assim, se você atravessasse par cá do rio era São Roque e para cá era Mairinque.

T- Que tem até uma igrejazinha.

J- Era de Nossa Senhora Aparecida. Só que agora está para lá ne . Antigamente era a igrejazinha ali.

T- Aí o senhor fez o grupo escolar lá?

J- Fiz o grupo escolar lá, inclusive a diretora lá era a que é casada hoje com. O filho dela é casada com a filha do Aristeu.

T- Ah sim.

J- Esqueci o nome dela.

T- Vai aparecer.

J- Esqueci o nome dela. Ai caramba. Mas você sabe que, você sabe a filha do Aristeu conhece ne, a mais nova?

T- Sim.

J- Então o filho dela. Casada com ele.

T- Ah então eu acho que eu. Vai aparecer o nome.

J- Eita sacola, caramba. Dona.... aí faz tanto tempo. Ela que era diretora lá.

T- Foi tomando conta da escola né?

J- É então.

T- E aí de lá o senhor fez o ginásio aqui.

J- Fiz o ginásio aqui. Primeiro eu fiz até quarta série aqui.

T- Veio para o ginásio. Como conheceu a diretora Antonieta? Quais foram suas experiências ao longo dos anos de convivência com a diretora? O que você pode falar sobre o ginásio com a diretora?

J- Dona Antonieta, era aquele lá o aí caramba.

T- O seu Wlade?

J- Não. O que era inspetor lá . Era o Ninho. Era o Darci. Darci Rubiti, e o como é que era o nome dele rapaz. Ele era alto pra caramba, um grandão. Meu Deus do céu. Burg. Já viu falar?

T- É eu só conheço mais a fundo porque eu conheci bem a história de Dona Libéria.

J- Libéria. Era também, então a Libéria o Burgão que era junto com o Ninho. Todos eram diretores. Diretores não, que faziam inspetores depois eles passaram né que era tudo estadual né. E tem essa história que eu vou contar para você que aconteceu. Hoje é não acontece. Antigamente como era bem atrasado né que a gente fala. Bem atrasado. A dona Antonieta era uma pessoa que enxergava tudo. Eu não sei como essa mulher ela tinha, ela sabia se você pegava uma bala, uma casca de bala e, qualquer coisa ela via, papel qualquer coisa no chão e, mandava pegar do chão e jogar no lixo.

T- Claro, perfeito.

J- Então o que aconteceu. Nós cada um, quatro que iam pegar água naquelas.

T- Quem são os quatro?

J- Maique, eu, Elísio e o Tadeu. Juntos.

T- Ah, mas eu vou pegar a história do seu Maique também. Conheço o Maique.

J- Então. Maique era do tempo bom que a gente estudou, tem mais gente. E daí o que aconteceu? É nós fomos pegar água lá e daí dona Antonieta tinha aqueles potinhos como se fosse de barro. Ela tinha um negócio assim tipo de 5 litros de barro. E nos mijamos naquilo lá.

T- Jura!

J- Naquele tempo numa brincadeira assim, sem sabe. E ela estava brava comigo. Chegando lá ela falou assim: Vocês prepararam. Como que acabamos de beber água lá na bica. Falei: como abamos de beber. Vocês vão beber água ou não vão? Se vocês não beberem a água vocês estão expulsos da escola, agora se vocês beberem não. Conte o que vocês fizeram. Aí nós contamos. Aí nós fomos lá e pegamos tudo. Desinfetante e tudo lavamos tudo bonitinho. Agora vocês vão pegar água comigo. Aí ficamos um mês, fazendo isso de castigo. Um mês, não tinha mais ninguém. Pegando água e levando todo dia e ela acompanhando nós.

T- E eu te pergunto. Por que vocês faziam isso?

J- Então. É o que eu falo para você. Hoje em dia, hoje em dia, você vê a criançada com isso daqui, que é o celular e faz maldade. O celular brigas, drogas e mais coisas que a gente naquela época não tinha. Então a gente queria sei lá, modo de dizer, vinha na cabeça da gente, vou fazer uma malvadeza vá.

T- Sim.

J- Por quê? Porque quem usou droga que como diz. A gente achava que eles eram os espertos, porque as notas, maiores que a da gente e a gente era mais castigado. Mas por quê? Porque queria o bem nosso. Então ela forçava a gente a fazer isso porque era malvada, fazia malvadeza, que era, por exemplo, assim. A gente estava estudando lá e não queria estudar. Pegava o próprio livro e fazia mascote e tal, inclusive tinha gente que fazia massa de pão molhava e jogava nas suas costas, cabeça, para judiar.

T- Entendi.

J- Então é isso, fazia umas coisas assim sem ... era assim hoje não . Se fizer algo e alguém vê ele pode vir e enfiar uma faca em você, dá um tiro. Pode fazer coisas piores. Antigamente não, antigamente era gostoso.

T- Você avalia, que o que vocês faziam, também tinha um sentido para atingir a dona Antonieta de alguma forma?

J- Então é, isso que eu queria explicar para você. O que a gente queria, não é atingir ela. Os outros chegavam no objetivo e as vezes não queria chegar, mas depois a gente chegou. Porque a gente começou a prestar mais atenção na aula, ela tirou aquele. Puxa vida eu vou prestar atenção na aula porque amanhã eu vou ser punido de novo. Posso até ser expulso da escola, posso ser. Então ela fazia aos alunos um objetivo só. Prestem atenção na aula. Enquanto tinha 4 ou 5 que não faziam isso. Então a gente achava sei lá, que ela puxava o saco dos outros e não era. Era queria fazer um time só, e a gente que não entendia. Depois quando a gente entendia era dessa forma. Como é que fala. O medo também. Ela chegou para nós e falou: se você não fizer isso, nós vamos chamar os seus pais. Porque nos apanhava dos nossos pais também. Então quando a gente chegava em casa e tinha um a reclamação da professora, era couro. E não era couro assim não. Era vara de marmelo. Minha mãe pegava e deixava de castigo. Então duas vezes que eu ficava de castigo eu fiquei com aqui tudo marcado de milho, ficar sentado, ajoelhado no milho. Daí eu cheguei lá e minha mãe falou assim: por que você está marcado assim? Minha mãe sabia. Mãe eu fui fazer uma brincadeira e eu machuquei a menina. Como você fez? Tinha um corredor que a gente brincava e tinha um terreno com mato alto, você sabe o que é. Aquele mato assim né. E a gente amarrava de malvadeza, e a menina enroscava lá, o menino vinha e enroscava lá. Mas a gente tinha 6, 7, 8 anos e não sabia do perigo. A menina machucou muito, ralou tudo a cara dela. Depois queria namorar com ela, ela não queria. Não queria conversar, partir o pão, não deixava a gente chegar perto e todas essas coisinhas de criança mesmo né. Agora hoje não, hoje já é diferente.

T- Mas esse negócio, essa punição que você teve do milho. Foi na escola ou em casa?

J- Foi com a Dona Antonieta.

T- Dona Antonieta.

J- Não ela né, mas a professora que colocava.

T- Na escola as punições eram bem feias?

J- Eram, era gostoso de você contar essa história. A gente tinha, não é uma punição que nem hoje né de. Sei lá. Quantas reguadas eu não levei na cabeça, tenho uma pelota aqui até hoje, de uma reguada que eu levei na cabeça. Por quê? Porque eu ficava lá conversando, falando não sei o que. A gente com todo respeito fazia essas, pegava tipo esses espelinhos assim e as professoras viam que a gente pegava o espelho e jogava embaixo assim. Olha a ideia.

T- Isso numa turma de... Quantos tinham mais ou menos?

J- 5 ou 6. Era sempre uma turminha, um aprontava o outro aprontava. A gente fazia depois também. A gente pegava essas meninas, quantas meninas que a gente chegava lá embaixo para pegar água e daí chegava junto com elas e daí. Oh o lobisomem, olha a mula sem cabeça, não sei o que. As meninas caíam lá desesperadamente sabe essas brincadeiras.

T- E como é que era o dia a dia, da escola. Quando vocês chegavam na escola. Como que era esse dia a dia na escola?

J- Eu falo para você uma coisa. A gente não tinha o que comer lá na casa da gente né. Porque antigamente, a gente aquela coisa lá muito gostosa né, então a gente ia para se alimentar. Tinha de tudo. Ao chegar café. Porque não e que nem agora não. A gente chegava cedo e saía tarde. Não e assim não que tem pouca hora. A gente chegava seis horas e saía quatro da tarde. Almoçava tudo lá. Era gostoso aquela época, era muito gostoso. Eu tenho saudade. Eu até estava conversando com minha filha professora e falei para ela: filha você não sabe o que é vida, aquele tempo era gostoso. A gente plantava lá levava para os professores a plantação. Pé de chicória, pé de repolho, os maços de , e ela dava nota boa para a gente , entendeu? Então a gente queria, como é que se diz. Ficar sempre perto. Porque tinha assim, a pessoa boa ficava sempre na frente e o mau colocava lá para trás. Porque não quer estudar fica lá atrás. Então depois a gente queria chegar com aquele objetivo. O que é , fica na frente. Então ficava agradando professor para ficar lá na frente, ajudava, que nem a gente fazia muito isso aí que

era bacana, que era gostoso, e eu adorava estudar. Sempre adorei, sempre gostei mesmo. Era a época muito gostosa, a gente fazia a gincana da escola.

T- Me conta.

J- A gincana era assim. Na época que era o sete de setembro né. Então a gente ia com saco, ovo, ganhava prêmios. Esconde esconde. Tapava o olho assim você tinha que quebrar, estourar a maçã com porretinho amarrado assim e você ficava falando. Está frio, ta quente, não sei o que, então essas coisinhas assim.

T- E quem participava?

J- Tudo nós, todos os alunos e os diretores lá. E eles que faziam. O Ninho, a dona Libéria. Tudo o que eu estou falando aqui todos eles era muito bacana. Morreu todos infelizmente né. Mas o que eu mais me coisa, é isso que estou falando para você. Era aquela saudade daquelas brincadeiras. Outra coisa também que a gente levava e ficava marca até hoje aqui. Oh isso aqui a gente chegava na escola, jogava bolinha de gude e pião. Pião a gente fazia assim quem conseguisse quebrar. Então às vezes eu falava. A gente fazendo é, aquelas de mamona. Não, não fazendo que nem você colocar hoje como se diz, ai meu Deus. Charuto, sabe charuto. A gente colocava cigarro e deixava secar e fazia que nem uma biqueira. Outro dia fui fazer cheguei em casa, minha mãe bateu em mim, com uma faca afiada, se vê. E outra coisa também que eu gostava muito era de ir ali ver os trem. Como era gostoso. Porque via os trens de carga e ficava olhando aquela fila lá, a gente matava aula para ir ver. A turma da Sorocabana receber o pagamento. Tudo nós íamos lá, uns seis, sete ia lá e ficava vendo. Então ele pagava, que era o diretor da Sorocabana, vinham parava a maquininha lá e a gente ficava vendo.

T- Participou de alguma fanfarra?

J- Poxa, parecia macaco. Macaco até história teve.

T- Como é que é o nome?

J- Iraci macaco, é Silveira, mas a gente falava Iraci macaco. Que na escola ele participava muito disso aí, e no São Roque Clube. Uma vez ele estava no São Roque Clube e hoje mesmo eu estava comentando. Ele colocava cadeiras assim e deixava uma pista para os carros passar. Ai de você, aí de qualquer um passasse para lá. Não tocava mais na fanfarra dele. Se viu a confusão que tem lá, ninguém respeita ninguém. Fecham tudo lá e não deixam mais. Foi proibido né, não vai ter mais e não vai sair mais, por quê. Droga ta tendo um monte de coisa. Então eu vou contar para você a história que aconteceu. Iraci ele ficava em uma cadeira, ele ficava assim, na fanfarra isso daí. Era que tempo né tal quebraram o apito dele. E como estava lá naquela hora lá. Não tinha como, eu falei: Iraci me deixa subir na cadeira, fica perto de mim. [BARULHO APITO FEITA DE ASSOPRO DA BOCA]. Até hoje. E eu fazendo com a boca e ele fazia com a boca barulho de apito e todo mundo.

T- Como era a forma de agir da diretora Antonieta?

J- Ah era muito boa. Nos disputamos muito, tinha apoio da prefeitura né, tinha apoio de todos as pessoas a gente ia em um monte de lugar. Nós fomos disputar, nós chegamos em segundo lugar. Se sabe que troféus em segundo lugar lá de Tatuí, é dose se sabe disso. Então todo lugar lá do concurso de fanfarra.

T- E como é que ela fazia, nessas épocas? O que ela fazia?

J- Ela fazia assim, por exemplo. As pessoas que estudavam e as pessoas que, ela pegava as pessoas mais que estudavam. Ela não queria assim, se você tem nota baixa você não entraria na fanfarra. Então se você deixasse cair, a nota se não participava. De jeito nenhum. Então era só pessoas que estudavam, que tinham notas boas para você, passavam na mão dela. Se você não tivesse nota boa ela não deixava você participar da fanfarra. Eu achava muito bacana essa parte aí. Porque incentivava estudar né e com isso você tinha um grauzinho a mais né, uma notinha a mais, um ponto a mais. Então se você participasse, por exemplo, assim no domingo e fora. Se você tinha 90 você tinha 91, um ponto a mais você ganhava para incentivar você na

fanfarra e na 7 de setembro a gente fazia tudo. Vinha de lá, desfilava na praça depois era muito lindo, na marginal. A gente fazia tudo, todo mundo via ela. Aquela conversa, ela chegava e não precisava falar nada, tudo mundo ficava assim. E quando começava o hino então era tudo certinho. Ela não falava nada, só o olhar dela pronto. E o Tenente Nogueira que era do exército. Também era uma pessoa também que a gente tirava muito o chapéu. Por quê? Porque ele foi muito exemplar aqui em São Roque. Quando você tiver no salão imperial em 1970 quando eu entrei. Nos estava na porta assim e ele pegou o microfone e falou: Gente vocês querem, parem o hino. Se vocês querem façam como brasileiros e fiquem assim. Porque se vocês saírem para fora eu mando prender vocês. Hoje se você vir aí não tem respeito nenhum. Eu tenho saudade daquela época. Que aquela época da ditadura eu passei. A ditadura eu fui estudar barbeiro lá em São Paulo. Eu corria, do chefe de treino para eu poder estudar. Hoje eu dou curso de barbear na prefeitura, levo para todo mundo lá. De graça, não cobro nada e faço o que eu gosto. Em 1900 eu tinha 11 anos. Quando eu comecei aprender barbeiro e depois entrei no Jaime em 1964 na Rui Barbosa que é do lado da Le Boschini. Depois eu fui lá para a frente, que é em frente, do lado da padaria do Português, do Toninho português e de frente a farmácia São José.

T- Então me tira a dúvida. Você estudou no Manley Lane até que ano?

J- Eu estudei até foi, foi, primeira, segunda, terceira, até sétima série.

T- Sétima série.

J- Agora é outro tipo né.

T- Você fez o científico ou?

J- O colegial.

T- Só o colegial.

J- É primeiro colegial. Depois parei.

T- Joia. Você lembra mais ou menos que ano foi isso?

J- Foi que vê. Eu tinha 11. Era setenta e pouco.

T- Então 11 anos parou e foi começar a trabalhar?

J- Daí que eu fui engraxate, daí comecei trabalhar de barbeiro porque ajudava. Inclusive eu tenho também uma história de engraxate. O pai dele tinha escritório e negócio de bicicleta ali, e nos era engraxate lá na dona Sara, dona Sara que tomava conta. Era o Zico Soldado, dona Sara e o Bacar, falecido Bacar. E nos tinha no corredor, engraxava ali e a engraxateria ficava ali, bem assim na porta. Não sei se você lembra essa época você lembra? Tinha o cine São José. E daí foi uma coisa assim, que me marcou muito, eu cheguei lá e fui engraxar. Ele tinha problema na perna e era meio alta assim a escadinha, depois ele tinha um negócio lá que ele tinha problema na perna, então para descansar a perna. Ficava sentado assim. Eu cheguei e falei assim: moço eu vi que o senhor não foi lá no bar, ontem nem hoje. O senhor não quer dar uma limpada aí no sapato do senhor? Porque eu ficava de olho né. Aí ele falou assim. Porque ele tinha dificuldade para andar né, precisava de muleta e tudo. Ah não fui porque eu estava com dor na perna e tal. Então o senhor não quer limpar? Eu não cobro nada, só quero limpar. Ele falou: Ta bom então limpa então. Eu olhei assim na bicicleta e falei para ele assim: quanto custa essa bicicleta? Ele falou assim, se fosse hoje né: Uns 500 reais, era Monark né. Aí eu falei para ele assim: poxa vida eu queria uma bicicleta dessa, mas como é que eu vou pagar ne? Ele falou para mim assim: olha moleque, eu gostei de você. Você é uma pessoa que nunca, nenhum moleque eu vi insistir para limpar, que eu ia dar uma gorjeta para você, mas você vai levar essa bicicleta. Eu falei: como eu vou levar essa bicicleta? Se vai levar, mas toda semana você vem engraxar meu sapato e a gente vai descontando. Eu falei para ele: mas não posso fazer isso, se eu chegar em casa com essa bicicleta meu pai me mata. Eu vou trazer meu pai aqui então. Ta bom! Trouxe meu pai conversaram e tudo. Então duas vezes por semana eu ia lá engraxar, daí eu paguei a bicicleta dele.

T- Com o trabalho?

J- Com o trabalho. Então o medo da gente era os pais. O medo dos policiais, da dona Antonieta, dela ir até o pai da gente e falar. Porque o couro comia, o couro comia. Minha mãe era africana, meu pai também era parente de espanhol, e ele batia muito na gente. Nós somos em sete irmãos. Meus irmãos tinham medo, meu pai fazia assim oh, nossa não precisava falar. Assoviava e a gente já sabia, se não fosse ele ia buscar de chicote.

T- O senhor acompanhou as obras do ginásio?

J- Sim. Nós ajudamos inclusive.

T- Me conta essa história. Que outras pessoas já me contaram.

J- Então a gente chegava lá. A gente era voluntário que fala ne. Ninguém assim. Depois da escola a gente era voluntário. Então ficava La como tinha amizade com esses diretores que falei para você, e tinha também, o Abel, Abel pai, não o filho, o pai. Uma pessoa que fez muitas coisas também né e tinha essa como que fala. Reunião de amigos, como que fala. Um projeto que tinha para ajudar. Que nem aqui no Grêmio, que nem lá na dona Antonieta, mesma coisa. Então esse projeto, nos ajudava baldear areia, não era coisa pesada, carrinho e a gente ganhava também merenda, ganhava o café.

T- Quem é que dava isso?

J- A Antonieta lá.

T- Certo. Então era uma troca.

J- É uma troca, ela fazia isso e nos ensinava também entendeu. Ensinava dar valor as coisas. Não é você ganhar o pão assim seu pai vai La e Poe o café para você e joga fora. Você não sabe quanto gastou. Você não sabe como você conseguiu aquele alimento.

T- E o que você ajudou nessa época?

J- Então nessa época ajudava a fazer isso. Levava areia, ficava varrendo os lugares que estava sujo, ajudava carpir. Era gostoso entendeu, era gostoso fazer algumas coisas. E daí esse Purgão, Purgão que era, que ficava assim, olhando você, pulava o muro. Ele era fogo, ele olhava. E outra coisa também que me lembro até hoje. Cabelo comprido não entrava. Não entrava cabelo comprido, não entrava sem uniforme. Nosso cabelo tinha que estar cortadinho bonitinho, senão não entrava. Uniforme limpinho tudo certinho. Inclusive uma vez eu fiz uma sacanagem. Quando vinha vindo de lá para cá a gente subia em pé de, porque antigamente tinha né nos pastos, pé de jabuticaba. Aquilo me deu vontade 7 horas da manhã e eu fui subir e sujou tudo minha camiseta. Quando vi ela entrou no meio da turma. Pois ela viu. Ela viu e disse como que você se sujou? Eu caí. Não quero saber como sujou. Daí eu falei. Entramos lá sem ordem, para roubar né. E ela falava para a gente. Se sabe o perigo. Já pensou se você está entrando sem ordem, um cara vê e te dá um tiro ou te manda prender. Porque vocês não pedem, porque isso. Mas é que tinha tanto, ficava mais gostoso pegar do que você pedir. Era tanto pé, era tanta coisa que você achava bonito você chegar La na escola e falar assim.

T- E o uniforme?

J- O uniforme era Deus do céu. Eu tive que lavar, eu fui embora. Ela não deixou entrar não. Ela não deixava entrar, fez eu ir embora contar para minha mãe, lavar. Levei uma surra, e minha mãe era fogo. Porque era difícil de tirar nódoa daquilo lá sabe. Minha mãe teve, não sei o que ela passou La, ferventava, antigamente ferventava tudo para sair aquela fruta. Daí ela falou: Porque você foi fazer isso, se sabe que se você pedisse o homem dava. Por que você tem que roubar? Eu falei mãe é que se eu chegasse na escola. Viu. Você quer ir lá, roubar tudo do vizinho lá. Umas coisas bestas de criança, mas pé para você ter motivo para você achar que você ta bonzão. Que nem hoje não. Hoje a turma rouba mesmo né. Hoje a turma rouba mesmo [riso]. Coisa que nem é, modo de dizer, coisas banais. A sacanagem que a gente fazia com as meninas também. Aquele tal de você colocar assim a mão por de trás, as meninas vinham assim, a gente pegava coco de cavalo e colocava, e elas falavam: Nossa meu e entravam e falavam: Oh professora o que fizeram .Porque a gente fazia errado né.

T- Me fale sobre os professores.

J- Todos eles são bons. Todos eles, a gente ia, a gente era como é que era. Eu aprendi muita coisa assim de por conta de me chamarem atenção né, mas depois eu gostava muito e prestava atenção, e as aulas, elas falavam ensinavam direito mesmo. Procurava explicar. Se você não sabia o que era, o que você quisesse, matemática, ela pegava e explicava, tinha aquela capacidade. Quando você não vinha, no outro dia ela falava porque você não fez. Professora eu não entendi. Então está bom, hoje você vai, você não vai ter recreio hoje, mas você vai fazer. Então quer dizer, na hora do recreio você tinha que fazer.

T- Como era a forma de agir da diretora Antonieta? e a relação da dona Antonieta com os professores?

J- Muito bom. Ela dava muito apoio para os professores. O que o professor falasse ela dava apoio. Ela não gostava de uma coisa de ser ultrapassado, né professor nem aluno. Ela não gostava. E está certo ela.

T- Mas o que era ultrapassar?

J- Ultrapassar é o seguinte. As pessoas em rodinha falar mal dela. Entendeu? Porque ela queria tudo certinho. Ela não queria nada com professores, com alunos e inspetores. Porque tinha inspetor lá, por exemplo, assim. Eu pegava amizade com o Purgão, ou Ninho e tal. Eu passava por um deles e ia embora, eles deixavam ir embora. Então ela não gostava disso. Porque se não é para um não é para todos. Naquela época era assim. Daí ela vinha e perguntava. Por que você foi embora ontem? Ela também era fogo. Por que você foi embora ontem? Ah não porque a gente foi assistir o Mazzaropi no cine central. Passou Mazzaropi e a gente saiu, porque no cinema a gente descia que nem um foguete para assistir. Fui assistir o Mazzaropi. Quem que mandou você ou quem deixou? Ai não podia falar né, como é que você ia falar. Então você a partir de amanhã, enquanto você não falar você não vai entrar mais. Ai quem fala? Ai não sei como que ela punia, aí não sei. Só sei também que depois aí acabou, ninguém assistia Mazzaropi. Se ela descobrisse ninguém assistia, ia lá para assistir aula. Não tinha esse negócio de namoro, de agarra agarra, Deus o livre, de jeito nenhum, de jeito nenhum. E outra coisa era o controle dos banheiros, ela fiscalizava os banheiros, ela ia e antes de depois da saída dos alunos no banheiro, ela passava lá e dizia: oh o banheiro ta limpo, é para fazer sujeira no vaso, não fora do vaso. Ai se ficasse escondido a gente era obrigado a entregar o outro. Porque ela, ela via se entrasse 4 meninas, ela ia ver, era assim o negócio. Ai se fizesse uma sujeira lá. Ela pegava todo mundo. Se você não entregasse, porque tinha gente que era safado, sem vergonha, até hoje em dia né. Se vê hoje eu tomo conta do banheiro aqui e você vê tem nego que faz fora, não ta nem aí.

T- E você tem algum caso dela ter, alguma desavença com algum professor?

J- Então foi isso que aconteceu né. Eu fui assistir o Mazzaropi. Não sei se foi eu, sei que foi uma turminha que foi. E nós conseguimos falar para deixar a gente sair.

T- Mas o inspetor. Mas o professor também deixou?

J- Ah? Não sabia.

T- Mas você lembra de algum caso dela ter algum conflito com professor e porque, assim.

J- Nossa ela tinha. Ela tinha por que o professor fizesse as normas que ela falava lá. Se chegasse atrasado, mandava sem ela saber. Vixe, ela pegava no pé. Nossa mãe do céu, muito brava ela. Nessa parte. Por isso que a gente aprendia. Ela ficava em cima de tudo. Não sei como ela conseguia, eu não sei. Oh! Se você chegasse um minuto atrasado ela sabia, ela . E outra coisa não e só aluno. Cada, cada, na minha escola tinha 38, se vê só, entendeu. Ela fazia aquela fila assim. Ela ficava lá de pé e olhava todo mundo. Aquele que tivesse cabeludo, aquele que as vezes, no tempo de chuva molhava o tênis, ou molhava e a gente ia sem, porque era como é que fala, aqueles uniformes meios grandão, não é calção.

T- Abaixo do joelho.

J- Isso. E as meninas também. As meninas nossa, se chegasse lá tudo borrada cheia de nhenhenhe não entrava não. E mesma coisa a gente, tinha que entrar...

T- Eu não entendi muito bem a questão das linhas. Como é que era feito?

J- Então, ela ficava assim.

T- Na chegada?

J- Não, antes de entrar nas aulas certo, nas salas. Tinha um pátio grande e ali a gente fazia, cantava o hino nacional primeiro, fazia as orações, ela fazia. Opa, ela fazia tudo certinho para depois daí as meninas de um lado e os meninos de outro lado, então daí que todo mundo entrava.

T- Todo as salas juntas?

J- Todas.

T- No pátio?

J- Na hora do pátio, na entrada da escola, ela via um por um o uniforme, como que você estava de uniforme, se não estava.

T- isso às sete da manhã?

J- A entrada era as sete da manhã. E se você não tivesse do jeito que ela queria, você não entrava não. Não entrava. Ela nessa parte tinha uma disciplina muito rígida. E outra coisa também. Ela não gostava de jeito nenhum, você ficar pegando as coisas, ela gostava que você tivesse as suas coisas. Antigamente né nego perdia borracha, perdia lápis, então você ficava emprestando assim não, ela não admitia isso não. Quantas vezes a gente passava apuro. Porque que você perdeu seu lápis, cadê o seu lápis? Cadê sua borracha, cadê sua régua, cadê isso, cadê aquilo. Você tem de tudo. Você ficava bobo de ver a. Outra coisa. Ah se ela pegasse ... Por quê? Porque ela via uma turminha e ficava falando. Ahh você tinha que contar a verdade. Porque ela pegava os cinco que estavam ali e falava: Vocês cinco conta quem foi ou vou contar para seus pais. Não mandava era só para descobrir, e a gente tinha medo. Porque chegasse assim por detrás sabe, fazia para irritar ela, para irritar a Libéria. E outra coisa também que era muito. A gente ia tomar e repetir. O chocolate era muito gostoso lá. Então como se fazia. Você dava um jeito, dava um jeito de beber rápido né e depois ficar na fila de novo e filha da mãe. Você já pegou? Não peguei. Como que não pegou? Você já pegou. Eu não peguei. Ela chamava a moça lá. Esse aqui já pegou? Já. E porque você falou que não. Estava tão gostoso não sei o que. Olha dessa vez você vai, mas não minta. Fale a verdade. Porque nós estamos aqui e daqui a pouco vai faltar para outros. Então quando sobra a gente fala. Oh ta sobrando, quem quiser agora pode ficar na fila de novo. Se eu faço isso o outro vai ficar sem. Então ela queria educar a gente nessa parte, que a gente não pensava no outro e queria pão com manteiga, era gostoso nossa. Como chama lá aquele outro lá, era gostoso pra caramba. Arroz feijão, vinha carne, vinha. Tinha uma plantação ali atrás ali de legumes. Era própria da escola e agente cuidava também dessa parte, e como que era muito gostoso, muito gostoso. Plantava e comia aquilo que você plantou. E muitas escolas copiou ela. Porque ela plantou né. As outras escolas começaram fazer isso. Depois acabou, sei lá ela morreu e foi indo. Porque ela morava perto da minha mãe né ali na São Joaquim. Em 1960 e em 68 eu vim para cá. 68 eu tinha 8 anos 70. Não, foi em 70 mesmo, eu entrei no salão aqui em 70 eu tinha 14 anos é. Em 66 por aí. Eu tinha uns 10 anos. Eu ia para São Paulo, então ela morava ali embaixo e vinha todo dia conversando com ela, ela vinha falando, junto do seu Darci que morava ali embaixo, a esposa dele era professora também, na época nossa. Você conhece né o, o esposo dela. Sabe aquele farol da Barão de Piratininga?

T- Sim

J- Então hoje ele é casado com a filha que morreu. Como é o nome dele? Esqueci o nome dele. Ele é médico agora. Então a gente descia tudo junto e o seu Darci entregava. Nos passava e deixava ela na casa dela, ela morava junto com a irmã dela, irmão, parente dela não sei o que era. Ai meu Deus to céu, to com a cabeça meio ruim hoje de lembrar das pessoas ali. É, Giancoli. Já ouviu falar né, Giancoli. Então ali era parente dela então ela ficava ali. Não

tem um postinho ali onde os caminhões entram antes da curva? Então a minha casa e do meu pai era 184, bem na curva e o dela onde tem o postinho.

T- Uma coisa que eu sei é que ela não era casada. Ela não era casada então é, quando ela morava ali na frente, ela morava na casa de um professor né?

J- Então, o Giancoli.

T- Isso, isso que eu estou tentando recordar contigo. E ela teve épocas que ela acolheu os sobrinhos né.

J- Então eu vivia sempre ali. Porque eu morava ali para cima né e ela é muito nessa parte, como você acabou de falar aí. Nossa era muito bacana dessa parte dela lembrar. Agora não lembro mais. Mas tem mais coisa que a gente fazia. Mas o que mais marcou foi esse aí que eu falei para você, que era o tempo da fanfarra, o tempo gostoso. O 7 de setembro a gente desfilava, a gente ganhava um dia entendeu. Desfilava no domingo, na segunda não precisava ir na escola. Ela dava para você ficar. E os concursos. Tinha pra Itapetininga, ia para Sorocaba, ia no Sesi. A gente fazia Mairinque, Alumínio a gente fazia, era muito gostoso nessa parte aí. Então tem recordação boa de La. E com isso que eu aprendi a vida e hoje eu to passando para outros. Que a vida é assim. Você tem que pegar experiência para outras pessoas. Por isso eu to dando curso de barbeiro, lá na escola. Mande pra Mazé, você conhece a Mazé né? Ela que, mandei para a primeira dama, que era mulher do Daniel, mas ela não soube aproveitar. Ai a Mazé entrou e me chamou. Eu fui lá conversei com ela e tudo. Ela perguntou para mim se eu ia. Eu falei: Não, eu quero fazer de graça porque eu aprendi de graça e eu não vou cobrar. Então eu dei, to dando até hoje. Ontem eu comecei a aula lá.

T- O senhor recorda a época não sei se você lembra. Da época que foi o final da época da Antonieta. Não sei se o senhor recorda quando ela saiu da escola

J- Então mas ela, praticamente ela assim. Lógico que eu lembro, mas até hoje eu não sei o que aconteceu, não sei se ela aposentou, ou tiraram ela dali porque era muito rígida. Aqui em São Roque você sabe né. São Roque tem isso, não só em São Roque em tudo que é lugar né, quando a pessoa faz coisa certa eles tiram, eles não deixam a pessoa seguir. Então, aposentou. Acabou em nada né? Você viu. Da até do de ver aquela escola. Não tem mais vida. A escola estadual é assim. Na minha época, a minha ex mulher é diretora hoje, ela dá aula lá e no Goianã. Então como ela dá aula lá ela fala que é um absurdo, do que acontece, ninguém tá nem aí. A minha filha também dá aula. O menino com o celular, ela foi lá e tirou o celular do menino, o menino saiu de lá, ela tirou e colocou na gaveta. O menino pegou o celular e falou para a mãe que ela tinha quebrado. Foi na inspetoria aqui que era na Tiradentes aqui e teve que pagar o celular do menino. O menino falou: professora ganhei um celular novo nas suas costas sua boba. Aí minha ex mulher falou assim: viu, eu sou boba e você vai ser burro pro resto da vida, porque você fez isso comigo mas onde eu tiver eu vou perseguir você, vou falar para todos os professores. E é verdade, os caras ficaram burro, tá até preso por causa de droga. Por quê? Por causa disso.

T- É. Sabe é uma tristeza, uma tristeza.

Sabe de alguma coisa que, da época, da cidade, como que era assim a cidade com a escola?

J- Olha a cidade com a escola. Como que eu posso falar para você. Naquela época era ditadura. Então nos tinha que ir embora antes da dez. Se nos ficarmos que eu fui, aconteceu isso comigo. Eu fui preso. Naquela época com a dona Antonieta, dona Sara. Eu morava no Marmeleiro e eu passava pelo jardim. Quando eu passei pelo jardim, era dez e cinco. E eu não vi a perua, a perua que era dos soldados. Cercaram lá em cima porque eu subia, sabe o posto do Lucas do, ali nas casas Bahia, subindo ali, como quem vai para Pênalti. Quando eu vinha subindo ali eu vi a perua que me cercou na frente e já polícia desceu. O que você está fazendo essas horas na rua? Eu disse: não. Então nós vamos levar você na sua casa. Cheguei lá o couro comeu, nossa. Mãe eu não estava fazendo nada de mais, eu estava assistindo, terminou dez horas até eu descer. Isso aí eu já. Se eu sinto saudades sabe do que. Quando vejo eu to aqui ,

dez horas, dez, dez e pouco. Os jovens de hoje vão indo para a farra dez horas, onze da noite, aonde quer. E com 11 anos, 12 anos. Então é isso que está. Não tem lei mais. Você não viu, mas você pode ir lá. Você vai no São Roque Clube, você aquelas meninas tudo de 11 anos com biquinho na boca, droga e quando sai de casa sai assim e depois fica assim [riso] entendeu?

T- E você avalia que a ditadura entrou dentro da escola?

J- Entrou.

T- De que maneira?

J- Maneira boa. Dona Antonieta fazia isso aí, ela queria tudo certinho. Ela não queria nada errado, era tudo certinho. Ela falava assim: Porque que tem que provocar ela. Porque criança fazia assim. Ela enxergava e falava: Você aí por que você tirou a mão do coração? Não é para ficar assim. Não é para ficar assim, se ta cansado, venha até perto de mim. Aí ia e todo nos olhava e intimidava, aí tinha medo. O medo era tão grande, era tão grande que não dela, dos pais. Porque depois se ela falasse para os pais a gente apanhava muito mais, então se levasse uma reguada e o que, nome dele que você falou aí, o Wladimir, ele era bravo, tacava a régua assim, régua desse tamanho se você ficasse fazendo bagunça. Então, esse de matemática também era bravo. Então é isso que eu falo. Hoje em dia não acontece nada disso. Por quê? A gente ia na Delegacia de Ensino a gente tinha medo de ficar preso. Hoje não. Ninguém está preocupado com Delegacia de Ensino.

T- Por que ia para a Delegacia de Ensino?

J- Porque a gente fazia coisa errada, fazia coisa errada. Fazia igual eu falei para você. Batia no aluno ou fazia malvadeza, a gente ia lá. Depois que sai de La até chegar no Marmeleiro a orelha estava assim. Ela pegava. Porque que você fez eu perder a hora, porque você fez eu ir lá passar vergonha. Todo mundo olhando para mim e não sei o que. Então, eu agradeço minha mãe, agradeço a Dona Antonieta, agradeço todos os professores que passei. Agradeço os meus amigos também e agradeço uma coisa só, a Deus. Porque tudo que eu aprendi, eu to passando para os meus filhos. Hoje meu filho, eu vou mostrar para você. Olha eu sou barbeiro, eu não tive tanto estudo. Como é. Eu vou mostrar para você.

[Interrupção de Gravação]

J- Ai meu Deus do céu onde será que eu coloquei.

T- Mas pode só falar o que é.

J- É então. A vida do meu filho hoje. Eu dei estudo para ele e ele começou desde dois anos e maio lá no Objetivo junto com o Lucas. O dono do objetivo deu autorização para a gente colocar o menino lá, minha esposa trabalhava de professora e no salão não tinha como. Gozado onde foi parar, quero mostrar para você, mas engraçado quando a gente quer as coisas não acha. Bom daí eu consegui essa parte de idade para ele estudar. Hoje ele formou nos Estados Unidos, ele é formado em Ciências da Computação. Então hoje ele está em São Carlos e eu tinha. Quando ele fez. Ele fez lá. Puta eu queria mostrar o álbum dele, muito bonito. Onde será que foi? Eu to ficando velho, ficando velho. Então isso aí foi a hora que nós entramos, 2.500 pessoas, que não só do caso dele ser todas, formados. La é federal você sabe né? Então, aí quando chamaram, chamaram todos. Daí representamos São Roque. Lucas Zizi Pedroso junto com seus pais, Juarez Pedroso que é barbeiro e a mãe dele é professora. Uma salva de palmas para ele. Por quê? Porque todo mundo fala aqui na faculdade que só vem rico, e não é. A capacidade do filho dele e dos pais ajudando e apoiando ele e chegar onde ele chegou. Aonde o rico pagou nós pagamos também. A formatura ficou em dez mil tudo. Nós pagamos quinhentos reais por mês. Pagamos em dez vezes. Ela quinhentos eu quinhentos. Por quê? Foi terça, quarta, quinta, sexta e sábado. Foi 5 dias de festa da graduação.

T- Me fale um pouco da sua época de estudante, como era a condição da sua família?

J- É então. Meu pai trabalhava na Sorocabana, ele ganhava pouco. Então a gente tinha o que. Eu principalmente e meus irmão, a gente tinha que plantar.

T- Quantos irmãos eram?

J- Sete. Um é falecido agora. Então a gente tinha que plantar. A gente quando chovia, fazia aquelas poças de areia e a gente vendia para fazer construir aquele ginásio lá no Marmeleiro. A gente vendia carrinho, baratinho mais vendia. Por exemplo, se fosse hoje, vamos ver um carrinho daquele lá custava dez reais, mas só que esses dez reais a gente fazia muita coisa. A gente comprava as coisas para a mãe. Minha mãe dava tipo um real para comprar uma bala a gente pulava de alegria. Hoje não. Mudou tudo né.

T- E a sua mãe?

J- Minha mãe, ela tinha a gente. Minha mãe doméstica. Meu pai ganhava pouco naquela época, não era grande coisa. Mas a gente tinha o sítio, a gente tinha porco, galinha, tinha ovo. A gente ia vender ovo no centro ou mercado. Antigamente levava alface, chicória. Pegava aquelas cestas grandes e a gente ia vender. Meu irmão ia. A se a gente não desse.

T- E do Marmeleiro para ir lá para a escola do Marmeleiro como é que foi para ir pra.

J- A Dona Inês. Agora que eu lembrei o nome dela. Maria Inês, a diretora lá. Maria Inês, que é a mãe do rapaz que é casado com o filho do Góes.

T- E aí.

J- O marido dela é Eduardo. Trabalhava na Sorocabana também.

J- Muito bem. Quando o senhor saiu do Marmeleiro para vim para o ginásio?

J- É então. Primeiro que quando eu vim de lá eu fiz primeiro no aqui, aí moramos aqui já. Já estava morando aqui

T- Já estavam morando aqui.

J- É então já viemos para cá.

T- O senhor, como o senhor entrou dentro do ginásio? Como é que foi essa entrada?

J- É então. Eu fui fazer até a quarta série lá né, antigamente quarta série. Quinta série. Depois já passava no primeiro do ginásio, aí a gente tinha que fazer concurso. Não é concurso, é um exame para você vê se você tinha capacidade. Ai a gente fez, eu fiz e fui para o primeiro ano, aí fui parecer que até o quarto ano e depois larguei mão. Não, no segundo ano de colegial que larguei mão. Daí já estava aprendendo a ser barbeiro já estava com 15 anos.

T- Então ficou quanto tempo lá no ginásio?

J- No ginásio? Fiquei desde a primeira série. Primeira série, segunda, terceira, quarta e quinta e depois quinta você prestava o exame para o primeiro colegial. Agora não tem mais né. Agora mudou tudo. Antigamente era assim, você fazia o quarto ano no ginásio, ou na escola né, depois você tinha que prestar no colegial que era no colegial, no ginásio aqui que era a quinta série, que era a recuperação de todas as matérias que você viveu pra trás. Ai se você tivesse uma nota, de passar de cinco, você conseguia passar para fazer o primeiro colegial que chamava antigamente. Agora não sei, mudou tudo. Se vai falar é tudo uma coisa só né. Já sai de um já passa por outro. Então esse carinho que eu tenho pela Antonieta, esse carinho que eu tenho por ela, que eu vivi muito com ela assim, não só como professora também, uma pessoa rígida, que fez nos virar um homem. Que a gente ela dizia que tinha que ter responsabilidade, desde criança na escola. É que os moleque hoje em dia e nem as meninas não têm. Então aquilo lá marcou muito, que eu tenho saudade. Se eu tivesse, poxa vida, se eu tivesse esse tempo de hoje, mas eu seria um grande médico, um grande doutor, um grande engenheiro. Por quê? Porque ele queria saber certinho se você colocasse em Ciências principalmente e você falasse assim oh, você vai fazer cálculo, como você vai fazer uma massa. Se você fizesse um pouquinho menos, ela falava porque você ta colocando um pouquinho menos, se você tem que fazer isso. Hoje, por isso que ta caindo prédio, caindo tudo, porque eles não respeitam. Só quer saber disso aqui. Se Você chega e vai fazer um prédio e você fala assim, olha eu quero que você gaste dez sacos de cimento. O engenheiro vai gastar dez sacos de cimento, se

vai vinte e ela não. Ela queria tudo certinho, até no negócio de merenda. Ela não aceitava. Se você entrasse na fila de novo, e ela descobrisse. O castigo era grande. Você ficava vários, sem você ir à merenda, até você aprender. Então era bacana isso aí. Ela formava uma cultura para todos, ela formava uma cultura de graça. A gente tinha tudo isso de graça. Não é como hoje em dia, o colégio particular aí não. Tanto que as melhores notas eram dela, do ginásio de São Roque hoje se você vê. O Objetivo, Anglo, qualquer escola. Se ela tivesse aí eu tenho certeza de que ela ia enfiar tudo no bolso, Sesi, tudo no bolso. Porque, porque ela exigia tudo certinho. Se você não frequentasse aula ela não dava nota. Se você não ficava doente ela queria saber quantas vezes foi que eu peguei uma, como é que chama lá, uma varicela. Quase que eu morri, ela foi na casa da minha mãe para saber se eu estava doente. Foi lá em casa para me olhar. Não só em casa, na casa dos alunos, o que estava acontecendo. Porque não estava indo na escola. Boletim então nem se fala né, acompanhava todo mês os pais. Falta então, se você faltasse tinha que justificar. Você não podia. Aquilo que eu falei. Pulava o muro ah chegava no fim do mês o bicho comia. Seu filho fez isso, fez aquilo, o couro comia. Por que você fez isso? A mãe, minha mãe. Então a gente tinha medo dos dois. Dela falar para os pais e dos pais bater na gente. Tinha respeito. Sim senhor, sim senhora. Não jogava papel no chão, nada, nada, nada, nada. Hoje você pode ver, tudo sujo.

T- Eu fico impressionada com seu depoimento Juarez, do como ela se envolveu né?

J- Mas ela se envolvia numa forma de nos educar. Não forma assim de bater, nunca ela bateu. Ela castigava de um modo que você tinha respeito por ela. Por exemplo, assim como que você, eu chegaria a entrar numa fila outra vez e querer passar na frente dos outros, e os outros depois ficava sem. Se acha certo? Você acha certo eu urinar na água para você beber depois? Se acha certo? Quer dizer. Então tudo isso, ela fez a gente encaixar na nossa cabeça, então poxa vida. Não faça isso que isso aí é errado. Roubar, porque roubar. Para ela era roubar. Se você tivesse lá, por exemplo, um pé de caqui, que a gente gostava muito de caqui, um pé de goiaba. Ela chegava assim para a gente e falava: Olha lá, e ela ficava olhando no pé se você pegava a fruta e jogava fora. Ai se você fizesse isso. Nossa! Se nunca mais comia, porque se você jogou fora o outro não comia. Então ela fazia assim. Se você não gosta, então não vai pegar. Por que você vai pegar se não gosta? Então, não é assim, você tem que ver primeiro, ver se você gosta para você comer. E não é o certo? Hoje não tem nada disso.

T- Você avalia que ela favorecia uns e outros?

J- Não. Ela não favorecia ninguém. Mas nem os professores, nem os inspetores. Se fizesse coisa errada ela punia. Punia igual nos. Ela queria que todos fossem iguais, não diferente de ninguém. E ela não gostava de racismo, não gostava de como é que se diz. Você querer, você querer, por exemplo, assim. Ah fulano vamos dizer né. Hoje é bullying que fala né? Era a mesma coisa. Nossa se fizesse isso, meu Deus do céu, era punido na hora. E não tinha esse negócio. E se ela não punisse lá ela levava na Delegacia de Ensino. Ia lá chamava os pais e ficava de castigo, não ficava indo na aula e se abusasse transferia de escola. É o negócio não era assim não de você. E ai de você se chegasse atrasado, não entrava. Não entrava e não saia antes certo. Para você sair tinha que passar por ela. Ai sim você chegava e entregava um bilhete para ela e dizia assim oh: Dona Antonieta, ta aqui o bilhete da minha mãe, ta a assinatura da minha mãe aqui. Eu preciso ir por quê. Ela falava: Pode ir. Ela guardava o bilhete. Quando chegava o boletim e a mãe estava lá ela perguntava. Viu tem isso aqui. A senhora que mandou isso aqui? A senhora que mandou para o seu filho? A minha mãe falava: Sim. Então muito obrigado, era isso que eu queria saber. Pode ir embora falava para ela. Porque a gente não ficava junto, ficava estudando e na hora do recreio que ela chamava para ir lá na diretoria, ela mostrava. Então não tinha como mentir para ela, de jeito nenhum. Não tinha. Ela era, tanto que ela foi. Ela foi se não me engano, ela recebeu uma como que chama, da Educação do Estado de São Paulo, a melhor escola de São Roque, escola não né ginásio, Educação. Se não me engano tem até hoje isso daí gravado lá na escola, não sei te dizer como

ficou . Homenagem. Ela foi homenageada. E nós participamos disso daí com uma salva de palmas para ela, no dia que foi entregue o diploma de quarta série. E a gente ficou lá e ela foi chamando um por um. Era bonito. Tinha madrinha. Tudo era gostoso pra caramba. Muitas coisas eu deixei na casa da minha ex né, eu queria mostrar para você , era muito bacana.

T- Ah eu gostaria de ver sim.

J- Eu vou pedir para minha ex mulher ver se ela pega alguma coisa lá.

T- Fotos dessa época.

J- Tem. Tem bastante foto.

T- Eu quero ver.

J- Vou ver se consigo falar com ela, mas tem, se ela não jogou fora. Tem lá eu tirando foto , tinha um globo assim do lado, muito bacana isso daí.

T- Eu acho que ta boa a nova conversa Juares. Teria mais alguma coisa que o senhor queria registrar de depoimento que eu pudesse.

J- Não o que eu queria registrar mesmo é isso aí. O que eu quero registrar mesmo é que hoje a experiência que eu tenho, eu vinha do Marmeleiro para cá a pé, todo dia. Todos dias né. E eu era feliz. Porque hoje em dia tem perua, tem tudo e o povo não quer ir à escola? Explica para mim. Agora é você. Uma colocação sua porque você é mais jovem que eu. Por quê? O que, que ta acontecendo, você poderia me explicar?

T- Não tem explicação.

J- Que hoje um aluno vai para escola parece que ta com todo respeito, com o diabo no corpo, vai com, com tanto ódio para estudar. E antigamente a gente não via a hora de chegar à segunda feira para ir para a escola. Para rever os amigos, para comer bem. Par ter uma nota boa. Par chegar em casa e ter o orgulho de ganhar uma bala. Meu avô , quando a gente tinha nota boa, dava bala para a gente, meu avô, Chico Pedroso o nome dele. Ela dava bala. E outra coisa que eu aprendi também com meu avô. Eu fui criado com meu avô. Você sabe que antigamente tinha o paiol, que tinha umas madeiras que meu avô colocava. Então as madeiras maiores ele colocava as celas do cavalo, tinha mula. As pequenas ele colocava cachos de banana, pegava um gancho e fazia assim e para vender. Eu fui duas vezes lá, quer dizer. Eu peguei uma cadeirinha, eu fui e roubei 4 bananas, um de cada cacho para ele não ver. Ele ficou sondando e pegou eu. Me deu uma surra que minha avó falou: Chico, vai matar o menino. Se está louco. Mas o meu avô bateu. Não, ele vai aprender, porque que não pede para mim, vai estragar agora o cacho para mim. Eu vendo o cacho agora sem duas bananas como que vou vender o cacho? Se entendeu? E hoje as crianças me diz.

[Final da Fita]

APÊNDICE H: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE SILVIA MARIA LOPES DE MELLO

T- Silvia eu tenho que iniciar agradecendo, eternamente essa conversa que eu acho que a gente vai ter, que eu posterguei tanto. Eu tive momentos que eu tive que estar, com muita certeza no contexto que eu estou trabalhando para poder conversar com uma pessoa com tanta bagagem. Então a minha pesquisa é voltado para os assuntos gerais sobre o ginásio e sua e principalmente a diretora Antonieta. Assim pergunto sobre: Como você conhece a história do ginásio de São Roque? Quais foram suas experiências no ginásio de São Roque?

S- Então eu fiz um conjunto de escritas, em revistas e jornais que fez um resgate do passado sobre estes e outros assuntos. Assim como que passando um pente fino nas atas da câmara e tirando detalhes que podem não fazer sentido às vezes né, algumas informações da revista elas estão em pequenas, pequenos é....

T- Isso foram trabalhos dos anos 50?

S- 50,60 e 70 e antes teve um pouco da fundação da cidade até os anos 30 que foi menor porque, as atas elas não, as atas elas tem uma informação limitada, embora nos anos 20 e 30 existam discursos inteiros registrados que hoje não tem, e você começa a conhecer as pessoas pelos seus discursos, então foi interessante por isso, porque são pessoas que já morreram e não daria par entrevistar. E nos dos anos 50, 60 ainda quando eu fiz algumas pessoas eu pude entrevistar. A ideia foi entrevistar os presidentes da câmara e os prefeitos que estavam vivos.

T- Joia.

S- Aí a gente não sabe realmente a história cultural, mas é a história que eles contaram.

T- Dentro desse contexto eu consegui situar um pouco o que era São Roque né, como cidade rural né, com o contexto de atividades econômicas né, uma atividade agrícola, com uma pequena indústria, por conta da indústria têxtil né, em outro momento. E acho que o que ficou bem marcante para mim foi a questão das famílias né. Eu acho que o contexto das famílias apareceu né e dentro desse contexto famílias também vi a relação política que existia né. Eu acho que para mim foram surgindo essas questões né. E essa contribuição não tem. E como eu disse o olhar do pesquisador que não era da cidade né contribui muito para isso. Eu acho que o momento que você explica os anos 50 foi bem interessante para mim. O contexto da cidade, principalmente a região do centro da cidade né, formado por um pequeno grupo né. Como também percebi as questões que também se faziam no bairro de Canguera né. Então eu percebi essas duas separações, esse foi o meu olhar, não sei.

S- Então a gente podia começar por aí, fazendo um resgate histórico sobre a cidade. Os anos 50 quem me deu muita informação foram pessoas políticos da época, pessoas que viveram na revista. Tem uma entrevista com um pedreiro né que ele conta o lazer dele e o trabalho nos anos 50. Porque os anos 50 eles ainda vão ser um remanescente do que foi a cidade culturalmente na primeira metade do século. Que eu acho que particularmente São Roque é uma das cidades que do início do século 20 até a metade ela manteve um patamar cultural diferente de outras cidades do interior, por conta da presença dos italianos né, que vieram e de famílias que já eram cultas e que existiam aqui na cidade. O que a gente vai ver que vai se diluindo nos anos 60 e eu acho que vai piorando esse aspecto. Não sei se eu romantizei, mas eu acho que uma pesquisa que eu fiz sobre circo no início do século mostra que São Roque não era uma cidade onde o circo vinha para trazer o teatro. Era onde o circo teatro competia com os teatros da cidade. Então, São Roque teve essa tradição que foi aos poucos acabando mas que foi trazendo até meados, até os anos 70 mesmo a gente sentia os remanescentes desse panorama cultural que tinha as bandas, que tinham diversas orquestras que tinham diversos grupos teatrais, que teve o cinema né, o cine São Jose né, mas que depois dos anos 70 teve uma reinauguração do cine central que eu ia mais ao cinema na minha adolescência não era o

São José porque ele já era considerado um cinema mais velho, embora a gente fosse ainda, frequentasse ainda. Então, a gente tinha tudo na cidade né, tinha teatro, cinema, coral, bandas, orquestras, outros grupos musicais né, jazz. Então isso nos anos 50 eu acho que coincide com toda aquela euforia dos anos dourados né e da economia que era nacional né. E São Roque particularmente vai ter o auge da Brasital que vai ser nessa época né, e depois nos anos 60 que emenda nisso, a construção da Castelo Branco que vai aumentar a arrecadação da cidade, então a cidade financeiramente no início dos anos 60 ela vai estar bem, porque ela vai ter esse IPTU que propicia realizações né por parte da prefeitura. Então, eu particularmente gostaria de ter vivido [riso] pelas fotografias que eu vejo nesses anos porque existia um movimento social interessante, cultural misturado com o social. Porque existia a literária bem atuante nos anos 50 onde as pessoas iam ainda para muitos bailes, acho que anos 40 era mais, mais existiam os dois clubes né o São Paulo e Itália e as pessoas que deram testemunho da época achavam aquilo assim o máximo assim de convivência. Tudo bem que era para uma classe social né, para classe social menos abastarda existiam outros clubes também, só que o aspecto cultural deles também era boa, a ferroviária também tinha os grupos de música, então inclusive o prefeito Quintino de Lima era do ferroviária, eu não conheço muito mas existia o grupo musical dele. Então são pessoas que desse momento frequentavam esses grupos sociais, eles vão trazer os políticos, as pessoas que vão comandar a cidade na próxima década né, na década seguinte.

T- Em específico sobre a escola?

S - No início do Manley Lane, que ele vai se dar no momento em que as pessoas antes não era Manley Lane né que era ginásio de São Roque, no momento em que havia a necessidade de ter o ginásio em São Roque, que as pessoas iam estudar fora. E muitos dos que foram conseguiram se projetar o caso Darcy Penteado, o caso de outros que saíam porque a cidade para quem ficou se tornou pequena né, eu acredito que muitos talentos teriam se projetado se não tivessem ficado aqui, porque aqui infelizmente restringia algumas coisas por conta de oportunidades né, de oportunidades de empregos melhores. Se nos anos 50 a gente tinha muita indústria, era para uma classe que era a classe operária né, que ia trabalhar, mas para outros que pretendiam ascender socialmente ou ter outras profissões já era fora de São Roque que isso aconteceria né. E a formação do ginásio ela foi, ela aconteceu de uma forma que aconteceu todas as coisas na cidade nos anos 50 pelo o que eu entendi. Que era uma cidade ainda com muita necessidade né, e que as pessoas se uniam não havia remuneração de políticos, embora o poder desse um certo status e favorecesse as relações financeiras e econômicas, eram pessoas que buscavam melhorias para a cidade né. Então o ginásio era uma delas né. Então a luta depois para ter o terreno, conseguir a doação do terreno, depois para dar para construção mesmo do prédio foi uma união além da que já tinha acontecido para formar a própria escola, para ser criada né. Então a formatura da primeira turma foi um marco assim.

T- Eu me lembro assim, dos levantamentos que eu tive, que a impressão é que foram momentos diferentes a história do ginásio. Como o momento da criação, do movimento pela criação envolvendo a figura do nenê mecânico né. Depois desse movimento é, percebe-se que há uma paralisação né, como se ok conquistamos, colocamos o projeto e depois esse grupo não teve tanta atuação. Ele só vai se reafirmar-se mais para a frente com o Lívio, acredito que seja esse o outro momento de reafirmação da história do ginásio. Ele passa inicialmente por esse movimento do nenê mecânico, depois ele se instala no grupo escolar no Bernardino, fica ali por 10 anos em um estado meio vegetativo [riso], meio em dormência e esse outro momento que você pode contribuir com alguma lembranças, seria o momento em que se retoma o projeto, porque as obras estariam paralisadas por um tempo.

S - Pode-se dizer que neste momento vem a forma que se mostra muito valorizada da Antonieta nesse papel né.

T - Aproveito para fazer a seguinte pergunta: Quais foram as ações realizadas pela diretora Antonieta? Há uma relação deste momento?

S - Então a busca pela retomada do prédio em obras e que ela sai como uma figura de salvação né, desse projeto. Então isso contextualiza nos termos de décadas né, o projeto criado em 46 né, iniciado com as primeiras turmas em 48, formatura da primeira turma em 51. Dentro de 48 até a chegada da Dona Antonieta em 58 ainda estava no grupo escolar. Então de 58 em diante que vem aquele outro movimento para a construção do prédio onde está nesse momento o prédio definitivo né. Então é outro momento completamente diferente na história.

S- Sim, mas o que eu quis dizer foi que o mecanismo para lutar por coisas para a cidade foi o mesmo. Porque teve o movimento de políticos, teve a doação do terreno.

T- Perfeito.

S- Tiveram diversas ocorrências, inclusive vereadores participando. Que são o mesmo mecanismo, como para se trazer o ginásio como para construir o prédio. Acho que muda com o tempo é a cidade, esse aspecto vai mudando, porque os interesses políticos vão ficando acima dos interesses da cidade, interesse pessoais às vezes, interesses financeiros que sempre existiram, mas acho que nesses períodos havia uma luta para trazer melhorias para a cidade. Então ter um prédio para o ginásio, era uma meta da cidade também.

T- Entendi.

S- Então várias pessoas se envolveram. Eu acredito que isso coincidiu com a chegada da Antonieta. E ela sendo já uma pessoa ativa e que marcou o seu espaço, ela ia querer que aquilo fosse concluído que já era da personalidade dela pelo o que eu entendi. Eu não conheço a fundo esse período, detalhes. Mas eu acredito que ainda era um momento da cidade onde as pessoas estavam fazendo esforços para conseguir coisas que a cidade não tinha. Assim nos moldes da época, nos moldes de uma época onde existiam grupos reunidos para melhorar a cidade né.

T- Entendi.

S- Então acho que seguiu um pouco isso né, nesse momento. A Antonieta sendo uma pessoa de fora ela já vai trazer uma, e também com a personalidade dela ela já vai trazer uma marca para o prédio né, que já era uma marca pessoal dela. Mas eu acho que ela usou também o apoio dessas pessoas, não foi sozinha.

T- Entendi. Então havia pelo o que eu estou entendendo, havia mais uma consciência e um envolvimento da sociedade em prol da cidade. E que isso foi mudando ao longo do tempo né.

S- É porque eu acho que o próprio funcionamento da máquina administrativa e a forma como a política mudou depois da ditadura militar, isso se transformou né. Porque os mecanismos de participação mudaram depois dos anos 60 né. Então a cidade eu considero que a ditadura ela vai ser um momento também de separação de grupos que eram antes unidos pela cidade, pelo contexto político entendeu. Então o grupo de jovens que fundou o Grêmio né, era mesclado de pessoas de esquerda e direita que depois vão que por exemplo a fundação do Grêmio é uma coisa que surgiu na cidade para que tivesse um clube, óbvio que surgiu de um dos jovens da classe dominante. Mas que surgiu como algo que fosse beneficiar o esporte da cidade, como ideal, uma coisa idealista. Então da mesma forma o Manley Lane ter o prédio, terá ginásio, era uma coisa idealista. Que eu não sei se é coincidência, acredito que não, mas depois da ditadura militar isso muda. Porque as relações políticas, as relações pessoais, nas relações sociais, mudaram com a questão do que é muito forte aqui em São Roque, a separação entre os comunistas com os não comunistas [risos]. Os taxados comunistas e não comunistas. Pessoas que vão fazer diferença, que fizeram a diferença, antes da ditadura, e que voltam para cidade depois como é o caso do Mario Luiz e faz a diferença de novo, houve um corte nesse momento. Então eu não sei se essa questão que foi marcante no país ela não influenciou essa união pela cidade entendeu. E aí quando você vai ver mesmo a situação da Antonieta nos anos 60 e 70, eu não sei se é a mesma do início, de antes da ditadura militar entendeu. Eu acho que

são contextos diferentes. Eu acho que o autoritarismo permitido que eu acho que a gente pode fazer um paralelo que está acontecendo hoje no Brasil que algumas coisas estão sendo permitidas né, pelo presidente. Então a gente vê aflorar coisas que não estava aparecendo. Então acredito que é o autoritarismo que ela representa, olhando com os olhos de hoje porque na época estava as pessoas não entendem assim. Ele é autorizado pelo regime militar porque as pessoas tinham uma posição para o regime, e que era um regime autoritário que vai favorecer figuras que já são é naturalmente autoritária né. Então acredito que na minha época, que eu estudei nos anos 60 existia. Não sei se alguém mencionou para você um movimento contra a dona Antonieta de alunos que era muita. Eu não sei quem fazia parte porque era pequena na época que ouvi falar disso que é movimento de alunos né ou de pessoas da cidade. Então existia um movimento que depois eu acredito que eram os mesmos que faziam a baixa ditadura, picharam o muro do Colégio São José que eu lembro quando eu era pequena a baixa ditadura pichado, ler nas pedras do muro do colégio que hoje é a Fac né.

T - Aproveitando novamente, queria fazer uma outra pergunta: Como era a forma de agir da diretora Antonieta?

S - Então, eu acho que tudo que se falar da Dona Antonieta e todo processo político, ele está vinculado a uma coisa maior que vai... ele está vinculado há duas coisas eu acho. Ao imaginário da cidade que depois se você entrevistar uma pessoa hoje ela traz essa figura no imaginário, mas já é uma reinterpretação uma releitura da figura, da Dona Antonieta. E o que aconteceu realmente por influência de questões que vão favorecer a posição dela dentro. E o que ela representava simbolicamente e de fato né. Então eu entendo na minha época ela já era uma figura folclórica, porque eu fui para o ginásio em 76, aonde já embora ainda fosse pós aí sim, embora a gente já tivesse sob a ditadura e existisse uma estrutura de funcionamento que era bem autoritária dentro da escola. Existia uma liberdade maior do que, por exemplo, nos anos 60 eu acho, em termos de atuação do professor até pelas mudanças que ocorreram no próprio ensino né, facilitando sendo menos rígida aprovação os alunos etc. Então na época que eu cursei, então as pessoas hoje falam que eles tinham mais respeito né pelos professores que não existe hoje. Eu acredito que se você tomar a respeito com, uma subordinação ao autoritarismo que existia sim, porque sempre existiu a brecha do aluno que o seu contexto que vai ter sempre uma oposição ao professor ou autoridade que é próprio do adolescente né. Na época eu frequentei porque a gente frequentava o ginásio com uma idade que já era adolescente, que é diferente do contexto dos alunos por exemplo, que tinha que ir ao ginásio tinha também que era de primeira à quarta série. Mas que eu posso dizer assim: então existia aquela coisa de você sair da escola de se evadir, alguns grupos, porque o meu grupo é o grupo do certinho entendeu. Que existia muita cobrança também em relação à nota, em relação a ter um bom desempenho, pelo menos meu, porque meu pai era professor e sempre deu valor para isso. Mas existia uma oposição nesse sentido, do aluno ele se, colocar como alguém que desafia a autoridade. Mas não que a Dona Antonieta representasse alguém que as pessoas temiam. Não, as pessoas riam também né. Embora ela mandasse as pessoas que recolher o papel do chão vai catar papel. Aí já era uma coisa mais diluída. Eu não sei se nos anos 60 foi mais rígido. O que eu lembro quando era pequena tinham uniforme, iam de gravata, as meninas tipo de vestimenta era diferente. Então tudo seguia um ritmo assim né com a Dona Antonieta. Porque na época dos anos 60, ainda existia científico, aquela formação, tinha o normal né o científico. Como que era o outro? Eu esqueci. Então eu conhecia muitas pessoas, mas a maioria mulheres que faziam curso normal, para se tornarem professoras que era uma coisa bem feminina ainda na época, que eu me lembro, que a maioria que frequentava o curso normal era mulher. E aí, eu estranhava o uniforme, como era, quando eu via. Eu me lembro disso que era bem diferente de quando estudei, quando nos anos 70, a moda foi da micro saia, mas na escola você tinha que ir uns quatro dedos acima do joelho, que já não era uma coisa da nossa época assim entendeu. Que a Dona Antonieta tentava ainda deixar uma coisa meio

formal em relação ao uniforme, em relação a comportamento que na prática na sociedade já não existia mais nos anos 70. Que foi praticamente uma fase que antecedeu a reabertura política né, já estava praticamente né, final dos anos 70 quando eu saí do Manley Lane. Mas a Dona Antonieta era uma figura que é marcante para minha geração falar dela hoje, mas não que ela representasse uma autoridade. Tanto no sentido de autoridade que vai te influenciar, quanto no sentido autoritário que ela representasse alguém que as pessoas obedecem por medo. Entendeu? Na minha geração não era assim.

T- Sim.

S- O que eu acho também que é para se pensar, é que ela era mulher né. Uma mulher numa época em que as mulheres estavam se emancipando. Só que ela está ligada a um cargo de direção, mas na educação que era predominantemente feminina né. Tinha professores homens, que a educação ela tem uma tradição de ser mais ligada ao sexo feminino. Só que por outro lado ela era uma pessoa que não obedecia a padrões femininos.

T- Sim.

S- Ela era uma pessoa baixa, gorda que se vestia de forma grosseira, que tinha um comportamento grosseiro, que não era feminino. Então não é uma pessoa que atrai do ponto de vista do estereótipo de mulher da época. Então aí ela fica fora, ela não é homem, ela não é uma pessoa empática que as suas características vão ser suplantadas [risos] pela empatia, ela não representa nenhum objeto de afeição para as pessoas, para os alunos, ela não tem uma relação desse tipo. Então ela fica como uma aberração na verdade entendeu?

T- Entendi plenamente.

S- Porque ela não está, ela não é, ela não se encaixa. Então assim, as pessoas hoje idealizam o passado e falar como era bom porque, tudo que já passou da sua vida você romantiza, não quer dizer que no passado foi bom. Quer dizer que você está olhando com os olhos de hoje para o passado. Então eram tempos difíceis para gente que era adolescente né. Porque não existia um apoio para você assim emocionais dentro da escola, ao contrário entendeu? Então as pessoas que, eu fiquei pensando em várias pessoas que tiveram problemas psíquicos mesmo depois. Que hoje a gente fala que a escola pode apoiar emocionalmente. To até fazendo um trabalho agora no curso de pós que é sobre isso. Então se as pessoas tinham problema na casa comportamento da dona Antonieta e o que ela abria para os professores fazerem que ela fazia era um exemplo. Então quem tinha o perfil de fazer também fazia com os alunos, não favorecia em nada o lado emocional, que hoje é considerado, a escola também responsável né. Então se o Manley Lane teve uma tradição de, de ser uma escola boa que colocava os alunos na USP, ele também era um espaço onde as emoções elas são voltadas para um uma coisa que eu acho que é que era negativo para o desenvolvimento, por exemplo. Eu conheço duas pessoas que depois tiveram problemas mentais, assim que eram pessoas perfis bem que não foram ocorrências diretas com a escola mas eu acho que é um campo onde se plantaram coisas, que não foram boas para as pessoas entendeu? Para vida das pessoas.

T- Sim.

S- O lado acadêmico, a pessoa passar numa faculdade tudo é uma coisa. Mas o que a escola poderia ter feito de positivo para a vida das pessoas, por isso que não foi. Por exemplo, o Professor Lineu era um que não respeitava ninguém que ele já faleceu, era considerado um bom professor de ciências, mas era uma pessoa que te xingar não respeitava os alunos. A própria Dona Antonieta não respeitava os alunos. E outros professores que eu vi, por exemplo: o menino que estudou com a minha irmã que conheço hoje, aqui da cidade entendeu aí mais do que ele tinha orelha de abano, e ele punha o cabelo assim e o cabelo dele se levantava, obvio né. E naquela época que os pais não existem uma cirurgia hoje tem né bem fácil de fazer as pessoas até que usam muito, mas tem como você resolver. E esse menino ele era chamado de capacete pelo professor entendeu.

T- Reforçar.

S- Então era uma coisa que a gente via muito que era permitido, mas que era incentivado pelo comportamento da diretora da escola que favorecia esses comportamentos entendeu? O meu pai era considerado uma pessoa malvista por pessoas que já falaram, quando eu estudei não. Ele, eu já ouvi falar de coisas, de comportamentos inadequados dele, de jogar giz, em quem estava conversando, coisas assim. Mas que ela permitia. Porque se ela tivesse um comportamento afetivo com os alunos e empático, ela não iria permitir isso dentro da sala de aula. Por vários professores né. E aí acho que esse lado dela que as pessoas hoje idealizam. Falam não naquela escola era ótima! Não sei se era em muitos aspectos. Poderia ser pela ordem pela limpeza entendeu? Porque depois de prédio ficou abandonado que é difícil manutenção. Mas também a gente tem que ver os incentivos as verbas que vêm para escola né, não só a presença dela, são épocas diferentes né. Ela passou por várias décadas dentro da escola, mas não foi sempre igual à escola, em manutenção. Então acho que é um pouco é idealizado nos anos 80 não tem como não. Ela saiu em 81 né. Então praticamente nem entrou. Quando eu estudava na escola ainda tinha características, carteiras antigas, então a gente idealiza muito né. De dizer que sob né sob a direção da Antonieta era assim, depois ficou assim. Tudo mudou. Mudaram as referências, mudaram as formas de se relacionar com a sociedade. Então não é só porque ela saiu. Acho que coincidiu com a reabertura política, coincidiu com o período bom que eu acho que para cidade foram os anos 80. Eu não sei na sua pesquisa como que foi depois que ela saiu, mas assim, acho que são várias questões a considerar, não é só a presença dela simplesmente com uma pessoa mágica que fazia da escola algo excepcional.

T- Como que era a relação dela com a sociedade? Como você conseguia, como que você percebeu essa relação dela e a sociedade? Ou ela vivia apenas naquele contexto da escola?

S- Bom eu não tenho muito conhecimento sobre isso, mas eu acho que se a gente for fazer uma análise psicanalítica da Dona Antonieta aí ela é uma pessoa que tem relação digital com a escola entendeu [riso]. Ela é o centro da vida dela era a escola, ela não era casada, ela era uma pessoa que se tinha amigos eram relacionados à escola. Eu não tenho conhecimento que ela tinha uma relação social maior assim que extrapolasse as relações da escola. Eu sempre achei que não entendeu. Mas a cidade também tinha alguns polos de controle né. Tinha a política que é dirigida por grupos que nos anos 50 a gente vai ter, o Forasteiro que é retirado do poder, depois a gente vai ter a era do Lívio que era uma pessoa de prestígio que vem de uma família italiana que vai colocar depois o Mario Luiz. Porque ele era parente era da família da esposa do Mario Luiz, então Mario foi presidente, foi engenheiro, depois foi prefeito e foi engenheiro na administração seguinte do prefeito convocado. Então você vai ter um período ali dos anos final dos anos 50, quando a Dona Antonieta chega e anos 60 que também além daquela influência que ainda tem do desenvolvimento, da industrialização que também vem dos anos 50, dos anos dourado, você vai ter uma figura que favoreceu várias relações, que conquistou várias coisas pelo seu prestígio né. O Lívio Tagliassachi vai ser um prefeito que vai trazer prosperidade para a cidade. Eu acho que favorece também a questão da construção do prédio. Agora Dona Antonieta nesse contexto eu desconheço assim as relações dela, eu sempre olhei para ela como uma pessoa que tinha poucas relações sociais assim, na cidade. Porque a gente a gente tinha tudo muito delimitado. Embora parecesse que as que as coisas que havia assim, mas boas a gente tem uma separação muito grande de classes né, isso dentro e fora da escola. A gente tinha também uma separação muito grande de grupos né. Então na época que eu frequentava, a gente ainda tinha pessoas que iam na Praça da República, no Jardins aos finais de semana que era uma classe social que não entrava no São Roque Clube. A gente tinha ainda as pessoas que ficavam na praça, né, que existia aquele movimento na praça, não propriamente mas ainda existia o encontro das pessoas na praça, mas existiam os clubes. O Grêmio, que você ia nas férias, que você ia nos finais de semana

frequentar a piscina e o São Roque Clube para você ir à noite, só que era um grupo de pessoas.

T- O São Roque Clube à noite?

S- É. A gente frequentava, e era uma classe social que eram os filhos daqueles que foram alguns dos principais ícones da política e da fundação dos clubes, da fusão da literária com São Paulo clube. E eu não vejo a presença da Dona Antonieta nesses contextos. Eu vejo a Dona Antonieta sendo homenageada na câmara, mas eram coisas que eram do jogo político né. Se existe alguém que é uma autoridade e que é uma referência como ela era, um político homenageá-la também torna uma referência mais que existe uma pessoa para ele. Isso acontece hoje ainda. Mas eu não vejo ela como uma figura que tivesse uma penetração além da escola.

T- Você fez menção sobre grupos e classes sociais. Como que você pode ver que era o perfil do ginásio, aí você tem a relação mais próxima da sua época, mas como você vê essas questões de classe dentro dela?

S- Era tudo muito presente assim as pessoas que podiam.

T- Predominavam algumas?

T- Por exemplo, a minha mãe foi da primeira turma do ginásio. Então minha mãe e meu avô era dono de todas as terras de Santo Antônio, até o Planalto Verde inteiro eram terras dele. Não que vivesse como rico, porque as pessoas que trabalhavam com agricultura não viveu, mais minha irmã minha mãe teve oportunidade de estudar no colégio interno de fazer o curso normal no colégio Santa Inês. E os irmãos homens não estudaram, mas eles tinham poder aquisitivo que permitia que ela fosse, por exemplo, para o baile da formatura que teve outros daquela turma que não foram porque não tinham condições de participar, nem da colação de grau e nem do baile de formatura. Então existiam pessoas, de todas as classes sociais dentro do Manley Lane. Por quê? Porque a escola pública tinha prestígio, mesmo quem podia pagar uma escola fora, e tinha um ginásio na cidade ia colocar o filho porque a escola tinha bons professores e as pessoas iam depois para uma boa faculdade, num período né. Depois isso na minha época começa a mudar porque começa a funcionar o Barão Objetivo que antes era só Barão de Piratininga, o nome da escola. E aí você já vê um outro processo que é o de uma escola particular que vai se destacar, além do Colégio São José que era o colégio de freiras que eu frequentei da primeira à quarta série. Então eu por exemplo fui uma pessoa que pegou a virada, quando as freiras saíram eu fiz ainda o pré-primário com as freiras no colégio, depois elas saíram. E o ano que eu entrei no Manley Lane, foi o ano que ainda tinha um exame de admissão. Que algumas pessoas como antes, algumas as pessoas ficavam um ano fazendo cursinho para entrar na faculdade, nessa época as pessoas às vezes ficavam fazendo o curso de admissão para entrar no ginásio. E o que eu percebo é assim. Algumas pessoas lutavam para manter os filhos né num certo padrão. Outras que poderiam estar numa escola particular estavam lá, depois que abriu o Barão existia há dois tipos de pessoas que eu vejo no Barão. Aqueles que eram bons alunos podiam pagar e preferiram ficar, e aqueles que não passavam de ano na escola pública que era mais puxado e colocava numa escola particular onde fatalmente iria passar de ano. E aí assim onde era mais fácil de ser aprovado. Ele repetia de ano na escola pública e ia para o Barão. E eu vi aqui na minha época que eu estudei tinha muitas pessoas muito pobres, tanto no Colégio São José, quanto no Manley Lane. Depois quando eu estudei, que eram pessoas que não tinham nem uma meia para colocar. Então, conviviam várias classes sócias, mas a média eram de pessoas que eram de um de um grupo que valorizava também educação e formação dos filhos. O que era também um grupo que valorizava a cultura. Porque não eram exatamente todos de uma classe social abastarda que também foi reduzindo isso na cidade né, as pessoas com poder aquisitivo diminuíram, ficou mais a classe média e o Manley Lane é o reflexo das próprias mudanças na cidade.

T- Essas mudanças eu fiquei curiosa. São mudança da classe média, ampliação da classe média você avalia que foi em decorrência de quê, e quando?

S- Então, acho que é do próprio país, do crescimento né, do próprio número de pessoas que vai aumentando na cidade, acho que é um reflexo da economia no país.

T- E a escola acompanhou?

S- Como escola, como a cidade era menor, antigamente né se você ver anos 40, anos 30 houve uma separação. Não existia um mediano assim. Vai existir depois de vir os comerciantes com a imigração. Com a imigração já chegou os comerciantes mas ainda vão ser bem abastardo, porque quem conseguiu abrir um comércio já vinha com dinheiro. Aí depois o Brasil ele vai ter, as pessoas que trabalhavam na zona rural por muito tempo, não sei mais hoje ainda é, nem eu nem sabia, mas hoje ainda a gente pensa que não mas eu acho que ela reflexo da própria economia, isso vai se refletir na escola. Porque quem é que quando você aumenta o número de pessoas que são mais ou menos ricas mas que valorizam a cultura, eu acho que ficam dois povos. Os bem pobres e ricos e aqueles que são de classe média, acho que era maior na cidade na época que eu estudei nos anos 70 entendeu? Que eram pessoas que.... porque existia assim também uma separação na cidade, não é só pelo poder aquisitivo mas é pelo seu prestígio social e pelos grupos nos quais as pessoas faziam parte. Às vezes não necessariamente a pessoa tivesse no poder aquisitivo, mas ela fazia parte de um grupo social que era dominante. Que aí vai envolver a igreja também, e vai envolver os clubes da cidade, vai envolver assim, o relacionamento social. Que está de certa forma ligada ao poder aquisitivo, mas também não está totalmente né. Então você vai mesclar as pessoas. E um paralelo que eu faço também que eu acho que a dona Antonieta ela se tornou um ícone, não só por questões de época, de política, de autoritarismo que favorece, mas também porque a gente tinha uma presença forte da moral religiosa na cidade. Embora ela não adentrasse a escola. Mas já era o perfil das pessoas ter uma obrigação moral de enaltecer a autoridade entendeu [riso]. Que assim, acho que é o mesmo mecanismo que você faz com santo entendeu, que são pessoas acima de você que você deve respeito. Então isso, eu acho que de certa forma era uma coisa de culpa, que era em encurtada nas pessoas pela igreja porque a grande maioria era católica, e que e que está muito relacionada você obedecer entendeu, você se subordinar. Você, porque é muito tênue, eu vejo assim a questão de você estar subordinada ao que um padre ensina, alguma autoridade religiosa diz, alguma religião impõe, e você está subordinado a uma outra autoridade. Como era pecado você desrespeitar alguém, tinha que confessar, quando a gente era criança [riso]. Então, está tudo muito entrelaçado. A cidade por ser predominantemente católica, porque no centro uma igreja com o santo que tem uma festa forte, que é a festa de agosto, eu acho que todas essas questões elas estão ligadas na mente das pessoas quando se lembram da Antonieta, daí mesmo que inconscientemente, eu acho que não é uma coisa fácil de separar entendeu?

T- Muito.

S- Então eu acho que eu saí um pouco do que você queria que eu falasse [riso].

T- Não, nenhum pouco. Nenhum pouco. Eu acho que faz tudo um sentido. Faz um sentido de comportamento, um sentido de perfil né e do momento. Acho que faz muito isso. É, eu acho que a única coisa que eu não vi você foi um pouco do seu pai né. Assim da relação.

S- É eu precisava pesquisar um pouco assim nas coisas que ele deixou para eu ver se eu tenho documentos que me dê em alguma coisa pontual que eu sei que ele fez como vereador com relação a compra, com relação ao terreno, doação do terreno, algumas coisas que poderiam favorecer a construção do prédio foram feitas pela câmara, eu lembro que tinha alguma coisa, mas eu não lembro agora. Meu pai ele foi professor desde o início.

T- Ele foi vereador quando?

S- Meu pai foi vereador dos anos 60. Ele foi acho que três vezes vereador. No final dos anos 50 e no começo dos anos 60, até....Então, meu pai pegou esse período do Lívio e depois ele

teve na época da ditadura quando caçaram. Então é bem peculiar a situação dele porque ele foi... o meu pai era uma pessoa de direita, e ele foi uns que votou pela cassação dos mandatos de alguns vereadores, que depois ficou uma coisa assim, estranha porque a minha irmã casou com uma das pessoas do Sinésio, filho do Sinésio foi uma das pessoas que era vereador na época, e eu casei com o filho do Zito que foi uns que cassava. Então quando o Mario Luiz foi prefeito e quando ocorreu o golpe militar, houve uma separação desse grupo de amigos que tinham fundado o Grêmio e que tinha uma trajetória de juventude juntos pela questão política. Então aí eu acho que a cidade ela quebra muito as relações sociais durante e depois da depois do golpe militar entendeu. As pessoas vão se separar. E algumas pessoas vão ficar estigmatizadas assim por suas posições políticas. Então isso vai apresentar algo que eu acho que se refletiu muito nas relações dentro da escola. Na relação depois, que eu já comentei isso. Então meu pai ele ficou ele foi da primeira, deu aula para a primeira turma do ginásio ele participou daquele período onde era um grupo de professores foi onde ele conheceu a minha mãe que era aluna, eles começaram a namorar depois da formatura da turma, ele era bem jovem só que ele tinha um perfil de desenhar e gostava de eu acho que era mais ligado com arte. Só que depois ele casou ele teve que ele nem tinha concluído o curso, de matemática que ele estudava na USP, depois que ele conclui, depois que ele se casou. E havia uma questão também das famílias da cidade, porque meu avô chegou aqui e não pode construir a casa porque ele era de fora e tinha muito isso aqui, não pode construir em 1927 a casa dele com água do abastecimento da cidade, tinha que pegar no rio porque o chefe político da época não permitia. Então ficou sem. Como eles eram pessoas que não vieram como operários mas que tinham toda minha família dos dois lados veio com poses, tanto imigrantes como depois para fazer seus próprios negócios, então meu avô era dentista muito difícil uma pessoa e nos anos 20 ser formado em uma faculdade. Ele era do Vale do Paraíba, de família de fazendeiro. Ele veio para cá e se casou com alguém que era de uma família italiana, que veio também e montou um hotel, não veio como um imigrante que passava pela hospedaria e ele veio numa posição social competitiva com aqueles que dominavam, mas ele não era aceito era de fora da cidade. Então eu acho que isso se refletiu nos filhos também ,porque meu pai quando foi tentar, é, meu pai quando a Dona Antonieta chegou foi feito uma campanha contra ele para ele não continuar. Ele foi trabalhar bem longe, minha mãe estava grávida e tinha que ir de avião para uma cidade na divisa do estado, e depois ele prestou concurso e trocou com uma pessoa que era de Sorocaba, permutaram e ele veio para o Manley Lane. E a dona Antonieta daí teve que aceitar. Então ele também tinha essa oposição a ela por atitudes que ela tomou porque ela fez na época um abaixo-assinado, fizeram algumas coisas para ele não ficar na escola, eu não sei direito os detalhes [riso] porque eu ouvia assim quando era pequena. Mas o meu pai ele era um opositor da Dona Antonieta por questões pessoais eu acho né, não era nem por questões de ela dirigir a escola, porque não eram pessoas que tinham uma nenhuma afinidade entendeu, até porque ela fez em movimentos e usou pessoas. Por exemplo, a Dona Rosa Leite foi uma que meu pai também não gostava que era uma pessoa que também ajudou Dona Antonieta fora da cidade, fazer uma campanha contra ele. Só que depois como meu pai era um excelente professor de matemática, ficou essa coisa de bem mal entendeu, porque ao mesmo tempo que ela tinha feito isso por questões pessoais né, ou assim de grupos que não queria ver na escola. Como ele era um bom professor, ele elevava também o nível da escola, aí não no tempo que eu estudei, mas antes pessoas que eram cinco anos, seis, sete anos mais velho que estudava na cidade, eles iam muito nesse intercâmbio para os Estados Unidos. E eles estudavam por um tempo nesses intercâmbios que tinha. E aí sempre voltavam falando que eles eram melhores que os alunos de lá em matemática. E aí outros que iam nos mesmos lugares já sabiam que tinha ouvido do mesmo jeito, então ficou meio que uma lenda assim falando de aluno de pessoas que tiveram aula com ele. E muitas pessoas que eu conhecia elas escolheram estudar matemática e engenharia porque gostaram da Matemática como ele

ensinava. Como assim, tiveram uma inspiração nele e outros começaram a odiar porque tinham medo, porque geralmente as pessoas choravam para fazer no dia da prova, não na minha na minha turma. Na fase que eu estudei não tinha isso, mas nas fases anteriores as pessoas tinham medo, e o sistema de notas da escola era muito rígido que você deixaria o aluno por 0,25. Depois começou essa coisa de favorecer aprovação né. Passagem de uma série para outra, mudou a meio que é automático ou favorecer né, mas antes era muito rígido e tem pessoas que ficaram marcadas. Então meu pai ele fazia uma oposição, mas ele era também uma figura meio folclórica no sentido de que, também teve um jeito peculiar dele que era bem rígido. Mas tinha um lado que ensinava bem. Então as pessoas meio que contrabalançam isso. Eu acho que é a mesma coisa da Dona Antonieta, que ela tinha esse lado antissocial, esse lado autoritário, mas tinha um lado que as pessoas elogiam que é o de manter escola nos eixos, vamos dizer assim.

T- Só para registrar o nome do seu pai.

S- Meu pai é Luís Antônio de Melo. O apelido dele era Totó, as pessoas conheciam como Totó que já era apelido de infância.

T- Luis Antonio de Melo? Totó.

S- É. E aí assim, até hoje as pessoas falam, as pessoas que tiveram aula com ele. Mas, dentro da escola existiam grupos de professores que faziam uma certa oposição a Dona Antonieta, mesmo funcionários. Que eu acho que a maioria já morreu, não pode contar, e eu também não conheço direito. Mas eu lembro de ouvir muito na minha casa várias coisas assim, que as pessoas trazem e ficam comentando. Meu tio também era professor e eles comentavam que eles faziam uma oposição à direção. Do mesmo jeito que, eu acho que isso é natural ter também né, mas eu acho que não eram todos professores.

T- Joia. Eu acho que, a contribuição foi muito maior viu [riso]. Você foi muito modesta. Eu acho que o panorama que você me deu sobre a sociedade, e evolução do que isso ocorreu e o reflexo da escola em decorrência de tudo isso, foi muito ampla Silvia. Muito, muito ampla.

S- Porque é assim. Eu não posso te falar mais, porque é assim. Meu pai não sei se por conta disso, que aconteceu na escola, ele não tinha mais vida social. Assim, a gente não frequentava festas, bailes, casas de pessoas. Ninguém ia na minha casa também. Então eu não sei se a Dona Antonieta tinha outras relações [riso], isso eu não posso dizer. Porque eu mesma não frequentava, eu comecei a frequentar lugares depois quando eu já saía sozinha, que eu tinha 12, 13 anos. Aí eu tinha uma turma que era da igreja do grupo de jovens, tinha a turma do ginásio, e tinha tudo aqui no clube, que às vezes alguns eram dos três lugares e outros não. Então eu tinha bastante circulação nesses lugares assim, mas antes disso não. Então por exemplo, anos 60 quando eu era pequena não sei como que era, meu pai foi sócio número 6 do Grêmio. Então ele é um sócio vitalício, fundador. Ele era também um dos primeiros, não tão primeiro, mas no São Roque Clube ele era um sócio inicial. Então eu frequentei, mas nos anos 70. Mas esse período de sociedade nos anos 60 eu não tenho. Porque o meu pai não frequentava nada. E é engraçado, porque antes ele frequentava né. Literário, ele era do Grêmio e tudo, mas na minha época ele não frequentava.

T- Antes de você, disse que então que marcou muito bem influência da escola para ele.

S- Eu acho. Que se fechou para o relacionamento social em função das pessoas que perseguiram ele, numa época que ele foi tentar se estabelecer profissionalmente. Porque a família do meu pai, é uma família que sempre valorizou estudo. A minha mãe era professora, mas na família dela ninguém estudou, só minha mãe estudou. Agora a família do meu pai, desde a minha bisavó, que ela se casou com um primo que era mais velho que ela, ela já foi, que ela só se casaria se todos os filhos dela estudassem. E aí todos estudaram Então tinha 2 dentistas que era lá do Vale Paraíba. E a família da minha avó, que era a mãe do meu pai, também. Ela estudou no Colégio Santa Inês no mesmo que a minha mãe estudou, que todas as pessoas iam estudar nesse colégio, nos anos 50 e antes né, Então existia uma valorização, mas

os filhos do meu avô foram todos os professores, exceto um que não estudou. Ele tinha seis filhos todos professores, exceto um. Três homens, três mulheres. E aí eu acho que já era uma época que o professor ainda era valorizado, mas que financeiramente já era meio decadente né, não era tão assim. Mas eu acho que ele se fechou socialmente por conta disso, eu entendo hoje que foi isso né, porque ele era bem antissocial. Mas então eu não tive na minha infância um relacionamento social assim de famílias, como ele teve na infância, porque a minha avó é meu avô se relacionavam com todas as famílias da cidade entendeu, da época. Então eles tinham assim, frequentavam lugares juntos, saíam juntos. E a gente não teve isso. Então essa lacuna que tem do social eu não posso falar muito dos anos 60 entendeu. Porque era muito assim, como minha mãe ia muito na igreja a gente frequentava a igreja, frequentava as festas da igreja mas não tinha, não tinha assim uma relação com as famílias e nem com os clubes. Via meu pai e minha mãe entendeu. E foi a época também que meu pai foi político, então conheço um pouco porque meu pai estava contando tudo das sessões da câmara em casa entendeu. Então ele ia para a sessão da câmara que era no prédio antigo, onde é a Pernambucanas hoje, onde é a rua na verdade né. Que a prefeitura era onde é aquela rua e a Pernambucanas era a casa do barão. E aí ainda era ali, quando ele se elegeu, e ele contava muito assim da das relações políticas e das coisas que ele fazia na câmara. Então esse período foi mais marcado pela política e pela igreja né, que eu me lembro. Mas não de uma circulação social fora desses ambientes. Então eu não tenho como falar muito mais.

T- Eu acho que o panorama foi bem grande para mim [riso].

S- Para mim eu vejo agora que muitas coisas que é que hoje a gente tem uma visão diferente por conta da diversidade mas de, políticas sociais, mas assim. Na época a gente tinha bem marcada as figuras aqui que eram marginalizados, mas que ao mesmo tempo eram... não vou dizer respeitados, mas tinham seu espaço. Tinha pessoas na época que frequentavam ao Manley Lane que usavam droga, mas que isso, não era dentro da escola, então isso não é um problema da escola né. Só se fosse com exceção, que eu nunca ouvi falar. Mas fora da escola a gente tinha bem marcado os grupos que fumaram maconha, grupos que as pessoas que já eram viciados mesmo, assim que tinha aquele estereótipo de maconheiro [riso] que se falava, usava esse termo na época. Então isso não tinha uma relação com a escola, se tinha era um preconceito não era falado dentro da escola.

T- Algo externo?

S- Se a diretora via ela tomava as providências, mas sem fazer um alarme com se isso fosse uma coisa que fosse depor contra a escola entendeu. Divulgar um caso assim. Então. Porque eu falo assim. Se existia fora, existia dentro. Porque essas pessoas estudavam na escola né. Então acho que aí, é outro ponto que eu acho que existia também uma fachada entendeu da escola de manter aquele, de manter aquele status ou aquela aparência, ou aquela fama que tinha né. Que eu acho que a Dona Antonieta fez bastante isso né de tentar manter um, não vou dizer o nome, mas o status mesmo da escola como as pessoas viviam entendeu?

T- Uma escola modelo?

S- É. Eu não sei se na minha época era modelo não, mas numa época foi. Foi modelo na parte do ensino, mas eu não acho que foi só ela, acho que a cidade devia ter outros, porque é uma época do nacional onde o ensino estava melhor. Assim, para os padrões da época né. Que não deixava de ser anos 50, no Brasil já tinha influência americana. Mas assim, que tinha um certo status de nível bom assim né, a escola teve, de ensino bom. Quando eu entrei na escola a gente ainda tinha francês, em duas séries do ginásio e inglês nas outras duas. Não que você aprendesse muito né, mas.

T- Era um clássico. Não sei por que veio na minha cabeça o científico, clássico e normal, me veio agora.

S- Clássico era humanas né. Então isso não foi da minha época né. Acho que é isso, eu não sei se você quer saber mais alguma coisa.....

T- Eu acho que está perfeito. Ajudaria muito Silvia se você tivesse acesso, eu sei que a sua vida tá dividida né. Como você disse. Se dividiu né, entre projetos pessoais e familiares, mas se eu conseguisse resgatar alguma coisa do início do projeto que tivesse nos arquivos familiares seria uma coisa bem legal.

S- Então, se eu tiver, vão ser coisas pontuais que o meu pai estava envolvido como vereador eu acho que pode ter por que ele guardou todos os requerimentos todas as coisas que ele fez na câmara. Ele tem, tá na minha casa comigo, minha mãe deixou comigo. Mas assim, a gente, eu fico pensando que as pessoas ficam contando histórias sempre, sempre a mesma história. Só que a gente perde os detalhes né, a gente só lembra o que a pessoa contou várias vezes, mas a fundo eu nunca fui. É meu pai deixou coisas escritas para mim sim quando eu estava fazendo as revistas, até para continuar né, depois daquela última. Mas tem coisas que a gente não perguntou né. Tem coisas que vão ficar sem conhecer. Daí eu fico pensando que a gente também não precisa saber tudo né [riso]. Porque a gente não vai conseguir. Então várias pessoas que eu entrevistei contaram coisas, que muita gente não sabia que tá nas revistas foi interessante, mas a gente a maioria das coisas a gente perdeu né. Porque, por exemplo, Brasital a gente poderia ter entrevistado muitos operários né, que agora morreram, e a gente nem sabe os nomes porque os arquivos se perderam. Mas acho que não era para a gente ficar sabendo, fica mais confortável pensar assim [riso].

T- Pode ser.

Silvia haveria mais alguma coisa que você gostaria de contribuir?

S- Então, eu acho que eu falei um pouco de tudo né. Que eu acho que a questão da igreja parece que não tem a ver com a escola mas eu acho que tem haver muito com a sociedade. Então vai refletir na escola né porque na época que eu estava no ginásio, teve uma época que levaram um padre para fazer uma palestra, porque eu acho que estava tendo muita questão, acredito eu, de gravidez de adolescentes. Ninguém falava nada. Mas hoje olhando eu acho que era isso, porque era um padre que era bem jovem, que ele tinha bastante influência sobre os jovens e ele foi dar uma palestra sobre educação sexual, no anfiteatro do Manley Lane e lotado de alunos.

T- Foi o assunto né [riso].

S- É. Ele era o Frei Ângelo que depois parece que ele teve um envolvimento com uma moça, não me lembro direito como foi a história, mas ele saiu daqui não sei bem por quê. Mas como eu frequentava o grupo de jovens nessa época, eu conheci vários padres e ele foi um de quando eu frequentava, e ele foi na escola nesse dia. Foi bem marcante porque era um padre falando sobre educação sexual, que era estranho né. Assim para os anos 70, eu acho que era meio fora [riso]. Que ele vai e eu acho que existia essa demanda para se chamar um padre para fazer esse tipo de palestra né. Porque eu não me lembro de nenhum momento, em nenhuma aula da gente ter tido nada alusivo à educação sexual.

T- Você acredita que sejam valores conservadores?

S- Ah não sei. Eu acho que para escola a religião alguém da igreja provavelmente [riso].

T- Sim.

S- Porque era incomum né. Eu achei que foi um acontecimento. Outras coisas que aconteceram dentro da escola que foram marcantes na época que eu estava lá, foi à morte do professor Cavalieri, que era um professor muito bom de Português, que ele dava aula de Literatura Portuguesa falando. Então eu tenho ainda um caderno que ele ditou inteiro, eu copiei. Era tudo da cabeça dele. E ele era excelente, mas ele resolveu aprender a dirigir tarde, foi reprovado várias vezes na auto escola e mesmo assim foi dirigir teve um acidente e morreu. Eu já estava acho que no colegial, no ensino médio né. Mas bem marcante, pelo menos para mim. Porque o velório foi dentro do anfiteatro do Manley Lane. E aí foi bem chocante, mesmo porque eu não tinha muita facilidade em lidar com morte, então para mim foi bem marcante. Outro acontecimento, foi quando eu tinha uns 12 anos, que foi a moça que

se suicidou, uma aluna da escola, que era a Maria Cristina que a gente conhecia que frequentava o clube e tudo mais, que ela já era um suicida em potencial que eu já tinha tentado várias vezes, nesse dia ela conseguiu. E aí assim eu fico pensando hoje como a morte está mais banalizada, por que a cidade não era tão pequena, mas a escola fechou né, porque ela morreu. Entendeu? A escola não teve aula naquele dia, ficou uma coisa bem chocante. Ela morava perto da escola. Então são coisas que marcam, mas que são valores que também tinha né. Ah! Uma coisa que eu não falei. Que tem a ver com os valores da cidade e valores de época também né. Hoje por exemplo a gente teve aquele desfile onde morreu o menino, e o desfile continuou né. Tudo bem que está envolvendo um evento grande de moda, não sei se você viu esse caso.

T- Eu soube.

S- Ele morreu, tirou e continuou o desfile. Então a escola fechar eu acho que era um valor de época, que as pessoas elas respeitavam mais essas coisas de velório, de morte, era diferente do que é hoje. Hoje tem um respeito né uma forma de valorizar essas coisas até pelas redes sociais, mas não é como era antes que era como se fosse uma coisa sagrada entendeu. Então era meio chocante, aconteceu uma coisa assim ainda mais que a moça tinha se suicidado. E é uma coisa que eu não esqueço que ela ficou tomando, ela tomou 88 Cibalenas. Só que ela não foi tomando de uma vez, ela foi tomando desde manhã, aos poucos. Então ficou impossível salvar a vida dela, porque se ela tivesse tomado tudo junto podia fazer uma lavagem estomacal, mas já estava fazendo efeito que ela já tinha tomado de manhã com café, ela ia engolindo de pouco a pouco. E para ela comprar, ela foi em vários lugares comprando de pouquinho, entendeu. Então não tinha como ela viver, depois ela pediu socorro então foi um fato marcante. Mas assim, existia muita moralidade e falsa moralidade. Essa moralidade era em relação a sexo, em relação a relações com outro sexo, em relação a coisas morais mesmo, mas são coisas pregadas pela igreja. Porque que a escola defendia essas coisas. Porque para você manter as pessoas através de uma autoridade que você não tem, você usa valores que as pessoas já têm e que elas têm medo. Então, a escola não era um lugar a Dona Antonieta não era uma pessoa religiosa, mas ela usava coisas, subliminarmente que as pessoas já temiam, para ter o controle. Porque umas das coisas que ela sabia fazer bem e manipular, controlar as pessoas e manipular as formas de controlar. Então, se ela não era nem uma pessoa empática, nem uma pessoa respeitável, ela era uma pessoa que tinha controle, isso ela tinha. Na minha época eu via assim, antes eu não sei. Depois no final eu acho que ela já estava idosa, então as pessoas relevavam uma seria de coisas, porque quando eu estudei ela já era velha, depois quando ela ficou no final ela já era mais idosa. Então assim, por exemplo, tinha os desfiles 7 de setembro que as pessoas ficam falando que eu até comentei com seu pai, isso está gravando? O seu pega de longe?

T- Esta. Pega, pega sim.

S- Hoje as pessoas idealizam e falam: ah naquela época era assim. Mas são as pessoas que valorizam tipo de autoridade exercida por elas são os eleitores do Bolsonaro hoje. São as pessoas que já tem uma índole autoritária, já tem uma educação autoritária, tem uma postura autoritária e que vão valorizar coisas autoritárias. Então essas pessoas que eu vi uma pessoa falando, mostrando no Facebook, uma pessoa que estudou na minha época, não comigo, mostrando numa rede social uma foto. Olha que legal! Agora vai voltar que era de fanfarra. Agora a ligação do Bolsonaro com militares, que não tem nada a ver com a fanfarra da escola, ela ligou com autoritarismo que se existia no Manley Lane. Então o que é que está no inconsciente das pessoas? É uma predisposição a respeitar coisas autoritárias, pessoas autoritárias. Então se você perguntar para pessoa que tinha de bom na Dona Antonieta como pessoa ou como um relacionamento para você respeitar? No meu entender nada. Entendeu assim como pessoa. Como pessoa não conhecia muito assim né particularmente. Mas não era da família, não era amiga. Mas como ela se comportava em relação aos alunos com pessoa né,

porque o seu lado pessoa está aparece no seu lado profissional. Eu acho que isso existia. Então porque que as pessoas idealizaram que ela já tinha componentes nela que as pessoas já tinham. Então são essas pessoas que vão falar só aquele tempo era assim ótimo. Eu vi uma postagem, da Selma Barreto na falando que as pessoas tinham que lavar o banheiro na minha época não tinha que lavar o banheiro mas tinha que hoje você mandar mais numa escola criança fazer um serviço que vão falar que tá obrigando a trabalhar vão falar que os pais vão brigar né. Embora exista um lado né da Pedagogia que fala que você tem que fazer trabalho desde que você nasça, está na Constituição. Mas aí esse trabalho vai ter uma aura né, de trabalho que uma criança de 3 anos pode fazer. Ajudar você a pegar não sei o quê. Mas se alguém da escola te mandar varrer o chão, lavar o banheiro, o pai vai lá e vai brigar entendeu. E vai ser considerado um trabalho escravo, vai ser uma notícia entendeu. Então....

T- O simbolismo da fanfarra apareceu bastante, nas observações.

S- Então.

T- As fanfarras, os desfiles, a representação..... a imagem de tudo isso.

S- Mas porque que isso ta no imaginário? Porque toda a cidade era desse jeito. Tudo era assim. Tudo era respeitado e valorizado. Então era um ritual você ir ver ao ensaio da Fanfarra que o Miraci fazia, que ele era um dos melhores. O que era? Era muito frio e você ia lá a noite ver os ensaios, aí era um acontecimento, ir assistir o ensaio da fanfarra. As fanfarras eram boas mesmo, tinham outras. E o desfile do 7 de Setembro era uma coisa que a ditadura militar implantou como civismo, do mesmo jeito que tinha a disciplina Moral e Cívica, eu lembro muito bem. E aí, só que isso em São Roque se torna mais marcante porque existiam outros eventos, não sei se outras cidades também. Mas em São Roque existiam outros eventos que toda a sociedade se voltava para eles , que são eventos de rua. Que tinha a romaria, a romaria descia a Tiradentes, era a Tiradentes inteira lotada assistindo a romaria, hoje em dia você não vê mais. As procissões do dia 15 e 16 ambas eram todas as ruas lotadas de pessoas vendo. Todas. Todo o trajeto da procissão. Era a luz de vela, era bem diferente quando eu era pequena, as pessoas com vela. E hoje a Procissão e Nossa Senhora não vai ninguém mais, é vazia quase. Só vê umas partes, não é como a de São Roque o trajeto inteiro. Mas antes a romaria, a corrida de aleluia, as procissões e outros eventos a procissão todos assim, alguns religiosos e outros cívicos, todos levavam as pessoas nas ruas. Todo mundo, o trajeto inteiro da corrida de aleluia era lotado de gente assistindo. Era um acontecimento que todo mundo saía na rua. O carnaval de rua que descia Avenida Tiradentes tudo acontecendo Avenida Tiradentes e na praça entendeu. Então as pessoas estavam todas na rua nesses eventos. E na festa de agosto vinham as pessoas do da zona rural que queriam comprar panela, comprar coisas que a cidade não tinha para vender, vendia na festa. Então isso fortalece esse imaginário relativo à fanfarra e o desfile 7 Setembro, eram similares aos outros eventos da cidade

T- Entendi.

S- E assim como você. Tem coisas que as pessoas estão sempre lembrando que não são só daqui. O cinema né. A festa do padroeiro né, essa coisa dos tapetes veio nos anos 70, não tem nada a ver. Mas depois ficou para as gerações mais novas, e a coisa da fanfarra e do desfile de 7 de Setembro porque era um evento da cidade entendeu . Um evento cívico, um evento que hastear a bandeira era uma coisa sagrada como carregar o andor do santo entendeu. Ninguém dava um pio ao cantar o hino nacional. Então essa coisa da autoridade que eu chamo mais de autoritarismo da Dona Antonieta acontece numa época onde isso foi potencializado. Tanto pelo auge desses acontecimentos sociais que já era da cidade quanto pelas pela situação política do país que favorece. Então tudo vai favorecer ser essa, essa criação lendária,[riso] como que a gente vai falar, essa figura que ela se tornou.

T- Sim. Mito né.

S- Meio mítica, meio. Então não como eu te disse que ela tivesse características nem físicas nem, psicológicos ou emocionais que atraíssem as pessoas entendeu [riso]. Mas que ao mesmo tempo se tornou objeto atrativo e positivo no imaginário. Ela não é negativa. Então eu acho que tem vários fatores, que aí eu não sei se eu estou certa, estou lembrando de alguns. Mas que eu acho que faz sentido para mim as pessoas que eu conheço. Porque não existe um motivo por si só, já existiram outros diretores de escola que mantiveram as escolas limpas e bonitas. Mas por que só ela ficou? Não é só pelo tempo que ela ficou sendo diretora, bastante tempo. No grupo escolar também teve outros diretores que ficaram bastante tempo, não ficaram tão famosos. Então acho que a gente tem que pensar vários aspectos dessa, dessa desse mito mesmo como você falou. Porque dessa coisa em volta dela, de uma imagem que ficou assim pra gerações que conviveram obviamente né. Se você falar hoje para uma criança, um jovem você não vai ter a mesma ideia. Mas eu acho que o que eu tinha me esquecido de falar era isso. Da relação com a cidade que na época também tinha as festas do vinho, que eram do mesmo nível né, que tinha a mesma atração para as pessoas como acontecimento, uma coisa onde as pessoas iam, era bem valorizado. Então eram muitas coisas ao mesmo tempo acontecendo. E nos anos 60 também teve uma parte de desfile de moda, que era no São José, de coisas que aconteciam paralelamente que também que eu acho que unia uma classe, unia um grupo né, que era sempre o miolo da cidade. Então não sei se isso tem relação, mas acho que tem também. Vai ter relação com essa coisa de lutar pela cidade. Lutar pela cidade, lutar por algumas coisas que eles queriam para a cidade. Não era lutar pela zona rural, pelos pobres que trabalhavam no sítio, pelos negros do Carmo que é outra história entendeu. Era uma coisa central aqui. E a posição da escola ali como, que eu acho que até no alto do morro favorece [riso]. É eu acho que faz sentido ela estar num contexto, se fosse em outro seria diferente. Mas acho que é isso não sei se eu me lembrar de mais alguma coisa significativa se eu tiver algum documento daí eu passo para você está bom.

T- Perfeito Silvia.

S- Acho que eu falei demais.

T- Não.

[Final da Fita]

APÊNDICE I: QUESTIONÁRIO

Perguntas:

1. Como você conhece a história do ginásio de São Roque?
2. Quais foram suas experiências no ginásio de São Roque?
3. Como conheceu a diretora Antonieta?
4. Quais foram suas experiências ao longo dos anos de convivência com a diretora?
5. O que você pode falar sobre o ginásio com a diretora?
6. Como era a forma de agir da diretora Antonieta?
7. Quais foram as ações realizadas pela diretora Antonieta?

APÊNDICE J: TERMO DE CONSENTIMENTO.

Esta pesquisa de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO) se propõem a compreender os valores e os sentidos, atribuídos, por aqueles que a viveram, às ações desenvolvidas, entre 1958 a 1981, pela diretora professora Antonieta de Araujo Cunha, no exercício dos seus mandatos na implantação e condução do antigo Ginásio Estadual Horácio Manley Lane, da cidade de São Roque, SP.

Neste sentido, o depoimento oral deste entrevistado(a), enquanto signatário, é voluntário, isenta de qualquer condicionamento, permitindo que esta colaboração possa efetivamente contribuir para a devida reconstrução desse passado histórico.

Data _____

Horário _____

Local: _____

Entrevistado: _____

Entrevistadora _____ Tarina Unzer Macedo Lenk _____

_____ telefone de contato: (11) XXXXXXXX _____